

# Caderno de Resumos



**VII CONGRESSO  
ANPTECRE**  
Religião e Crise Socioambiental

## Realização



## Apoio





## GT 01 – RELIGIÃO E EDUCAÇÃO

### 1. As margens como ponto de partida: repensando o ensino religioso a partir das abordagens pós-coloniais

Adriana Guilherme Dias da Silva Figueirêdo

Pensar no espaço de formação escolar, regido por diretrizes e normas que visam assegurar a formação plena do cidadão, implica necessariamente considerar as tensões que permeiam este cenário, sobretudo nas instituições públicas, alvo de constantes embates a fim de assegurar o direito à uma educação pública e de qualidade que, além de inclusiva, respeite as diferenças evidenciadas de forma

característica no seu cotidiano (FLEURI, 2015). Considerando a formação escolar

numa perspectiva integral, e a importância da dimensão espiritual/religiosa para a sua concretização, socializamos os resultados da pesquisa realizada em Escolas da Rede Municipal em Recife, durante o mestrado no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco durante o ano de 2016, acerca das contribuições para a prática docente no Ensino Religioso, a partir das abordagens pós-coloniais, ou Epistemologias do Sul, capazes de contribuir para a chamada descolonização curricular e a consolidação de um ensino laico capaz de contemplar o princípio da diversidade religiosa. Tanto por meio do levantamento bibliográfico, quanto da análise do conteúdo

das conceituações expressas por docentes, localizados em três escolas da rede Municipal de Educação na cidade do Recife, observamos o potencial de ressignificação do currículo para o Ensino Religioso a partir dos locais subalternizados pelo eurocentrismo ainda vigente em países como o Brasil, alvo do processo histórico de colonização territorial. Como resultado, esperamos contribuir para a ampliação dos debates acerca do Ensino Religioso e do seu potencial para a formação cidadã, por meio de ações e práticas capazes de promover a inclusão das margens outrora subsumidas e silenciadas, construindo uma perspectiva dialogal com o cristianismo, tradição religiosa herdada no processo histórico de colonização brasileiro.

## **2. A situação do ensino religioso no amapá: perfil dos professores que atuam nos anos finais do ensino fundamental**

Alysson Brabo Antero

Este trabalho se propôs a conhecer o perfil dos professores que atuam com Ensino

Religioso no Estado do Amapá, em suas variáveis pessoais, funcionais e trabalhistas. Para isso, realizou uma intensa pesquisa bibliográfica (OLIVEIRA, 2008), (GATTI, BARRETO, 2009), (VULCÃO, 2015) a fim de atualizar o que se tem apresentado sobre o professor da educação básica no âmbito das pesquisas em educação. Concomitantemente, fez-se uma pesquisa de campo de caráter quantitativo. O objeto de investigação restringiu-se aos professores de Ensino Religioso da educação básica, da rede de ensino estadual e que trabalham nos anos

finais de Ensino Fundamental. Quanto ao âmbito geográfico, a pesquisa se desenvolveu nos dois municípios mais populosos do Amapá: Macapá e Santana. Os instrumentos usados foram diário de campo e questionários. Para ordenamento, sistematização, análise dos dados e posterior apresentação dos resultados usaram-se: notebook, calculadora, planilha eletrônica e softwares. Ao final da investigação, que contou com a participação de 36 professores, foi possível inferir que a docência em Ensino Religioso no Amapá é marcada pela predominância feminina, 21 (58%) são mulheres e 15 (42%) são homens. A média de idade dos docentes é de 44 anos. Sobre a pertença religiosa a pesquisa demonstrou que 31 (77%) dos professores são cristãos. Em relação à escolaridade, todos possuem curso em nível superior, 27 (75%) possuem pós-graduação lato sensu e/ou scrito sensu e as três formações acadêmicas mais recorrentes são pedagogia, ciências sociais e ciências da religião, respectivamente. Quanto à participação em cursos de formação continuada 10 (28%) professores nunca frequentaram, quase a metade (47%) participa eventualmente e outra parte 9 (25%) participa com frequência. Por sua vez, 33 (92%) professores possuem vínculo efetivo com Estado, 25 (70%) recebem em média R\$ 5.000 de salário bruto por 40 horas semanais, 32 (89%) trabalham em uma só escola, 25 (69%) possuem entre 04 a 15 anos de tempo de serviço e quase a metade (44%) dos professores investigados desenvolve uma carga horária escolar entre 11-20 horas semanais. De todos esses dados, estamos autorizados a concluir que o Amapá ajuda a consolidar uma tendência entre os 07 estados da Amazônia que é a desconfessionalização do Ensino Religioso. Por outro lado, precisa enfrentar os desafios da carência de formação inicial e continuada, da profissionalização docente e as questões epistemológicas de transposição didática. A seu turno, esse

trabalho por não cobrir todos os municípios do Estado, não será usado como amostra conclusiva, porém, seu resultado cumpre um papel científico de oferecer um exame crítico do quadro vigente dos professores de Ensino Religioso no Estado do Amapá.

### **3. A inclusão sob a ótica da educação e da teologia**

Charles Klemz

A inclusão é tema de reflexões cotidianas, principalmente quando casos específicos de exclusão e preconceito são expostos na mídia. É referida por todo aquele que, de alguma forma, não está no padrão de uma sociedade projetada como ideal. A diversidade dos sujeitos está à margem da sociedade. O afastamento e a privação das pessoas consideradas incapazes ou inadequadas pelo sistema social, político, econômico ou cultural, é uma realidade. Assim, através de pesquisa bibliográfica, reflete-se sobre os desafios da inclusão em meio a um sistema excludente, tendo Rejane Ramos Klein, Morgana Domênica Hattge e Eugênio Cunha como referenciais. O objetivo é verificar a possibilidade da superação mais ampla da inclusão, que é a compreensão da diversidade social. Parte-se da hipótese de que ao se naturalizar a diversidade, as gerações futuras naturalizarão a inclusão. Para tanto, a presente pesquisa destaca o saber da experiência, que relaciona conhecimento com a vida humana, tendo como base Jorge Larrosa Bondía para Educação, que propõe pensar a educação a partir do par experiência e sentido, e Ulrich Schoenborn para a Teologia, que destaca que a experiência em sua dimensão histórica possui um significado eminente para a Teologia, uma vez que os textos bíblicos representam experiências feitas, transmitidas. Destaca-se, ainda, Vítor Westhelle, que define a experiência como um evento pelo qual o ser humano é tocado. A experiência evidencia tanto as dores da diversidade para a sociedade como as conquistas. Com base na Educação e na Teologia a diversidade pode (e deve) ser naturalizada, não sendo mais necessária a utilização da nomenclatura “inclusão”. Essa naturalização da diversidade ocorrerá na formação das próximas gerações como resultado do trabalho realizado a partir da educação com a formação cidadã e da teologia, na formação integral do ser humano. A inclusão passa a ser possível através da desconstrução de mentalidades excludentes a partir das narrativas das experiências. Para alcançar a inclusão e, conseqüentemente, o convívio na diversidade, para além do que já estabelecem e garantem as leis, a Educação e a Teologia são as vias de superação de marcas e de resistência aos poderes simbólicos instituídos.

### **4. Dilemas e responsabilidades sociais: a formação e o papel do docente de ensino religioso**

Douglas Willian Ferreira

Não existe mudança educacional isenta do papel desempenhado pelo professor no ensino. Os educadores conscientes de seu papel formativo não se contentam com a rotina pedagógica e com as práticas cristalizadas na escola. Isso inclui pensar, sobretudo, no âmbito do Ensino Religioso, a formação do professor dessa disciplina destacando sua responsabilidade em prol de uma educação cidadã. Nessa lógica, o professor não pode se alienar dos acontecimentos políticos e sociais que implicam diretamente na formação de seus educandos, sendo necessário promover sempre, na sala de aula, uma discussão sobre o fenômeno religioso que ultrapasse os muros da escola, e dialogue com a realidade. Não sem dilemas, refletir acerca da formação do docente de Ensino Religioso implica considerar os problemas cruciais pelas quais a educação tem atravessado: o fracasso atribuído à educação pública, a não prioridade da educação por parte dos governantes, o desprestígio social do professor, a persistente prática de uma educação tradicional, a limitação didático-pedagógica dos professores no exercício de sua função. Nosso objetivo, portanto, é refletir acerca do papel do professor de Ensino Religioso como um promotor da

cidadania, sobretudo, num contexto social e político que se caracteriza pela crescente manifestação do pensamento fundamentalista, de valorização da desigualdade, do discurso de intolerância e ódio em relação às minorias. Nesse contexto, urge a necessidade de professores protagonistas na luta contra a ignorância e o menosprezo do diferente. Entendemos aqui que a responsabilidade social do professor de Ensino Religioso, passa pela promoção e facilitação da aprendizagem dos estudantes, sobretudo quando na prática docente, utiliza de métodos e procedimentos de ensino que ajudam a desenvolver as habilidades reflexivas, o diálogo e a tolerância. O resultado disso será um Ensino Religioso menos conteudista e, com isso, distante da realidade dos educandos; menos teológico e historiador das religiões; mais atrativo e crítico, que partindo das tradições religiosas e do fenômeno religioso, dialogue com a realidade social e seus problemas. Ensino esse, resultado de uma formação adequada do professor de Ensino Religioso numa licenciatura capaz de promover o diálogo entre a Ciência da Religião, como base epistemológica, e a Educação, enquanto desenvolvimento das aptidões e potencialidades de cada educando e aprimoramento de sua personalidade. Por fim, apontamos para uma formação de professor que valorize a relação entre reflexão e ação, ajudando a superar a teorização vazia, para promover a construção de um conhecimento do fenômeno religioso que é transformador. Para esse estudo, utilizamos como princípio teórico os estudos de João Décio Passos e Sérgio Junqueira, acerca do modelo de Ensino Religioso a ser desenvolvido na escola pública, partindo de uma reflexão conceitual até uma análise da prática docente em sala de aula.

**5. “Ao fazer Taiji, você aprende a ter uma vida mais eficiente”: cosmologia Taoista, prática corporal e produção de pessoa a partir do Taijiquan**  
Gabriel Guarino de Almeida

Partindo do entendimento de que a cultura chinesa possui formas próprias de compreensão do fenômeno religioso, artístico e estético, como nos fala a sinóloga Anne Cheng (CHENG, 2008); podemos pensar que a cisão entre o que seja uma religião, uma prática espiritual e um fazer cultural não opera na mesma linha com que acontece no ocidente pós-iluminismo, conforme levanta Alfred Gell (GELL, 2018). Esta assunção estrutura esta investigação sobre práticas corporais e como elas afetam nossa forma de estar no mundo, nossa subjetividade e relação com o ambiente. Nosso objetivo é investigar a prática corporal do taijiquan como uma técnica de produção de pessoas. A prática do taijiquan propõe exercícios corporais cuja história se vincula a aspectos típicos do taoismo chinês antigo. Essa cosmologia/cosmogonia aparece como um sistema de classificação que, além de estruturar o corpus de entendimento de certas religiões chinesas, é referencial pra uma série de práticas na linha entre o espiritual e o cotidiano: a arte marcial, a medicina, a ginástica e etc. No caso do taijiquan, estes elementos aparecem como um conhecimento incorporado, isto é, entendido e pressuposto nas movimentações e técnicas da luta. Em termos teórico-metodológicos, esta investigação tem caráter antropológico, partindo na noção de pessoa entendida não apenas como agregado de papéis sociais, mas como uma construção variável na cultura – como trazido por Anthony Seeger, Roberto Da Matta e Eduardo Viveiros de Castro no texto *A Construção da Pessoa na Sociedade Indígena* (SEEGGER et.al., 1979). A partir da noção técnica corporal na produção de pessoas trazida em Marcel Mauss (2017), chegamos a discussão de processos de subjetivação (FOUCAULT, 1984) como centrais para pensar a técnica marcial imbricada numa forma de organização do mundo – uma cosmologia – que supõe, nos termos dos antropólogos citados acima, uma comunicação do corpo com o mundo, relacionada ao movimento do corpo, ao uso dos sentidos e á atitude mental. Parafraseando Eduardo Viveiros de Castro,

penso que esse esquema cognitivo tem efeito sobre o ethos dos praticantes (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 40). Quanto ao percurso metodológico, tenho iniciado o campo de observação na participação num curso de formação de professores de taijiquan no Brasil, como forma de adentrar neste universo de práticas. Tal se encontra como preparação para o trabalho de campo a ser realizado numa instituição escolar que tem como mote o ensino de arte marcial chinesa. A Escola de Taichichuan de Chenjiagou (陈家沟太极拳学校 Chén jiā gōu tàijí quán xuéxiào), é uma escola, sediada na China, que oferece formação contínua na arte marcial, inserida na formação básica: crianças desde o primário praticam o Taijiquan; jovens de ensino médio a estudam como formação profissional junto ao ensino regular. A escola, também, é frequentada por adultos que a procuram para o aprendizado marcial. Tais técnicas institucionalmente desenvolvidas no ambiente escolar produzem que efeitos? Como se dá a interação entre currículo escolar e prática marcial? Uma investigação de caráter antropológico pode trazer contribuições para o debate acerca da Religião e Educação, ao se atentar por formas de compreensão do fenômeno da espiritualidade em sentidos não ocidentais, como práticas definidas localmente. O momento desta pesquisa é o da eleição do campo etnográfico, contextualização teórica do debate e a exploração inicial do campo, no contato com a filial brasileira da referida escola chinesa e na inserção num curso de formação de instrutores de taijiquan. Como resultados parciais e conclusões, podemos notar que, ao tomar o corpo como uma matriz de símbolos e pensamentos, abre-se um leque de investigação sobre processos de produção dessas atividades, instrumentos e significações cosmológicas que se dão no corpo. Podemos notar que a cosmologia taoista que estrutura a prática do taijiquan não opera a partir do grande divisor ‘natureza x cultura’ do modo ocidental europeu: e que há consequências que tal esquema cognitivo traz aos praticantes em seu ethos, pois, no ensino e prática do taiji, a técnica da arte marcial chinesa pressupõe uma incorporação de princípios de movimentação que hora são descritos como ações corporais (relaxar cotovelos, apontar para baixo, por exemplo), hora como atitudes (manter a mente vazia) que se encaminham ao mesmo tempo para um uso da força e para uma postura no mundo relacionada a uma experiência própria.

## **6. Pedagogia da Autonomia e Pesquisa-Ação: compondo uma possibilidade metodológica para a ciência da religião aplicada**

Jóvirson J. Milagres

O exercício de uma práxis pedagógica orientada a partir dos caminhos referenciais traçados por Paulo Freire se apresenta como uma possibilidade metodológica promissora para a área de conhecimento compreendida pela Ciência da Religião Aplicada, principalmente quando tratamos do Ensino Religioso ou, em uma perspectiva mais abrangente, da abordagem do conteúdo “religião” como um tema

transversal nas escolas brasileiras. De forma análoga, propostas de investigação científica que se utilizem da pesquisa-ação também se apresentam como uma possibilidade de se aliar à pesquisa acadêmica uma práxis pedagógica transformadora. Ambas as iniciativas estimulam o desenvolvimento da autonomia

dos indivíduos enquanto sujeitos históricos e desenvolvem um posicionamento crítico desses indivíduos em relação à realidade que se lhes apresenta para que, através do diálogo e do trabalho coletivo, assumam a condição de virtuais agentes

transformadores dessa realidade. O objetivo dessa pesquisa é refletir sobre as possibilidades de efetivação da pesquisa-ação no ambiente escolar,

particularmente no que se refere à abordagem da temática religião na escola. O percurso metodológico utilizado foi o da revisão bibliográfica e contato inicial com uma escola municipal de Ensino Fundamental de Juiz de Fora, MG. Considerando que as diferentes tradições religiosas são instituições historicamente construídas, de inegável representatividade social, a escola pública, em princípio laica, se apresenta como um espaço potencial de produção e difusão do conhecimento referente à religião em sua dimensão mais humanística, universalista e, sobretudo, existencial. Um conhecimento desse tipo produz subsídios para uma reflexão crítica mais apurada sobre a religião, que se confunde com a própria cultura de forma tão orgânica que, muitas vezes, não nos atentamos para sua real relevância na determinação de comportamentos, atitudes, visões de mundo e julgamentos de valor. O desenvolvimento de um projeto pedagógico que considere essas questões contempla uma demanda que se apresenta na atualidade contemporânea de forma complexa. Vivemos um momento em que o processo de secularização iniciado com a modernidade parece ter chegado a uma encruzilhada, quando o recrudescimento de fundamentalismos religiosos em várias partes do mundo se torna evidente. Aqui no Brasil, a crescente representação de denominações pentecostais na política se impõe cada vez mais, reivindicando intervenções na esfera pública pautadas por uma moral religiosa sectária. Analisar como esse panorama sócio-político se reflete na escola, tendo como instrumento metodológico a pesquisa-ação, contribui, primeiramente, para a conscientização da comunidade escolar sobre o tema. Como desdobramento desse processo, a problematização e definição de propostas de ação através de uma dinâmica coletiva e dialógica, buscará um caminho possível de compreensão do fenômeno religioso por um viés científico, mas não cientificista, valorizando a liberdade de pensamento e o comprometimento com uma escola pública laica, plural e incluyente. Os resultados e a conclusão dessa proposta serão visíveis ao término do trabalho de campo de minha tese de doutorado em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora.

## **7. Questões ambientais na licenciatura em Ciências da Religião – Ensino Religioso: possibilidades curriculares**

Laude Erandi Brandenburg

As questões ambientais são essenciais para a sobrevivência da humanidade. A busca da sustentabilidade ambiental é um desafio também para a formação na docência nos cursos de Ciências da Religião - Ensino Religioso. Nesse sentido, o objetivo da investigação é verificar quais possibilidades curriculares existem ou podem existir na formação de docentes nos cursos de licenciatura em Ciências da Religião – Ensino Religioso sobre esse assunto. A metodologia a ser utilizada consiste em análise das legislações como Diretrizes Curriculares para a Educação Ambiental, para os cursos de Ciências da Religião e para as Licenciaturas e análise de propostas curriculares em vigência ou por vigor. Estarão em análise as competências e o perfil de pessoa egressa na perspectiva dos cuidados com o ambiente. Serão também analisadas bibliografias e referenciais teóricos que sustentem o argumento que defende uma vida equilibrada, saudável e respeitosa com o planeta e todas as suas formas de vida ou habitat. Procurar-se-á identificar práticas pedagógicas necessárias para que sejam alcançadas competências eficazes para a busca da superação da atual crise ambiental. Os resultados indicam para possibilidades interdisciplinares na pesquisa dos temas por projetos grupais ou em trabalhos de conclusão, de estudo e pesquisa dos assuntos em cursos ou componentes específicos e na abordagem transversal ao longo do curso. O estudo conclui que existem várias possibilidades curriculares de abordagem das questões ambientais nos cursos de



Licenciatura em Ciências da Religião – Ensino Religioso. Para o alcance desses objetivos é necessário um planejamento organizado e sistemático envolvendo todos os componentes curriculares com o corpo docente, especialmente a pesquisa e o planejamento das horas práticas do curso e dos estágios.

#### **8. Ensino religioso no ensino fundamental i no município de Ananindeua (Pará): entendendo a percepção dos alunos sobre o objeto de estudo da disciplina**

Lucila Jenille Moraes Vilar

Ananindeua é um dos municípios mais populosos do Estado do Pará e o terceiro da Região Amazônica, está localizado a cerca de 19 km de distância da capital Belém e tem a segunda maior economia do Pará. Além da sua importância regional o município é um dos primeiros do Brasil a lotar professores de Ensino Religioso concursados em turmas do primeiro ao quinto ano da Educação Básica. O cenário é novo para os alunos da rede e para os professores também. Este artigo apresenta uma análise das respostas de 137 alunos do quarto e quinto ano de duas escolas da rede pública municipal sobre qual o objeto de estudo da disciplina Ensino Religioso. A pesquisa foi realizada através da aplicação do método qualitativo que teve como alicerce teórico-metodológico a análise do discurso com base nas ideias de Dominique Maingueneau. Após organizar e examinar as respostas, percebemos marcadores linguísticos de heterogeneidade e disparidade que demonstram um distanciamento entre o que a academia e os professores da rede municipal tentam passar e a percepção construída pelos alunos dos dois últimos anos do Ensino Fundamental I.

#### **9. Educação e Religião: uma análise das constituições brasileiras do período republicano, sobre a permanência do ensino religioso e seus desdobramentos nas legislações educacionais**

Patrícia da Silva Gouvêa Tostes

Esta comunicação tem como objetivo fazer uma análise das Constituições Brasileiras, do período republicano, apresentando mudanças conceituais sobre a permanência da disciplina do Ensino Religioso nas escolas e os desdobramentos nas legislações educacionais que culminaram na sua inclusão na Base Nacional Comum Curricular. Reconhece-se heranças históricas de acordos estabelecidos entre a Coroa Portuguesa e o Cristianismo Católico, no período colonial e imperial

do Brasil, e também a separação entre os poderes político e religioso que marcaram a República. Os percursos não foram fáceis, são marcados por controvérsias, mas registra-se avanços nas legislações educacionais no regime republicano. Atualmente, a implementação do Ensino Religioso está definida e aprovada na Base Nacional Comum Curricular e a formação de professores regulamentada pela Diretrizes Curriculares da Ciências da Religião, que através da árvore do Conhecimento de Ciências da Religião e Teologia para o CNPq decidida em Assembleia pela ANPTECRE em 08/02/2012, a reconhece como Ciências da Religião Aplicada. A metodologia utilizada é de natureza bibliográfica e qualitativa. Com os principais aportes; as Legislações, Gruen (1995), Junqueira (2013), Senra (2015), Siqueira (2012), Usarski (2013), dentre outros, a partir de uma sistematização bibliográfica. Enfim, o Ensino Religioso, perpassa a história da educação brasileira, estando presente em várias legislações, é reconhecido hoje como componente curricular que tem um papel significativo na formação integral dos educandos proporcionando conhecimentos religiosos e despertar do sentido da vida. Há progressos legislativos, mas também há desafios que precisam ser superados, na

implementação dentro do cotidiano escolar, como por exemplo: elaboração, aplicação e validação de materiais didáticos que não sejam proselitistas, tendenciosos e proselitistas que possam ferir os princípios legais.

#### **10. Desenvolvimento da educação ambiental através da abordagem das religiões de matriz africana nas aulas de ensino religioso: uma proposta possível**

Selma Correia Rosseto/Sônia Maria Dias

O presente trabalho versa sobre as tradições de matriz africana e seus vínculos com a natureza expressivos nos orixás e nas práticas ritualísticas. Os diversos orixás cultuados nas tradições de matriz africana são transfigurações dos elementos da natureza e seus arquétipos estão relacionados as manifestações dessas forças, dentre outros, como por exemplo podemos citar: água (mar, rios, tempestades) ar (ventos, raios, arco-íris), terra (árvores, ervas, rochas, encruzilhadas), e fogo (o próprio raio e o ato de forjar utensílios de guerra e de agricultura). Partindo de uma revisão bibliográfica de diversos autores que se dedicam ao estudo das religiões de matriz africana, o presente artigo busca, com base principalmente com autores Volney J. Berkenbrock “A experiência dos orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé”; Ademir Barbosa Júnior “O livro essencial de Umbanda” e Carolina Franziska Rehbein, “Candomblé e Salvação: a salvação na religião nagô à luz da teologia cristã”, objetivamos mostrar que os orixás cultuados e as práticas religiosas estão totalmente ligadas ao universo da natureza e que enfatizam na preservação do meio ambiente. A partir desta visão positiva, é possível relacionar as tradições de matriz africana com temáticas da Educação Ambiental, e propor nas aulas de Ensino Religioso uma discussão sobre o assunto? Dentro deste contexto, destacamos que ao relacionar as tradições de matriz africana com a Educação Ambiental estaremos proporcionando aos educandos conhecimentos religiosos que valorizem o compromisso com a vida e a busca para um mundo melhor, fortalecendo o querer cuidar, o respeitar, e ser plenamente humano ao reconhecer que a diversidade cultural e as tradições religiosas também podem ser reconhecidas pelos valores em prol de benefícios para a humanidade e do ambiente em que vivemos.

### **GT 02 – RELIGIÃO COMO TEXTO: LINGUAGENS E PRODUÇÃO DE SENTIDO**

#### **1. O conceito “arqui-espírito” de Edgar Morin em abertura ao pensamento religioso**

Cleber Melo Rocha Santos

Edgar Morin observa a formação do “arqui-espírito” ao longo da hominização. Seriam as computações neurocerebrais e somatosensoriais, que se especializaram na hominização, e que estariam inscritas no sistema cérebro corpo, na mente e no comportamento. Morin dedica-se a observar não apenas a emergência da linguagem articulada; mas também que essa emergência inibe e sufoca competências e fenomenalidades mais arcaicas. A palavra é a externalização de imagens mentais, observa McLuhan; existe uma teia epidérmica de sentidos que se perde com a palavra, pois apesar de todo inclusiva, a palavra ainda é recorte; enquanto a imagem liga sinestesticamente o corpo ao sentido que é mediado pelo mundo natural, através de frequências e

padrões eletromagnéticos, que faz do corpo um suporte; e pelo mundo social através de gestos, palavras e memórias vividas. Essas imagens, sons e sinestias que antecedem a linguagem articulada acontecem no circuito mente corpo, durante as interlocuções da humanidade arcaica, e despertam a mesma fenomenalidade da experiência que fica gravada como memória. O mesmo desencadeamento hormonal acionado por uma experiência dos sentidos é atualizado pela memória, que se dá como rememoração imagética, se equiparando em sentido ao novo, e ao não presenciado, e esse mesmo aparelho neurocerebral que serve às comunicações no âmbito da práxis, realiza a nível individual, a especialização das competências do espírito. Por isso a linguagem dos humanos arcaicos é uma linguagem fundada na prática, ela precisa da experiência gravada na memória, para mediar o sentido em uma conversação, ou tratar de acontecimentos reais da ordem do agora. Trata-se de criar uma ancoragem paleoantropológica para alguns conceitos de Mircea Eliade, fazer o materialismo procurar por suas categorias. Isto implica observar que o caráter ontológico da coincidentia oppositorum, ligando ciclos cosmobiológicos e psique, foram selecionados pela práxis, e especializam comportamentos e estruturas cerebrais – o que atribui virtualidade generativa ou recursividade ao espírito. Trata-se de apresentar resultados de pesquisa realizada em torno da emergência de espírito de forma a evidenciar os argumentos que apresentam a evolução gradual da capacidade do cérebro para criar simbolismos; observar a coincidentia oppositorum, e outros simbolismos em seu caráter imanente, e acrescentar algo a este sentido imanente, oferecido pelos conceitos de Eliade. Há uma gradação das formas simbólicas, que se inicia com a coincidentia oppositorum, mas que se dirige à linguagem, através da fundação do sagrado; no entanto, a fundação do sagrado não pode ser um ato reflexivo de elaboração linguística, o sentido do sagrado não teria origem em uma operação de lógica simbólica – a fundação do sagrado teria que ser da ordem da práxis. Esta conclusão tão simples que se retira do campo paleoantropológico, tem implicações filosóficas e teológicas profundas, por girar em torno do sobrenatural como dado objetivo encontrado na práxis – uma espécie de terceiro excluído contemplado no real, do qual o sonho se apropriaria como mediação e diferenciação ontológica. Não é muito bem a fofoca de que fala Harari, mas uma revolução nesse ambiente. Sobre o que falavam? Como a linguagem era tensionada antes, durante e depois da fundação do sagrado?

## **2. Deus, a besta bruta**

Elizangela Aparecida Soares

O mundo e a literatura do Antigo Testamento têm sua cota de escuridão e de mistério. As tradições religiosas ocidentais, mais notavelmente judaísmo, cristianismo e o islã, afirmam um Deus de fato e inteiramente amoroso, mas não sem considerável sutileza. Nas páginas da Bíblia hebraica, encontramos expressões de uma imagem sinistra de Deus, bem diferente daquela associada a amor e justiça, com passagens que o descrevem de uma forma muito negativa — bruto, violento, inseguro, irracional, vingativo, maligno, abusivo e imprevisível, logo perigoso, sujeito a irromper até contra seus crentes mais fieis, sem qualquer aviso. Trata-se, não raro, de um monstro. Nessa linha, esta comunicação pretende ler Jó pelas lentes do monstruoso. Não a partir do seu fabuloso bestiário mítico, que em si só seria objeto de prolongada análise, mas a partir da monstruosidade das relações entre o ser humano e a divindade onisciente e todopoderosa que, às vezes caprichosa e vaidosa, age sem qualquer consideração pelo ser criado, que fica à mercê das apostas que ela faz. Para isso, lançaremos mão da chamada teoria do monstro/monstruoso, com a qual objetivamos delinear a divindade, entre outros aspectos, enquanto excesso e transbordamento,

um monstro que, como todos os demais, é eloquente mesmo sem falar muito sobre si mesmo. Está em ordem, em nossa análise (que não é exegética, mas literária), um comprometimento com noções de indeterminação, ambivalência e oscilação entre o monstruoso e o divino. Isso porque Deus — o Deus da Bíblia hebraica em especial — se mostra, por vezes, como uma mistura grotesca, um híbrido de monstruosidade e graciosidade. Ora, o gracioso — e a graciosidade, por extensão — está implicado nas deformidades que lhes são inerentes. É uma versão diluída de outra coisa que, em última análise, é aterrorizante. Nesse sentido, Deus surge com o monstro de Jó, pronto para devorá-lo: algo sinistro, que Jó mesmo visualiza como um tirano caprichoso, uma besta selvagem e um assaltador traiçoeiro. A tessitura narrativa na obra é uma espécie de negação da bondade divina; nela Deus é uma realidade assustadora e transtornadora, diante da qual Jó (ou qualquer ser humano) nada pode fazer. Ele é apenas brutal!

### **3. Epigrafia e religião: evidências epigráficas do estabelecimento do monoteísmo em Israel e Judá entre o séc. X-VI AEC**

Élcio Valmiro Sales de Mendonça

A epigrafia paleohebraica constitui um corpus fundamental para a compreensão da história e da religião do antigo Israel, especificamente, do Israel e Judá do séc. X ao VI AEC. Este período comporta a época da monarquia israelita e judaíta apresentada nos textos da Bíblia Hebraica nos livros de Samuel e Reis. Ela é essencial para o estudo do desenvolvimento linguístico do hebraico e auxilia na compreensão da sociedade (em vários aspectos) do período em foi produzida, pois é um registro da sua própria época, um manuscrito original. Esta pesquisa tem por objetivo traduzir e analisar a epigrafia paleohebraica do séc. X-VI AEC que apresenta em seu conteúdo a diversidade religiosa israelita e judaíta do séc. X-VIII AEC até o estabelecimento do monoteísmo, em torno do séc. VII e VI AEC. Esta pesquisa foi realizada em três etapas bem distintas: 1) foi feita uma seleção das inscrições com temas politeístas e monoteístas; 2) as inscrições foram traduzidas do paleohebraico para o português; e, 3) foram realizadas análises em todas estas inscrições com a finalidade de compreender seus contextos literários e históricos, bem como religioso do antigo Israel e Judá. O resultado destas análises identificou que a epigrafia apresenta registros escritos em hebraico arcaico da religiosidade vivenciada em Israel e Judá entre o séc. X-VI AEC. A presença de divindades femininas com as divindades israelitas é evidente nas inscrições paleohebraicas entre o séc. X-VIII AEC, assim como, foi possível identificar que entre o séc. VII e VI AEC YHWH (Yahweh) aparece sozinho nas inscrições, demonstrando que o monoteísmo já estava sendo imposto neste período.

### **4. A refundação do mundo: linguagem mítica e apocalíptica nos textos da independência norte-americana**

Vanderlei Dorneles

Os pais fundadores norte-americanos eram deístas e maçons, e tiveram a adesão dos protestantes em sua luta pela emancipação norte-americana do domínio inglês. A independência que conquistaram em 1776 é considerada a mãe das revoluções modernas, a qual fundou a primeira república sob o ímpeto do espírito iluminista. Entretanto, documentos oficiais e iconografias desse período revelam que uma linguagem religiosa e apocalíptica exerceu um papel decisivo nos ideais desses revolucionários. O objetivo desta comunicação é analisar a linguagem religiosa e mítica pela qual os pais fundadores foram descritos como semideuses envolvidos em realizações sobre-humanas. Emprega-se a metodologia da Semiótica da Cultura, considerando-se o conceito de texto e

reprodução textual no espaço da semiosfera, conforme definições de Iuri Lotman. A comunicação destaca como, nesse processo de linguagem, em que textos míticos e religiosos modelizam os textos da cultura norte-americana, as ações dos fundadores são legitimadas ao serem consideradas como eventos de natureza religiosa. O estudo parte de uma breve descrição do contexto da independência com destaque para as linguagens e elementos religiosos empregados na narrativa da independência. Em seguida, é dada atenção ao chamado Grande Selo dos Estados Unidos, estampado na cédula de 1 dólar. O selo é um texto icônico da cultura norte-americana que incorpora e reforça elementos mitológicos essenciais no processo de formação da nação. Os motes e símbolos do selo evidenciam linguagens oriundas dos grandes impérios passados e das narrativas do êxodo bíblico. A figura de Moisés é associada a Washington, e a revolução é um tipo de novo êxodo, em direção à terra prometida. O selo mostra a interposição entre as narrativas bíblicas do povo eleito para construção de um “novo mundo” e mitos da maçonaria, provenientes de textos das culturas egípcia e romana. Desta forma, textos da cultura judaico-cristã e dos impérios se reproduzem e configuram esse texto icônico. A tônica da mensagem do selo é a pretendida superioridade moral e cultural dos Estados Unidos, sua eleição divina e sua missão na construção da nova ordem mundial, a qual começaria a se concretizar com a Independência, em 1776.

##### **5. Ofício de benzer e Cultura Imaterial em Poços de Caldas: experiência de registro da linguagem oral**

Giulia Maria Teixeira Pamplona Quinteiro/ Giseli do Prado Siqueira

O grupo de pesquisa Filosofia, Religiosidade e suas Interfaces desenvolveu nos anos de 2015 e 2016 a pesquisa “Identificação e Estudo sobre o Ofício de Benzer no Planalto Poçosaldense: religiosidade e saberes de cura”, orientado pela Professora Doutora Giseli do Prado Siqueira. O estudo mapeou a presença de benzedores e benzedoras na localidade assim como os identificou. Mas também foi possível conhecer a riqueza dos gestos simbólicos, dos diversos rituais para curar males e apaziguar angústias daqueles que recorrem ao ofício de benzer. Mapeamos esses agentes pela indicação oral de pessoas que os conheciam e presenciamos através, oralidade, os dizeres, orações, bençãos, sendo reconhecido como “cultura viva”. Com pesar percebemos que essa cultura viva pode tornar-se uma cultura morta com o falecimento desses agentes por falta de repasse dessas práticas a novos agentes. Para que este bem cultural não se perdesse com o tempo decidimos caracteriza-los com Cultura Imaterial da cidade mineira. Desta forma, o estudo tem a finalidade de apresentar o percurso realizado, por esse grupo de pesquisa, para reconhecer como Cultura Imaterial a prática dos benzimentos na cidade mineira de Poços de Caldas, uma vez que a tradição e vivência local, são cultura intangíveis e precisam de meios adequados para que então sejam protegidos. O referencial teórico bibliográfico nos auxiliará na compreensão do ritual religioso, de diversas origens, pode ser protegido por meio de políticas públicas quando reconhecido como patrimônio de Cultura Imaterial deve ser salvaguardado e, disponível a outras gerações. Conclui-se que a religiosidade é fundamental para que essa cultura intangível se mantenha, assim como é incentivo para que os detentores desse bem continuem a praticá-lo.

## **6. Questões teórico-metodológicas relativas a interfaces entre religião e arte/literatura**

Antonio Geraldo Cantarela

A tradição acadêmica, desde os tempos da Escolástica, propõe que uma disciplina científica seja constituída não apenas pela escolha de um objeto ou campo de investigação previamente delimitado (um tema, um espaço geográfico, um período da história, uma instituição com seus ritos e símbolos), mas particularmente pela especificidade da abordagem que transforma esse campo em objeto científico. Dentre os principais aspectos que dizem respeito à configuração formal de uma ciência, estão seus pressupostos teórico-metodológicos. Em relação à Teopoética – conjunto de saberes que lidam com as interfaces entre religião e arte/literatura –, encontramos lacunas várias no que tange aos seus pressupostos teóricos e metodológicos. Esta comunicação propõe-se a destacar e caracterizar alguns limites de caráter teórico-metodológico, no campo da Teopoética, presentes na produção acadêmica brasileira. A metodologia da pesquisa se concretizou na leitura de cerca de 70 textos – escolhidos, através de critérios qualitativos, de uma lista de aproximadamente 1.200 títulos –, no contexto de uma investigação sobre “modelos” de leitura subjacentes à produção bibliográfica brasileira relativa ao tema, abarcando o período de 1998 a 2017. Na leitura dos textos, deu-se especial atenção à presença/ausência de referencial teórico e de balizamentos metodológicos. Dentre os resultados encontrados, indiciadores de limites teórico-metodológicos, podem ser apontadas: i) a pouca consideração da obra literária em sua autonomia estético-formal, subordinando-se o literário ao discurso teológico; ii) a leitura de excertos de textos literários de determinado autor, desvinculada ou desconhecadora da totalidade da obra; iii) a não consideração da tessitura artística do texto literário, confundindo a diegese como “vivência de mundo” e não como estratégia discursiva; iv) a falta ou relativa ausência de referencial teórico; v) a relativa ausência de ferramentas analíticas da área de letras; vi) a pouca envergadura do debate no âmbito das Ciências da Religião, particularmente em relação à problemática mais geral das relações entre religião e linguagem. Conclui-se pela necessidade de ampliar a fundamentação teórica da produção em Teopoética, considerando a autonomia própria da arte e estendendo o debate para além dos limites da interface Teologia/Literatura.

## **7. Mães ou prostitutas: Uma construção simbólica da mulher no cristianismo primitivo**

Gabriela D. de O. Muniz

Ao ler os textos dos antigos cristãos, como uma forma de acessar as representações de seu universo social e a forma com a qual eles estruturam e dialogaram e com seu mundo, podemos dizer que o cristianismo primitivo é parte constituinte da cultura de seu tempo e que exerce grande e forte eco na formação da sociedade ocidental. Para o linguista Mikhail Bakhtin, a cultura de uma época, por maior que seja seu distanciamento temporal em relação a nós, também não pode ser fechada em si mesma como algo pronto, plenamente acabado, que se foi pra sempre, como algo morto. Diante de tal perspectiva, os textos do cristianismo primitivo para serem lidos como cultura de uma época, ajudaram a acumular unidades de visão e sentidos de determinadas formas de classificação e assimilação de mundo. Essas formas se deram também, no lugar aos quais, as mulheres ocupavam nessas sociedades. Tomemos como exemplo o apocalipse canônico de João, onde as duas principais representações femininas são; a mãe vestida de sol no capítulo 12, que após o parto ganha asas para fugir e ficar longe da face da serpente ou a grande prostituta sanguinolenta no capítulo

17, que senta-se sobre a besta escarlate, e será sumariamente destruída. Sendo assim, este presente trabalho tem o intuito de apontar, não exaustivamente, como as redes simbólicas construídas através da rede textual do cristianismo primitivo pode ter ajudado a cristalizar estereótipos culturais de mulheres, a partir das narrativas cristãs.

## **8. Narrativas religiosas em trânsito: o caso da Sekai Meshiya Kyo no Japão, EUA e Brasil**

Andréa Gomes Santiago Tomita

As narrativas são fundamentais para que o ser humano possa dar sentido ao mundo. No âmbito da fé religiosa, elas relacionam-se ao modo como cada religião elabora suas memórias e constrói sua própria identidade. A partir do século XX, juntamente com o fluxo migratório de japoneses para o exterior, novas religiões japonesas (NRJ) são transplantadas para locais como o Havá e Los Angeles nos EUA e diversas cidades no Brasil. A Sekai Meshiya Kyo (SMK) foi fundada por Meishu-Sama (cujo nome civil é Mokichi Okada) em 1950. É uma NRJ que objetiva a salvação da humanidade com base no discurso de criação de um mundo livre de doença, pobreza e conflito. Em seus primórdios, quando a liberdade religiosa inexistia no Japão do entre-guerras, suas narrativas concentravam-se na fé em Kanzeon Bosatsu – popularmente conhecida como deusa Kannon. No pós-guerra, as narrativas da SMK sofreram uma série de transformações tanto em seu país natal como após sua transplantação em diferentes locais das Américas. Nesta comunicação, pretende-se identificar as características de narrativas desenvolvidas por mulheres em missões pioneiras da religião messiânica na segunda metade do século XX. Por meio deste levantamento inicial, serão verificadas não apenas como ideias, sentimentos e práticas religiosas se expressam, mas ainda como as narrativas são recebidas e recriadas (ou não) em sociedades distintas, como é o caso da comunidade messiânica nos EUA e no Brasil.

## **9. Os inimigos de Baal e Anat: o caos no Ciclo de Baal e Anat e suas ressonâncias nos textos bíblicos**

Sue'Hellen Monteiro de Matos

A literatura do Antigo Oriente Próximo apresenta diversas narrativas sobre o caos. Um dos textos mais conhecidos é o Enuma Elish, texto sumério do que narra a ascensão de Marduk a Deus principal do panteão ao derrotar Tiamat, a Deusa do

mar, representação do caos. A narrativa de Gênesis 1,1-2,4a também aborda a temática da ordem divina sobre o caos das águas. Há outros textos bíblicos que relatam que Javé destruiu ou destruirá o monstro marinho (cf. Is 27,1; 51,9; Sl 74,14). Entrementes, entre o texto sumério e o bíblico, há os textosugaríticos a serem considerados para uma compreensão do conceito de caos no mundo antigo.

Partindo do pressuposto que caos, no mundo antigo é pensado como algo primitivo, inicial, originário, e muitas vezes entendido como desordem, nossa proposta de comunicação objetiva analisar a narrativa do Ciclo de Baal e Anat e como esta lida com o caos. Para tal, utilizaremos o textougarítico como fonte de análise. Este Ciclo apresenta três narrativas: 1) O Deus da tempestade Baal e o Deus do mar Yam; 2) A construção do palácio de Baal; 3) Baal, Anat Deusa guerreira, e Mot, o Deus da morte. Nosso enfoque será na relação de Baal e Anat contra as deidades caóticas: Yam, Mot e também Litan, apresentado como serpente de sete cabeças. Posteriormente, observaremos as ressonâncias deste Ciclo nos textos bíblicos, tanto do ponto de vista linguístico quanto imagético.

Com isso, observamos que, por um lado o imaginário ugarítico permanece mesmo após o fim de Ugarit (séc. XII AEC), e por outro a releitura deste Ciclo por parte da religião javista, na qual, os inimigos caóticos são derrotados por Javé, e não mais por Baal.

## **10. Filosofia da história e narrativas milenaristas**

Valtair Afonso Miranda

Esta comunicação pretende discutir os elementos milenaristas presentes no Apocalipse de João (96 E.C.) e no *Expositio in Apocalypsim* de Joaquim de Fiore (1198 E.C.) enquanto instrumentos de construção de sentido para a história de indivíduos e comunidades. O profeta João produziu um texto que propõe um milenarismo revolucionário que rejeita a ordem social romana e convida sua comunidade a abandonar as estruturas religiosas imperiais, especialmente a instituição do culto imperial, esperando que isso provoque o martírio dos seus membros, e instaure os eventos que culminarão no retorno do Jesus Glorificado a terra para derrotar os inimigos dos fiéis, ressuscitar os martirizados e implementar o reino de Deus. Este “reino dos mártires” com Cristo parece ser o resultado de tradições messiânicas e apocalípticas do Judaísmo antigo, materializado no final do século I no Apocalipse em função de traumas da guerra judaico-romana (66-70), de conflitos entre igrejas e sinagogas e das diferentes respostas de líderes carismáticos à questão do relacionamento com a sociedade romana. Joaquim, por seu turno, esperava que a Terceira Era da história da humanidade culminasse num descanso sabático sob a inspiração do Espírito Santo. Apesar de ser um período relativamente curto, a Era do Espírito iria trazer sobre a humanidade o fim dos conflitos que caracterizavam, na perspectiva do abade, a história eclesiástica, sob a liderança de um pai espiritual, que governaria a sociedade nos moldes de uma casa monástica. Suas expectativas parecem derivar de ondas reformistas no interior da Igreja Romana. Ambas as narrativas milenaristas, entretanto, apesar das ênfases sobre eventos do futuro, constroem sentidos e identidades para o presente histórico de suas respectivas comunidades de leitores.

## **11. Religiosidade popular na *Passio Sanctorum Perpetuae et Felicitatis***

Denilson da Silva Matos

Neste artigo propomos uma análise das práticas religiosas populares na *Paixão Sanctorum Perpetuae et Felicitatis*, que narra a história da prisão e execução de um grupo de cristãos em Cartago, norte da África, em torno do segundo ao terceiro século da era cristã (202- 204 dC) durante o reinado do imperador Septimus Severus. Destacamos histórias que aproximam as práticas dos mártires das práticas religiosas dos subalternos, com ênfase nas práticas consolidadas no campo da religião das pessoas, a saber, a consulta de sonhos e oráculos de vários tipos, bem como a preparação de amuletos, com o objetivo de gerenciar conflitos e a escassez de recursos.

## **12. Santas, condenadas ou demoníacas? Mulheres no imaginário do Além-Mundo no Cristianismo Primitivo**

Carlos Eduardo Araújo Mattos

Este artigo surge a partir de debates sobre a religião de mulheres no Cristianismo Primitivo. Enquanto se discute o papel de lideranças, apóstolas e mulheres mártires, opto por enfatizar a presença feminina no Além-Mundo. O objetivo é demonstrar que Cristianismo em suas origens escolheu narrativas fantásticas como as descrições de Inferno para criar um imaginário sobre o destino daqueles



que se opunham ao seu modo de ver o mundo: os inimigos de Deus, ou pelo menos, da Igreja que nascia, reservava uma espécie de revanche narrativa para os seus opositores ou aqueles que representavam perigo ou cujo comportamento destoava do esperado. Para isso, apresento e analiso uma fonte considerada importante e relevante à luz da hermenêutica da recepção: O Apocalipse de Paulo. Em Paralelo, destaco ainda partes que considero importantes de outras obras de teor semelhante: Atos Apócrifos de Felipe e Apocalipse de Pedro. Especificamente, na fonte primária (O Apocalipse de Paulo), questões doutrinárias e intracomunitárias ocupavam os lugares de destaque entre os que mereciam, aos olhos deles, as punições eternas. É possível, ao ler esta fonte, determinar que certos comportamentos eram reprováveis e causavam debates. Entre estes, as mulheres possuem um destaque negativo. Após apresentar a fonte e alguns comentários explicativos da mesma, destaco nesta fonte primária e comparo com as supracitadas, de peso semelhante e de épocas próximas, como as pecadoras condenadas ao Inferno são retratadas e por quais pecados são punidas. Posteriormente, a partir da hermenêutica feminista de Tina Pippin, discuto o tema do tratamento geral que é dado às mulheres na literatura apocalíptica com o objetivo de discutir porque as mulheres estão presentes no Inferno Cristão Primitivo.

### **13. O caráter polifônico e discursivo da homilia religiosa católica**

Rita de Kássia Pontes Silva

Um dos primeiros objetivos da homilia é colaborar para que a palavra cristã seja melhor compreendida pelos fiéis reunidos. Para Buyst (2001) a homilia serve para encorajar, animar, exortar, consolar e falar dos mistérios da fé, levando os que a ouvem a uma participação ativa e consciente, e isso é função do sacerdote, que também depende da participação do fiel durante a homilia para que esta tenha resultados eficazes para “produzir frutos”. É a mensagem enviada que exige uma resposta, e que nos faz, pautado em Bakhtin (2000), defini-la como um gênero discursivo, pois constitui, de fato, um enunciado estável do ponto de vista litúrgico, pois sua finalidade é a compreensão da mensagem transmitida ao fiel pelo celebrante e porque se constitui a partir das relações estabelecidas com outros enunciados, entre os quais os textos da Bíblia. A problematização da presente pesquisa parte do seguinte questionamento: A homilia é encarada como gênero discursivo que permite tomada de consciência e mudança comportamental e gera relações de poder ou apenas como um repasse de mensagens do Evangelho? O intuito da homilia é, então, a aplicação da mensagem bíblica ao aqui e agora da vida humana. Porém, o percebido atualmente é uma variedade de situações: muitos padres que conseguem expressar-se bem e as pessoas compreendem a mensagem emitida, outros que não conseguem emitir de forma compreensível a mensagem, não despertando as pessoas para uma compreensão responsiva eficaz. No caso da linguagem, em especial a dos padres, percebe-se que os anos de estudo para a formação teológica, filosófica, os documentos da Igreja os levam a usar uma linguagem erudita. Como então o sacerdote pode tornar comum a linguagem usada nas homilias? É preciso que o emissor se coloque no lugar do ouvinte para perguntar-se o que ele vai entender. E aqui vemos o que Fairclough (2005) aponta como as ordens de sentido, que no plano discursivo são responsáveis pela organização social e pelo controle da variação linguística, como os modos sócio-semióticos de agir, de representar e de ser, presentes nos gêneros discursivos, em especial a homilia, e que estão sempre associados a uma esfera da atividade humana. Por fazer parte de um culto religioso, não é um discurso qualquer, mas está legitimada pela força coerciva da religião e da fé. Esperamos, com este trabalho, apresentar os aspectos constitutivos que caracterizam a homilia como

um gênero discursivo e polifônico, bem como os aspectos comunicativos e à capacidade desse discurso em influenciar e modificar comportamentos e atitudes de pessoas.

#### **14. A concepção de conversão em Santo Agostinho a partir de sua narrativa autobiográfica**

Marílya Caldas Barros

Introdução: Nas Confissões de Santo Agostinho, no livro VIII em particular, é narrado o episódio que caracteriza o momento decisivo de sua conversão religiosa, momento no qual o Bispo de Hipona desenvolve sua experiência religiosa, experiência essa fator condicionante e principal impulso para a sua escrita. Objetivo: A elucidação da noção de conversão adotada por Agostinho no intento de associar a sua trajetória individual aos processos de abertura e recepção das experiências – a exemplo do modo como se desenvolve a escrita autobiográfica – que compõem o desenvolvimento hermenêutico da consciência culminando no reconhecimento de si; trata-se, então, de examinar a conversão como um processo no qual se busca alcançar, progressivamente, o encontro do verdadeiro Eu, a fim de conseguir constituir a verdadeira apreensão da identidade humana, isto é, a figura humana aliada a imagem de Deus. Método: Tal empreendimento é tecido a partir da decupagem das Confissões de Agostinho, concentrando-se nos livros VII e VIII. Resultados: A autobiografia agostiniana é tecida no sentido de reorientar a alma para o seu sentido natural, que leva em direção ao Uno, portanto, a sua finalidade é, para além da reconstituição por meio da rememoração da identidade humana que gera o reconhecimento de si, o voltar-se para Deus. Conclusão: A construção da narrativa autobiográfica se dá de maneira a revelar dois estados de identidade, primeiro o Eu narrativo isolado, anterior a conversão, e o segundo aliado ao Outro, já converso.

#### **15. Um estudo da interferência da Inteligência Artificial nas expressões religiosas.**

Maria Cecília Mencia

Situamos as expressões religiosas no âmbito do imaginário. E seguindo Gilbert Durand atribuímos à imaginação a faculdade de constatar, nomear e diferenciar os símbolos e mitos. É pois, o imaginário que percebe e entende os sistemas simbólicos das narrativas míticas que estão nos alicerces históricos de expressões culturais e religiosas. Concordamos que a preservação da natureza física é um assunto relevante para o futuro do planeta Terra e da humanidade que o habita. A manutenção, das florestas e das bacias hidrográficas responsáveis pela qualidade do ar, do solo e da água. Porém, será que é apenas a natureza física que corre o risco de ter de enfrentar mutações? Nosso intuito é o de chamar a atenção para o avanço de algoritmos e sistemas computadorizados com a finalidade de replicar a mentalidade humana. E, também, questionar a relação do indivíduo com uma entidade computadorizada de linguagem artificial programada para ser igual a sua, a fazer a sua tarefa. A Inteligência Artificial já alcançou avanços consideráveis em simulações baseadas num conjunto predefinido de regras. É nesse sentido que pergunto como a Linguagem Artificial para Internet poderia redesenhar expressões religiosas em nossa sociedade? Seria possível resguardar a linguagem mítica como intérprete dos símbolos e dos mitos? O imaginário poderia ser programável? Discussões sobre simuladores qualitativos computadorizados já estão em pauta, mas até nossos dias, as noções abstratas não são programáveis. Por se tratar de assunto recente nossa

pesquisa será bibliográfica. O resultado que se espera é o de dar um alerta para os formadores de expressões religiosas.

## **16. Os símbolos arquetípicos e a experiência religiosa: uma relação absoluta com o absoluto**

Edilza Rodrigues Campelo da Silva

Esta comunicação tem por objetivo investigar o conceito de experiência religiosa mediada pelos símbolos arquetípicos. Nossa compreensão se dará a partir das elaborações efetuadas pelo fundador da psicologia analítica Carl Gustav Jung (1875-1961). Segundo o pensamento junguiano, os símbolos religiosos arquetípicos acompanham o homo religiosus desde os seus primórdios até a contemporaneidade. O autor faz distinção entre os símbolos naturais e os símbolos culturais. Para ele, os símbolos naturais originam-se de conteúdos inconscientes da psique e, portanto, representam uma grande variedade de imagens arquetípicas essenciais chegando às suas origens mais arcaicas, em alguns casos, são encontrados nos mais antigos registros e nas mais primitivas sociedades. Os símbolos culturais, por sua vez, são aqueles que foram empregados para expressar “verdades eternas” e que ainda são utilizados em muitas religiões. Esses símbolos culturais guardam muito de sua “numinosidade” ou “magia” original, e estão presentes no inconsciente coletivo. Eles são os únicos capazes de convencer ou persuadir de forma subjetiva o espírito crítico do homem moderno, pois eles representam um acontecimento natural e espontâneo, uma vez que se trata de um registro a priori. Desse modo, a presente comunicação pretende apontar que a experiência religiosa é algo de absoluto, não está sujeita a instituições ou dogmatismos, nem depende de doutrinas religiosas, mas está relacionada ao indivíduo apropriar-se de sua essência através dos símbolos e na sua representação para este indivíduo. Sendo assim, ao vivenciar uma profunda experiência onde questões inconscientes são trazidas à consciência, o indivíduo sente que possui um tesouro de grande valor que se transforma em fonte de vida.

## **17. O canto de Clementina de Jesus: memória de uma Eva negra, ancestralidade que atravessa o tempo**

Terezinha do Socorro da Silva Lima

O presente artigo parte do pressuposto que o canto de Clementina a partir da década de sessenta foi a expressão artística que ressignificou uma religiosidade e ao mesmo tempo pode atribuir valores, até então não extinto para esse povo, assim a motivação para essa discussão é socializar um ensaio de respeito de seu canto. O canto que se fez visível através da música. De acordo com Costa, através da obra intitulada como Batuque: espaços e práticas de reconhecimento da identidade Étnico-racial, uma das categorias utilizadas para entender uma cultura rica em traços construídos de valores e de pluralidade cultural e até mesmo de uma dupla pertença religiosa. A música através da arte foi um mediador para a cantora Clementina de Jesus se afirmar nos locais por onde passou, mobilidade que surgiu ainda na adolescência quando foi convidada para cantar como pastora no festejo religioso alusivo a jornada dos Reis Magos á Belém. João Cartolina foi a pessoa responsável que contribuiu muito para que posteriormente a cantora mostrasse o seu talento, era mestre festeiro, liderança na comunidade que em dezembro ensaiava as moças para a noite Santa percorrer as casas dos vizinhos colhendo donativos. Ao final do século XIX os negros viviam um momento de grande visibilidade de exclusão no que se refere a afirmação de uma identidade, pois o contexto anunciava um país de agroexportador para uma incipiente indústria, logo uma reorganização societária.

É nesse sentido que se forma uma excludente desigualdade social, levando em consideração que em nenhum momento da história, em especial a história brasileira, se organizou um plano voltado aos mesmos que viesse contemplar com mudanças econômicas, política e social. (Costa, 2017, p.68). E a música foi o meio encontrado para externalizar politicamente uma cultura invisibilizada.

## 18. **O riso no sagrado: Aspectos do riso e o risível na construção do texto religioso**

Paulo Sergio Macedo dos Santos

A influência da cultura helênica pode ser colocada como principal motivo da exclusão dos referenciais do humor nos textos sagrados. Aristóteles atribui ao riso um caráter baixo, não elevado de composição, e a consequência é que as interpretações sobre os textos sagrados sempre colocam o riso em posição inferior, ou ainda, negam que a ironia e o sarcasmo tenham objetivo de provocar riso. As pesquisas sobre o aspecto cômico no sagrado evoluíram durante o tempo, mas ainda em relação à diversidade de textos sagrados, são incipientes. Georges Minois inicia seu trabalho citando o Papiro Magico XIII, também conhecido como papiro de Leyden, em que o mundo é criado em sete gargalhadas de um deus, que de tanto rir, chora e da lágrima cria o humano. O deus que ri de seu próprio absurdo, ri do absurdo da sua criação. A palavra não pode ser criadora, ainda segundo Minois, visto que esta é produto da civilização, mas através deste riso absurdo, surge “um novo absurdo, tão absurdo quanto o próprio Deus: a luz, a matéria, o espírito”. A vida assume características do absurdo e do grotesco pela ótica de Minois, e desta maneira, a partir desta visão grotesca, o riso deixa de ser a anti-característica do deus e passa a ser forma de explicação da existência. O grotesco e o risível que sempre foram vistos como ausência de Deus, como a manifestação humana mais profana possível, é elevada a um patamar divino. O riso execrado passa a ser o riso criador. O riso profano se torna sagrado. Seria possível evidenciar os traços cômicos existente na literatura cristã? Estes textos, produzidos em um ambiente de multiculturalidade, não trariam em si elementos do cômico e do risível existentes no ambiente de produção? Se os ambientes de produção, naquilo que Homi Bhabha chama de “entre-lugar”, ou no conceito de Yuri Lotmann de “borda da semiosfera”, é o encontro da cultura popular, e de uma certa elite cultural, como excluir o riso, tão presente nas histórias populares na confecção dos textos sagrados? Os recentes estudos sobre tema de Literatura Bíblica, principalmente sobre a recepção destes textos, vêm relacionando os mesmo com ao entorno cultural do Cristianismo Primitivo. Isso tem levado a uma maior necessidade no que diz respeito à produção cultural do período em que os textos foram produzidos e/ou escritos. Os textos, partindo desta premissa, são produtos de um caldeirão cultural que não pode ser desconsiderado. O conceito de sagrado/separado da realidade não pode ser considerado o único caminho para a compreensão dos níveis em que a literatura religiosa foi produzida. É necessário dessacraliza-lo, e dessacralizando o texto, concede-se ao riso o reconhecimento dentro da narrativa. O riso, considerado por muitos como a expressão máxima do profano, emerge do texto sagrado à medida que este é visto como produto cultural. Profanando o texto, o sagrado surge. Paulo Nogueira tem defendido que a rede textual que formam o imaginário religioso se compõem de produtos culturais. A divisão entre canônico e apócrifo é artificial, visto que estes compuseram o imaginário religioso sem hierarquia, pois eram utilizados pelas comunidades primitivas. O mesmo pode-se dizer quanto aos estilos literários que foram base para a construção destes textos. A cultura popular, que foi espaço de criação para esta literatura não se acanhava do riso, nem tampouco se omitia dele. Resta-nos a tarefa de encontra-los e evidencia-los.

## **19. A fé raciocinada: uma análise do discurso de Allan Kardec na redação de O Livro dos Espíritos**

Vinícius Lara da Costa

Ao longo da segunda metade do século XIX, surgiram no ocidente uma série de movimentos religiosos voltados para o oculto, o contato com o mortos e a racionalização e a produção de provas consideradas, então, como irrecusáveis acerca da existência e da sobrevivência do espírito. A partir dos Estados Unidos - local onde o conjunto destas crenças recebeu o nome de modern spiritualism - os ideais espiritualistas rumaram para a Europa e para outras regiões da América recebendo sempre sistematizações plurais conforme sua assimilação cultural e religiosa. Uma destas expressões espiritualistas foi sua aceção francesa, denominada Espiritismo e elaborada pelo pedagogo Hippolyte Léon Denizard Rivail, sob o pseudônimo de Allan Kardec. Este trabalho se debruça sobre a obra fundadora do Espiritismo - O Livro dos Espíritos -, detendo-se em sua Introdução a fim de apreender quais categorias do discurso são mobilizadas pelo autor a fim de alinhar seus pensamentos com a filosofia e o cientificismo positivista do século XIX. Ao apresentar a obra, Kardec não pretende sugerir uma religião, mas incluir suas observações acerca dos supostos fenômenos mediúnicos na categoria de uma nova ciência prática possuidora de consequências morais para a humanidade. Partindo deste princípio e valendo-se da metodologia da análise do discurso, o texto destaca a mobilização de expressões eminentemente racionalistas na elaboração de argumentos de autoridade também racionais destinados ao convencimentos do leitor de que o Espiritismo se trataria de uma realidade empírica replicável. Como conclusão se destaca a constatação de que a maneira como Allan Kardec organiza suas teorias e as aproxima da religião tradicional sem, no entanto, as vincular a um conjunto de dogmas ou de ritos, foi parte fundamental na difusão do kardecismo pela França e por outros países europeus e americanos, sobretudo, aqueles em que se havia constituído uma tradição religiosa vinculada ao catolicismo, como é o caso do Brasil e de outros países da América Latina.

## **20. “Que eu fosse como um aborto escondido, que não existisse agora [...]” (Jó 3,16ab): o Livro de Jó e a crise de sentido, diálogos possíveis**

Camila Campos Marçal da Cruz/Felipe Magalhães Francisco

A narrativa do texto bíblico de Jó, para além do uso estritamente religioso, permeia o cotidiano popular, dada sua força de produção de significados existenciais, também por se tratar de uma novela, como gênero literário. Como parte do corpus bíblico, o Livro de Jó está situado no que se reconhece como literatura sapiencial e, mesmo que esteja a serviço de uma teologia, seu conteúdo extrapola essa dimensão e possibilita diálogos dentro e fora do espaço religioso. No que diz respeito à teologia que perpassa o texto, temos duas questões importantes que se apresentam: a questão do sofrimento, acompanhada da questão de por que o ser humano sofre, bem como uma crítica a uma visão religiosa instituída, que torna restrita da imagem de Deus e do ser humano. Para esta comunicação, interessa-nos o diálogo, a partir da citada narrativa, no que emerge como questão de sentido e da perda deste, diante do sofrimento. Cresce o número de adoecimento mental e suicídio no Brasil e no mundo e, com isso, também a necessidade de se discutir a relação do ser humano com a busca de sentido na contemporaneidade. Faz parte do humano o sentimento de angústia, portanto, a capacidade de se reorganizar diante dos fenômenos da vida, uma condição para a manutenção da saúde mental. Sendo assim, partindo da perspectiva existencial de Viktor Frankl, pretendemos colher, no relato da

experiência de Jó, por meio da análise narrativa e retórica do texto bíblico-literário, elementos que nos ajudem a compreender possibilidades de elaboração da própria vivência e de sentido, mesmo em situações de profundo sofrimento.

## **GT 03 - ESPIRITUALIDADES CONTEMPORÂNEAS, PLURALIDADE RELIGIOSA E DIÁLOGO**

### **1. Do povo Cariri ao povo romeiro: permanências e mudanças das romarias do Juazeiro do Norte**

José Artur Tavares de Brito

Esta comunicação foca os antecedentes históricos do Cariri cearense no que se refere aos domínios da devoção e dos deslocamentos dos romeiros e romeiras do Juazeiro do Norte, no Ceará, do padre Cícero, considerando o processo de hierarquização de sentidos. Constatamos que muitas das expressões socioculturais indígenas foram incorporadas pelo povo nordestino, especificamente no Sertão. Evidenciando o quanto a cultura indígena marcou a vida do povo nessa região e influenciaram as legiões de romeiras e romeiros que povoam a cidade de Juazeiro do Norte – CE. O conhecimento do sistema de organização dos indígenas e a constatação de certas expressões socioculturais familiares possibilitam sua identificação em muitas expressões das romeiras e romeiros. Nesse contexto o apadrinhamento tem muita importância. O padrinho é carregado de afeto e proximidade. É o caso do padre Cícero Romão Batista que será cognominado de “meu padrinho”. Essa pesquisa se propõe a reconstituir a história e adentrar no mito das origens de Juazeiro do Norte, o epicentro deste fenômeno envolvendo vida, morte, crença, paixão e compaixão, produzindo uma teia complexa de relações vinculando pessoas, espaços, objetos, monumentos, palavras que condensam o personagem, padre Cícero Romão Batista e as romarias. O objetivo deste estudo é enfocar o cruzamento entre o tradicional e o moderno como também indaga as perspectivas de continuidade e mudança no conteúdo das práticas romeiras. A ponto de verificar a interferência de continuidade cultural da herança indígena nas romarias. Tomamos um caminho de verificação bibliográfica. Entre as possibilidades de análise dos fluxos religiosos nas Ciências da Religião, são tomadas como escopo as noções de peregrinação, devoção e mobilidade humana como matrizes interpretativas das romarias alinhando-as a narrativas de experiências dos participantes. O estudo constata, apresenta e abrange a identificação das práticas tidas como legítimas das romarias, considerando as relações entre o mito fundador, a cidade e os romeiros; e os elementos que apontam para novas significações. Conclui-se que há uma tensão permanente entre o institucional e o vivido, a tradição e a modernidade ao mesmo tempo que há uma simbiose entre essas várias dimensões.

### **2. Mundos ameríndios e Alteridade: Provocações do xamanismo amazônico ao diálogo inter-religioso**

Maria Cecília dos Santos Ribeiro Simões

O objetivo desta comunicação é apresentar, de forma provocativa, o xamanismo amazônico e sua vocação para a alteridade como possibilidades para um diálogo inter-religioso ampliado à outras concepções de mundo, outros mundos construídos e decorrentes outras formas de humanidade. Nossa provocação se apresenta como exercício de busca pela descolonização permanente do pensamento frente o desafio do pluralismo e a necessidade de novas formas de olhar sobre a alteridade que se define para além da filosofia/teologia e da

mitopoese ocidental, marcadamente antropocêntricas, incluindo propostas e teologias sobre o diálogo inter-religioso. Aqui o termo xamanismo é empregado como uma constituição de realidade baseada na habilidade de determinados indivíduos (xamãs) de transpor as barreiras corporais entre as espécies e adotar a perspectiva de subjetividades outras, como forma de administrar as relações entre os grupos e seus outros, conforme definiu Eduardo Viveiros de Castro a partir do Perspectivismo Ameríndio. Os mundos indígenas são compostos por uma extensa malha de conexões e relações entre os princípios anímicos (subjetividades) existentes para além da materialidade dos corpos e que transformam todos os seres (humanos e não-humanos) em sujeitos, numa relação de humanidade-animalidade inversa à concepção ocidental. Nesta relação, o que está em jogo não é uma humanidade essencial, visto que todos os seres são humanos, mas o ponto de vista do outro, que se vê como humano, ainda que não seja visto desta forma pelos outros. Adotar o olhar da alteridade é então uma potencialidade ontológica, relacionada à construção dos corpos e das pessoas e às concepções sobre os outros/estrangeiros/inimigos. Nos contextos ameríndios, o exercício de comunicação com outro requer necessariamente um sair de si para o diálogo e a captura do seu ponto de vista sobre a realidade. A busca por assumir outras perspectivas e subjetividades é exercício constante para o conhecimento do mundo e a negociação das multiplicidades. Xamãs são assim, por excelência, conhecedores da alteridade e buscam tornar compreensíveis as novidades e diferenças encontradas nos outros mundos, não com o objetivo de síntese, mas de manutenção de um mundo que, pautado por subjetividades, é o tempo todo relacional. É neste sentido que o xamanismo amazônico, sendo muito mais do que um sistema religioso, mas uma constituição de realidade, nos impele a provocações sobre o diálogo e a relação com a diferença, reelaborando a relação eu-tu a partir da necessária compreensão de que “o outro do outro é também outro”.

### **3. Considerações sobre campo religioso no Benim: a Igreja de Gbanamè, movimento de contestação da Igreja Católica Romana**

Hippolyte Brice Sogbossi

O campo religioso no atual Benim, ex Daomé, é muito diversificado num país considerado berço do vodun. A religião nacional do Benim revelou-se uma religião autêntica. As populações do país estão conscientes disso, e do fato de que tudo o que veio depois, foi pura imposição. Várias religiões surgiram no país como o catolicismo, o islamismo, o protestantismo, o cristianismo celeste e mais recentemente, o chamado movimento de contestação da Igreja Católica Romana ou movimento reformista católico romano, fundado em 2008 por um sacerdote exorcista e duas jovens mulheres. Em linhas gerais, a nova igreja, além de clamar pela reforma católica, faz duros ataques à bruxaria e a demônios de todo tipo. Trata-se de “calcinar” a bruxaria e vários demônios, os conventos de vodun, sendo parte, segundo eles dessas fontes de infortúnios na população. A presente proposta define como objeto o movimento de contestação da Igreja Católica Romana, liderada pela médium Parfaite, considerada “Deus que se vê (Mathias Vigan)”, a verdadeira, por oposição ao “Deus dos católicos que não se vê”. O padre Mathias foi expulso da Igreja Católica e fundou a nova igreja, recebendo de Parfaite, o nome de Papa Cristóvão XIII. O método etnográfico será o usado, já que farei uma descrição e uma análise de um acontecimento que aconteceu perante mim, no início de 2017 em Abomei, capital histórica do Benin, meu país de nascença. Na cidade, à noite, as populações organizavam uma procissão sobre a chegada de Daagbo, nome dado à jovem líder, considerada Deus, cujo nome verdadeiro era Parfaite, sem mais precisão. Como aconteceu em vários eventos de evangelização do movimento, passar a noite no

estádio de Abomey virou um inferno, pelas provocações de Parfaite e seus acólitos, o que levou a uma onda de violência entre estes e a população. Valerá ressaltar também a estreita vinculação da Igreja com o governo atual do país.

#### **4. O diálogo inter-religioso e as influências arquetípicas das religiões pagãs no catolicismo popular brasileiro contemporâneo**

Thaís Chianca Bessa Ribeiro do Valle

A cultura se desenvolve, sobretudo, a partir da busca desempenhada pelo ser humano em torno da construção de sentidos para o mundo, e, principalmente, para a existência da humanidade. A religiosidade, notadamente a brasileira, enquanto estrutura de plausibilidade oriunda de construção do imaginário individual e coletivo, e fruto de processos de subjetivação complexos dos sujeitos sobre a realidade, desde suas origens até a contemporaneidade, tem sido marcada por uma diversidade de experiências sincréticas desenvolvidas ao longo dos tempos, entre comunidades e territórios, dominantes e dominados. Considerando-se cada experiência sincrética como produto de uma solução de conflitos socialmente desenvolvidos a partir de vivências humanas concretas, as quais criam as estruturas de plausibilidade veiculadas para as sociedades através da religião, bem como a construção de sentido da cultura através de arquétipos divinos, os valores culturais, assim também os religiosos, são repassados, de geração em geração, estabelecendo papéis para os sujeitos integrantes de um determinado contexto social, ou seja, papéis socialmente construídos. Observe-se ainda que a construção da religiosidade católica popular, no contexto do campo religioso brasileiro, manteve-se relacionada a um catolicismo de mediação, o qual se apresenta com influências de religiões pagãs, em especial do paganismo celta, através do fascínio pelos objetos mágicos e pelas relíquias, e do paganismo germânico, através do culto aos “santos e santas” enquanto “heróis ou heroínas da humanidade”, dotados de competências específicas capazes de intermediar as relações humanas e divinas até a hora do perecimento do corpo humano, ou do juízo final. Esta intersecção de crenças, por sua vez, para além das disputas tradicionais, pode se configurar como ponto de diálogo entre diferentes religiões e concepções religiosas. O presente estudo tem como principal objetivo compreender tais influências diante da construção da religiosidade católica popular no campo religioso brasileiro, viabilizando, assim, o diálogo inter-religioso. Tal compreensão se dará, em especial, a partir da produção intelectual, sobre o inconsciente coletivo e os arquétipos, desenvolvida pelo “pai da psicologia analítica”, Carl Gustav Jung, e das tendências do catolicismo contemporâneo no Brasil, analisadas, principalmente, sob a perspectiva dos estudos de recomposição, memória e exculturação, desenvolvidos pela socióloga da religião Danièle Hervieu-léger.

#### **5. Desafios da espiritualidade na contemporaneidade: reflexões, problematizações e possibilidades a partir de histórias de vida**

Marcos Lucena da Fonseca

O objetivo desta pesquisa, que está em andamento, visa refletir sobre desafios da espiritualidade na contemporaneidade. Tal pesquisa se justifica pelo número eminente de pessoas, em nosso país, que fazem parte de alguma denominação religiosa, mas que parecem não possuírem uma espiritualidade nos moldes de Torralba (2012), que advoga que a espiritualidade como aquela que põe em jogo o desenvolvimento pleno da pessoa, e não apenas de cada indivíduo, mas das sociedades, das culturas e dos povos. Todo ser humano, em cada comunidade humana, dispõe de uma espiritualidade, também chamada de inteligência espiritual, que não depende de pertencer ou não a uma tradição religiosa. Ela



permite ao ser humano ser ator em sua história, orientar sua existência, dar um sentido a sua vida, preencher necessidades íntimas de ordem espiritual como a felicidade, o bem-estar integral e o gozo da beleza e da cultura. A sua proposta é que a espiritualidade, quando bem cultivada traz benefícios, pois produz desenvolvimento da vida humana tanto no aspecto pessoal como coletivo, bem como a sua atrofia acarreta consequências nefastas pessoais e coletivas. Nem, também, conforme a espiritualidade que reverberou nos dados coletados através dos sujeitos da pesquisa, egressos do Instituto Padre Luis Cecchin em Limoeiro-PE, que desvelaram por meio das suas histórias de vida, que embora tenham chegado ao referido Instituto, como crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, ao serem impactados, de modo qualitativo, pela chamada espiritualidade do Padre Luis Cecchin, fundador do Instituto, ao ponto de terem se tornados, dizem, êxitos sociais, por causa, entre tantos elementos, o mais importante, foi a espiritualidade do fundador, que era experimentada, quando ele acolhia cada egresso com uma importância singular, independente da religião ou não tê-la, a família do egresso, devido ele ser um homem que agia via princípios ditos cristãos como o do cuidar do “órfão e da viúva”, ao ponto de, hodiernamente, todos os entrevistados, mesmo os que não professam uma religião, se considerarem como uma pessoa que vive uma dita espiritualidade que colabora tanto para uma qualidade de vida profunda pessoal com boas ressonâncias sociais. A metodologia usada foi a qualitativa, por meio da escuta e da modalidade Narrativas Autobiográficas. Como resultado parcial, inferimos que a espiritualidade é um modo de ser, que possibilita promoção de si e do outro e solapa cultura da exclusão. Mais ainda, permite compromisso social e não atitudes nazifascistas.

## **6. O Diálogo Religioso no Pensamento de Joseph Ratzinger**

Heber Ramos Bertuci

O teólogo alemão Joseph Ratzinger (1927 - ) (Papa emérito Bento XVI) abordou, em sua vasta pesquisa teológica, a necessidade do diálogo entre as diversas religiões. Sendo um dos teólogos mais influentes no Concílio Vaticano II, Ratzinger procurou aplicar como teólogo, professor, Prefeito da Congregação Para a Doutrina da Fé e Papa, a visão do Concílio descrita no Decreto Unitatis Redintegratio (Sobre o Ecumenismo) e na Declaração Dignitatis Humanae (Sobre a liberdade Religiosa). Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, esta pesquisa utiliza o método bibliográfico e tem como objetivo sintetizar alguns escritos de Ratzinger sobre o diálogo religioso, analisando suas bases, ênfases e limites. Ratzinger defende que o diálogo religioso parte do pressuposto de que as religiões podem ser estudadas não apenas sob o ponto de vista das possibilidades de salvação, mas também por meio de um panorama através do qual o fenômeno religioso é apresentado em sua estrutura histórica, interna e espiritual. A partir disso, de acordo com Ratzinger, o diálogo possui o seguinte alcance: (1) Reconhecer que o mundo precisa de Deus. O ser humano tem necessidade de valores éticos e espirituais, e a religião pode oferecer uma contribuição para a busca destes valores; (2) Construir valores internacionais. O sentimento religioso desperta homens e mulheres para Deus, fazendo-os entender que a realização pessoal não se trata de gratificação egoísta, mas conduz ao encontro das necessidades dos outros. Este encontro com o próximo coloca cada ser humano no caminho concreto que contribui para o bem comum, construindo uma ordem internacional justa; (3) Abrir o caminho para a paz. O diálogo estimula os religiosos a cultivar relações fecundas e sinceras no plano social e político, relações que tenham a paz como meta; (4) Descobrir a verdade. A liberdade religiosa e o diálogo inter-religioso não visam apenas um caminho para colocar em prática estratégias concretas para a paz; antes, o objetivo maior

é descobrir a verdade. (5) Apresentar Jesus Cristo. As religiões podem ser boas se zelarem por uma ética que valorize o ser humano e suas potencialidades. A religião cristã possui, em seu núcleo, um diferencial em relação às demais religiões: a presença do Deus encarnado, Jesus Cristo. Por isso, ela dialoga tendo a convicção de que a verdadeira fonte da liberdade se encontra em Jesus de Nazaré, pois é ele quem revela, plenamente, tanto o sentido de ser religioso quanto as potencialidades humanas para a virtude e o bem.

## **7. O Diálogo Inter-religioso entre Aproximações e Distanciamentos: Diálogo e Anúncio e Dominus Iesus**

Ana Paula Cavalcante Luna de Andrade/Gilbraz de Souza Aragão

Temos nesse século, como expressão de mudança na Igreja Católica, o Concílio Vaticano II, que é posto no efervescente contexto de 1960, onde tem seu discurso voltado não mais ao sujeito pré-moderno, mas ao sujeito social que almeja o diálogo, o diálogo inter-religioso, como também o diálogo ecumênico, representaram dois grandes desafios e inovações postos no Concílio Vaticano. Tal Concílio destaca sobremaneira a liberdade, reconhecer a dignidade de consciência e liberdade religiosa de cada ser humano colocando-a como condição indispensável ao diálogo. Após o Concílio, vários foram os momentos, encontros, documentos que pensaram e abriram caminhos, mesmo com resistência, para abertura e construção efetiva do diálogo inter-religioso na Igreja. Destacamos o documento “Diálogo e Anúncio”, que teve a colaboração expressiva do Pontifício Conselho para o Diálogo inter-religioso. O presente documento, propõe vias para um autêntico diálogo inter-religioso e é destinado a todos os católicos, aos cristãos que pertencem a outras Igrejas ou comunidades eclesiais, como também aberto para conhecimento, a membros de outras tradições religiosas. No ano 2000, foi publicado, pela Congregação para a Doutrina da Fé, assinado pelo então prefeito da Congregação, o Cardeal Joseph Ratzinger, a "Dominus Iesus", Declaração sobre a unicidade e a universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja, documento que gerou diversas reações, dentro e fora da igreja católica, pois o documento parecia não estar no contexto vivenciado pela igreja desde o Concílio Vaticano II, de tentativas de abertura e diálogo com as demais religiões. Nosso intuito no presente artigo foi o de destacar as aproximações e distanciamentos entre os dois documentos no que diz respeito ao diálogo Inter-religioso. A metodologia utilizada deu-se mediante a revisão bibliográfica, leitura dos documentos oficiais, no qual verificamos as ideias, influências que ambos documentos causam no mundo atual, perpassando por obras de comentadores relacionados ao tema.

## **8. Diálogo inter-religioso e dignidade humana: indicações do pontificado de Francisco**

Maria Graciane Clemente de Melo

Os diversos modos de ser, de pensar, de agir, de viver, inclusive as diversas experiências de fé, caracterizam o mundo moderno, fazendo-se, portanto, necessário uma reinvenção das relações interpessoais. A sociedade plural exige de todos(as) e de cada um(a) o exercício da alteridade, sob pena de vermos dilatados os casos de intolerâncias e violências, inclusive em nome de Deus. Na atualidade, em busca da construção de diálogos profícuos com todos os credos, destacamos o líder da Igreja Católica Apostólica Romana que, em seus discursos, defende a união de todos os povos, a fim de salvaguardar a dignidade humana. Nesse sentido, elencamos como objetivo dessa pesquisa: Analisar, a partir dos discursos proferidos pelo Papa Francisco entre 2013 e 2017, a possibilidade do engajamento das religiões na busca de elementos comuns,

sobretudo nos que estão centrados no resgate da dignidade humana. Para o percurso metodológico, realizamos a análise documental dos discursos proferidos pelo Papa Francisco durante os mais diversos encontros, seja no Vaticano, seja em visitas pastorais, aos de sua fé e aos que creem diferente, entre o ano de sua eleição (2013) a 2017, totalizando os primeiros 5 anos do seu pontificado. Justificamos esse recorte por considerar que esse seria um tempo razoável para identificar pontos de congruência acerca de sua defesa do diálogo inter-religioso. Encontramos, nos discursos analisados, orientações acerca da viabilidade de construção de diálogos com praticantes de todos os credos, tendo como preocupação única a defesa da vida, validando a hipótese inicial acerca da possibilidade de um diálogo inter-religioso que reverbera a materialização do encontro com o Transcendente nas relações cotidianas. Esse diálogo não estaria pautado na defesa de doutrinas, mas seria uma ampla defesa dos direitos inalienáveis da humanidade. Enfim, a presente temática apresenta-nos significativa relevância, haja vista as tentativas de silenciamento, sobretudo na realidade brasileira, dos(as) que se distanciam das falas consideradas hegemônicas. Esperamos, do verbo esperar, que as reflexões suscitadas, sejam motivadoras de espaços de diálogo, em um exercício sublime de reconhecimento do lugar de fala de todos aqueles que constroem um jeito próprio de estar no mundo. Que as diferenças não sejam empecilhos para o encontro, ao contrário, sejam sinais de incompletude e complementariedade.

## **9. Diálogos sobre o Diálogo: a recepção da Encíclica Laudato Si' entre católicos, evangélicos e academia**

Luis Felipe Lobão De Souza Macário

Artigo que trata sobre a recepção da Carta Encíclica Laudato Si' entre católicos, evangélicos e academia, tendo por objetivo destacar que o tema abordado na mesma – o cuidado com a casa comum – é ideal para servir de base ao diálogo – proposto pelo Sumo Pontífice Francisco no documento – entre diferentes igrejas cristãs, diferentes religiões e destas com a ciência, em uma perspectiva macroecumênica, na linha do chamado ecumenismo prático – pretendido originalmente pelo movimento “Vida e Ação” –, que sugere uma aproximação a partir de um ponto concreto do ambiente em que se vive. A partir de uma leitura crítica de diversos artigos, escritos por teólogos – católicos, protestantes e anglicanos –, cientistas da religião e outros acadêmicos, e publicados em três coletâneas dedicadas à Encíclica (Cuidar da casa comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'; Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si', do Papa Francisco; Diálogos no interior da casa comum: recepções interdisciplinares sobre a encíclica Laudato Si'), pode-se perceber a admiração pela iniciativa do líder católico romano em apresentar um documento tão bem fundamentado cientificamente e tão dialogal. O trabalho tem por conclusão que, ao convocar crentes e não crentes, católicos e não católicos, cristãos e adeptos de outras denominações religiosas ao empenho comum por uma causa tão importante, a preservação do planeta Terra – nossa casa comum –, Francisco abre espaço para estabelecer uma unidade na diversidade, por meio de um macroecumenismo concreto, que trabalha pela confraternidade através do diálogo e da cooperação

## **10. Diálogos com o Islã: Tecendo teias da hospitalidade**

Karolina dos Santos

Na atualidade o diálogo com islã, e as islamidades presentes se tornou imprescindível, onde a globalização estreitou fronteiras, aumentou os interstícios, porém, com ela também vieram os conflitos, as más interpretações,

o reforço midiático, e percepções equivocadas. O islã atual é muito diverso, repleto de interfaces, possui conflitos, mas é uma religião muito rica, em textos, caligrafia, poemas, parte da cultura islâmica que é desconhecida. Dentre os conflitos conhecidos, temos o conflito entre sunni e shiia, ou seja sunita e xiitas. Tal conflito é devido a uma parte da história islâmica, no período do califado que é pouco conhecida no mundo ocidental. Grande parte dos conflitos provém da figura de Ali ibn abu Talib, dentro do xiismo conhecido como o Leão de Allah, o Príncipe dos crentes, dentro do sufismo, como a continuação ou chave do conhecimento, e do sunismo, o quarto califa do islã, primo e genro do profeta Muhammad. Apesar de todas as divergências de opiniões no mundo islâmico referentes à ele, é inegável sua presença, e a sua espiritualidade. E diante da modernidade e seus conflitos, Ali, com suas obras e escritos, aparece como uma chave, uma abertura para se pensar o diálogo, e a convivência. Ali apresenta valores que devem ser conhecidos pela humanidade, e lembrada pelos muçulmanos. As expressões religiosas por mais diversas que sejam, são dotadas de experiências espirituais. Propor um diálogo verdadeiro com o islã, e enxergar uma fonte comum onde todos bebem, é alcançar um respeito pelas diferenças, e buscar uma convergência nelas, almejando a paz. A presente comunicação pretende retratar através da figura de Ali ibn Abu Talib, que era dotado de uma espiritualidade singular, juntamente com suas obras demonstrar as perspectivas de diálogo presentes, que muito podem colaborar para uma melhor convivência, tanto no sentido macro(mundial) e micro, dentro mesmo da própria religião (Shiia/ Sunni). Método: Para obter os resultados esperados será feito um estudo com místicos que dialogaram com o islã, com autores que estudam o diálogo inter-religioso e cultural, juntamente com as principais obras de Ali ibn Abu Talib. Resultados: A pesquisa almeja alcançar um conhecimento maior sobre o diálogo inter-religioso e cultural, mostrar alternativas para uma melhor convivência, e hospitalidade. Conclusão: A possibilidade de diálogo se mostra possível, existe uma porta de entrada, e mais uma vez precisamos reconhecer o pluralismo. Existe uma necessidade de abertura e acolhimento, uma disponibilidade interior praticada. O diálogo vem acompanhado da empatia, da compaixão, e do cuidado com o outro, e o que o dificulta é o egoísmo, e a incapacidade de ver que a realidade não está limitada a uma crença particular.

## **11. A religião de Mokiti Okada e seus pilares de salvação**

Janaina Josias de Castro

A época moderna do Japão iniciou-se com a restauração Meiji no ano de 1868 dominado pelo militarismo. As Novas Religiões Japonesas são as religiões que surgiram nessa época moderna, incorporando elementos das religiões tradicionais, Budismo e Xintoísmo. Criada por Mokiti Okada em 1935, a religião Messiânica surgiu no Japão como sendo uma das muitas Novas Religiões Japonesas nascidas no século XX. A missão da Igreja Messiânica mundial é criar um mundo isento de pobreza, conflitos e doenças, assim, utilizam três ferramentas denominadas Colunas de Salvação que trabalham a dimensão física, mental e espiritual do ser humano. A primeira coluna de salvação é o Johrei, que consiste no método de canalização de energia (Luz Divina) para purificação do espírito. Este método é capaz de transformar a desarmonia espiritual e material em harmonia e sintonia com Deus. O Johrei purifica e desperta a verdadeira natureza divina do homem, restabelecendo seu equilíbrio original; a segunda coluna é a Agricultura Orgânica Natural que é o método de cultivo de alimentos sem a utilização de adubos e agrotóxicos. O princípio básico da Agricultura Natural consiste em fazer manifestar a força do solo e o sentimento de gratidão à Deus; e por fim, a terceira coluna é o Belo, método que consiste em atividades artísticas e culturais que enobrecem os

sentimentos e o caráter do ser humano. O Belo não é simplesmente uma satisfação individual, mas também o que causa uma sensação agradável aos outros. Para os messiânicos, Mokiti Okada ensina que, desde o início da criação, Deus objetivou estabelecer o Paraíso na Terra e tem atuado continuamente para essa realização. Com tal propósito, fez do ser humano Seu representante, submetendo a ele todas as demais criaturas e coisas. Assim, a história da humanidade constituiu estágios preparatórios, para se concretizar o Paraíso na Terra. Os messiânicos creem que, em cada época, Deus faz surgir pessoas e as religiões necessárias, para a época atual, Mokiti Okada, veio com a suprema missão de realizar a sagrada obra de salvação da humanidade. O estudo aqui proposto pretende-se utilizar a pesquisa bibliográfica para verificar e compreender os três pilares de salvação (Johrei, Agricultura e Alimentação Orgânica Natural e o Belo) como práticas messiânicas, uma vez que, o propósito de purificar o ser humano pela Luz de Deus cultivando valores espiritualistas e altruístas favorecem o aumento do bem-estar individual e coletivo.

## **12. A Reforma do pensamento teológico: por uma teologia de perguntas numa sociedade dominada por respostas prontas**

Breno Martins Campos

No final do século passado, a chegada dos cursos de Teologia às universidades brasileiras, com a novidade do reconhecimento pelo MEC, fez-se acompanhar de uma demanda da sociedade e da própria comunidade teológica: reformar o pensamento teológico para que a mentalidade de teólogos e teólogas fosse também reformada. Reformar no sentido proposto por Edgar Morin (também às vésperas do século XXI) para os campos da educação e do pensamento, noutros termos, reformar para edificar pontes e canais entre os saberes teológicos e a sociedade (em suas múltiplas produções, inclusive, as artes). Cerca de 20 anos depois, já em pleno século XXI, em forma de ensaio, esta comunicação oferece um balanço crítico da teologia que se faz no Brasil, tendo o protestantismo histórico como modelo típico, a fim de abordar a teologia na condição de discurso relevante dentro da sociedade, capaz de debater temas acerca de outro modelo de mundo, marcado hic et nunc pela convivência pacífica e horizontes comuns de sentido. Como resultado de pesquisa bibliográfica, a autocrítica proposta é um convite à teologia: que ela volte a ser construída pelo diálogo. Reformar o pensamento teológico é convidar a comunidade de teólogos e teólogas a ouvir antes de responder, e a construir respostas novas a perguntas novas. Além disso, é propor que a tarefa teológica seja praticada com os sentidos atentos e as intuições abertas à produção artística da sociedade. Metodologicamente, esta comunicação explora alguns dos operadores da complexidade e da transdisciplinaridade (Edgar Morin) com o objetivo principal de superar binarismos reducionistas e colocar em diálogo franco – lugar do encontro e confronto em que habita o Mistério – a teologia brasileira com representações da música e da literatura do povo brasileiro.

## **13. Pensar Deus a partir da ética**

Jose Tadeu Batista de Souza

O tema que nos propomos evidenciar constitui-se em uma das preocupações basilares de Emmanuel Levinas, expostas no curso que ministrou na Sorbonne, Paris, nos anos de 1975 e 1976. Tomamos como referencial de nossas considerações o fragmento que traz o título de “Deus e a onto-teo-logia”. O título do fragmento já indica que se trata de uma problemática pertinente às preocupações de Heidegger quando pensou sobre a “constituição onto-teo-lógica da metafísica”, que na sua avaliação seria a característica mais notável do que

ele chamou “época” da história do pensamento. Um dos esforços da filosofia de Heidegger foi superar a metafísica e romper com a onto-teo-logia. No entanto, o esforço heideggeriano pretendeu constituir uma ontologia fundamental capaz de investigar os horizontes de possibilidades do sentido do ser. Levinas está de acordo com Heidegger no que tange à superação da onto-teo-logia. Porém, manifesta um profundo distanciamento no que concerne ao sentido da superação. Superar a metafísica, garantir a diferença ontológica, destituir Deus de sua condição de ente e fundamento do ser, não se constitui em alternativa importante. Para ele a questão decisiva não é abandonar a metafísica por causa da contaminação que a tornou teologia, mas procurar outra possibilidade para pensar sobre Deus. Portanto, saber se é possível conceber a Deus fora da onto-teo-logia, se há uma forma de inteligibilidade que explicita esse pensamento é a grande questão das reflexões de Levinas. O nosso texto tem por objetivo apresentar a sua tese de que a ética se constitui em um modelo de racionalidade capaz de evidenciar a inteligibilidade da compreensão de Deus. Inicialmente, faremos esforço de expor a reflexão levinasiana sobre as contribuições de Heidegger ao colocar em tela de juízo o problema do ser. A seguir, apresentaremos a tese de que a “ética como filosofia primeira” possibilita uma modalidade de racionalidade que permite compreender a Deus para além da inteligibilidade do ser, da diferença ontológica, da identificação de Deus com o ser e, portanto, da onto-teo-logia. Por fim, concluiremos que, as pretensões de compreensão de Deus a partir do modelo de razão grega resultam na sua redução a um dado objetivo e, portanto, na eliminação de sua transcendência. A ética como relação com o outro concretiza a abertura para o divino que se eleva na sua transcendência infinita na justiça e no acolhimento aos outros homens. Assim, a relação com os outros se converte em ótica e na possibilidade do dizer humano à Deus.

#### **14. Revelação, colonização e teologia das religiões**

Alonso Gonçalves

Desconstruir um discurso teológico de poder e controle, característico das teologias coloniais, pode ser o primeiro passo para se pensar uma teologia pós-colonial no contexto latino-americano. Obviamente que esse trabalho não se dá de maneira muito fácil, principalmente quando a própria concepção de religião é dada por outra religião, no caso o cristianismo. O discurso teológico está tão imbricado com a presunção da revelação de maneira universal, que não é possível nem mesmo atentar para as configurações da própria percepção da revelação que o cristianismo tem, assim como nas demais religiões. Ainda que os critérios para se pensar no diálogo inter-religioso estejam sendo debatidos, há um certo acordo em torno de algumas questões que envolvem a revelação no cristianismo como também nas demais religiões. O texto tem como objetivo tratar a revelação na sua concepção colonizada, ou seja, como a colonização na América Latina forjou uma compreensão teológica ocidentalizada marcada pelo pressuposto da “verdade”, tendo no cristianismo a revelação primeira e única dessa “verdade”. Partindo desse dado, o texto se propõe a pensar na percepção do que seja a “Teologia”, apontando para a sua tarefa hermenêutica, contribuindo assim para o tema da “teologia das religiões”. Com isso, partimos da ideia que a teologia tem uma função hermenêutica em interpretar o fenômeno religioso, com um adendo, tratando o tema da revelação, e esta como plural. Nesse sentido, esperamos contribuir para a descentralização da teologia e o seu discurso hegemônico com o intuito de contribuir para que as demais tradições religiosas sejam contempladas a partir de um discurso teológico descentralizado, principalmente quando em diálogo com expressões religiosas indígenas latino-americanas.

## **15. Realidade cosmoteândrica: implicações para o diálogo inter-religioso e intercultural a partir de obras de Raimon Panikkar**

Rita Macedo Grassi/Roberlei Panasiewicz

O mundo contemporâneo, sobretudo o ocidental, tem se caracterizado por viver polarizações, tanto no campo político quanto no campo religioso. Raimon Panikkar é filósofo e teólogo católico e dialogou profundamente com mestres do hinduísmo e do budismo. Dentre os vários aprendizados, a noção de advaita provocou grandes transformações em sua maneira de compreender a filosofia, a teologia e, de maneira especial, a realidade, pois passou a percebê-las de forma a-dual (não dual) Isso significa que tudo está em constante e profunda relação e não em contradição. Esta noção o possibilitou compreender a relação Deus-Humano-Cosmos de maneira profundamente integrada e articulada, cunhando a expressão "realidade cosmoteândrica". Constata-se uma relação constitutiva com a matéria e a energia, como também, com o tempo e o espaço. A junção da dimensão cósmica com as dimensões divina e antrópica é a novidade da visão cosmoteândrica, que chega a expressar uma espiritualidade e um compromisso de transformação. Quais as implicações desta noção cosmoteândrica para o diálogo inter-religioso? Em que possibilita transformações da realidade social e, portanto, provoca diálogos interculturais? Pluralismo significa pluralidade (diferença), pluriformidade (variedade) e harmonia inalcançável (diversidade). Perceber que há "um outro" para além das "minhas" fronteiras religiosas e culturais sinaliza que há vida e outra compreensão de mundo para além dos horizontes e padrões de conhecimentos estabelecidos por uma religião ou cultura. Esta comunicação, de base bibliográfica, se propõe a discutir esta noção de realidade cosmoteândrica em Panikkar e apontar suas implicações para o diálogo interreligioso e intercultural. Teoricamente, esta noção pode ajudar na discussão de uma epistemologia da Ciência da Religião Aplicada bem como sinalizar transformações nas articulações práticas dos diálogos implicados.

## **16. Experiência espiritual, intimidade e vulnerabilidade: sob o olhar de Henri Nouwen**

Karen Aquino Rangel da Costa

O curador ferido, título de um dos livros mais conhecidos de Henri Nouwen: *The Wounded Healer*, é uma expressão que resume bem os aprendizados e vivências da trajetória espiritual do sacerdote holandês que à duras penas compreendeu que, aquele que efetivamente cura feridas é o ferido. Em sua busca por intimidade e por uma experiência profunda com Deus, Nouwen reconhece sua vulnerabilidade e, através desta consciência que vai sendo construída ao longo de sua vida, ele interpreta sua espiritualidade. Como teólogo e psicólogo, Nouwen buscou conectar seus dois campos de estudo, o que enriqueceu seu entendimento acerca da vida espiritual. Em um de seus primeiros livros publicados, intitulado *Intimidade: Ensaios de Psicologia Pastoral*, ele levanta uma questão pertinente para ambos os campos: Como posso encontrar uma intimidade criativa e satisfatória em minha relação com Deus e com os outros? Procurando refletir sobre esta e outras questões, o autor desenvolve uma compreensão do crescimento espiritual em uma perspectiva psicológica, relacionando as fases de uma trajetória espiritual às fases da vida em termos psicológicos, da criança ao adulto. O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre os movimentos da experiência espiritual a partir da perspectiva de Henri Nouwen sobre intimidade no livro supracitado, mais especificamente através da análise do primeiro capítulo – *Da magia à fé*, e com base em sua própria trajetória espiritual. Pretende-se com tal reflexão demonstrar que a

experiência espiritual transforma gradativamente a vida do sujeito, que na busca por intimidade descobre não estar sozinho, mas em permanente diálogo com o outro e com Deus no ambiente em que se encontra e em seu cotidiano. Diante da transformação ocorrida e da nova dimensão que a vida adquire, o diálogo mais profundo se faz possível, pois pelo reconhecimento da vulnerabilidade é que os feridos se encontram.

## **17. Direitos culturais e pluralismo religioso: concepções a partir de Habermas**

Irenio Silveira Chaves

A persistência da religião numa sociedade secularizada e pós-moderna constitui-se um grande desafio para a compreensão das relações sociais. O pensamento habermasiano procura entender esse fenômeno a partir da noção de verbalização do sagrado no âmbito de sua perspectiva crítica de sua teoria da evolução social. A verbalização do sagrado abrange a dimensão da laicização que contempla o convívio de cidadãos secularizados e religiosos num ambiente democrático. Faz-se necessário empreender uma abordagem a respeito do conceito de religião elaborado por Jürgen Habermas bem como a respeito do modo como o discurso religioso se apresenta na esfera pública. O pensamento de Habermas em relação ao diálogo sobre a pluralidade do fenômeno religioso e suas expressões na sociedade aponta para uma postura pós-secular, cuja ênfase recaia sobre a tolerância religiosa e a garantia de direitos para cidadãos religiosos e não religiosos. A trajetória para essa compreensão da proposta de Habermas começa com a definição de espaço público frente à sua noção do agir comunicativo, passa pela perspectiva do pluralismo religioso e a solidariedade entre cidadãos numa perspectiva política, e culmina com a proposta de uma política para o que tem se constituído como uma sociedade plural em nível mundial. Para Habermas, a religião tem se caracterizado como uma fonte de solidariedade num tempo de escassez dessa atitude necessária, em face das condições a que o capitalismo chegou. Habermas também desenvolve uma crítica ao fundamentalismo religioso, que está na contramão dessa possibilidade inspiradora da religião, como também se opõe aos que acreditavam no fim do fenômeno religioso a partir da Modernidade.

## **18. Religião vs. niilismo: um desafio atual?**

Hélio Pereira Lima

Num rápido olhar sobre as preocupações recorrentes das ciências humanas e sociais, as evidências que saltam aos olhos sugerem que a religião ampliou, de maneira significativa, a sua capacidade de sair das sombras e retornar à arena das questões relevantes da atualidade. Tal movimento deve ser levado em consideração caso se pretenda apreender, de maneira mais ampla, o seu significado, pois não se trata de uma questão que se mova ao sabor de interesses subjetivos de pesquisadores dessa temática, haja vista que a religião vem ocupando, igualmente, o espaço público e os meios de comunicação social de massa, a ponto de ser um dos vetores com força suficiente para influenciar, até mesmo, a pauta de discussão de questões político-governamentais, o que tem sido comum ultimamente no país. A impressão que se passa é que a religião recobrou sua relevância na vida da sociedade a ponto de suplantar a ameaça do niilismo, em voga até a segunda metade do século passado. Se isso é verdade, o que se pretende, num recorte histórico-hermenêutico, é lançar algumas indagações seminais para verificar até que ponto o niilismo foi desbancado pela religião e, assim, teve que migrar, enquanto temática, do centro para a periferia do debate, porque perdeu relevância na busca de explicação da condição humana, uma vez que a religião supriu tal necessidade. Pretende-se, com tal



recorte, não deixar que caia no esquecimento o que o niilismo representa como negação de valores, sobretudo se ele está disfarçado como mais uma das ilusões da atualidade.

### **19. Depois da Morte de Deus: a proposta de Gianni Vattimo por um Cristianismo não religioso**

Carlos Alberto Pinheiro Vieira

O extremismo cristão, ainda, se faz presente em nosso meio, promovendo uma violência desenfreada em nome de um “pensamento forte”, assim como, de um “Deus violento”. Em tempo de tanto extremismo e discurso de ódio, a religião tem um papel fundamental e importante na promoção de uma cultura de paz, de diálogo e de convivência pacífica. O grande problema é que muitas vezes quem deveria praticar e promover a paz, traz o ódio. O presente artigo buscará refletir sobre a proposta do Filósofo italiano Gianni Vattimo para o Cristianismo contemporâneo. Analisaremos, portanto, a questão da morte de Deus, assim como, a possibilidade de uma nova interpretação da Fé Cristã, na chamada pós-modernidade, através de uma espiritualidade que se configura entre e além de concepções religiosas. Por fim, apontaremos a proposta vattimiana da caridade (caritas) como um eixo norteador para o futuro do cristianismo no Ocidente.

### **20. A desconstrução Derridiana e o Perspectivismo Ameríndio**

Túlio Fernandes Brum de Toledo

A presente proposta vincula-se a uma questão fundamental, como aplicar a desconstrução Derridiana rumo à eliminação de categorias conceituais para um aprofundamento selvagem e isento de objetividades cristalizadas no universo do perspectivismo ameríndio. O conhecimento lógico e racional não consegue ser detentor da realidade última, tornando a expansão fenomenológica uma prática libertadora de potenciais, exercitando assim, o desenvolvimento Pleno de todo indivíduo. Afastando-se de sua prática vivencial, problematizando-a, como uma espécie de desintegração crítica, aprofundando o conhecimento, o homem se redescobre, se revisita como indivíduo instaurador desse mundo, de sua própria experiência. Tradições como o vedanta, o taoísmo, o budismo além do perspectivismo ameríndio com suas mais distintas formas de hermenêutica acerca da realidade, aparecem como importantes modelos de conhecimento demonstrando como as realidades manifestam-se nas mais distintas formas. Analisando a fluidez conceitual reconhece-se a necessidade de um alargamento que transborda a episteme, não com o intuito de negação ou nulidade, mas sim, uma reeducação nas formas de ser e estar no mundo. Proposta esta, que trata a realidade como um conceito em aberto, possibilitando assim, que o indivíduo passe a atuar como instaurador crítico e reflexivo de sua própria identidade. A desconstrução aliada ao perspectivismo apresenta-se fiel ao atual cenário pós-moderno fluido. A concepção de universo precisa ser apreendida em forma de potências de possibilidades, ou seja, a natureza não se encontra em equilíbrio estático, mas sim, em um complexo e dinâmico fluxo existencial. Quando se enxerga além das formas conceituais, evita-se que uma teoria, uma conclusão lógica, uma hipótese ou um saber preestabelecido domine o pensamento. É uma postura pré-teórica isenta de preconceitos diante de um fenômeno. O movimento desconstrucionista aliado ao perspectivismo ameríndio apresenta-se como ferramenta possibilitadora de reconhecimento das mais diversas formas de realidade. Assim como o homem se reinventa, ele também reinventa as formas de verdade. O estudo aqui proposto abre caminho para o reconhecimento das alteridades e um contato maior com a natureza ameríndia, distinta em suas diversas culturas e interpretações.

## **21. O transe religioso como meio de expressão mítica**

Gisele Cristina Laranjeira

Qual o papel do transe religioso na composição da vida cotidiana do seu fiel? Como essa forma de expressão física e ao mesmo tempo etérea se torna tão pertinente e até naturalizada no contexto religioso? A presente comunicação busca responder a essas perguntas analisando a experiência do transe religioso como uma forma de expressão mítica (daquilo que compõe o mito), e que por tal, dá o entorno de seu respectivo mundo simbólico religioso. Essa análise tem como objetivo apresentar uma possibilidade de compreensão da dinâmica religiosa entre mito, transe e a experiência religiosa brasileira. Primeiro, apresento a experiência de transe como parte de um espaço e tempo religiosos; através da dimensão teórica da construção de “um universo simbólico” proposto por Berger e Luckman, esse trabalho analisa o conteúdo de um universo religioso socialmente elaborado. A partir desse universo simbólico, que realiza o pensamento mítico daquilo que é universo, Deus, vida, morte – proponho uma discussão sobre o papel do corpo como transmissor fundamental dessa realidade e seus símbolos. O corpo, como executor da performance que transcreve o mito religioso no espaço ritualístico, é elevado de sua condição cotidiana e, portanto, não pode continuar se expressando da mesma forma. O corpo religioso tem maneiras e expressões próprias, que diferem do corpo profano e se expressam nas manifestações do transe religioso. Tendo como proposta uma análise teórica do tema, construo uma base argumentativa através dos conceitos de “símbolo” e “mito”, pautados em Jung e Campbell; e a própria experiência do transe religioso, com base nas observações feitas por Taves, Schmidt e o especialista brasileiro, Zacharias. A presente comunicação se propõe a provocar uma reflexão sobre o papel do corpo no âmbito religioso, e as possibilidades de novos olhares que não se limitem a compreendê-lo no estreito vão de religiosidades específicas. De fato, se há uma característica que não se pode deixar à revelia quando nos propomos a estudar a complexa experiência religiosa brasileira é que esse corpo – comunicador da expressão mítica religiosa – está presente na maior parte dos cultos contemporâneos, desde as incorporações nas religiões afro-brasileiras, até o êxtase do louvor pentecostal. Dialogar com essa experiência é propor uma ponte capaz de conectar as diferentes religiões no território brasileiro, tendo como fio condutor a expressão dessa matriz cultural que se insere em nossas religiosidades. Pois seja qual for o cenário, essa discussão sugere que a veia religiosa brasileira se expressa pelo corpo e para o corpo, em suas manifestações mais diversas.

## **22. A secularização no pensamento de Charles Taylor**

Josner Jeudy

Este trabalho procura explorar o conceito de secularização no pensamento de Charles Taylor e à luz do seu pensamento, entender a realidade secular do Estado Brasileiro. Para o autor canadense, a secularização pode ser definida em três sentidos: o primeiro sentido é a separação entre Estado e Igreja; segundo sentido é o abandono total da fé, e o terceiro sentido é crer como uma opção entre tantas outras. Para o primeiro sentido que é a separação entre Igreja e Estado, o autor se refere aos Estados Unidos que é uma das primeiras sociedades a separar Igreja e Estado, ainda que este país se insira na sociedade ocidental com as estatísticas mais elevadas de fé e práticas religiosas. O segundo sentido da secularização que é o abandono total da fé, consiste no abandono de convicções e práticas religiosas, em pessoas se afastando de Deus e não mais frequentando a Igreja. O terceiro sentido da secularização segundo Charles

Taylor é a fé como uma opção entres tantas outras. Ou seja, a fé em Deus não é mais axiomática. Existem outras alternativas. O trabalho visa averiguar em que medida esses três sentidos do termo são pertinentes para a realidade secular brasileira. Ou seja, entender se é possível falar de um abandono total da fé no Brasil; explicar como a fé é uma opção entre tantas outras e entender em qual medida pode se falar de uma separação entre Igreja e Estado no Brasil. Para delimitar a pesquisa, vamos nos focalizar na questão dos símbolos religiosos nas repartições públicas, como tribunais, hospitais etc, e analisar também a posição da Bancada evangélica no Congresso Nacional sobre o assunto (imagens religiosas). Usaremos uma metodologia de cunho bibliográfico com duas obras principais: a secular age (uma era secular) de Charles Taylor e a Constituição da República Federativa do Brasil (1988).

### **23. O Jovem, a Universidade e a Fé: Um estudo sobre a religiosidade do estudante de Ciência da Religião em Belém – PA**

Cristian Sicsú da Glória

A presente pesquisa trata-se, assim, de voltar a um tema já bastante debatido no campo dos estudos da religião – a juventude – mas agora com um olhar mais aprofundado na realidade social da Região Norte do Brasil. A quase inexistência de pesquisas acerca das experiências religiosas de universitários na Amazônia não apenas representa uma lacuna na compreensão da realidade nacional, mas inviabiliza, de certo modo, a comparação de distintas realidades locais em um país reconhecidamente diverso e desigual. A pesquisa tem como objetivo geral analisar em que medida as experiências e conteúdos oferecidos na universidade influenciam nos valores e comportamentos religiosos dos jovens estudantes Curso de Ciência da Religião do CCSE/UEPA. Os dados estatísticos têm sido quase sempre, a porta de entrada relativamente segura para estudos que buscam mapear crenças e práticas religiosas entre os mais diferentes seguimentos da sociedade. Partindo dessas observações, a presente pesquisa se estrutura com base em uma combinação de metodologias quantitativas e qualitativas (cf. MARCONI; LAKATOS, 2003), de modo a assegurar imagens que correspondam da maneira mais fiel possível às mudanças na concepção e nas práticas religiosas da juventude universitária. A pesquisa ainda não possui resultado devido à mesma está em andamento, mas nossa hipótese é que os jovens veem na Universidade o momento de maior liberdade em suas trajetórias pessoais – uma etapa em que as identidades herdadas são postas em xeque pelo contato com novos conhecimentos, novos modelos de sociabilidade e novas articulações de saber-poder. Isso não desqualifica os valores que trazem de suas famílias ou comunidades de origem, mas reorganizam o rol de escolhas disponíveis, impactando fortemente nas identidades religiosas (mas não apenas religiosas).

## **GT 04 – GÊNERO E RELIGIÃO**

### **1. Quando o gay é branco e vem do interior – Reflexões decoloniais sobre raça, sexualidade e ecologia**

André S. Musskopf

Os estudos decoloniais latino-americanos têm apontado para a necessidade de considerar três aspectos inter-relacionados: colonialismo, racismo e patriarcado (Rita Segato). Nessa reivindicação é possível ver a influência dos estudos feministas e dos estudos sobre raça e etnia em seus desenvolvimentos mais recentes, tanto pela necessidade de dialogar com estudos sobre diversidade

sexual e de gênero (queer) quanto pela perspectiva da interseccionalidade. Nesse trabalho eu reflito, através de uma abordagem autobiográfica, sobre o papel do teólogo ou da teóloga sexual (Marcella Althaus-Reid) em relação a raça e etnia e ecologia olhando para o contexto particular da imigração e colonização europeia (principalmente germânica) para e no sul do Brasil. Essa reflexão considera as discussões sobre branquitude e a “coloração não interrogada” (Emilie Townes) por um lado, e as teologias feministas e ecofeministas (Nancy Cardoso, Ivone Gebara) por outro lado. O trabalho também reflete sobre questões de memória, experiência e ancestralidade e seu papel na produção do conhecimento e prática teológica, particularmente em relação à perspectiva feminista dos saberes localizados (Sandra Harding) e dos saberes do Sul (Boaventura de Souza Santos). O objetivo principal desse exercício é experimentar com as intricacionalidades de lidar com raça, etnia, origem e gênero e sexualidade no contexto do colonialismo, aplicado a uma experiência muito particular e pessoal. O resultado é a criação de um retrato complexo que levanta questões a serem consideradas no âmbito da produção da teológica e dos estudos da religião.

## **2. A participação política das mulheres protestantes na Ditadura Civil-Militar brasileira**

Anna Gabriela de Arruda Felix Cerqueira Leite

Durante a Ditadura Civil-Militar brasileira (1964-1985), houve mulheres que lutaram na resistência ao regime ditatorial, através das muitas organizações clandestinas que surgiram nesse período. Mulheres que ousaram sair do espaço privado e que por conta disso, sofreram preconceitos por parte de seus companheiros de organização e também por parte da repressão, que usou de violências diversas contra elas, entre as quais, o estupro corretivo por não estarem “onde deveriam estar”. Dentro das organizações clandestinas, cerca de 18% eram mulheres, e poucas chegavam a papéis de liderança. A elas eram destinados papéis menores, como entrega de mensagens e vigilância de algum ponto específico. Dentre as que lutaram, se encontram as mulheres protestantes. São poucos os registros que se tem sobre a participação das mulheres protestantes na resistência ao governo ditatorial. O presente trabalho tem como objetivo demonstrar como ocorreu a agência política dessas mulheres, com destaque para quatro mulheres metodistas, uma presbiteriana e uma luterana.

## **3. Entre Marcos, Mateus e Lucas: a modificação do discurso sobre mulheres**

Carolina Bezerra de Souza

A violência contra a mulher está inserida nas sociedades desde a antiguidade. Ela está refletida na formação de elementos culturais e símbolos religiosos, incluindo os textos sagrados das religiões. Diversas formas de violências contra a mulher podem ser percebidas nas histórias narradas, mas também ocorreram ao longo do processo formativo dos textos, em que mulheres foram excluídas, silenciadas ou tiveram seus papéis diminuídos nesses registros. O objetivo da pesquisa é verificar a diminuição dos papéis das mulheres no uso que os Evangelhos de Lucas e Mateus fazem do discurso do Evangelho de Marcos sobre as mulheres. O objeto são textos paralelos em mulheres interagem com Jesus. Esta comunicação restringe-se à análise das cenas em que mulheres são testemunhas da crucificação, do sepultamento e da ressurreição de Jesus, a saber: Mc 15,5-16,8; Lc 23,48-24,12 e Mt 27,55-28,10. A metodologia consiste em análise narratológica das cenas nos três evangelhos, sob o referencial de Paul Ricoeur, marcando suas diferenças, e análise de discurso sob o referencial de Mikhail Bakhtin, sobre as consequências das diferenças. Mateus assume a mesma estratégia narrativa de Marcos, apresenta a maioria das narrativas, exclui

apenas uma, na mesma ordem e com contexto relativamente próximo ao de Marcos, mas o faz de forma mais resumida e aumentando o protagonismo de Jesus enquanto diminui as atuações das mulheres e as atuações comunitárias, ao final a autoridade apostólica dos discípulos sobrepõe a das discípulas. Embora seja mais fiel à fonte, Lucas desfaz a estratégia narrativa alterando o local de apresentação das mulheres, a ordem de acontecimentos, excluindo uma delas. Ele altera substancialmente as cenas finais retirando o protagonismo feminino. Os Evangelhos de Mateus e Lucas diminuem o papel das mulheres como apresentados no discurso do Evangelho de Marcos, mas usam estratégias diferentes para fazer isso, adequadas aos contextos de formação e características comunitárias.

#### **4. Uma análise de gênero das experiências pessoais de membros não casados da Assembleia de Deus Taboão em relação às políticas eclesiais e as representações tradicionais de gênero**

Daisy Mota Ferreira

Nas Assembleias de Deus verificam-se implementações de diferentes políticas eclesiais, tendo em vista o reforço do casamento nuclear intrínseco às representações tradicionais de gênero, que implica no cumprimento dos cargos hierárquicos no interior das igrejas. A presente comunicação pretende analisar em perspectiva de gênero as experiências pessoais de homens e mulheres não casados da AD Taboão no reforço ou resignificação dos papéis de gênero regulamentados pela instituição para se alçar a cargos de lideranças. A metodologia envolve entrevista semiestruturada com membros não casados e pesquisa bibliográfica sobre gênero e religião.

#### **5. A vivência pastoral das pessoas “trans” na Igreja Católica: a empatia e os direitos humanos**

Danilo Vitor Pena

Introdução: Na Igreja e fora dela é comum um desconhecimento generalizado sobre elementos teóricos mais específicos da realidade trans. Afirmções imprecisas, por vezes seivadas de preconceitos, impedem uma abordagem que contemple uma elaboração teológica e pastoral que supere os meandros do rigorismo ou do laxismo. Há neste universo uma reflexão que precisa levar em conta elementos que dialoguem para além do arco do direito eclesial e da dogmática. Edith Stein (1891–1942) emerge nessa discussão contribuindo sobremaneira, graças à sua preocupação antropológica integral. Objetivo: analisar a partir da teoria dos direitos humanos e da compreensão da empatia em Edith Stein, o substrato teológico que subsidie o fundamento fenomenológico, a vivência e a comunhão das pessoas trans, na dinâmica eclesial católica. Parte-se da hipótese que a empatia constitui um elemento que agrega à teoria dos direitos humanos, conteúdo e metodologia para subsidiar, no campo da teologia pastoral, uma aproximação evangelizadora concreta às pessoas trans, em vista também do reconhecimento de sua dignidade integral. Metodologia: trata-se de em um estudo qualitativo, em curso, de caráter exploratório, com uso de entrevistas e questionários aprovados pelo comitê de ética, em fase de aplicação. Resultados: passados mais de cinquenta anos no Concílio Vaticano II e mesmo diante de uma teologia mais atenta aos sinais dos tempos e às novas configurações da sexualidade, ainda há dimensões fronteiriças e de difícil acesso, tanto à teoria como à prática eclesial. Mesmo em fase de execução, já pode-se perceber como possível resultado a saudável introdução dessa pauta e a metodologia de escuta participativa da comunidade trans, além da construção de um itinerário colaborativo que ofereça formalmente, em comunhão com a dimensão social das

igrejas particulares, caminhos de integração e vivência. Conclusão: A consciência e a viabilidade dos direitos humanos evoluem com o tempo. Embora tardiamente, parece ser este um tempo importante para acolher, na teologia dos direitos humanos, a realidade das pessoas trans, a universalização de seus direitos e a elaboração de propostas que reconheçam e atuem sobre uma pastoral que olhe com elas e por elas.

## **6. O valor reconstrutivo da laicidade como garantia da pluralidade e inclusão da diferença: a criminalização da homofobia**

Emerson Roberto da Costa

Nessa comunicação temos por objetivo identificar os desafios da laicidade no Brasil a partir da análise da atuação de parlamentares evangélicos/as eleitos/as frente a projetos de leis e políticas públicas que, por um lado contemplam as sexualidades e combatam a homofobia, mas que ao mesmo tempo contrariam os preceitos religiosos e as instituições religiosas evangélicas no âmbito de uma sociedade multicultural e plurirreligiosa. Baseia-se em pesquisa bibliográfica com leitura e interpretação do referencial teórico, para compreender a relação entre gênero, religião e laicidade além da aplicação de entrevista semiestruturada e diretiva, junto a parlamentares da 54ª Legislatura do Congresso Nacional. Sem pretensões de construção histórica e linear, inicialmente revisamos os modelos da laicidade para demonstrar como a laicidade assume aspectos diversos a depender das múltiplas variáveis do contexto sócio cultural no qual é construída. Não se trata de estabelecer modelos paradigmáticos, mas de indicar a pluralidade multidimensional do fenômeno que, mesmo partindo de um eixo estruturante requisita elementos mínimos para caracterizá-lo como tal e possibilita a admissão de predicados específicos e conjunturais. Em seguida, indicamos potenciais limites para a laicidade estatal brasileira a partir das proposições dos/as parlamentares com pertença evangélica nas questões ligadas às sexualidades e ao combate da homofobia. Tais eventos, problematizados pelo conjunto de dados obtidos no campo de pesquisa e interpretados pelo referencial teórico e pelas categorias analíticas indicadas, podem ajudar a identificar o lugar do religioso na sociedade de forma interativa com as interfaces da laicidade visando aprofundar a compreensão sobre a democracia e sobre a concretude dos direitos civis.

## **7. “Ideologia de Gênero”: A cruzada político-religiosa contra gênero no Brasil**

Fernanda Marina Feitosa Coelho

Os debates que envolveram o Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024, e que ocorreram entre os anos de 2012 e 2014, fizeram surgir um dos atuais inimigos da nação brasileira: a chamada “ideologia de gênero”. Isso se deu porque a primeira versão do plano educacional explicitava a superação de desigualdades, dentre estas, aquelas relacionadas a gênero e orientação sexual. Na ocasião, setores conservadores da sociedade brasileira, notadamente grupos religiosos, lograram êxito na retirada da explicitação destes termos no PNE. Posteriormente, nas votações que envolveram os Planos Municipais de Educação (PMEs), no ano 2016, a produção ideológica do que se convencionou chamar de “ideologia de gênero” se fez perceber de forma mais ampla. Neste período, diversas proposições legislativas, sobretudo Projetos de Lei (PLs) e Projetos de Decreto Legislativo (PCDs) foram redigidos e incluídos na pauta do Congresso Nacional, com o objetivo de criminalizar a suposta “ideologia de gênero”. Cartas e notas públicas foram produzidas e reproduzidas e alertas foram divulgados para evidenciar os perigos que a suposta “ideologia de gênero” ofereceria para a

“família tradicional” e, conseqüentemente, para a nação brasileira. Lideranças religiosas e parlamentares proeminentes na mídia se uniram na luta contra a “ideologia de gênero” para “proteger famílias e crianças” de o que seria uma tentativa de desconstruir a sociedade brasileira e contaminá-la com esta perigosa ideologia. O presente recorte contém trechos de meu projeto de qualificação do doutorado e tem por objetivo levantar referenciais que discutem ideologia como forma de escamotear e ocultar a realidade. A partir de tais referenciais, o texto propõe demonstrar como gênero, ao invés de escamotear dinâmicas de exclusão e ocultamento, as desvela. Por fim, apresenta-se o mundo generificado como consequência de uma visão binária e biologizante que é construído e reforçado pelas pessoas e para as pessoas dentro de ambientes biopolíticos, como a escola. A guerra pelo poder sobre decidir o que é convencional e ensinado nas escolas, não somente como base curricular, mas principalmente como enxergar o mundo na convivência e no amoldamento, se intensificou nos contextos destas discussões. Sendo assim, mostrar as dinâmicas que os estudos de gênero revelam torna-se imprescindível à pesquisa no que diz respeito a demonstrar sua importância para a construção de uma sociedade mais igualitária. Ademais, nos ajuda a compreender que, ao invés de ocultar ou escamotear dados, gênero, como categoria de análise, expõe desigualdades. Esta elucidação fundamenta não a desconstrução da sociedade, mas de hierarquias e preconceitos com vistas à construção de uma realidade mais igualitária.

## **8. Ser Bruxo: Percepções sobre a identidade masculina na Wicca do Brasil**

Jessica Freire Pereira de Aquino

Quando pensamos a temática da bruxaria, de forma rápida e muitas vezes reforçada pelas publicações acadêmicas ou não, nos vem à cabeça uma gama de questões relacionadas ao universo feminino, principalmente no âmbito das questões de gênero e religião. Porém, neste trabalho, proponho de forma ainda que inicial por trata-se de uma pesquisa em andamento para a elaboração da dissertação, pensarmos o papel da Wicca como tradição religiosa na imposição ou não das representações das possíveis masculinidades de seus membros. Perspectivas que pensem o papel do homem no espaço e na tradição religiosa, a participação de membros homossexuais masculinos, dentre diversas outras pautas ainda permanecem sem qualquer elucidação acadêmica. Tal lacuna se justifica, quando evidenciamos que só no período contemporâneo o tema da masculinidade passa a ser questionado e problematizado, pois é nesse momento que as identidades assumem características híbridas, de recomposições e reelaborações representativas. Para trabalhar as questões apresentadas, torna-se pertinente uma metodologia de cunho etnográfico, que utiliza tanto a observação participante quanto entrevistas semiestruturadas que visam identificar os elementos levantados por este trabalho, já na perspectiva de criar uma base conceitual sobre gênero, autores como Pierre Bourdieu e Judith Butler são trazidos à discussão, por fim, como forma de elucidar tais questões o recorte utilizado tem como base o encontro nacional de bruxos de Brasília. Embora compreenda que cada sociedade e cultura possibilitem modelos que permeiam particularidades, mas que ainda assim possuem uma hegemonia quanto ao poder coletivo, o masculino assumi uma identidade de gênero instituída culturalmente que supõe posições sociais determinadas, no entanto, entendo que isso não impede a existência das minorias de viverem as masculinidades de formas díspares. Desta forma, a Wicca se mostra como umas das possibilidades de compreensão de tais mudanças de relações, já que ocupa posição ainda marginalizada diante das demais tradições religiosas. Esta tem em seu núcleo constituinte pertencer ao movimento de contracultura que contesta a dominação masculina e tudo que a ela é atrelada, busco assim, concluir como seus praticantes masculinos a utilizam como dispositivo de contestação, perturbação

ou mesmo uma nova divisão de poderes condicionadas à ordem sexual dominante para tal tradição.

**9. Por Deus e contra tudo isso que está aí: quando a liberdade religiosa deixa de proteger e passa a oprimir**

Juliana de Santana Oliosí

Cada vez mais espalha-se a ideia de que a liberdade religiosa estaria ameaçada – um fenômeno discursivo visto não só na comunidade internacional de Estados, mas também no Brasil. Isso ocorre através da redefinição da própria noção de liberdade religiosa, que tem sido cada vez mais debatida, definida e instrumentalizada como uma ferramenta de propagação de preconceito. Com isso, avanços referentes aos direitos de reprodução e da comunidade LGBT são abordados em enquadramentos que os colocam como afrontas à liberdade de religião, e conseqüentemente violadores de tratados internacionais, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos. O objetivo dessa proposta de comunicação é discutir a instrumentalização contemporânea do discurso pela defesa da liberdade religiosa na política internacional e os impactos disso relativos aos direitos das mulheres e dos LGBT. A hipótese central é que o conceito de liberdade religiosa enquanto direito humano universal tem sido reformulado por grupos conservadores como uma estratégia eficaz para o alcance dos seus objetivos. Através de uma perspectiva comparada, o trabalho pretende analisar a instrumentalização da linguagem da liberdade religiosa na política estadunidense e na brasileira no século XXI. Para compreender um fenômeno que é religioso, político e internacional, a lente teórica adotada virá da perspectiva dos estudos de Gênero, Religião e Relações Internacionais. Nesse processo, conclui-se que os direitos das mulheres e da comunidade LGBT acabam sendo alvo de políticas fundamentadas em interpretações conservadoras da religião e da política. A pesquisa conclui que o debate sobre os usos políticos dos direitos humanos, especificamente do direito à liberdade religiosa, é urgente para os estudos de Gênero, religião e política internacional, assim para os grupos mais afetados pelo tipo de política analisada na pesquisa – as mulheres e a população LGBT.

**10. Lideranças femininas e mulheres médiuns: Uma proposta de estudo sobre a trajetória de algumas mulheres umbandistas em Juiz de Fora/MG**

Kelly Rabello

As instituições religiosas hegemônicas no Brasil apresentam uma estrutura hierárquica que concede maiores privilégios aos homens em relação às mulheres, tanto no que se refere ao seu sistema organizacional, quanto às orientações que tocam a vida privada de seus adeptos. Entretanto, existem segmentos religiosos marginais que se contrapõem a esta dinâmica e que tendem a valorizar e particularizar os lugares concedidos às mulheres, como é o caso das religiões afro-brasileiras. Os estudos que discutem esta temática recaem, principalmente, sobre as organizações religiosas do Candomblé. Nesses trabalhos, é destacada a prevalência das lideranças femininas, indicando a existência de um ambiente propício para a autonomia e o exercício do poder religioso concedido às mulheres. Aspectos semelhantes são percebidos nos terreiros de Umbanda, entretanto sobre esse tema se encontra um menor número de pesquisas acadêmicas. Nesse sentido, a presente comunicação objetiva fomentar discussões que reflitam sobre esta lacuna, abordando a temática da vivência de mulheres em terreiros de Umbanda na cidade de Juiz de Fora/MG. A proposta consiste em apresentar aqui um projeto de pesquisa de doutorado em Ciência da Religião, entrecruzando bibliografias sobre religiões afro-brasileiras



e gênero. O projeto pretende analisar a forma como algumas mulheres ocupam os espaços religiosos em diferentes terreiros juiz-foranos e, além disso, busca compreender os efeitos da religião em suas trajetórias pessoais. Desse modo, a pesquisa intenciona identificar o modo pelo qual as distinções de gênero refletem na estrutura de funcionamento dos centros de Umbanda, assim como compreender de que forma a religião interfere na formação das identidades de gênero e influenciam no cotidiano das mulheres umbandistas. Por se tratar de um estudo incipiente, os resultados da pesquisa ainda se encontram inconclusos, intencionando-se com esta comunicação, portanto, o fomento de discussões que agreguem reflexões sobre a temática.

#### **11. Sacerdócio Geral e suas implicações práticas na vida de mulheres luteranas: uma análise feminista a partir da “Campanha Em Comunhão com as Vidas das Mulheres”**

Ketlin Lais Schuchardt

O Sacerdócio Geral de todas as pessoas crentes é uma concepção eclesiológica assumida pela igreja luterana, que quer incluir com igualdade todas as pessoas, através do batismo, para que contribuam a partir da fé com os dons que recebem de Deus. A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil-IECLB, através da Campanha “Em Comunhão com as Vidas das Mulheres”, lançada em 2014 e desenvolvida pela Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias da IECLB, em parceria com o Programa de Gênero e Religião da Faculdade EST e com o apoio da Federação Luterana Mundial, coletou histórias de vida que contam e refletem as práticas de fé de mulheres luteranas na Igreja e sociedade. Partindo da análise das narrativas, desde uma perspectiva da teoria das relações de gênero, da teologia e hermenêutica feminista, com ênfase para as categorias de experiência e epistemologia do cotidiano e no princípio hermenêutico da suspeita, elaboro uma reflexão sobre os espaços de participação e cargos de atuação assumidos pelas mulheres na Igreja como vivência do Sacerdócio Geral. Os resultados da sistematização das narrativas, coletados a partir do enquadramento em categorias, apontam para uma discrepância em relação à proposta de igualdade para todas as pessoas, pois revelam a ausência ou pouca representatividade de mulheres nos cargos de liderança e tomada de decisão na igreja, bem como a concentração em determinadas funções. Esse trabalho integra uma pesquisa maior, que ainda se desenvolve, na direção de uma reflexão crítica sobre como e por qual motivo a compreensão eclesiológica do Sacerdócio Geral de todas as pessoas crentes tem sido interpretada tanto para romper como para reafirmar estruturas e normas patriarcais na igreja.

#### **12. Religião - Espiritualidade e as pessoas LGBTI+**

Maria Cristina Silva Furtado

Vivemos em uma época onde a preocupação com o futuro do planeta em relação à terra e ao ser humano, é real. Os cientistas mostram as modificações climáticas que estão ocorrendo, e mesmo que muitos governantes procurem ignorar, cada dia que passa, o planeta terra mostra que se ressentem com a depredação humana, e reage. Soma-se a estes perigos, a solidão das grandes cidades, com a troca dos encontros, dos abraços e sorrisos pessoais, pelas mensagens de WhatsApp, Facebook, Instagram etc., e a valorização excessiva em ‘ter’ e não em ‘ser’, onde vemos pessoas para as quais não há limite para a ganância, não tendo importância quantas vidas possam se perder desde que venham a ter cada vez mais dinheiro e poder. Junta-se a estas questões, as palavras de ódio que crescem assustadoramente nas redes sociais, sejam por racismo, intolerância política, religiosa, diversidade sexual, ou gênero, colaborando para aumentar um vazio

existencial que pode levar à depressão, e ao suicídio. Em contra partida, aumenta a procura pela pertença a uma religião. O interessante é que essa demanda não parece modificar o quadro acima, principalmente em relação à “diversidade sexual, e gênero”. Ao contrário, em nome de Deus, discrimina-se, ofende-se x diferente, e mata-se as pessoas LGBTI+. Tratadas como abomináveis, demoníacas, elas são agredidas de tantas maneiras, que, muitas vezes, chegam a adoecer, não por pertencerem ao grupo LGBTI+, mas pelas violências sofridas. Neste artigo, vamos refletir a diferença entre religião e espiritualidade; mostrar o que é, e como age uma religião fechada em si mesma; e uma religião com a espiritualidade voltada ao Outro. Em relação à religião cristã, seja católica, protestante ou evangélica, se o modelo a seguir é Jesus Cristo, precisa-se olhar para Ele, para se aprender sobre acolhimento, misericórdia e inclusão. Para essa reflexão traremos o pensamento de Karl Rahner e Alfonso Garcia Rúbio sobre as dimensões do ser humano e o homem integrado, e a espiritualidade voltada para as pessoas LGBTI+, por Luis Correa Lima, James Martin, e o Papa Francisco.

### **13. Religiografia do debate epistemológico das Ciências da Religião a partir da contribuição feminina – estado da arte das pesquisas das docentes dos Programas de Pós-graduação em Ciências da Religião no Brasil**

Maurílio Ribeiro da Silva

Desde os primórdios da institucionalização das Ciências da Religião no Brasil até a emancipação da área 44 junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pesquisas, publicações e debates têm sido promovidos com o intuito de estabelecer bases epistemológicas e metodológicas na definição do perfil da área. Nesse sentido, a publicação do Compêndio de Ciência da Religião, no ano de 2013, pode ser considerada um marco epistemológico, um norteador dos estudos científicos da religião. Dentre os vários esforços empreendidos, faz-se necessário reconhecer o valor das pesquisadoras docentes, que sob determinadas singularidades ligadas ao universo de compreensão feminina, contribuíram para os estudos do fenômeno religioso. Antônio Gouveia de Mendonça, um dos pioneiros da institucionalização da área no Brasil, ressaltou a importância e a influência que pesquisadoras como Beatriz Muniz de Souza, da PUC SP, e Maria Isaura Pereira de Queiroz, da USP, tiveram para os estudos do fenômeno religioso. Também é importante ressaltar a participação feminina na construção do Compêndio de Ciência da Religião, onde onze pesquisadoras (21,15% do total de pesquisadores) contribuíram efetivamente com suas pesquisas. Esta comunicação analisa os aspectos religiográficos (qualitativos/quantitativos e estado da arte) da contribuição das docentes dos Programas de Pós-graduação stricto sensu em Ciências da Religião no Brasil para o debate epistemológico da área. Após análise da produção acadêmica das docentes dos 12 Programas de Pós-graduação stricto sensu na plataforma Lattes, a partir do critério da presença de palavras-chave ligadas aos aspectos epistemológicos nos títulos das pesquisas, foram selecionadas sete pesquisadoras e dez pesquisas. Essas pesquisas serão submetidas a análise religiográfica visando elencar relações estatísticas na produção acadêmica.

### **14. “O poder normatizador da religião” ainda não venceu! Perante o ordenamento jurídico agora somos famílias LGBTI+**

Miriam Laboissiere de Carvalho Ferreira

Desde maio de 2011, o Superior Tribunal Federal – STF, por unanimidade reconheceu as famílias formadas por casais homoafetivos como entidade

familiar, com base nas relações de afetividade independente da formação dos casais e de suas orientações sexuais, pois estas uniões sempre existiram. Ou seja, o papel do STF, como um elemento garantidor de direitos ao estender os mesmos direitos reservados aos casais heterossexuais para os casais homoafetivos. O presente artigo propõe a partir de traços iniciais de uma pesquisa em andamento sobre família homoafetiva, perceber o poder regulador da religião ante a composição destes modelos de famílias (em especial as de matriz judaico-cristã), que fogem da ortodoxia normativa e requerem para si a afirmação de serem família. Estas famílias homoafetivas desvincula-se do conceito de família nuclear (homem/mulher/filhos/as) como único conceito, pois na atualidade não há mais uma normatização e ou padronização que determine como deve ser um arranjo familiar, embora a religião ainda seja um marcador influente na composição tradicional de família nuclear. Sendo que, o próprio Direito reconhece como marcador, os laços afetivos entre os membros de uma família, seja qual for sua composição, heterossexuais, homossexuais, transexuais (LGBTI+). No entanto, há outras possibilidades de leituras quanto a religião e uniões homoafetivas, como exemplo, a Igreja Anglicana que tem acolhimento ao segmento LGBTI+ e também celebra casamentos de casais homoafetivos. Uma igreja aberta a transformações e discussões sobre as necessidades do coletivo LGBTI+.

#### **15. Monasticismo budista: reavivamento das comunidades femininas**

Nirvana de Oliveira Moraes Galvão de França

O budismo é uma das grandes religiões mundiais, possuindo cerca de 500 milhões de seguidores no mundo e aproximadamente 245 mil no Brasil, segundo o Censo de 2010. As mulheres correspondem à maioria dos praticantes budistas no mundo, porém, elas não alcançam as posições mais elevadas na religião Professoras da doutrina. Às mulheres restam as posições administrativas. No caso das monjas budistas, estas recebem menos instruções que os homens e, paradoxalmente, argumenta-se que a falta de preparo é a causa para não atingirem os graus de professoras. Assim, a falta de investimento na formação das monjas as impede de atingir renome, e a falta de renome reduz os investimentos no monasticismo feminino. Este ciclo vicioso resultou no desaparecimento de linhagens femininas em algumas tradições. Não é possível negar que a ausência de modelos femininos de inspiração limita as mulheres. Contudo atualmente existe um movimento de reavivamento do monasticismo feminino. O objetivo da presente comunicação é apresentar o trabalho recente de organizações monásticas pelo reestabelecimento das comunidades femininas budistas.

#### **16. “E o paraíso está aos pés das mães”: O papel da mulher muçulmana xiita na transmissão, construção e manutenção da identidade religiosa e política (um estudo de caso)**

Patrícia Simone do Prado

Importante instituição, a família é uma das bases da sociedade na visão islâmica. Constituída a partir da união entre um homem muçulmano e uma mulher muçulmana ou seguidora do Livro – cristã e/ou judia – o casamento ocupa um lugar de importância tamanha, sendo considerado como o cumprimento de metade da religião. Na constituição de uma família muçulmana o papel da mulher, como mãe, toma o aspecto de base, pois sob essa cabe a tarefa de educar e preparar uma geração dentro dos aspectos religiosos e sociais. Entre esses aspectos estão os relacionados a compreensão e vivência do jihad e do martírio Apesar do homem ter o papel de provedor e guardião da tradição, ao ser aquele

pelo qual o nome da família e da religião perpetuará, é a mulher que fará o papel de transmissora dessa tradição conferindo-lhe assim, um grande valor tanto na família quanto na sociedade. No caso do xiismo, que é a vertente que analiso nessa pesquisa, o valor da mulher é destacado em exemplos como o de Fátima, a filha do Profeta Muhammad e a mãe dos Imames. A importância da mulher no Islã e especificamente no xiismo, pode ser vista, também, no aspecto político e um dos grandes exemplos está na sua atuação no que tange ao combate. Dentro das prerrogativas da tradição a mulher não atua na linha de frente em um combate armado; seu combate se dá no cotidiano através da educação dos filhos dentro dos valores da tradição, da vivência da religião, da continuidade, mesmo quando em meio a dor e a morte dos seus, prepara geração após geração para o martírio e o jihad. Das histórias descritas nos textos Sagrados à vida cotidiana vê-se a importância da mulher no ensino e transmissão dos valores da religião, bem como na vivência política, que se dá através do discurso audível- via ensino- ou silencioso de seus corpos que trazem o discurso político de forma contundente a se manifestar no vestir e no agir piedoso, criando assim significado social através de seus corpos sociais. Pensando sobre essas questões que perpassam a construção da família muçulmana, o objetivo desta comunicação é discutir o papel da mulher na construção da identidade política e religiosa, entre os muçulmanos xiitas. A partir de uma pesquisa de campo junto aos familiares dos combatentes da resistência islâmica Hezbollah no Líbano, essa comunicação abordará uma das instituições de longa formação pesquisada, a saber, a família. Para tanto, utilizou-se da metodologia fundamentada nos dados (Grounded Theory) em uma pesquisa etnográfica que contou, além da observação participante, de entrevistas semiestruturadas com familiares de combatentes e mártires da resistência islâmica Hezbollah. Entre os resultados encontrados pontua-se a importância da mulher na transmissão e manutenção da identidade política e religiosa, bem como a perpetuação de valores como o do martírio e ações como a da resistência.

### **17. Assimetria feminina na Igreja Católica: a visão dos pontífices a partir do modelo de Maria**

Perla Cabral Duarte Doneda

O presente trabalho é resultado da pesquisa sobre os documentos pontifícios do Papa João Paulo II acerca das mulheres. Foram analisados os seguintes documentos: Exortação Apostólica Familiares Consortio, de 1981; Carta Encíclica Redemptoris Mater, de 1987; Carta Apostólica Mulieris Dignitatem, datada de 1988; Carta Apostólica Ordinatio Sacerdotalis, de 1994; Carta Às Famílias, do ano de 1994; Carta Às Mulheres, de 1995 e, por último, a Carta aos bispos da Igreja Católica sobre a Colaboração do homem e da mulher na Igreja e no mundo, do ano de 2004. Para sustentação teórica nos respaldamos em Ivone Gebara, Elina Vuola, Suely Kofes, dentre outras. Segundo a Igreja, o modelo de feminilidade é Maria, a serva obediente, perfeita aos olhos de Deus e, por isso, todas as mulheres devem segui-la, mesmo que isso implique uma unilateralidade. Desta forma, o discurso religioso cristão católico a partir da sua visão sobre a vocação e a dignidade da mulher subsiste, graças ao caráter de serva obediente. É sob o jugo da servidão e da obediência feminina que a preservação dos papéis entre homens e mulheres é estabelecida de acordo com a visão da Igreja, seja nos espaços públicos ou privados. Logo, a estrutura social, política, econômica, religiosa e cultural é fortalecida pelas afirmações encontradas nos documentos, demonstrando que a linguagem teológica tem uma força simbólica impactante que submete, domina e mantém o sistema

hierárquico patriarcal de poder. No pontificado de Bento XVI constatamos que não foi elaborado qualquer documento destinado às mulheres, indicando em seu silêncio a continuidade da perspectiva de seu antecessor. O papa Francisco também não elaborou documentos específicos sobre/para as mulheres, mas analisamos a Exortação Apostólica Amores Laetitia e Evangelii Gaudium, que não nos oferecem um resultado diferente quando pensamos em mudanças concretas no olhar da Igreja em relação às mulheres.

## **18. Saúde mental em mulheres evangélicas no Estado do Rio de Janeiro**

Rebecca Ferreira Lobo Andrade Maciel

Mais de 92% da população brasileira é religiosa e, desses, 23,4% são evangélicos, segundo o IBGE de 2010. Dentro das igrejas evangélicas, 57% são mulheres. Hoje, alguns autores, como Ronaldo Almeida (2006), supõem que o número de evangélicos deve aumentar. No caso do Rio de Janeiro, este número é agravado devido à história de nosso estado com essa Religião. Pensando nesta realidade, desejamos construir um grupo psicoterapêutico voltado para mulheres evangélicas, respeitando suas culturas, linguagens e espiritualidades. Assim, temos como objetivo entender o contexto de mulheres evangélicas no Brasil e, particularmente, no Rio de Janeiro; desenvolver teoricamente a Psicologia Social Comunitária e a Psicologia Cultural a partir do cuidado com a mulher; mapear o acesso à saúde mental no estado do Rio de Janeiro e a redes de Psicologia Social Comunitária e apear necessidades desta população a partir de grupos focais. A fim de debater, propomos analisar alguns parâmetros que auxiliam nossa pesquisa: Psicologia Social Comunitária, Gênero e Religião. Queremos mapear o contexto de acesso à saúde pelas mulheres evangélicas, as ações de Psicologia Social Comunitária no Rio de Janeiro e os materiais que possam fazer intercessões entre esses dois pontos, a fim de construirmos grupos focais que alcancem e possam realmente disputar validade psicoterápica entre essas populações. Desse modo, consideramos o recorte religioso para acessar esse público e pensamos possibilidades de tratamento que englobe sua cultura e linguagem. A metodologia realizada se baseará em grupos focais psicoterápicos de até 10 mulheres, os quais terão como aporte teórico a Psicologia Social Comunitária e referências de análise de pesquisas que relacionem o tema de Gênero-Religião-Psicoterapia. A Psicologia Social Comunitária, todavia, nos conduz a um levantamento de necessidades da população e, ao lado desse público, à produção de metodologias, com base na ética solidária e nos direitos humanos. Com isso, podemos constituir procedimentos práticos, que tragam as demandas sociais e nossas possibilidades, dentro dos limites éticos. Por serem já parte de comunidades religiosas e, em alguns casos, de sociedades femininas, um dos desejos é potencializar estes espaços para serem ambientes de suporte e futuras ações em favor do acesso à saúde delas. O psicólogo, nesse local, serve como agenciador, apoiador, nunca uma liderança e condutor das demandas. Ele trabalha com a linguagem e as representações do meio religioso, a fim de se encontrar com a potência daquelas mulheres. Isso pode ser feito por meio de filmes, trechos de livros, músicas, conversas e métodos por meio dos quais essas mulheres possam se expressar. Assim, desejamos ter por resultados um processo de construção de grupos psicoterapêuticos organizados por estas mesmas mulheres, pautando demandas próprias e autogestionadas.

## **19. A teologia que brota da experiência do corpo de mulher: Uma desobediente narrativa**

Sandra Duarte de Souza

A experiência corporal cotidiana de ser mulher em uma sociedade patriarcal lança questionamentos à assepsia da tradição teológica, que se nega a se deixar afetar pela vida, pela vida de mulheres de distintas idades, etnias, sexualidades e classes sociais. A experiência corporal das mulheres evidencia a provisoriedade e a ambiguidade dos saberes, provocando o temor da suposta solidez da episteme moderna. A experiência corporal das mulheres questiona a forma generificada como as instituições religiosas produzem e reproduzem o conhecimento religioso, se organizam e distribuem o trabalho religioso. Falar dessa experiência é revelar narrativas em disputa, questionando assim a hegemonia da narrativa cristã sobre as mulheres. As teologias feministas teologizam a partir do dia a dia das mulheres. Elas produzem conhecimento teológico a partir das dores, das lágrimas e dos sorrisos cotidianos que fazem a existência ser sentida em sua intensidade. As teologias feministas rechaçam a abordagem teológica patriarcal que culpabiliza as mulheres, que não as reconhece como sujeitos. Elas inquiram a teologia dominante denunciando sua abordagem desconexa da realidade daquelas que compõem a maioria do contingente cristão no mundo. Elas questionam a suposta “indiscutibilidade” da teologia, interpelando a Igreja em sua indiferença com as mulheres. A teologia tradicional tem abordado o tema dos direitos reprodutivos das mulheres sem levar em conta as próprias mulheres, tutelando-as até mesmo em sua decisão de ter ou não ter filhos e filhas. Na presente comunicação nos propomos a apresentar um estudo de caso que explicita a “teologização” da vida por uma mulher que passou pela experiência do aborto. Flor é mulher que se fala situada como mulher, parda, evangélica que abortou. Por meio da história oral, coletamos ricos fragmentos da trajetória de Flor, que contestou as ideias dominantes em seu meio religioso de que as mulheres “devem” obedecer aos seus maridos e de que “devem” ter quantos filhos ou filhas Deus lhes enviar. Ela contestou também a representação teológica que prevalece em sua igreja de Deus como um Deus punitivo. Na desobediência e na contestação, Flor foi construindo um saber sobre um Deus que entende por que as mulheres tecem estratégias para se esquivar de fazer sexo com o marido, por que elas não contam tudo e por que elas abortam.

## **20. Percepções sobre as homossexualidades e transexualidades e a produção sociorreligiosa DA LGBTIQfobia: o que a religião tem a ver com isso?**

Tainah Biela Dias

A presente comunicação tem como objetivo analisar a forma como são produzidos discursos conservadores em relação às sexualidades e identidades de gênero que não se conformam aos padrões cisheteronormativos, sobretudo aqueles que se fundamentam em argumentos religiosos e que são veiculados por lideranças político-religiosas. Sabemos que, no cenário brasileiro atual, a LGBTIQfobia é ainda um desafio a ser vencido, e sua superação é obstaculizada por investidas de setores religiosos conservadores que também ocupam espaço privilegiado no campo político, seja no Poder Legislativo ou, mais recentemente, no Poder Executivo por meio da eleição do candidato Jair Bolsonaro do Partido Social Liberal (PSL) à Presidência da República. Considerando os elementos

apontados acima, nos atentaremos para a produção discursiva que se utiliza de termos como “pecado”, “abominação”, “antinatureza”, e outros constantemente acionados nos campos religioso e político como forma de justificar a LGBTIQfobia, de negar a ampliação de direitos a esta população e de exercer mecanismos de controle, punição e “correção” de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Demonstraremos, também, como essas fundamentações religiosas baseiam-se em representações de gênero tradicionais que atribuem papéis fixos e imutáveis a homens e mulheres, papéis estes que passam, necessariamente, por construções socioculturais cisheteronormativas. A metodologia empregada para a realização das propostas de análise acima referidas foi bibliográfica e documental, apoiada em livros e artigos científicos que versam sobre as temáticas a serem analisadas. Além disso, recorreremos a materiais disponíveis online, como vídeos disponibilizados no YouTube, Projetos de Lei disponíveis nos sites da Câmara dos Deputados e Senado Federal, que nos auxiliaram na compreensão de como se tecem discursos conservadores sobre sexualidades e identidades de gênero não-paradigmáticas. Em tempos de recrudescimento dos conservadorismos, inclusive aqueles de cunho religioso, pensamos ser necessária a análise crítica de discursos que alimentam atitudes violentas relacionadas a gênero e sexualidade, assim como é imprescindível a produção de contra-discursos que tenham como finalidade fomentar uma cultura de tolerância, de garantia de direitos e de afirmação das diferenças.

## **21. A juventude negra evangélica: enfrentando o racismo e as desigualdades de gênero**

Valdenice José Raimundo

A juventude negra evangélica tem despertado para diversas questões que, historicamente, foram apresentadas de forma nebulosa ou negadas. Dentre essas questões, destacam-se o racismo e as desigualdades de gênero. Entendemos que o racismo é estrutural e atua perversamente sobre os corpos de homens e mulheres. Deste modo, defendemos a existência de uma intersecção entre raça e gênero. A partir do exposto, os objetivos deste trabalho são: Apresentar a experiência da Pastoral da Negritude Rosa Parks no enfrentamento ao racismo no interior da igreja e no seu entorno; resgatar a partir da experiência de enfrentamento ao racismo a relação com as desigualdades de gênero e compreender a contribuição da teologia feminista negra para a atuação da pastoral. A pastoral atua na Igreja Batista em Coqueiral e no seu entorno, na cidade do Recife – PE. O caminho para alcançar os objetivos traçados é o acompanhamento das atividades da pastoral que ocorrem através de reuniões, encontros de formação política e oração. É visível a partir das ações da pastoral o envolvimento da juventude e o reconhecimento do racismo nas diversas práticas eclesiais, que vão desde a negação do (a) negro (a) nos textos bíblicos, até sua participação em cargos que os/as coloquem em evidência. Concluímos que uma das estratégias de enfrentamento ao racismo e as desigualdades de gênero seria a apropriação de uma perspectiva teológica que renovasse o olhar sobre os textos bíblicos, bem como desafiasse a igreja a novas práticas, livres da reprodução de opressões e desigualdades. Essa perspectiva teológica pode ser a teologia feminista negra, uma vez que essa questiona e desconstrói as bases do patriarcado que se apresenta branco e masculino, contribuindo com a reprodução e manutenção do racismo, sexismo no interior das igrejas.

## GT 05 - PESQUISA BÍBLICA

### TRADUÇÃO

#### 1. Órfãos de BibleWorks! E agora... como escrever hebraico?

Cássio Murilo Dias da Silva

A descontinuação do programa BibleWorks, na versão 10, não encerrou apenas o ciclo do mais popular e bem-sucedido programa de pesquisa bíblica para a plataforma Windows (e também Mac); encerrou também o ciclo das fontes mais usadas por biblistas e editoras para escrever grego e hebraico em um elaborador de textos. A grande praticidade da fonte BWHEBB e suas correlatas era o uso praticamente intuitivo do teclado latino (português / inglês). A partir da versão 7 do BibleWorks, era possível optar entre exportar palavras ou frases em formato Unicode ou se preferia manter as fontes nativas do BibleWorks. Assim, gradativamente as fontes nativas do BibleWorks foram se tornando obsoletas e o caminho natural foi usar os glifos das fontes nativas do Windows (Times New Roman, Arial etc.) para o grego e o hebraico. Tal mudança de padrão tem a vantagem de não exigir a instalação de nenhuma fonte extra: para escrever grego ou hebraico, basta selecionar os teclados disponíveis para essas línguas no sistema operativo. Não obstante, esta solução traz a desvantagem de o mapa dos caracteres não corresponder mais ao que os usuários da fonte nativa BWHEBB estavam acostumados. Esta comunicação é de tipo instrumental e ensina como configurar um teclado alternativo para inserir diretamente palavras e frases em hebraico em um texto científico, sem a necessidade de visualizar o teclado virtual do Windows nem copiar cada palavra de um texto hebraico disponível em um programa bíblico (BibleWorks, Accordance, TheWord, Biblearc etc.) para colar no texto em elaboração.

#### 2. A nova tradução da Bíblia da CNBB

Johan Konings

Em novembro de 2018 foi lançada uma nova tradução da Bíblia da CNBB, com o subtítulo “Tradução oficial”, por causa de sua destinação para textos oficiais da CNBB, inclusive os livros litúrgicos. No início de 2019 já saiu uma segunda edição, com certo número de correções. Objetivos: Pretendo apresentar esta tradução ao público científico para mostrar seu fundamento científico, sua posição no mundo das traduções bíblicas e suas possibilidades de utilização. Concomitantemente pretendo mostrar algumas peculiaridades de ordem linguística, metodológica e mesmo teológica inerentes a esse afazer. Método: Depois de uma apresentação geral dedicarei um momento à questão do tipo de tradução e de linguagem desta tradução, em função do público alvo e da entidade promotora. Isso permitirá situar esta tradução no mundo das traduções bíblicas no Brasil. Em seguida mostrarei alguns exemplos, em comparação com outras traduções, especialmente de textos exegética ou estilisticamente problemáticos. Uma questão especial a ser tratada é a possível cientificidade de uma tradução baseada nos textos originais hebraicos e gregos, porém regida pelas interpretações subjacentes à Nova Vulgata produzida como tradução oficial da Igreja Católica de rito latino depois do Concílio Vaticano II. Será também uma oportunidade para mostrar o progresso científico da Nova Vulgata em relação à tradicional Vulgata de São Jerônimo. Como acréscimo, e para satisfazer a curiosidade que certamente existirá, apresentarei alguns pormenores, inclusive de caráter anedótico, em relação com o processo de produção. Resultados: Espero assim contribuir para que esta edição encontre sua justa



avaliação entre as traduções bíblicas no Brasil, levando em consideração sua finalidade específica. Conclusão: Conclui-se que uma tradução bíblica com nítido caráter confessional deve respeitar as exigências científicas da tradução bíblica em geral e, mais do que isso, contribuir para o progresso e o aperfeiçoamento deste afazer literário e teológico.

### **3. Tradução da Bíblia, doutrinas e violência**

Luiz José Dietrich

A tradução é uma intermediação. A tradução de qualquer expressão, seja falada ou escrita, é sempre um processo bastante exigente. Porém, em se tratando da tradução de textos sagrados, considerados “Palavra de Deus”, essa intermediação torna-se ainda mais tensa e a complexidade alcança contornos extremamente acentuados. Além dos desafios inerentes relacionadas a um competente conhecimento do campo gramatical, semântico e cultural tanto da língua de origem como da língua do destino da tradução, a tradução bíblica acrescenta um conjunto de complicadores advindos das peculiaridades que fazem da Bíblia um livro diferente de todos os outros livros. Todas essas características já por si justificam uma abordagem específica da tradução no campo acadêmico, que ainda é muito rara no Brasil. O processo de tradução da Bíblia é atualmente também impactado pelas recentes mudanças na forma de realizar os estudos arqueológicos no mundo da Bíblia. Estes acarretam muitas transformações no modo de compreender a história de Israel, a história da Bíblia e a história de muitas de suas teologias e instituições (FINKELSTEIN e SILBERMANN, 2003; SILVA, 2003; LIVERANI, 2008; KAEFER, 2015.). Isto nos desafia a reler quase tudo o que se pensava saber sobre as teologias do antigo Israel e suas instituições. Urge reconfigurar nosso modo de compreender a religião de Israel, considerando um complexo percurso que vai do politeísmo, com uma grande diversidade Deuses e Deusas, locais de culto, famílias sacerdotais, liturgias, imagens, etc., para um monoteísmo anicônico (REIMER, 2012), centralizado em Jerusalém como único local de culto, controlada por uma família sacerdotal e com um código litúrgico único. Esta comunicação vincula-se ao projeto de pesquisa “Monoteísmo, Diversidades e Direitos Humanos”, que aborda as violências embutidas no processo de instituição do monoteísmo. Violências que, inscritas no texto bíblico e descritas como vontade de Deus, influenciaram teologias e espiritualidades, estruturaram-se em doutrinas e padrões morais, nos quais se admite e se estimulam pensamentos e atitudes discriminatórias, preconceituosas e, não raro, violentas. Tudo isso se vincula com a tradução, na medida em que as teologias e doutrinas do tradutor, ou do grupo de tradutores, se imiscui na tradução, resultando em textos que reforçam estas doutrinas e por consequência, as práticas intolerantes e de desrespeito aos direitos humanos relacionados com as diversidades, especialmente as diversidades religiosas e de gênero. Especificamente esta comunicação discutirá as traduções das palavras Terafim, Asherá, Quedeshah e Elohim e a partir disso buscará demonstrar quão fundamental e importante é o estudo e o ensino das línguas bíblicas bem como as reflexões sobre as traduções bíblicas que possuímos. Se faz urgente uma discussão sobre as teorias que orientam as traduções na atualidade. Todas, teorias e traduções, têm suas virtudes, mas também todas têm pontos em que precisam melhorar diante dos novos conhecimentos da história, da arqueologia e da religião do mundo bíblico e também do avanço de nossa consciência do outro, da outra em nossa sociedade.

#### **4. A solidariedade que nasce da escuta às escrituras: Uma Leitura Pragmático-Linguística da Parábola do Homem Rico e o Pobre Lázaro (Lc 16,19-31)**

Benedito Antônio Bueno de Almeida

Para a análise literário-exegética de Lc 16, 19-31 a metodologia adotada será de uma abordagem sincrônica numa perspectiva pragmática comunicativa, tomando texto no seu estado final. Após situar o co-texto em seu contexto literário na obra lucana, segue-se a análise sintática e semântica. O último passo consiste na análise pragmática (pragma = ação, fato, realidade). Esta metodologia parte do pressuposto que o texto constrói o leitor, pois o no ato de escrever o autor bíblico concebe seu o leitor. Desta forma, o texto veicula um sistema de valores e um código cultural que influenciam o leitor, o que exige o seu esforço interpretativo: se o leitor constrói o texto, também o texto constrói o leitor. A parábola Lc 16,19-31, está situada na seção central do terceiro Evangelho durante a caminhada de Jesus com seus discípulos para Jerusalém. As parábolas lucanas possuem uma unidade de motes teológicos sobre três importantes aspectos da vida cristã: A relação de amor e perdão para com o próximo; A relação com o adequado uso dos bens materiais; A relação com Deus através da oração e arrependimento. A Parábola do homem rico e do pobre Lázaro está relacionado com o segundo mote. Lucas em suas narrativas parabólicas parece muito interessado em adotar um forte senso de vida cristã fundamentada na mesma radicalidade que Jesus requer de seus discípulos a caminho de Jerusalém.

#### **5. Liturgia de Esperança: Oráculo de Salvação de Is 43.1-7**

Gustavo Schmitt

O período do exílio babilônico foi marcado por uma grande ruptura na vida dos israelitas, imersos em uma outra cultura e religiosidade, permaneceram “anestesiados”. A vida, com todas as suas facetas e estruturas sólidas, foi perdida. O templo de Jerusalém, o lugar do culto sacrificial fora destruído. Restaram lembranças, as quais eram passadas de geração em geração. E os israelitas suportaram a dura dor do exílio. Na última década do exílio, temos a atuação profeta anônimo que denominamos de Dêutero-Isaías (designação dada pela pesquisa bíblica). Tal profeta anônimo provocou um fenômeno impressionante entre os exilados: a anestesia foi deixada de lado e houve lugar para a esperança. Dentre as diversas formas de comunicar a sua mensagem de consolo e esperança, o Dêutero-Isaías se utiliza de gêneros textuais muito importantes. O presente artigo tratará sobre os oráculos de salvação do Dêutero-Isaías. O culto alternativo do período exílico é fundamental para a compreensão dos oráculos de salvação. Para isso, o oráculo de Is 43.1-7 é analisado a partir do método histórico-crítico. Há muitos conteúdos importantes para a redescoberta da esperança como força propulsora para a fé em YHWH. No oráculo encontram-se diversas formulações típicas dos Dêutero-Isaías, as quais buscavam consolar e dar esperança para aquelas pessoas que se encontravam no exílio. Portanto, o oráculo de salvação consistia na resposta de YHWH para as angústias daquelas pessoas que se encontravam exiladas, provocando uma força regeneradora da fé, a qual pode ser traduzida por “esperança”. As experiências de dor e perda se transmutam para os desígnios que YHWH tinha para o seu povo.

## **6. Oráculos salvíficos de Zc 8,1-8 e sua leitura a partir de Zc 7,4-14**

Jane Maria Furghestti Lima

A produção acadêmica sobre o livro de Zacarias ainda é pouca no Brasil. A presente comunicação é uma colaboração para os estudos nesta área. Esta comunicação consiste em um extrato da tese de doutoramento da autora, e tem como objetivo principal estudar a salvação em Zc 8,1-8, apresentando uma nova compreensão desta unidade a partir de Zc 7,4-14. Embora ambas as unidades (Zc 8,1-8 e Zc 7,4-14), de imediato, possam sugerir uma relação de oposição, existe um sentido temático, que justifica a sequência destas. A compreensão conjunta das unidades permite revelar um nexo temático-teológico, que comprova a dinâmica da salvação e da repreensão de YHWH em face do comportamento de seu povo. A análise das unidades textuais seguiu os passos do Método Histórico Crítico, conjugando-os com a análise sincrônica dos textos em sua forma final e canônica. Zc 8,1-8 e Zc 7,4-14, quando estudadas em sequência, demonstram um sentido teológico percebido na ação divina diante da resposta da geração dos antepassados e da comunidade atual do profeta, que parece repetir o comportamento da geração passada. YHWH reprovou a geração passada por seu comportamento obstinado e inflexível (Zc 7,4-14). Por sua vez, ele conduzirá novos grupos de exilados, de volta para a sua terra, que formarão o novo povo de Deus, por meio de um comportamento obediente às suas palavras e pela fidelidade aos seus ensinamentos (Zc 8,1-8).

## **7. A contemplação do criador na grandeza e beleza das criaturas: Sb 13,5 no contexto da *Laudato Si* 12**

Fabio da Silveira Siqueira

Na Introdução da Encíclica *Laudato Si*, “Sobre o Cuidado da Casa Comum”, de 2015, o Papa Francisco, mais especificamente nos nn. 10-12, evoca a figura de São Francisco como um “modelo belo e motivador” e como “exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral” (LS 10). De modo particular, no n. 12, ao falar da fidelidade de São Francisco à Sagrada Escritura, o Papa evoca dois textos, um do Novo e outro do Primeiro Testamento, que apontam para o tema da contemplação do Criador na grandeza e beleza de suas criaturas. Do Primeiro Testamento, o Papa toma o texto de Sb 13,5, que se encontra na perícopes de Sb 13,1-9 e que trata do tema da “ vaidade” ou “estultícia”.<sup>1</sup> Embora tal perícopes traduza a crítica do autor sagrado à vã idolatria das criaturas em lugar do Criador, o v. 5 enuncia um princípio positivo, aquele da “analogia” ou “proporção” (ἀνάλογος) pelo qual, através da contemplação das criaturas, pode-se chegar à contemplação do próprio Criador (γενεσιουργός). O objetivo de tal comunicação é apresentar uma breve exegese do texto de Sb 13,1-9, detendo-se, de modo particular, no v. 5 e seu sentido no contexto da Encíclica *Laudato Si*. Para realizar tal empresa, aplicar-se-á ao texto algumas etapas do Método Histórico-Crítico, sem deixar de se considerar, também, aspectos relevantes da chamada “Leitura Canônica” do texto bíblico. Pretende-se, assim, demonstrar como é possível fundamentar bíblicamente o tema da ecologia e como uma abertura ao sentido pleno das Sagradas Letras pode conduzir o ser humano a uma maior responsabilidade no que diz respeito ao cuidado da Casa Comum.

## **8. “Já não há trono, ó filha dos caldeus”: sátira profética em Isaías 47**

Lucas Alamino Iglesias Martins

Por atuarem como representantes divinos diante de reis e povos, os profetas frequentemente descreditavam políticos, representantes religiosos, e impérios.

Oficiais e aliados muitas vezes procuravam minar a legitimidade de um profeta a fim de conter o estrago provocado à sua autoridade política. Embora fossem tentados a se esgueirar dessa tarefa subversiva e optar por discursos favoráveis que afagassem os desejos tanto das nações como de seus líderes, a essência da tarefa do profeta bíblico estava diretamente vinculada à construção de uma “consciência alternativa”. Sua missão consistia em estimular, nutrir e suscitar uma percepção alternativa à consciência dominante. Em outras palavras, adotar outra perspectiva que não a comum. A impopularidade profética estava associada às acusações que saíam de sua boca. Essas acusações, firmes e violentas, provocavam vergonha aos alvos de seus ataques. A sátira era uma das principais estratégias retóricas por meio do qual os profetas apresentavam suas repreensões e críticas à mentalidade imperialista. Em Isaías 47, por exemplo, encontramos um ataque satírico à Babilônia. Servindo-se do ponto de vista da Babilônia, o texto manipula e critica a perspectiva do império em relação a si mesmo e aos povos vizinhos. Por meio de imperativos sarcásticos, escárnios, citações explícitas e imagens grotescas e humilhantes relacionadas ao sistema de valores do alvo, evidencia-se a ironia na cegueira da auto percepção Babilônica. Adotando o método de análise retórica, esse artigo visa explorar sincronicamente os elementos literários que criam a atmosfera satírica do ataque no texto de Isaías em sua forma final. Salientando uma auto percepção estreita por parte da Babilônia, o texto constrói um discurso com efeitos retóricos veementes para, em seguida, romper com essa visão.

## **9. Quarto evangelho e as expulsões das sinagogas: violência em nome de Deus em João 16.2**

Cleverton Duarte Epormucena

Violência e Bíblia Sagrada são dois termos totalmente distintos e ao mesmo tempo têm muito em comum. Desde muito tempo as Escrituras judaico-cristãs vêm sendo utilizadas como uma ferramenta para legitimar violências religiosas e isso em nome de Deus. A partir de uma leitura extremista, muitas passagens na Bíblia têm inspirado teologias fundamentalistas, as quais perderam seu foco principal, que é a promoção da vida. O presente artigo surge a partir das observações do contexto atual, onde geralmente os índices de intolerância e violência em nome de Deus estão ligados ao texto Sagrado. A elaboração deste artigo é uma parte de minha dissertação de mestrado, com base em (Jo 16.2) tem como objetivo responder à pergunta: Quem está matando e com isso crendo estar prestando culto a Deus? A pesquisa está fundamentada no estudo do texto joanino e a investigação de revisão bibliográfica. Procurará responder e entender que tipo de Deus e que tipo de religião aceitaria matar um ser humano como parte do culto a Deus. A grande maioria das violências contidas no Texto Sagrado, geralmente tiveram intenções políticas e religiosas ligadas ao poder. As interpretações radicais do texto bíblico e de outros textos sagrados, geralmente são as causas de inúmeras guerras, preconceitos, intolerâncias e violências em nome de Deus. O presente artigo também busca trazer uma conscientização religiosa para que se faça uma leitura libertadora da Bíblia e desta forma o rosto amoroso de Javé possa ser revelado em cada coração. Espera-se que o conteúdo desta pesquisa contribua para novas reflexões e traga novas perspectivas da leitura bíblica de forma que venha a promover a vida.

## **10. O uso dos binômios discípulo/mestre e servo/senhor como estratégia comunicativa na catequese do discipulado em Mateus**

Boris A. Nef Ulloa/Jean Richard Lopes

Em Mt 10,24-25, nota-se, de forma exclusiva, uma associação entre discípulo/mestre e servo/senhor. O entrelaçamento dos referidos títulos é uma característica redacional mateana (cf. Lc 6,40; Jo 13,16). Sua localização, no meio do discurso missionário (10,5-42), expressa uma intenção comunicativa em desenvolvimento, por meio da qual é evidenciado o núcleo catequético do discipulado. Objetivos 1. Analisar a articulação estratégica e progressiva dos binômios discípulo/mestre e servo/senhor, no contexto imediato e na inteira narrativa. 2. Constatar a intenção pragmática da distribuição dos títulos, na construção do modelo do discípulo/servo a partir do mestre/senhor. Resultado: A associação dos títulos (10,24-25) é uma característica redacional mateana. Cada binômio determina um tipo de relação. Para Mateus, o entrelaçamento dos dois binômios sublinha que o discipulado autêntico se dá na assimilação da condição de servo. Aquele que não faz essa passagem, não é discípulo. Um exemplo disso é Judas, o traidor, que por sinal, por duas vezes, se dirige a Jesus como rabbi (26,25.49). Portanto, a distribuição dos títulos evidencia um percurso intencional que, desde o início do evangelho, conduz o leitor até o momento ápice do mandato missionário efetivado pelo ressuscitado (28,18-19), passando pelo serviço vivido pelo Senhor (20,28).

## **11. “Et ne inducas nos in tentationem”. A propósito da tradução de “peirasmós” em Mt 6,13**

Luís Henrique Eloy e Silva

A Vulgata tende a traduzir o substantivo peirasmós e o verbo peirazō, respectivamente, como tentatio e tentare. As traduções europeias desses termos oscilam, segundo os diversos contextos, entre as palavras tentação ou prova, no caso de peirasmós, e entre as palavras tentar ou provar, no caso de peirazō. Desde o ponto de vista teológico, tal tradução pode causar dificuldades quando se nota que o sujeito do verbo é Deus que tenta/prova ou conduz à tentação/provação. Na história da interpretação, optou-se tradicionalmente por resolver a problemática particularmente com atenção à teodiceia e à origem do mal, compreendendo o campo semântico de peirasmós como sinônimo de prova ou provação, quando ele se relaciona a Deus; e como sinônimo de tentação, quando ele se relaciona ao Diabo ou a Satanás. Recentemente, a discussão recebeu especial interesse não somente no mundo acadêmico, mas também no campo litúrgico-pastoral, com a entrevista de Papa Francisco a um canal italiano no qual ele dizia que “não é Deus quem induz à tentação, mas Satanás”. Tal intervenção do pontífice reacendeu em vários âmbitos uma positiva discussão acerca da questão, auspiciando as várias conferências episcopais a reverem sua tradução da Oração do Senhor. Objetivo da comunicação é o de identificar filologicamente e semanticamente a origem da questão nos vários contextos em que o termo aparece na Sagrada Escritura, com especial atenção a seu uso no texto do Pai-Nosso de Mateus (cf. Mt 6,13), texto adotado para o uso litúrgico, e seu paralelo lucano (Lc 11,4). Espera-se, assim, visitar a compreensão do termo peirasmós, seu campo semântico, seu sentido teológico, tendo como escopo o horizonte hermenêutico de uma tradução que possa comunicar, em fidelidade ao texto, sua mensagem de salvação.

## CIÊNCIAS BÍBLICAS: TEORIA E PRÁTICA

### 1. **A bênção sacerdotal: um estudo literário, histórica, teológico de Nm 6,22-27** Hugo Chagas Feitosa

No fim do capítulo 6 do livro de Números encontra-se um discurso direto de Deus em uma micronarrativa-poética, conhecida com Bênção Sacerdotal ou Bênção de Aarão (Nm 6,22-27). Nesta perícopes Deus se dirige a Moisés, pedindo que transmitisse a seu irmão Aarão e aos filhos dele, uma fórmula de bênção (v. 23). Em seguida, ocupando o centro e a maior parte do discurso divino, tal fórmula, configurada poeticamente, é apresentada (v. 24-26). Finalmente, o SENHOR, Deus de Israel, insiste no uso dessa fórmula de bênção, justamente para garantir que seu nome esteja presente junto aos israelitas (v. 27). Este estudo pretende apresentar os elementos estruturais linguísticos e sintáticos sobre tudo na fórmula da bênção (v. 24-26), pretende também realizar um estudo teológico da implicação da bênção na figura do sacerdote na instituição do culto no Sinai, questões históricas também são abordadas de maneira pormenorizada, e por fim, o estudo pretende dialogar sobre como esta fórmula de bênção dialoga com as realidades humanas dos tempos atuais.

### 2. **A importância devida à Palavra: um análise pragmático-linguística da parábola dos dois construtores em Lc 6,46-49** Vamberto Marinho de Arruda Junior

No fim do sermão da planície de Lucas (cap. 6, 20-49, em Mateus, é no monte, nos cap. 5-7) Jesus conta uma parábola (6,46-49 [onde o v.46 embora não faça parte em si da comparação, faz papel de cabeçalho introdutório]) acentuando a necessidade de comprometimento real com Ele demonstrado pela prática cotidiana. Nesta parábola há um enfoque divisivo na recepção da palavra de Jesus. Tendo isto em conta, pretende-se analisar a força comunicativa pragmática da perícopes a partir da sua estrutura e de seus elementos literários. Para tanto se esboçará brevemente a estrutura da análise pragmático-linguística, seguindo com a aproximação deste método com o gênero parábola enfocando o efeito pretendido sobre o leitor implícito, fazendo uso especialmente dos termos “palavra”, “ouvir”, e “praticar” nesse processo interativo. Finalizando o estudo, percebe-se um apelo do autor (real ou implícito) ao leitor implícito para um comprometimento permanente com a Palavra, vista já desde o prólogo (1,2.4) como algo que foi transmitido e ensinado a Teófilo (e aos demais leitores) e no fim como algo que é ensinado, ou realçado, pelo próprio Cristo ressurreto (24,44); esta palavra requer decisão diante de sua exposição, espera-se engajamento com o Messias - sua agenda, missão e propósitos; é uma palavra que pressupõe crença e falhar nesse ponto e não aderir ao projeto do reino de Jesus pode implicar ruína total. As parábolas em si já depreendem uma resposta por parte do ouvinte, e percebendo que a construção do hagiógrafo tende a reforçar essa proposta com um viés comunicativo previsto no evangelho inteiro, só fortalece ainda mais os ditos, relatos, ensinamentos encontrados em tal obra; tal aporte é visto em Lc 6,46-49 como um relato conectado com o todo, esperando e almejando uma resposta positiva por parte do leitor.

### 3. **Um rito de entronização em Isaías 42,1-4** José Jacinto de Ribamar Mendes Filho

O artigo visa compreender o ritual de entronização presente em Isaías 42,1-4. Tendo em vista o conceito antropológico de rito de passagem e a constatação de que o tratamento de servo eleito, o qual Deus toma pela mão, alude ao rito de

entronização, o texto se pergunta: quais são as dimensões do servo em Is 42,1-4? A partir do texto massorético, a pesquisa explora termos significativos em Isaías 42,1-4 e analisa a sua relação com passagens do Antigo Testamento (tais como Gênesis 37,35 e Joel 2,13 e entre outras). Após esse estudo semântico de termos e o apanhado conceitual e característico do servo sofredor, o presente trabalho esboçará uma reflexão teológica sobre a entronização do Messias sofredor. Sem fugir do caráter acadêmico, a pesquisa tenta focar uma leitura comunitária e cristológica do texto bíblico, compreendendo que o cântico do Servo acha-se estruturado em forma de apresentação, se tratando mais especificamente de um “oráculo de apresentação”, onde o Servo é apresentado, amparado, sustentado e revestido do espírito para proclamar perante todo o mundo o direito divino.

#### **4. Humor e violência no livro de Ester: uma análise crítica do desfecho da narrativa**

Luciano Geraldo Mateus da Silva

O livro de Ester é reconhecido por vários estudiosos como um dos livros que mais concentram humor em sua narrativa. No entanto, a função desse recurso na narrativa é entendida de maneira diversa. Para alguns, as ironias presentes no enredo criam a atmosfera perfeita para as celebrações da festa de Purim, satirizando a corte Persa com constantes reviravoltas no enredo e tendo como finalidade o riso. Por outro lado, encontramos eruditos apontando para estas mesmas características, mas com implicações diferentes. Estes, acreditam que o humor traz reflexões sérias sobre o caráter ético da história, especialmente porque percebemos várias descrições de violência no livro. A presente comunicação se baseia nessa segunda linha interpretativa, e objetiva analisar as cenas finais do livro de Ester à luz de como a violência é utilizada no contexto do humor. Para alcançar esse objetivo, esta comunicação será dividida em três partes. Em um primeiro momento, iremos descrever de que maneira o humor está presente no livro de Ester. Em seguida, iremos analisar como a violência é atrelada a característica do humor na narrativa, destacando o pedido de Ester para que os judeus lutem contra seus inimigos por um dia mais (Et 9). Por fim, à luz dessa construção, faremos uma releitura do final do livro, indicando uma conclusão subversiva da história. Através do humor, o livro de Ester questiona indiretamente a vingança como caminho para o “final feliz” para os judeus no império Persa (Et 9-10). A relação entre humor e violência no livro de Ester sugere uma revisão crítica da ética, ou moralidade de seu desfecho.

#### **5. Regava toda face da terra (Gn 2,6b) e enchei os jarros de água (Jo 2,7): interface narrativa e hermenêutica**

Junior Vasconcelos do Amaral

Esta comunicação visa a ler os verbos de ação regava e enchei, de Gn e Jo, a partir do campo semântico água. É notório que o Quarto Evangelho, que tem seu início semelhante ao início de Gn, “No princípio”, relê a história da salvação a partir da criação, tendo por inspiração Gn, em vista do Logos, pelo qual tudo foi feito. O objetivo desta pesquisa é ler Gn e Jo a partir da interface do texto e seu campo lexical abrangente, o micro-contexto das perícopes. Analisar-se-á a semântica dos lexemas regava e enchei, em relação à Criação e às Bodas. Como método, pensa-se averiguar o ato criador de Gn e o matrimonial de Jo, convite para a aliança com Cristo, no início do Quarto Evangelho. Tais análises lexicais e semânticas serão possíveis a partir da análise semiótica, os sinais no texto, bem como da análise narrativa, que permite compreender os verbos regar e encher, ambos relativos à ação com a água, criatura de Deus (G 1,9-13). Procura-se a partir da interface textual, de Gn e Jo, pensar os elementos teológicos

emergentes dos textos: 1) sentido da água para a criação de Adão, adamah e para as bodas em Caná; 2) qual o sentido das seis talhas de água em Jo e sexto dia da criação, do outro relato criacional (Gn 1), e, por fim, 3) a hermenêutica do cuidado com a água, necessária para Gn e Jo, um elemento vital também para o contexto global: um bem escasso e precioso.

## **6. Livro de Rute: a história de luta e de resistência protagonizada por duas mulheres migrantes**

Cláudia Andréa Prata Ferreira

O Livro de Rute reúne três elementos fundamentais sobre as questões sociais, as medidas socioprotetivas e uma tríplice categoria protegida por YHWH: Rute se enquadra na condição de uma mulher estrangeira, pobre e viúva. A narrativa que envolve Rute torna-se uma espécie de resgate da legislação social que objetiva restabelecer procedimentos justos para com a camada social menos favorecida. A aliança de Noemi e Rute é confirmada e assumida no cotidiano, assegurando o pão e a sobrevivência; uma história de luta e resistência a partir dos desfavorecidos.

## **7. O amor na prática em 1 João 3.16-18, uma resposta aos direitos sociais dos excluídos**

Evaldo Vicente

O presente artigo é uma parte de minha dissertação de mestrado intitulado “O amor na prática em 1 João 3.16-18, uma resposta aos direitos sociais dos excluídos”. Será desenvolvida a história da pesquisa em 1º João 3.16, e analisar-se-á especificamente em comentários bíblico, como alguns estudiosos da primeira carta Joanina interpretam a expressão “Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos”. Esta análise é feita com a palavra “dar” com o significado desta palavra como também “dispor”. O tema surge a partir das observações na comunidade religiosa onde se identificou a necessidade de transformar teorias em práticas, no que diz respeito ao socorro aos necessitados. Para tanto o objetivo específico é demonstrar que o amor teórico necessita ser expressado não somente em teorias e sim também em atitudes, desta forma o agente prático deve se dispor pelo próximo. O método utilizado neste estudo é a análise textual e a revisão de pesquisa bibliográfica. No que se refere aos resultados alcançados, com o desenvolver do estudo constatou-se que, embora a teoria seja enfática e dominante no aspecto da religião, quando aplicação no mundo material é deficiente ou praticamente inexistente, isso tanto na época de João como na atualidade. Espera-se que a presente pesquisa venha contribuir com o objetivo de conscientizar a comunidade religiosa quanto ao socorro aos necessitados.

## **8. Shalom: Da Bíblia Hebraica A Apropriação Por Uma Nova Comunidade**

Joilson de Souza Toledo

Os cristianismos têm em seus elementos discursivos o estabelecimento de fundamentação em sua literatura sagrada. A Bíblia é acessada como reforço de discurso e estabelecimento de força simbólica capaz de mobilizar a memória de grupos e sociedades. Sendo ela mesma fruto de um processo de memória do Antigo Israel. Durante séculos dentro dos cristianismos, a recepção destes textos tem se dado de forma diversa a partir das demandas, contextos e sensibilidades de comunidades, culturas e agrupamento diversos. Nas últimas décadas, as novas comunidades católicas em seu processo de nascimento, expansão, esforço de apresentação e disputa por legitimidade e proximidade com doutrina tem feito



(re) leituras dos textos sagrados a partir de uma hermenêutica próxima dos segmentos pentecostais católicos, estes grupos têm acionado a memória religiosa católica para legitimar não só suas pautas e percursos, mas também sua existência. Dentre as Novas Comunidades Católicas, o Shalom tem se destacado por usar habilidade de expansão e construir espaço político junto a hierarquia e sua busca de construir processos atrativos de evangelização para juventudes. Esta comunicação é fruto de uma pesquisa em andamento que visa reconhecer como a Comunidade Católica Shalom apropriou-se da expressão hebraica shalom, a releitura que faz do conceito em sua trajetória, uso do hebraico como recurso performático. Tomamos por base de pesquisa, os textos normativos da referida comunidade. Intentamos com isso reconhecer possibilidades da investigação e o referencial teórico que melhor se adequa à análise do processo de recepção da literatura sagrada por parte de grupos neopentecostais católicos focados na evangelização das juventudes.

## **9. Noé na tradição sacerdotal: alguns aspectos sociológicos e teológicos**

Mariosan de Sousa Marques

Ao referir-se a Noé, vem à mente espontaneamente o relato do dilúvio de Gn 6-9 onde ele é o personagem principal, construtor de uma arca por meio do qual é salva a humanidade e o mundo. Uma leitura mais atenta do texto, porém, revela que existem ao menos duas tradições que foram fundidas nessa trama narrativa de resolução com o propósito de uma conciliação nacional no pós-exílio, manifestando os fundamentos teológicos de uma relação inquebrantável entre Deus e um ancestral precedente aos patriarcas e anterior a Moisés. Se as repetições, duplicações e contradições da narrativa de Gn 6-9 evidenciam a existência de duas tradições de fundo, somente a tradição sacerdotal contém elementos de uma narrativa completa. Os textos não sacerdotais, na verdade fragmentários, são acréscimos posteriores que refletem a teologia do povo da terra ('am ha-'arets), sem elementos suficientes para compor uma história completa. De outro lado, a trama sacerdotal remonta ao retroterra dos que foram exilados e que agora, repatriados (golah) e liderados pelos sacerdotes, pretendem recompor a liderança político-religiosa da província de Judá. Embora os manuais façam uma separação entre a "história das origens" e a "história dos patriarcas", entendemos que uma justa compreensão da figura do Noé "sacerdotal" só é possível à luz e como reflexo da tradição sapiencial, profética e da tradição sacerdotal do Pentateuco. Esta comunicação se dará em três momentos: primeiro, será passado em revista as alusões a Noé e ao dilúvio na tradição antigotestamentária evidenciando a relação entre dilúvio e o desenvolvimento do perfil sacerdotal do personagem; em seguida será estabelecida a distinção entre o perfil do Noé sacerdotal e o do Noé dos fragmentos não sacerdotais em Gn 6-9; e por último, tentar-se-á ver o entrelaçamento alusivo, linguístico teológico, entre Noé, a arca da Aliança e o Templo de Salomão. Concluiremos que é impossível apreciar a complexidade do personagem Noé limitando-o ao relato sacerdotal do dilúvio em Gn 6-9, menos ainda quando se considera-o meramente como personagem mítico das "origens", descontextualizando-o da teologia profética, sapiencial e sacerdotal.

## **10. O que realmente o Senhor fez aos egípcios? A soberania e sua [i]legitimidade a partir do substrato sintomático da narrativa exodal**

Petterson Brey

Vós vistes o que fiz aos egípcios..." (Ex 19,4). Assim é introduzido o discurso do Senhor – protagonista principal da trama narrada no livro do Êxodo – ao narrador emprestar-lhe a voz para que o preâmbulo da legislação do antigo

Israel, a ser promulgada, fosse proferido por meio da proposição de uma aliança com o povo que fora libertado da opressão violenta desferida pelo Egito escravista. A partir de sua configuração retórica, este componente cênico – literariamente planejado –, conecta-se com elementos sintomáticos do enredo que tratam das relações de poder, vertidas em condutas injustas, e seu impacto direto no projeto do êxodo israelita. Propõe-se, portanto, contrastar a conduta despótica do faraó egípcio com o comportamento libertador de YHWH cognoscível através dessa retrorreferência discursiva, captando o contorno artístico empregado na composição do episódio em que esta cena se desenvolve. Por meio da abordagem literária, metodologicamente ajustada, da Análise Narrativa é possível perceber como o Senhor legitimou a sua soberania – se distinguindo dos reis humanos com suas divindades – agindo em favor do povo oprimido. Destarte, o arranjo retórico do discurso do Senhor, ao situar suas ações em relação aos egípcios como componente de sua reputação, faz dessa referência um alicerce para a proposta de fazer do povo liberto uma nação santa. Isto é, o comportamento de YHWH frente ao sistema opressor egípcio constituiu-se como paradigma para o comportamento do iminente reino de sacerdotes diante das nações do mundo. O que o Senhor, Deus de Israel, fez aos egípcios foi – mediante sua atuação poderosa em favor dos vulneráveis a sofrer opressão – libertá-los da mentalidade iníqua de Faraó, vertida em obstinada impiedade. Assim, no âmbito da trama, a cabal destruição de Faraó e seu mavórcio poder militar – engolido pelas águas do mar – representa não somente a eliminação do inimigo de Israel, mas, também, a libertação do povo egípcio de uma ideologia nefasta, que se traduzia num comportamento opressor e injusto. Portanto, quando o Senhor em seu discurso – Ex 19,4 – pede que seu povo contemple as suas ações pretéritas em relação aos egípcios, está, na verdade, fazendo um flashback muito além de promover a recordação de seu poder destruidor. O que ele está aduzindo aqui, num sentido mais profundo, é a sua intensa dedicação em erradicar a injustiça vertida em opressão violenta contra os vulneráveis.

**11. El buen samaritano: Un análisis exegético teológico de la respuesta concretizada por Jesús en su diálogo con el legista (Lc 10, 25-37), como un llamado para sernos "prójimos" a la casa común.**

P. Paul OkothAuma

Este estudio utiliza la parábola del buen samaritano como texto de iluminación para poder exponer a fondo el mandato bíblico de cuidado con la creación, o más particularmente, el cuidado con el medio ambiente. En esta parábola lucana, se ve como la compasión sin frontera del samaritano que no solo se muestra como un ejemplo positivo pero está ordenado de forma abierta por Jesús. El legista y todos que escuchan la narrativa son llamados a seguir el buen ejemplo del marginado y no de los líderes religiosos. Sin embargo, Jesús muestra, en su dialogo con el legista, conocedor de la ley de Moisés, teólogo, que su teología no era equivocado, solo su praxis que deseaba mucho más. Iniciaremos acercándonos a una figura literaria de parábola, muy empleada por los escritores de los evangelios. En segundo momento trataremos de analizar la posición de esta parábola dentro de la perícopa y en los otros sinópticos. Por último daremos algunas pistas sobre el sentido de la parábola puesta en la boca de Jesús para las comunidades cristianas de hoy en su deber de cuidar el prójimo, la casa común. El estudio observa como el cumplimiento incompasivo de la ley puede construir murallas que protegen, no de impuridad, sino de un acto de misericordia. El artículo muestra como la ley deba ser la puerta a través de la cual el ministerio puede ser ofrecido a los que están fuera y necesitados. La búsqueda resalta que el énfasis del pasaje no es el samaritano, sino el imperativo de Jesús. Las comunidades cristianas son llamadas a la acción.

## **LEITURAS LIBERTADORAS (E ANTI-IMPERIALISTAS) DA BÍBLIA**

### **1. O BATISMO DE JESUS E O BATISMO DO SÉCULO XXI**

Flávio Schmitt

Ao longo do tempo o batismo passou a desempenhar um papel cada vez mais central para a tradição cristã. Nas igrejas é compreendido como sacramento. A origem cristã do batismo remonta ao batismo de Jesus. No entanto, no judaísmo do primeiro século havia rituais semelhantes ao batismo que passou a ser praticado pelas comunidades cristãs. De acordo como testemunho bíblico, Jesus foi batizado no rio Jordão. Tanto a localização geográfica como temporal do batismo de Jesus, continuam a suscitar acaloradas discussões no ambiente acadêmico e práticas controversas no cenário eclesial. O presente texto tem o objetivo de discutir o batismo de Jesus, bem como sua fundamentação escriturística, e a prática batismal hodierna decorrente deste batismo. Tenciona o assunto a partir de dados arqueológicos e evidências da topografia física da região da Galileia. Defende a tese que milhares de pessoas estão sendo iludidas com um suposto “batismo no Jordão”, fomentado por interesses turísticos. Trata-se de um trabalho de revisão bibliográfica e de informações arqueológicas.

### **2. Porque Israel Norte e não Reino do Norte**

José Ademar Kaeffer

Nas duas últimas décadas o conhecimento sobre a história do Israel bíblico tem ampliado muito. Para isso vem contribuindo tanto o estudo literário da Bíblia, quanto o da arqueologia, em particular ao que se denomina “a nova arqueologia do Levante”. Uma das inovações é o da não existência da chamada “monarquia unida”, ainda não aceita por todos, mas suficientemente comprovada e fundamentada. Se não houve monarquia unida, também não houve dois reinos, reino do norte e reino do sul. O que houve foi o reino de Israel e o reino de Judá, assim como houve o reino de Aram, de Moab, de Edom, de Amon etc. Quando, em 722/21, a capital Samaria foi invadida pela Assíria, o reino de Israel chega ao fim.<sup>2</sup> Boa parte das tradições e da história pertencentes a Israel migra para Jerusalém de Judá, provavelmente trazida pelos migrantes fugitivos da Samaria, entre eles muitos escribas. Judá absorve e incorpora, então, as tradições de Israel em sua própria história, inclusive o nome, e se autodenomina também de “Israel”, como se ela, Judá, fosse desde sempre uma unidade com dois reinos. Mas, esta entidade nunca existiu, não passa de uma criação literária. O Israel, que convencionamos chamar de Israel Norte, para distinguir do Israel de Judá, desapareceu em 722/21. O que restou de sua memória está contido nas tradições bíblicas e nos artefatos descobertos pela arqueologia. Portanto, as expressões “reino do norte” e “reino do sul” deveriam ser extintas em nossos escritos. Apresentar e fundamentar estas conclusões, utilizando a literatura bíblica e a arqueologia, será o objetivo da presente comunicação.

### **3. Elementos socioambientais na profecia de Oséias**

Valmor da Silva

Em consonância com a temática geral do Congresso, a comunicação destaca a importância dos diversos elementos socioambientais na profecia de Oséias. A análise tem como objetivo identificar a importância dada à natureza, bem como avaliar a sua função crítica em momentos históricos do povo de Israel. Considera-se que o longo processo redacional do livro de Oséias reflete contextos de crise e apresenta propostas de superação das mesmas. No projeto

desse livro, as metáforas do meio ambiente são altamente significativas. O método aqui utilizado parte da análise dos campos semânticos relativos à natureza, agrupados por parentescos temáticos: elementos espaciais, imagens da agricultura, fenômenos da natureza, plantas e animais. Na sequência metodológica, o estudo avalia o uso literal ou metafórico desses elementos, em vista de uma crítica socioambiental. Responde, pois, ao significado que os diversos elementos da natureza adquirem na teologia de Oséias. O resultado é uma proposta de integração dos seres humanos com toda a natureza e com Deus, em vista de novas relações familiares, sociais e ambientais. Dessa análise socioambiental resultam algumas conclusões. Oséias se apresenta como uma crítica à opressão, a partir da realidade camponesa; Oséias é a expressão poética de pessoas emotivas e apaixonadas; Oséias reflete uma teologia que integra harmoniosamente natureza, ser humano e Deus; Oséias pode ser considerado um precursor do movimento ecológico. A análise dos elementos socioambientais na profecia de Oséias leva à conclusão que sua profecia possui força perene e atual, em vista de sua sensibilidade enquanto proposta ecológica.

#### **4. Violência e a desumanização dos pobres no Antigo Testamento**

Luiz Alexandre Solano Rossi

Há um tipo de violência que se destaca no Antigo Testamento. Trata-se de uma violência contra o ser humano e, mais especificamente, contra o ser humano pobre. Pretende-se apresentar algumas das principais expressões de violência utilizadas no idioma hebraico e a forma como elas atingem o sujeito pobre. A conclusão a que se chegará é que a violência contra os pobres é uma construção social, política e econômica. A violência e a injustiça surgem por mãos humanas: os poderosos tratam as pessoas pobres – que são a maioria do povo de Deus – como fontes de riqueza e trabalho não remunerado, usando coerção, suborno, desonestidade, tecnicismos legais e violência. Pretende-se, através da violência a pulverização do sujeito pobre, isto é, em risco está tanto o ser quanto o ter. Não se trata, portanto, de violência com raízes teológicas e naturais.

#### **5. Os verbos *kabash* e *radah* em Gn 1,28: uma análise comparativa com o texto de Gn 2,15**

Érica Daiane Mauri

Analisar os verbos “submeter (*kabash*)” e “dominar (*radah*)” presentes no texto de Gn 1,28 e refletir se, a partir desses verbos, é possível estabelecer uma relação de distanciamento ou proximidade com o mandato de Deus ao ser humano recém plasmado presente em Gn 2,15. E ainda, compreender se tais verbos justificam uma hermenêutica de vivência da fé judaico-cristã em consonância com os valores ecológicos.

#### **6. A teologia socioambiental do profeta Miqueias**

Jaldemir Vitório

A profecia de Miqueias esconde em suas entrelinhas uma verdadeira teologia socioambiental. O ponto de partida é uma leitura crítica da realidade à luz da fé. Além de identificar os agentes da opressão e suas vítimas (Mq 2,1-2; 3,1-3.9-11 etc.), o profeta chama a atenção para as consequências sociais do desvio de conduta dos gananciosos que acumulam bens alheios (Mq 2,1-2), mas, também, dos chefes, sacerdotes e profetas venais, movidos por uma falsa segurança religiosa (Mq 3,11; 7,3). A forte declaração – “O fiel desapareceu da terra, não há um justo entre as pessoas. Todos estão à espreita para derramar o sangue, eles cercam cada qual seu irmão com a rede”. (Mq 7,2) – aponta para a corrupção

generalizada da sociedade, onde não se pode ter confiança nem mesmo “naquela que dorme em teu seio”, em relação à qual é prudente “guardar de abrir a boca” (Mq 7,5). A degradação socioambiental, cuja origem encontra-se na política equivocada das capitais – Samaria e Jerusalém (Mq 1,5.13) –, coloca o “meu povo” no caminho do fim, representado pela perspectiva do exílio (Mq 1,16), a perda da terra (Mq 2,4), a destruição de Sião/Jerusalém, transformada em “lugar de ruínas” (Mq 3,12), a frustração dos ricos violentos (Mq 6,12-15) e a dissolução dos vínculos sociais (Mq 7,4). O profeta, “cheio de força, de direito e de coragem” (Mq 3,8), olha “confiante para Yahweh” e espera “no Deus meu Salvador” (Mq 7,7). A fé permite-o mirar o futuro e ver despontar a esperança na pequena Belém-Éfrata, donde “sairá para mim (Deus) aquele que governará Israel” (Mq 5,1). O moshel (governante), na contramão do melek (rei) da capital, recuperará o equilíbrio socioambiental que pode ser chamado de shalom (Mq 5,4a). O bom caminho para o processo de reconstrução exigida por Deus está formulado de maneira precisa: “Praticar a justiça, amar a misericórdia e se sujeitar a caminhar com teu Deus” (Mq 6,8). A prática da justiça e da misericórdia, bem como o caminhar na fidelidade a Deus, ontem e hoje, podem ser vias efetivas de superação das crises socioambientais, cujos sintomas mais perversos são as injustiças cometidas contra os fracos e indefesos.

## **7. Religião e crise socioambiental: na busca pela terra da liberdade os israelitas sofrem com a falta de água e o Deus Iahweh socorre o povo**

Reginaldo de Abreu Araujo da Silva

Este trabalho pretende fazer uma reflexão acerca de dois trechos do texto bíblico do Êxodo que retratam a caminhada dos israelitas após a saída do Egito, terra da escravidão. Os trechos selecionados são Ex 15,22-27 e 17,1-7, que narram a experiência dos israelitas no deserto de Sur e em Rafidim, respectivamente. Experiência marcada pela ausência de um elemento vital, a água. Dois lugares distintos e dois momentos distintos da caminhada dos israelitas com o mesmo problema grave. No deserto de Sur, o povo demora para encontrar a água e, quando a encontram, ela não é potável, ela é amarga. Em Rafidim o povo não encontra água potável. Mas o texto do Êxodo mostra que os israelitas, em busca da terra da liberdade, estão amparados pelo olhar do seu Deus, Iahweh, ao qual tinham clamado quando sofriam sob a escravidão nas terras egípcias e o qual desceu para libertá-los, conforme narram os capítulos iniciais do livro do Êxodo. A experiência proposta pelo narrador bíblico é a de que a natureza, obra da criação de Iahweh, conforme o Livro do Gênesis, está a serviço da vida, pois Iahweh é o Deus da vida. E quando a obra da criação não cumpre a sua finalidade, Iahweh entra em ação para que a vida seja preservada. As duas cenas bíblicas começam com uma crise socioambiental: o povo está necessitado e o ambiente não o favorece, o desespero toma conta do povo que passa a protestar contra Moisés, o líder da libertação. Moisés não é somente o guia para a saída da terra da escravidão. Ele é também a liderança religiosa que auxilia o povo, por isso, ele intercede pelo povo junto ao Deus Iahweh e age conforme as orientações divinas, dando mostras ao povo dos sinais do favorecimento de Iahweh ao povo. Com base no texto da Bíblia do Peregrino, de Luís Alonso Schökel, e nas obras O Livro do Êxodo, um comentário exegético-teológico de Pablo R. Andiñach; Êxodo, da Coleção Grande Comentário Bíblico das Edições Paulinas, de George V. Pixley; O Projeto do Êxodo, de Matthias Grenzer; e Êxodo 15,22-18,27, de Leonardo Agostini Fernandes e Matthias Grenzer, faremos uma reflexão sobre estas duas circunstâncias da caminhada dos israelitas em busca da terra da liberdade, examinando os detalhes da narrativa, perscrutando os elementos simbólicos que caracterizam a fé no Deus Iahweh, fazendo uma interface entre a religião e a crise socioambiental, esta causada pela

falta da água e pelo desespero da comunidade dos israelitas, os quais foram socorridos pela ação divina transformadora da situação.

## **8. A sabedoria educadora segundo Sirácida 4,11-19**

Nelson Maria Brechó da Silva

Esta proposta de comunicação mostra como ponto de partida a tradução instrumental de Sirácida 4,11-19 do grego da Septuaginta, do *Sitz-im-Leben*, que relata o ambiente judaico em diálogo com o helênico. Procura-se, também elencar pela análise exegética as principais características da sabedoria educadora, a saber, a sua relação com a vida, a glorificação como herança e bênção do Senhor, a elevação dos seus filhos e o cuidado daqueles que a procura em virtude de estudar e praticar os seus ensinamentos. A novidade a ser apresentada acerca desta perícopes consiste na pedagogia sapiencial, uma vez que a sabedoria se personifica como educadora. Ora, a compreensão da Lei ganha novamente a dimensão de Instrução e de Ensino, visto que a comunidade nota a relevância das máximas sapienciais. Estas, por sua vez, não são meramente ideias e sim vivências como fruto da sabedoria cotidiana. O sábio deseja saborear intensamente a vida dada pelo Criador, o Grande Sábio. Se a vida corresponde ao presente dado pelo Senhor, o sábio é impulsionado a meditar para obter a glória, que jamais se apaga na história e permanece na propagação da descendência. A sabedoria se revela, então, como cuidadora, de modo que educa os filhos como acompanhante capaz de zelar pela integridade deles. Ao refletir sobre a postura cuidadora da sabedoria, destaca-se o papel essencial da imitação por parte dos filhos diante da vida adulta. Percebe-se, dessa forma, a pedagogia sapiencial a ser aprofundada no intuito de realçar, no campo da hermenêutica, as contribuições que ela pode trazer à formação das crianças e dos jovens frente à degradação do meio ambiente.

## **9. A noção de criação em Paulo – De submetida à futilidade, à espera da libertação da escravidão da corrupção para a liberdade da glória dos filhos de Deus (Rm 8,18-23)**

Roberto Almeida da Paz

Rm 8,18-23 é assaz peculiar, seja do ponto de vista da linguagem, seja do seu conteúdo teológico. Nele há um perfil soteriológico próprio. Mormente, cristologia e escatologia formam uma unidade e se interligam sinergicamente. À dimensão soteriológica do texto pertence à inclusão da criação na esperança escatológica dos filhos/(as) de Deus como processo inverso ao que é assinalado em Rm 1,18–3,20. Nossa proposta visa mostrar que nesta perícopes (Rm 8,18-22), Paulo apresenta basicamente dois postulados: a) o primeiro, a respeito da realidade atual da criação (κτίσις); b) e o segundo, correspondente ao seu horizonte: “a criação foi sujeitada à futilidade (ματαιότης)” (Rm 8,20a). O sofrimento atual da criação está associado a uma esperança escatológica, que em relação ao ser humano, é “a redenção dos corpos” – τὴν ἀπολύτρωσιν τοῦ σώματος (Rm 8,23). Para elucidar o alcance disto, Paulo lança mão de uma imagem muito viva (“fictio personae”): “a criação geme “como um animal ferido” e “uma mulher em trabalho de parto” para “dar à luz a nova criação” (Rm 8,22; cf. Virgílio, *Éclogas* 4, 50-52). Destarte, Paulo resgata uma dimensão importante da antropologia e escatologia judaica, a saber: a criação e o homem estão unidos, formando uma “unidade” e ligados por um mesmo destino. Ao frisar a solidariedade entre o destino da κτίσις e o destino do ser humano Paulo se mostra muito atual, dirigindo-se à nossa epocalidade, onde enfrentamos gravíssimos desafios ecológicos, sócioambientais etc., os quais colocam sérios questionamentos ao ser humano (cf. FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato Si'*,

n. 5, 13-14 e 20-22), e nos interpelam a pensar numa ecologia integral, sistêmica, que inter-relaciona todas as coisas, e nos permite vislumbrar um tópos teológico fundamental na relação ser humano-criação-natureza (cf. Laudato Si', n. 65-88).

#### **10. Rute: um livro de família**

Gláucia Loureiro de Paula

A presente comunicação objetiva fazer uma análise da história de Rute, por ser uma fonte de reflexão sobre o modelo de família vigente em seu tempo, que mostra o surgimento de outro modelo de família, pois na narrativa, após a morte dos homens da família, Noemi e Rute tiveram que assumir papel de liderança familiar e lutar por sua sobrevivência. Esta é parte integrante do projeto de pesquisa de dissertação do Mestrado em Ciência da Religião, a qual foi motivada a partir de minha atuação pastoral em aconselhamento familiar. Nestes atendimentos percebeu-se contradições no que diz respeito à valorização da família, acentuando-se a partir da percepção de que, em alguns casos, mulheres em situação de abandono, viuvez e divórcio, sentiam-se incapazes de continuar sua vida familiar, afetiva e profissional. A solidariedade familiar é evidenciada na história de Rute, sua prática busca a produção do bem-estar não apenas de Noemi e Rute, mas da comunidade, fortalecendo relações de superação e promoção de esperança. Elas constroem uma nova história, baseada na luta, determinação e no amor. A narrativa apresenta a universalidade do amor de Deus: Javé não é Deus exclusivo de Israel, mas acolhe a todos. O problema que se apresenta para esta pesquisa é: Que relação existe entre a estrutura familiar daquele período histórico com a sociedade atual? Que valores se mantêm como válidos para a atualidade? Com estes questionamentos, busca-se uma comparação hermenêutica a partir da história de Rute e Noemi, com a realidade apresentada, percebendo o texto bíblico a partir de uma leitura anti-imperialista e anticolonialista. O reconhecimento da família, evidenciado por amor e devoção, marca o livro de Rute como testemunho da visão bíblica sobre família.

#### **11. “E houve A Dedicção em Jerusalém” (Jo 10,22)**

Gilvan Leite de Araujo

A solenidade da Dedicção à época de Jesus Cristo era muito recente. Suas origens remontam a época da dominação Síria, logo após a morte de Alexandre, O Grande. A intenção era justamente celebrar a vitória dos judeus sobre a dominação Selêucida. Tendo como perspectiva celebrar uma vitória nacional e tendo como base a Festa das Tendas, a festa da Dedicção era eminentemente nacionalista. Tal perspectiva não gerava interesse dos judeus da diáspora quanto a sua celebração, ou seja, se trata de uma celebração particular de Jerusalém. Diante de tal contexto, o que levaria o autor do Quarto Evangelho a querer mencioná-la em sua obra e relacioná-la com a figura de Jesus. Outro problema que surge é sobre a menção de uma festa nacionalista de Judá sendo colocada dentro de uma narrativa que alguns sugerem ter sido escrita no final do primeiro século e para um público da diáspora. Tal presença da Dedicção no Quarto Evangelho implica num olhar atento sobre a real intenção do autor. A comunicação pretende, a partir de pesquisa bibliográfica, compreender a importância da solenidade da Dedicção (Chanucá) para o autor do Quarto Evangelho e delinear as proclamações de Jesus como “Bom Pastor” e “Porta” (cf. Jo 10) a partir da relação com Dedicção.

## **12. A pedagogia de Jesus no Evangelho de Marcos: hermenêutica a partir da pedagogia de Paulo Freire**

João Luiz Correia Jr.

A interpretação libertadora e anti-imperialista da Bíblia é marcada por aspectos que surgem dos constantes desafios e preocupações contextuais. É natural, portanto, que a Hermenêutica se aproprie do estudo desenvolvido em áreas do conhecimento contemporâneo que, até então, não foram aplicados criteriosamente na busca de uma compreensão aguçada e crítica de textos das Sagradas Escrituras. O presente estudo oferece aportes hermenêuticos da Pedagogia de Paulo Freire, sobretudo a partir da consagrada obra de sua autoria, “Pedagogia do Oprimido”, com o objetivo de compreender criticamente o alcance da prática pedagógica de Jesus em trechos do Evangelho segundo Marcos. O modo como Jesus ensinou, a prática pedagógica que utilizou tinha elementos próprios que, segundo a narrativa de Marcos, o diferenciavam dos escribas (1,22) e causava admiração e questionamentos sobre a autoridade com que agia (1,27). Qual a novidade desses ensinamentos que atraía multidões? Qual a repercussão dessa prática nas pessoas que o seguiam mais de perto? Que diferença tinha entre o conteúdo que Jesus ensinava às multidões e, reservadamente, ao discipulado? O que ensinava era, de fato, libertador? Em que sentido? Para enfrentar tais questões, a metodologia utilizada neste trabalho foi de pesquisa bibliográfica, na fronteira entre Pedagogia aplicada à interpretação de textos seletos do Evangelho de Marcos, que narram como Jesus ensinava e o conteúdo desses ensinamentos, em sua prática missionária. Sugere-se, como resultado, ainda que preliminar, a proposição de que é possível uma abordagem hermenêutica para entender a prática pedagógica de Jesus, à luz da pedagogia freiriana. Não resta dúvida que a compreensão crítica e aguçada da prática pedagógica de Jesus é relevante para se perceber o alcance libertador de sua ação messiânica. Jesus pôs em prática uma pedagogia que se fundamenta numa práxis, isto é, numa tensão contínua entre ação e reflexão; entre o que ele faz (na ação missionária junto ao povo) e o que ele pondera a partir dessa ação (na intimidade do seu discipulado).

### **GT 06 - PAUL TILLICH**

#### **1. Kuyper e Tillich: os afluentes protestantes na compreensão teológica da cultura**

Rainerson Israel Estevam de Luiz

Objetiva-se na presente comunicação analisar a Teologia da Cultura em duas importantes tradições do protestantismo: a kuyperiana e a tillichiana. Através de uma análise bibliográfica intenta-se cavar conceitos imprescindíveis desses grandes teólogos do início do século XX para uma compreensão teológica da cultura que escape aos riscos do velho e insistente dualismo natureza e graça. Através dos contributos kuyperianos – soberania de Deus; esferas de soberania, criação, queda e redenção; graça habitual – e tillichianos – boundary; ultimately concerned, correlação e teonomia) – pretende-se, em uma análise que se operará através da interdiscursividade, elaborar pistas que contribuam para uma Teologia da Cultura que derrube os muros que separam a religião da cultura secular elevando a religião – compreendida não em sentido estrito, mas em sentido lato – ao seu topos próprio, a de ser substância que dá sentido à cultura. Essa teologia que emergirá desses dois afluentes protestantes, além de revelar as raízes religiosas e profundas da cultura mostrará que a mesma pode degenerar-se em usos “ilegítimos”. Por isso, será papel também dessa teologia, que não nega a



condição pós-lapsariana em que se encontra, discernir as marcas da queda na busca de uma cultura teônoma em que as formas culturais estejam novamente abertas à realidade última.

## **2. Linguagem e criação do mundo humano na *Teologia Sistemática* de Paul Tillich**

Cleber Araújo Souto Baleeiro

Tillich diz que linguagem e mundo são co-dependentes. Por ter linguagem o ser humano tem um mundo e por ter um mundo tem também linguagem. Que significado isso tem para a ideia tillichiana de linguagem? Nessa comunicação procuramos mostrar, a partir da Teologia sistemática de Tillich, que a linguagem possibilita a relação do ser humano com seu mundo. Ao falar ele participa daquilo que fala e ao mesmo tempo permite que o falado advenha a si. O mundo é percebido sob a mediação da linguagem e a linguagem só se torna possível porque há um mundo que lhe serve de substância. Mas essa relação do ser humano com seu mundo pela linguagem não é somente de apreensão, mas também de criação. É pela linguagem que o ambiente é dotado de sentido e se torna mundo. No ato de comunicar o ser humano não somente diz seu mundo, mas o interpreta. Na interpretação do mundo se aprofunda sua significação. O mundo aparece como estrutura organizada na perspectiva do eu. Enquanto comunica, não se faz simplesmente uma descrição objetiva do mundo, mas um recorte da realidade, cria-se, recria-se e transforma-se o mundo. Tillich parte da compreensão de que há uma realidade objetiva, que há coisas que são antes de seu dar-se na experiência humana. A experiência reconfigura a realidade na perspectiva do eu centrado criando o mundo humano, mas essa criação utiliza o material da realidade. O mundo humano que é dito não é somente tão legítimo quanto uma possível realidade absoluta, é o único em que habita o ser humano. Nesse sentido, só é possível falar de realidade em um nível teórico, já que toda experiência humana é experiência de sentido e ao falar das coisas estas são reconfiguradas de modo a se tornarem parte do mundo humano. A linguagem, portanto, cria um abismo entre o sentido que ela imprime nas coisas e as coisas em sua objetividade. A ambiguidade surge justamente no rompimento daquilo que aparece na experiência humana com a realidade da qual se alimenta.

## **3. O significado do desespero em “Angústia”, de Graciliano Ramos: Leituras a partir de Paul Tillich**

Antonio Almeida Rodrigues da Silva

O texto literário, enquanto agenciamento, está em conexão com outros agenciamentos, estabelecendo conexões com outros corpos sem órgãos, como assinalaram Deleuze e Guattari (2011). Em outras palavras, o texto literário, além de guardar o outro, tem também suas “linhas de partilha”, com clara capacidade de mover e direcionar aspectos teóricos. O objetivo da presente comunicação é analisar o significado do desespero no romance *Angústia*, de Graciliano Ramos, a partir dos estudos de Paul Tillich sobre a ontologia da angústia. De acordo com o teólogo alemão, a literatura fez da angústia um problema central de suas criações, tanto no conteúdo como no estilo. Ora, em *A coragem de ser*, Tillich aponta três tipos de angústia existencial, nas quais o não-ser transforma-se em uma ameaça ao ser, a saber: angústia do destino e da morte; angústia da vacuidade e insignificância e; angústia da culpa e condenação. As três formas de angústia realizam-se na situação de desespero para a qual

todos colaboram. O desespero é, para Tillich, uma situação limite, extrema, sem esperança, “linha fronteira”. É a certeza da incapacidade de afirmação em razão do poder sufocante do não-ser. É a partir das noções de angústia e desespero, apontadas por Tillich, que quero pensar o romance *Angústia*, de Graciliano Ramos, publicado em 1936. Apesar da riqueza das personagens, e diante da impossibilidade de analisar todos os discursos produzidos na obra, quero dar ênfase especial a Luís da Silva, narrador-personagem. A escolha justifica-se por se tratar de uma das figuras mais dramáticas da moderna ficção brasileira, o que possibilitará um diálogo mais intenso com os estudos tillichianos sobre a ontologia da angústia. *Angústia*, recorte temático da comunicação, constitui a trama desesperadora do romance; o material com que são construídas e cortadas todas as personagens. Pobres diabos, sufocados pela angústia do existir, cicatrizados e suprimidos pelos abalos econômico, linguístico, ideológico e fisionômico. A conclusão que chego, a partir da perspectiva teórica escolhida, é que todo o drama vivido por Luís da Silva está diretamente ligado à existência do outro, o que o lança, inexoravelmente, nas angústias do destino e da morte; da vacuidade e insignificância e; da culpa e condenação. Nesse sentido, Luís da Silva escorregava em silêncios compridos que apareciam; boiava nesses silêncios “como uma água pesada”. Mergulhava neles, subia, descia ao fundo novamente, voltava à superfície, numa total desarmonia do existir.

#### **4. A presença do “pensador existencial” na Teologia da Cultura de Paul Tillich**

Carlos Campelo da Silva

O objetivo desta comunicação será o de analisar as referências de Paul Tillich ao pensador existencial, – isso é, a Søren Kierkegaard – em sua obra *Teologia da Cultura*. A expressão pensador existencial pertence ao próprio Kierkegaard, na qual o pensador dinamarquês mostra a diferença entre o pensador objetivo que se perde na especulação e o pensador subjetivo existente interessado em seu próprio pensamento e voltado para a interioridade. Para Tillich as marcas do pensador existencial se resumem em “paixão” e “interesse”. Embora reconheça a primazia de Kierkegaard no uso da expressão “pensador existencial”, Tillich afirma que tal expressão pode ser empregada a outros pensadores dentre os quais destacamos: Schelling, Nietzsche, Jaspers, Heidegger, Dilthey e Bergson. Entretanto, interessa-nos nesta comunicação principalmente analisar o capítulo sete da referida obra que tem como título: Significado histórico da filosofia existencial no qual Tillich além de referir-se aos diversos pensadores da filosofia existencial analisa alguns temas fundamentais desta filosofia, e é aí que a presença de Kierkegaard ganha destaque, uma vez que ao tratar de tempo, história, finitude, solidão entre outros, Tillich recorre frequentemente a Kierkegaard. Desse modo, essa comunicação pretende destacar as constantes referências de Tillich a Kierkegaard e em seguida apontar para o sentido atribuído pelo filósofo as seguintes expressões recorrendo as suas obras.

## **5. O argumento da razão enquanto ensejador de pressuposto argumentativo para o supranaturalismo em C.S. Lewis e no naturalismo extático de Paul**

Thaís Cunha Cavalcanti Ferreira Cordeiro

Apesar de C. S. Lewis e Paul Tillich estabelecerem um pressuposto comum de que a razão deve vincular-se exclusivamente ao que é racional sob pena de autodestruição, estes apresentam conclusões distintas quanto ao que seria uma mácula à razão com o irracional, especialmente no que concerne à ocorrência dos

chamados “milagres”. Tillich, ao discorrer acerca do êxtase na revelação, afirma que a razão extática, ou seja, a razão no êxtase, continua sendo razão, posto que neste momento ela não recebe nada de irracional, mas simplesmente transcende o seu estado habitual, elevando para além de si mesma todas as funções de apreensão e configuração da própria razão. Neste sentido, ao prosseguir na sua argumentação, Tillich adentra na questão do “milagre” na revelação, momento no qual este deixa ainda mais claro o seu posicionamento quanto à inadmissibilidade da interferência do sobrenatural nos processos sobrenaturais, posto que Deus não se cindiria em si mesmo. Quanto a Lewis, este estabelece por critério validador da razão a sua origem na própria razão, motivo pelo qual conclui que a razão humana só poderia originar-se em uma razão primeira autoexistente e sobrenatural, posto que um pensamento esvazia-se da sua racionalidade à medida que se apresenta como produto de causas não racionais. Assim, Lewis suscita o argumento da razão como prova do sobrenatural, explicitando a possível interferência divina à medida que afirma que a interferência sobrenatural ao inserir um elemento novo não anula, necessariamente, as leis da Natureza. Destarte, o presente trabalho tem por objetivo a comunicação dos resultados de pesquisa que conduziram à verificação da identidade de elemento argumentativo

entre Lewis e Tillich, qual seja a razão. O qual, entretanto, é desenvolvido por caminhos distintos pelos autores, senão, em certa medida, opostos, caminhos estes

que serão abordados na presente comunicação. Para tanto, foi utilizado o método comparativo, empenhado sobre a Teologia Sistemática de Paul Tillich e a obra Milagres de C. S. Lewis.

## **6. Tillich e o argumento cosmológico da existência de Deus**

Guilherme Estevam Emilio

Este trabalho examina os escritos de Paul Tillich sobre o argumento cosmológico da existência de Deus a partir da Teologia Sistemática do autor. A análise dos argumentos da existência de Deus, na Teologia Sistemática, situa-se ao final da ontologia e preludia a reflexão tillichiana sobre Deus. À luz do método de correlação, essa análise é, por um lado, parte integrante da pergunta ontológica; por outro, constitui-se como pressuposto da resposta teológico-religiosa. Isso ocorre porque, segundo Tillich, a pergunta por Deus contém uma preconcepção de Deus ou uma “consciência de Deus” que, por sua vez, nada mais é do que o elemento incondicional presente na estrutura do ser e da razão. Tal elemento, na perspectiva tillichiana, torna possível a pergunta por Deus e abre caminho para a filosofia da religião. Por conseguinte, o que torna relevante o argumento cosmológico é o seu pressuposto ontológico. Em outras palavras, o

argumento ontológico, tal como afirmava Kant, está pressuposto no argumento cosmológico. Consequentemente, o autor considera que o argumento cosmológico não é um argumento da existência de Deus, pois, não estabelece uma prova da existência de um ser necessário; antes, pressupõe sua existência. Trata-se, com efeito, de uma petição de princípio; de uma extrapolação do uso das categorias de causa e de substância que consistem em categorias da finitude; e de uma tentativa lógica frustrada. Contudo, para além de Kant, Tillich considera que a análise do argumento cosmológico conduz à necessidade da pergunta por Deus, uma vez que ela é a melhor expressão da condição existencial do ser humano, visto que ela revela a ameaça do não-ser e da finitude que está implícita no argumento. Percebe-se, portanto, que Tillich está menos interessado na estrutura lógica do argumento do que em sua análise existencial. Esta permite-lhe averiguar que a ameaça do não-ser, experimentada pelo ser humano como angústia, leva o ser humano à pergunta pelo ser que vence o não-ser e pela coragem que vence a angústia existencial. Em suma, a análise do argumento cosmológico desdobra a necessidade da pergunta pelo sentido do ser e de Deus como resposta a essa pergunta e, com efeito, estabelece a passagem do primeiro ao segundo volume da Teologia Sistemática.

## **7. Um olhar tillichiano sobre a cultura de consumo**

Victor Siqueira Santos

Diante da forma como majoritariamente se desenvolveu o mercado e industrialização do ocidente, é inescapável um olhar hermenêutico que pense nos seres humanos como consumidores. Esta íntima relação entre o ser humano e o consumo no mundo capitalista fez com que fossem necessárias reflexões sobre a figura do ser humano como consumidor. A partir disso, a área do marketing, que cresce como conhecimento científico somente no pós-guerra, gera um novo campo de estudo chamado de “comportamento do consumidor”. Com o passar das décadas da segunda metade do século XX, os estudiosos do marketing notam que o método puramente quantitativo aplicado até então em tal campo de estudo era insuficiente para entender a complexidade que passou a envolver a relação dos seres humanos com o ato e os objetos de consumo. Era preciso teorizações que levassem em conta que, nas relações de consumo, estão presentes, para além de aspectos racionais, também aspectos experienciais, emocionais, sensoriais, estéticos. Com o avanço dessas novas perspectivas, nasce em 2005, a partir de um artigo publicado no jornal of consumer research por Eric Arnould e Craig Thompson, a CCT - consumer culture theory (Teoria da cultura de consumo), uma proposta de análise interdisciplinar da cultura de consumo, abrindo campo para outros tipos de hermenêuticas (filosofia, psicologia, estética, antropologia, sociologia, e, por que não, a teologia) acerca de seu objeto de estudo. Já se vão 100 anos que o teólogo e filósofo Paul Tillich profere uma conferência para a Sociedade Kantiana de Berlin intitulada “Sobre a ideia de uma teologia da cultura” (1919). Este feito é considerado como o marco inicial de sua teologia da cultura. Tal teologia é marcada pela ousadia de Tillich de aplicar hermenêuticas teológicas a temas, a priori, não-teológico. O teólogo entendia que “cultura” era toda criação que procedesse do espírito humano, logo, toda criação cultural poderia ser vista sob o prisma teológico. Assim, então, Tillich o fez ao desenvolver uma teologia da cultura no âmbito político, as artes plásticas, a filosofia, a sociedade. A conferência de 1919 foi apenas o início de um amplo arcabouço teológico formado por conceitos sólidos e bem desenvolvidos, que podem ser encontrados em um vasto número de artigos, livros e até sermões escritos por Tillich de 1919 até o fim de sua vida. Sendo assim, nosso objetivo é fazer uma breve análise da cultura de consumo tendo como base alguns conceitos e desenvolvimentos teóricos da teologia da cultura

de Paul Tillich. Para tal, usaremos de método bibliográfico, consultando trabalhos acadêmicos acerca dos temas cultura e consumo; sobre a teologia da cultura de Tillich, bem como os próprios escritos do autor. Pretendemos, com este trabalho, mostrar a existência de um aspecto transcendental na relação que envolve consumidor e objeto de consumo. Visto que, por vezes, o primeiro enxerga o segundo como objeto de sua preocupação última, dando-lhe aspectos de universalidade/transcendentalidade).

## **8. Hermenêutica fenomenológica das imagens em Paul Tillich e Paul Ricoeur**

Etienne Alfred Higuët

Embora só Paul Ricoeur tenha elaborado teoricamente uma hermenêutica fenomenológica enquanto tal, penso que a análise das imagens da pintura por Paul Tillich se funda numa hermenêutica desse tipo, conjuntamente com uma concepção neokantiana. Pretendo estabelecer uma comparação entre as duas perspectivas. Em ambos os casos, as imagens são parte da linguagem simbólica, único capaz de dar acesso à realidade transcendente. Ambos apoiam-se também numa ontologia fenomenológica existencial e remetem a uma forma de “círculo hermenêutico” entre a pré-compreensão e a interpretação. Para chegar aos resultados, usarei textos dos dois autores a respeito do sentido das imagens linguísticas e visuais. Para Tillich, trata-se de chegar à compreensão do sentido religioso das imagens por intermédio de uma visada intencional do Incondicionado presente no conteúdo substancial das imagens, através do tema, da forma e, sobretudo, do estilo. Estarei particularmente atento à dimensão mítica e simbólica. Em Ricoeur, a linguagem religiosa se desdobra em símbolos e imagens ou metáforas e se expande em narrativas, especialmente os mitos. A metáfora é a dimensão semântica do símbolo. Ricoeur trata, em prioridade, das imagens textuais, as quais se apoiam em última instância numa experiência visual. Segundo ele, pensamos por imagens antes de pensar por conceitos. Há, disponível na linguagem, um sentido provisório, polissêmico, das imagens visuais e poéticas e um sentido último pode ser visado através do sentido provisório. Depois de aplicar as teorias a imagens concretas, concluirei com um resumo das convergências e divergências entre os pensamentos respectivos de Tillich e Ricoeur.

## **GT 07 - TEOLOGIA(S) DA LIBERTAÇÃO**

### **1. Fundamentalismo religioso e bem comum: em busca de uma ética dialogal e libertadora**

Francisco das Chagas de Albuquerque

Entre as inúmeras questões presentes no campo religioso está o fundamentalismo. Grandes tradições religiosas mundiais têm vivido com esse problema na contemporaneidade. No âmbito do cristianismo, o surgimento formal do fundamentalismo data do início do século XX. Este, como outros desafios existentes nas sociedades, devem ser enfrentados, especialmente pelos que representam os grupos ou instituições envolvidas, tendo em vista a busca do bem comum, construindo-se uma ética englobante. Nossa comunicação refletirá sobre o fundamentalismo, que constitui não só uma barreira para o diálogo e aproximação entre as religiões, mas também, como consequência, afasta-se do debate de temas que são vitais para o bem-estar da humanidade e sua dinâmica de libertação. Tema central, neste sentido, é o bem comum como fundamento de uma ética a ser construída e assumida por homens e mulheres pertencentes ou não a determinada religião. O objetivo é propor alguns elementos de reflexão

sobre a urgência de empenho em vista de desenvolver uma cultura do diálogo e compromisso em defesa da vida e com a libertação, com o devido fundamento ético. A abordagem será feita a partir de síntese interpretativa de textos de H. Küng e A. M. Morillas. A reflexão dos autores proporciona uma visão sobre as religiões no mundo atual e do fundamentalismo religioso. Por outro lado, no mundo pós-moderno a humanidade se encontra em meio a enormes problemas fruto da dominação do avanço técnico-científico posto a serviço do capital financeiro. Tal situação representa ausência do parâmetro ético nas decisões que afetam o ser humano e o meio ambiente em sua totalidade. Diante disso, pergunta-se pela existência e importância das religiões e sua relação de compromisso com a conquista da paz, da justiça e da libertação, e da preservação do meio ambiente, como bens comuns, por exemplo. Entende-se as religiões, mesmo na cultura secularizada, têm um papel fundamental no resguardo da dignidade humana e respeito pela preservação de tudo o que pertence a toda a humanidade. Por sua vez, a carta encíclica *Laudato si'* apresenta um apelo premente aos homens e mulheres de hoje em vista do compromisso ético de construção do bem comum. Tal despertar implica o enfrentamento radical da crise ambiental em que está imerso o planeta terra. Pela via da ética do bem comum, no empenho pela “ecologia integral”, encontra-se uma possível vida de saída para superação do fundamentalismo e colaboração com o estabelecimento do bem-estar do ser humano de hoje e das gerações futuras.

## **2. Ação Solidária Em Contextos Sócioambientais**

Eduardo Roberto Severino

O voluntariado em contextos de exclusão social é um fenômeno social, que faz referência a instituições historicamente vinculadas à ação social e a pessoas que atuam como impulsionadoras de iniciativas sociais, desde uma consciência solidária a uma transformação do tecido social em prol da libertação. Apesar disso, o uso da categoria “voluntariado” é recente em documentos do Magistério da Igreja Católica. Esta comunicação debruça-se justamente sobre os textos magisteriais, nos quais se menciona o voluntariado. Nosso objetivo é investigar e compreender, à luz da categoria “lugar teológico” de Jon Sobrino, de que maneira, por meio da leitura de textos do magistério eclesial, apresenta-se o voluntariado. A proposta compreende dois momentos. No primeiro momento, a partir da leitura de encíclicas e de exortações apostólicas nos quais o termo “voluntariado” é mencionado – *Centesimus Annus* (CA, 1991) e *Christus Vivit* (CV, 2019) – mostrar-se-á que a inserção social é constitutivamente cristã: nesta última, por exemplo, Francisco reconhece e propõe o voluntariado como ocasião de serviço generoso, de favorável crescimento espiritual e de discernimento vocacional e como lugar em que se realiza a experiência de salvação (CV, 2019, n. 170, 177); naquela, João Paulo II, na esteira de Leão XIII, que conferiu à Igreja quase um “estatuto de cidadania” (RN, 1891; CA, 1991, n. 5e), chamou-o de “caridade operativa” (CA, 1991, n. 49). No segundo momento, a partir de documentos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), mostrar-se-á o voluntariado como uma das pistas de ação de integração do eixo pastoral espiritualidade, reflexão e ação social solidária ou socioeducacional. Resulta que tais textos acenam e oferecem indicativos pastorais para a urgência de repensar a ação evangelizadora e inserção em contextos socioambientais juvenis. Tal fenômeno social é uma prática emancipatória constitutiva da fé cristã e depreende, concomitantemente, engajamento eclesial, reflexão teológica e ação social solidária.

### **3. A projeção populacional mundial e os problemas do trabalho e do meio ambiente: desafios urgentes para a Teologia da Libertação**

Paulo Agostinho Nogueira Baptista

O nosso planeta e todos que aqui vivem continuam e ainda viverão grandes crises. As projeções da ONU para a população mundial indicam que chegaremos a quase 10 bilhões de pessoas (9,7) em 2050, daqui a 30 anos, um pouco mais que uma geração. Tal situação prevê que a desigualdade entre países ricos e pobres, mas também internamente em todos os países, irá aumentar, projetando-se milhões de migrantes externos e internos sem condições de sobrevivência, seja por guerra e condições socioeconômicas, seja por condições ambientais. O sistema Terra não suportará tal população nos níveis de consumo atuais e uso dos recursos naturais, sem falar na deterioração dos ecossistemas pela poluição, desmatamento e extinção de espécies, uso de combustíveis fósseis com previsão de aumento da temperatura e descongelamento das calotas populares, aumento no nível dos oceanos, atingindo populações costeiras e produzindo outros desastres. Em países, que não terão esse crescimento, o envelhecimento da população, sem preparação para tal evento, além de decréscimo da população economicamente ativa, colocará em risco os sistemas de seguridade social. Se esses problemas já não fossem desafios quase impossíveis de se enfrentar, a sociedade pós-trabalho, num capitalismo financeiro virtual, em que se ganha mais em papéis e até em moedas virtuais do que na produção, a tecnologia 5G ou maior, ao lado das metas de mercado de crescimento da produtividade, baixo custo, rapidez e logística, inviabilizará a atividade humana, o trabalho, inclusive em áreas como a agricultura: não se precisa mais de gente! Em países considerados, segundo a terminologia antiga e ideológica, de “países em desenvolvimento”, já desmascarada pela TdL desde sua origem, a previsão de caos social e ambiental, de miséria, fome e desastres ecológicos é bastante realista e já antevista em muitos lugares hoje. E nesses países nem se pode questionar a situação crítica das condições ambientais, pois a prioridade seria o trabalho. Não foi outra coisa que fez o PT em relação à transposição do Rio São Francisco e com as hidrelétricas na região amazônica, bem como sua conivência com os crimes cometidos pelas Mineradoras, com os recentes episódios de Mariana (Samarco) e Brumadinho (Vale). Como a TdL tem enfrentado esses problemas no Brasil e no mundo? As conclusões da pesquisa mostram que essas questões devem continuar a ser bandeiras políticas fundamentais para um projeto político, nacional e internacional, e para a formação de lideranças, especialmente da juventude. Com a metodologia da pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, esta Comunicação objetiva analisar tais cenários e apontar que essas questões merecem urgente esforço teórico-reflexivo, pedagógico, político, comunicativo e praxístico da TdL, desde já, pois as consequências previstas já se fazem presentes e crescerão, atingindo especialmente os pobres e os excluídos.

## **GT 08 - TEOLOGIA SISTEMÁTICA: QUESTÕES EMERGENTES**

### **1. A Cristologia da Expição Como Horizonte de Reflexão Teo-Ética Frente às Crises Socioambientais Contemporâneas: Contribuição do Pensamento de Ellen G. White**

Carlos Flávio Teixeira

Esta comunicação aborda a cristologia da expiação no pensamento da teóloga norte-americana Ellen G. White e seu decorrente cenário de teosignificação expiatória da vida como possível horizonte de reflexão teo-ética frente às problemáticas contemporâneas. Adotando o método de revisão bibliográfica, o

estudo começa apresentando a noção cristocêntrica da redenção com sua peculiar caracterização da expiação, por sua vez entendida nos âmbitos da cruz e do santuário, em conotações que expressam a eficácia e a efetividade da provisão divina para redenção humana. Em seguida, à luz desta perspectiva, destaca as principais constatações teo-éticas percebidas no anúncio, denúncia e reivindicações do elemento expiatório da redenção. Para isso, lembra o anúncio da realização da expiação em etapas e que sua incursão, recepção e vivência na fé, proporciona a restauração progressiva da imagem de Deus no ser humano. Na sequência sinaliza que a expiação denuncia o pecado entendido amplamente enquanto toda forma de mal, inclusive a afronta, desconstrução ou fragmentação dessa imagem, o que inclui a rejeição em relação a Deus, a indiferença convivencial entre os humanos e o descuido desses para com a criação. Em vista disso, recapitula que a expiação reivindica a vivência da cidadania do reino de Deus neste mundo como expressão da restauração da imagem de Deus nos humanos e que tal experiência tem seus desdobramentos éticos em relação à sociedade e ao macro ambiente em que se vive. Finalmente, a partir da perspectiva apresentada protesta frente ao emblemático cenário tendente ao esvaziamento ou reducionismo da expiação redentiva na mentalidade e práxis cristã, mencionando alguns dos dilemas e desafios recorrentes acerca do tema. Propõe a releitura da relação entre divindade, criaturidade e naturalidade, à luz das reivindicações da expiação realizada por Jesus Cristo, de maneira a estimular um modo de vida teo-ético mais coerente em resposta às crises contemporâneas, inclusive as de cunho socioambientais.

## **2. Ética teológica e hermenêutica a partir de Ap 14,6-8**

Marta Luzie de Oliveira Frecheiras

Introdução: O documento Bíblia e Moral: raízes bíblicas do agir cristão gestado pela Pontifícia Comissão Bíblica inicia o texto estabelecendo como critério fundamental, para qualquer análise do agir moral na Bíblia, tanto a antropologia bíblica, quanto a pessoa de Jesus como modelo e parâmetro de reflexão e ação.

Objetivo: Propomo-nos contribuir com a discussão acerca do meio ambiente, a partir da análise de cunho ético de uma passagem bíblica, Ap 14,6-8, ratificando a necessidade do uso do método hermenêutico na explicitação do conteúdo inerente à mensagem bíblica. Método: Faremos uso também dos métodos histórico-crítico e linguístico a fim de extrair o sentido mais universal do texto. Contudo, o objetivo principal é trazer à tona a reflexão ética que podemos desenvolver a partir do uso desses métodos. Resultado: O livro do Apocalipse trata do tema da “aliança” e da tenda que Deus armaria em “Jerusalém”. A arca da aliança é compreendida como o ser humano fiel a Deus (Jerusalém) e o coração do fiel (a arca da aliança). Dessa feita, o livro do Apocalipse convida o ser humano a ser “pedra viva” no reino de Deus, e, portanto, incentiva o cristão a empenhar-se na concretude da história e a viver a partir do confronto dialético entre o bem e o mal. Conclusão: Concluiremos a comunicação explicitando se o fiel cristão deve permanecer nesse confronto voltado somente para a eternidade ou voltado somente para o presente histórico, ou se o papel do cristão é o de superar esse jogo dialético, empenhando-se tanto no presente, como também, tendo a eternidade como horizonte salvífico.

## **3. O Reino de Deus anunciado por Jesus e sua importância na prática cristã**

Lucíola Cruz Paiva Tisi

Esta comunicação pretende apresentar a importância que o Reino de Deus anunciado e instituído por Jesus tem para a fé e para a prática cristã na atualidade. Promessa que age como força dinamizadora que atua nos processos



de libertação do ser humano, criando espaços de transformação na história, uma vez que o ser humano se encontra subjugado por processos econômicos e mercadológicos de desenvolvimento que, ao invés de gerarem vida, acabam produzindo um sistema de opressão e morte. Não só para si próprio, mas para toda a criação. Esse trabalho tem como objetivo explicitar as exigências de uma novo agir humano, indicando suas possibilidades de realização e consequências na vida do crente. Aponta também para a compreensão da responsabilidade como fator necessário para a práxis cristã, em sua ação mobilizadora como promotora da vida, como instrumento de libertação já no momento presente; além de sua perspectiva escatológica para a realização histórica do Reino de Deus. A esperança e a confiança na promessa de seu porvir, vai ativar eticamente o presente. O ser humano consciente de sua posição, assume uma postura responsável com toda a criação, e nele se desenvolve uma mudança que o faz compreender-se em comunhão com tudo o que o cerca. A esperança surge então como força geradora de possibilidades, que impulsiona o ser humano a ser sujeito de sua própria vida. Ela determina e assinala atitude existencial particular que ocorre na conotação específica das escolhas, das decisões humanas, dos posicionamentos diante das situações. A promessa do reino interpela a pessoa a se colocar disponível e atenta a vontade de Deus, possuindo potencial de transformar a realidade. Promessa que possibilita ao ser humano um olhar crítico e construtivo para o contexto onde se encontra, despertando o desejo de criar um mundo novo, tocado pela esperança e marcado pela responsabilidade.

#### **4. O dualismo entre criação e salvação na antropologia de Alfonso Garcia Rubio**

Júlio César da Costa Santa Bárbara

Na perspectiva bíblica, o ser humano é concebido na sua visão unitária. Assim, a criação (ou fé no Deus criador) e a salvação (ou fé no Deus salvador), conforme a antropologia bíblica, não são duas realidades que se opõem. Por isso, tal dualismo não se sustenta. Na verdade, o que há é uma relação dialética. Garcia Rubio contribui com o aprofundamento dialético, não dualista, desta relação criação – salvação. Ele observa e pondera que Deus cria para salvar. A partir da antropologia do Novo Testamento, verifica-se a centralidade de Cristo nas realidades referidas, de modo que se afirma que a criação e a salvação do mundo e do ser humano se concretizam em Cristo (cristocentrismo da criação). Queremos, mediante as reflexões do teólogo Garcia Rubio, destacar que a concepção de Deus como criador está intimamente ligada à concepção de Deus salvador. Consequentemente, reafirmaremos a necessidade de uma fé encarnada na criação e salvação, que solicita sempre uma “espiritualidade do cuidado de si, do outro, do mundo criado”; como também a valorização do trabalho humano e da cultura. Conclui-se que a teologia contemporânea tem retomado o tema da criação, relacionando-a com a história da salvação e enfatizando a mediação de Cristo. Dessa maneira, aprofunda-se a relação de Cristo com o ser humano, a partir da sua encarnação. Isto significa dizer que é tarefa nossa compreender, através deste caminho, a relação de Deus com os homens e as mulheres. Finalmente, fica evidente que fomos criados para viver a salvação de Cristo, que exige que assumamos o Reinado de Deus através do seu seguimento, na nossa existência.

## **5. A natureza assumida por Deus: A teologia litúrgico-sacramental na Laudato si'**

Vitor Gino Finelon

O nosso trabalho visa conjugar a teologia litúrgico-sacramental com a teologia ecológica. Para isso, teremos como base a Carta Encíclica Laudato Si' do Papa Francisco, mais especialmente do parágrafo 233 ao 237. Neste documento magisterial, o Pontífice apresenta os temas da teologia litúrgico-sacramental à luz do pensamento da ecologia integral. Esses temas se encontram articulados em dois eixos principais, interdependentes e concatenados: a dimensão sacramental do cosmos e do ser humano e a dimensão material dos sacramentos, da eucaristia e do domingo. Queremos evidenciar a riqueza do conteúdo desses dois eixos próprios do encontro entre liturgia, sacramentos e ecologia. Na verdade, a experiência litúrgico-sacramental e a consciência ecológica se encontram para dotar o ser humano com um olhar contemplativo e cuidadoso sobre a casa comum – Deus assume a natureza. A cultura atual é marcada pela primazia da técnica, do poder, do descartável e do capital sobre a vida cósmica. Diante dessa grave situação cultural denunciada pelo Pontífice, a experiência litúrgico-sacramental tem a força de revelar o sagrado presente e atuante no natural e, ao mesmo tempo, de evidenciar a abertura do natural ao sagrado. Acreditamos que essa força litúrgico-sacramental, em sintonia com a noção de ecologia integral, pode contribuir para a formação de um novo olhar sobre a natureza, ajudando o ser humano a realizar sua vocação de “guardiões da obra de Deus” (LS 217).

## **6. Neurociências e o conceito de pessoa: uma abordagem interdisciplinar.**

Erico João Hammes

A pesquisa investiga repercussões das Neurociências na compreensão do ser humano como pessoa. As Neurociências ocupam lugar de destaque no âmbito da pesquisa científica e na opinião pública. Seus resultados encontram aplicação nos diferentes campos do saber e são vinculados a diferentes áreas da atividade e tecnologia humanas. Por sua íntima relação com a estrutura profunda do ser humano, já são conhecidos os debates em relação à liberdade, à responsabilidade, à constituição psicossomática (monismo, dualismo, unidade etc.) do ser humano. Esses diferentes temas levam a uma questão abrangente a ser proposta na presente comunicação: a relação entre Neurociências e pessoa. O objetivo da comunicação é discutir o papel do cérebro na constituição da personalidade e a possibilidade de se pensar a correlação ou não entre um e outra. Tendo como ponto de partida a história do conceito de pessoa enquanto substância, subjetividade relacional, com os atributos de liberdade e responsabilidade, religiosa e teologicamente compreendida como espiritual e imortal, busca-se uma forma de discutir os resultados de pesquisas da Neurociência para uma compreensão integral do ser humano. Qual é a relação entre o cérebro e personalidade? Como se pode pensar a identidade pessoal diante da manipulação do cérebro? De que maneira lidar com as questões éticas associadas à pesquisa neurocientífica? Dentre os temas a serem pensados devem incluir-se questões de fronteira como a hipótese de transplante de cérebro ou escaneamento para transferência. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica podendo fazer uso de resultados de investigações compartilhadas do Projeto Institucional Pro-Neuro+ da PUCRS e do Instituto do Cérebro do Rio Grande do Sul. Espera-se poder elaborar o estado da arte e identificar as consequências para uma Antropologia Teológica e Filosófica atuais. Como conclusão da pesquisa, em primeiro lugar, é necessário afirmar uma atitude de cautela científica frente ao reducionismo ao cerebral ou neuronal em sua fenomenologia bioquímica e

imagética, lembrando a complexidade constitutiva do próprio ser humano. Em segundo lugar, revisar as compreensões antropológicas dualistas tradicionais, para, em terceiro lugar, propor uma compreensão integral unitária da constituição antropológica.

## **7. A acolhida do Dom de Deus: a justificação como humanização pela fé em Jesus Cristo na perspectiva de González Faus**

Elias Fernandes Pinto

O tema da graça é fundamental na Antropologia Teológica. Pensar o ser humano à luz da revelação de Deus em Jesus Cristo, sua humanização e realização enquanto pessoa constitui uma das grandes problemáticas do cristianismo na atualidade. A pesquisa pretende discorrer sobre a justificação como humanização do ser humano, pela fé em Jesus Cristo, salvador e modelo de humanidade renovada e regenerada. O ponto de partida é a compreensão do ser humano, conforme González Faus, marcado por certa dualidade ou contradição dialética. Essa condição humana é apresentada na linguagem teológica como o homem sendo criatura e mais que criatura, isto é, imagem de Deus. Em seguida, mostraremos que essa contradição é radicalizada na perspectiva do autor, ao tratar do pecado e da graça. A seriedade do mal evidencia que o ser humano não salva a si mesmo, mas necessita ser justificado, humanizado. Assim, entraremos no cerne de nossa pesquisa sobre a acolhida do dom de Deus e a humanização do ser humano. Deus, em sua bondade, decide dar ao homem, gratuitamente, uma presença capaz de transformá-lo interiormente. Ao acolher essa presença de Deus, somos humanizados a partir do mais íntimo de nós na mais profunda liberdade. A presença do amor de Deus em nós nos humaniza libertando-nos do fechamento em nós mesmos. Configura-nos a Cristo para vivermos a relação com Deus, na condição de filhos no Filho, e para a relação de irmão com os semelhantes. Portanto, viver a fraternidade, de acordo com as exigências e valores do Reino anunciado e inaugurado por Jesus é acolher o Dom de Deus que nos dá a possibilidade de aprender a amar de forma gratuita.

## **8. O método dogmático segundo W. Kasper**

Matheus da Silva Bernardes

Grande teólogo da atualidade, W. Kasper aborda diversos temas de Teologia Sistemática em seu extenso trabalho, que há pouco ganhou uma coleção própria de obras completas publicada pela Herder Verlag – Freiburg/ Alemanha. Contudo, em um pequeno livro de 1967 – *Die Methoden der Dogmatik, Einheit und Vielheit* – o autor trata a necessidade de também se trabalhar o método em si. Diante da pluralidade atual de temas e suas diversas perspectivas de abordagem – pela Teologia, inclusive –, a pergunta pela metodologia teológica é sumamente pertinente. Tão pouco se pode perder de vista o princípio dado pelo Concílio Vaticano II à Teologia: a pastoralidade. Como fazer Teologia Sistemática nos dias de hoje? Como falar de dogma na atualidade? A Dogmática ainda pode ser considerada mera especulação, como aconteceu a partir da Alta Idade Média, ainda mais no século XVII com a Escolástica Barroca e no século XIX e começo do século XX com a Neoescolástica? Ou o dogma se restringe à doutrina oficial da Igreja? A essas perguntas, W. Kasper indica um novo posicionamento que acolhe os impulsos conciliares. Este breve trabalho pretende recolher a reflexão do autor alemão e colocá-la dentro da discussão teológica do começo do século XXI, quando novas e urgentes questões emergem, como a preocupação ecológica – seguindo a proposta do VII Congresso da ANPTECRE – entre outros. Também é intenção desta apresentação mostrar que a Teologia Dogmática não é só especulativa, mas parte necessária do pensamento cristão

que tem o desafio de anunciar a Boa-nova no contexto atual. Uma importante indicação, como reflete o próprio W. Kasper, é respeitar a estrutura própria do kerygma, i. e. a tensão histórica entre memória (Erinnerung) e promessa escatológica e prognóstica (eschatologisch-prognostische Verheißung), que ilumina as perguntas existenciais de toda a humanidade. Esse dado da revelação, a história, é parte constitutiva do método dogmático. É inegável a importância de se tratar o método, portanto uma possível conclusão deste trabalho é a reafirmação do estudo metodológico não só como momento pré-teológico, mas como momento teológico decisivo para a própria Teologia. O método dogmático não parte da abstração de ideias, mas da revelação histórica e definitiva de Deus em Jesus Cristo, como indica muito claramente a Constituição Dogmática sobre a Revelação Dei Verbum do Concílio Vaticano II.

## **9. Teologia sistemática e pensamento metafórico: contribuições de Paul Ricoeur para a epistemologia Teológica**

Adriani Milli Rodrigues

De maneira geral, as contribuições do pensamento de Paul Ricoeur para a teologia parecem ser mais diretamente observadas no campo dos estudos bíblicos, como é possível notar nas obras *L'herméneutique biblique* (2001) e *Penser la Bible* (1998). Como “ouvinte da Palavra”, o filósofo francês tende a elaborar seus comentários sobre o texto bíblico e sua linguagem, ao invés de se envolver explicitamente no labor conceitual específico da teologia sistemática. Entretanto, sua abordagem hermenêutico-filosófica possui significativas implicações para a articulação epistemológica da teologia sistemática contemporânea. Uma dessas implicações se relaciona com a reflexão hermenêutica sobre a profundidade e complexidade do pensamento metafórico. Nesse contexto, a presente comunicação pretende explorar a contribuição da reflexão ricoeuriana acerca do pensamento metafórico para os contornos epistemológicos da teologia sistemática. Para tanto, este estudo procura aprofundar algumas considerações de Dan Stiver concernentes ao figurativo na teologia sistemática, em *Systematic Theology after Ricoeur* (2006). Nessas considerações, a categoria denominada como figurativo inclui o relevante trabalho de Ricoeur com respeito ao simbólico, a metáfora e a narrativa. O aprofundamento proposto nessa comunicação se baseará na discussão de Ricoeur acerca do potencial epistemológico das parábolas para a reflexão teológica. Dois elementos dessa discussão são utilizados como conceitos norteadores do presente estudo, a saber, a sugestão de que as parábolas devem ser estudadas em conjunto, e não meramente de forma individual ou isolada, e a ideia de que as parábolas fornecem imagens para a compreensão aproximada da realidade do reino de Deus. O primeiro conceito aponta para uma estratégia epistemológica que envolve algum nível de sistematização das imagens das parábolas. Por sua vez, a segunda noção norteadora revela que a exploração das parábolas não se define meramente pela exemplificação prática dos ensinamentos de Jesus, mas eminentemente pela profundidade da reflexão teológica acerca do reino de Deus. Nesse sentido, a compreensão aproximada do reino é mediada pelas imagens apresentadas nas parábolas. A discussão desses dois conceitos e a elaboração de suas implicações para a teologia sistemática indica que o pensamento metafórico, conforme elaborado na perspectiva ricoeuriana, representa uma relevante contribuição para a articulação epistemológica da teologia sistemática contemporânea. Com essa contribuição, a tarefa de sistematização se caracteriza particularmente pela organização criativa do movimento de um pensamento teológico não totalizante estimulado pela concretude das imagens, e não meramente pela abstração conceitual.

## **10. A esperança cristã que nasce na cruz de Jesus Cristo: Por uma sustentabilidade humana**

Agnaldo da Silva Vieira

O presente trabalho procura mostrar que a esperança cristã (escatologia cristã) nasce da cruz de Cristo. Para tanto, esboça a teologia da cruz de Jürgen Moltmann e Jon Sobrino, mostrando que não é possível pensar a teologia sem a cruz e o crucificado. A mensagem da cruz, tanto em Moltmann, quanto em Sobrino convoca as igrejas a repensarem todo o seu fazer eclesial a partir de uma teologia prática que não é fechada em seus rituais e dogmas, mas está sempre aberta para o acolhimento e os questionamentos. Assim, a escatologia cristã encontra na cruz o seu sentido primeiro e último, porque Jesus Cristo é a verdadeira esperança do mundo. A identidade, relevância e esperança da fé cristã só existirão à medida que estiverem intimamente relacionadas com a cruz de Jesus Cristo. Assim, a esperança cristã viverá as tensões próprias de qualquer identidade em construção, na perspectiva paradoxal da afirmação e/ou negação como fez Jesus Cristo na sua afirmação pelo esvaziamento. Assim, nós cristãos precisamos enfrentar com coragem e fé a crise de relevância da vida cristã, nunca nos fechando, mas buscando compreender o nosso lugar no mundo. Desse modo, a igreja e os cristãos não se contentarão a estar só com os iguais, mas a sua união com o crucificado lhe dará uma solidariedade incondicional, respaldada no amor ágape, para acolher e sentar à mesa com o estranho e diferente, sempre pregando a esperança que brota da cruz. Somente dessa forma, construiremos e proporemos ao mundo uma sustentabilidade humana, principalmente, nesse momento de resurgimento do fundamentalismo (e intolerância) religioso e político.

## **11. O inferno como rejeição definitiva de Deus em João Paulo II**

César Andrade Alves

Na Escatologia Cristã um elemento importante é o dado revelado acerca da existência de uma realidade denominada “inferno”. Ao longo da história da Teologia e da devoção popular esse elemento foi exaustivamente tematizado e ainda ocupa um lugar de destaque. Não obstante a riqueza dessas tematizações, ou talvez por causa delas, o “inferno” é frequentemente concebido como um lugar no qual um Deus terrível e odioso lança determinadas criaturas. É com dificuldade que o imaginário comum dos fiéis concilia o “inferno” com a misericórdia divina. Em sintonia com a profunda revisão que o tratado da Escatologia Cristã foi submetido ao longo do século passado, no final daquele período João Paulo II elaborou um breve texto teológico intitulado “O inferno como rejeição definitiva de Deus” no qual examina o modo apropriado para conjugar “inferno” e misericórdia divina à luz da revelação cristã. Trata-se de um texto praticamente ignorado, mas que oferece elementos-chave tanto para essa questão teológica como para os campos antropológico, cristológico, soteriológico e eclesiológico. O método da pesquisa será o da pesquisa bibliográfica. Como resultados do estudo, em primeiro plano encontra-se a maneira correta de interpretar a série de imagens que a Sagrada Escritura oferece a respeito do “inferno”. Em Antropologia Teológica aparece ressaltada a importância capital da decisão humana individual em relação à misericórdia divina. Em Cristologia vem sublinhada a substância da Nova Aliança instaurada e consumada na pessoa de Jesus de Nazaré e a sua distinção em relação à Antiga Aliança. Em Soteriologia aparece sublinhada a aplicabilidade da salvação divina. Em Eclesiologia, conjuntamente com a Soteriologia, encontra-se por fim ressaltada a extensão dessa salvação para além dos limites sacramentais da Igreja e, ao mesmo tempo, a grave responsabilidade que o dom do batismo

acarreta aos que o recebem. Longe de garantir a salvação, o batismo – à luz das reflexões de João Paulo II a respeito do “inferno” – implica para o fiel um encargo existencial ainda mais sério de opção pela justiça e gratuidade divinas. A conclusão da investigação é que esse texto esquecido de João Paulo II sobre o inferno é relevante nas apresentações da Escatologia Cristã que visem continuar e aprofundar a renovação que esse tratado teológico experimentou no século passado.

## **12. Identidade cristã e pluralidade religiosa em Edward Schillebeeckx**

Faustino dos Santos

Essa artigo busca relacionar a partir da reflexão do teólogo dominicano belga Edward Schillebeeckx dois temas relevantes e atuais à teologia cristã: a questão da identidade do cristão e o “problema” da pluralidade religiosa. Propõe-se mostrar que o princípio de abertura para as culturas e as religiões é constitutivo da identidade cristã, ou seja, é feito a partir da fé e não apesar dela. E, embora se deva reconhecer e respeitar a diversidade cultural e religiosa, do ponto de vista cristão, não é o pluralismo em si mesmo a forma possível de acolher os outros, mas o próprio Jesus Cristo que não viveu em função dele mesmo, mas em função do Reinado de Deus, que tem como uma de suas características essenciais a justiça aos pobres e marginalizados. Outrossim, se o próprio Jesus Cristo enquanto revelação plena e definitiva de Deus é uma realidade descentrada, então o cristianismo que quer se constituir como seu corpo histórico deve tomar como referência o mesmo princípio. Ou seja, ele deve se descentrar das pretensas exclusividade e autoreferencialidade que o acompanharam durante muitos anos da história a fim de abrir-se à prática do Reino de Deus que reclama atitudes de acolhimento e abertura. Deve-se ter em conta para isso que o Deus de Jesus se configura como símbolo de abertura e não de fechamento, além de que, a contingência histórica de Jesus de Nazaré enquanto caráter limitado da manifestação da plenitude de Deus não esgota a sua grandiosidade, mas o coloca em relação a partir do reconhecimento e acolhimento aos valores divinos presentes nas outras religiões. Sendo assim, se poderá reconhecer que o pluralismo não é um mal que deva necessariamente ser abolido, são um mal, isto sim, as mesquinhas contendas bem como as guerras de religião.

## **13. A Teologia como discurso biográfico sob a autoridade das vítimas**

Rogério Guimarães de Almeida Cunha

Tendo por aceito que no ser humano há um inato referenciar-se a Deus, que o fato de ele existir precisamente como humano se funda sobre sua referência última a Deus, por que a mesma humanidade se esquece desse seu referenciar-se? No fundo, qual a relevância de se perguntar pelo discurso sobre Deus hoje? Que Deus e que discurso sobre Deus pode ser relevante? Questões abertas e que suscitam grande esforço da Teologia. Esta se diferencia das outras ciências, pois se caracteriza por um pensar biográfico sobre o homem em sua relação com o Deus revelado. Em atenção a essas questões fundamentais, a presente pesquisa visa tratar dos desafios atuais para a teologia e a necessidade dela se abrir a um diálogo crítico com as demais ciências, recolocando na esfera pública a relevância da questão do discurso sobre Deus. Em seguida, descreverá a linguagem e o lugar por onde hoje se deve falar sobre Deus e o específico do fazer teologia a partir das vítimas. Por fim, apontará que fazer teologia significa partir de uma palavra performativa que, por analogia ao evento da Encarnação, requer uma implicação pessoal do teólogo em seu discurso, uma decisão por romper as barreiras intransponíveis de uma objetividade estéril, de um distanciamento tal que faz recair sobre a fé a suspeita de cinismo e ilusão. A

metodologia desta comunicação é de revisão bibliográfica, buscando aprofundar o discurso sobre Deus pelo viés de uma teologia biográfica, temática presente em alguns teólogos da atualidade. O resultado de nossa comunicação é a discussão sobre uma postura dialogal da teologia com outros saberes a partir de um performativo discurso sobre Deus, capaz de apresentar Deus com o mundo e não Deus sem o mundo, que gerou a reação de um mundo sem Deus. Conclui-se que o futuro do testemunho da fé cristã dependerá de uma teologia que se espelha no modelo de Cristo que, antes de tudo, olhava as pessoas em suas dores, as tocava. Os gestos e palavras do Papa Francisco, que quer uma Igreja em saída, uma Igreja capaz de se sujar com as feridas da humanidade, que não tem receios de descer às trevas por onde ela se perde em sofrimentos, que vai às periferias existenciais, dão claríssimo sinal de aceitação na atual sociedade secularizada. Certamente esse fenômeno tem algo a dizer sobre o que deve ser o fazer teologia hoje, pois revela claramente uma imagem verossímil de Deus.

#### **14. O drama dos refugiados e o compromisso cristão de cuidado com a natureza**

Maria de Lourdes da Fonseca Freire Norberto

O drama dos refugiados é hoje um tema que não pode mais ser relegado a segundo

plano, pois envolve o sofrimento de milhões de pessoas sem destino que vagam pelo planeta em busca de um espaço onde possam viver dignamente. O termo “refugiado” foi usado pela primeira vez em 1951, durante a Convenção de Genebra, quando o mundo vivia as primeiras grandes mudanças estruturais e contabilizava as consequências de grandes conflitos. Na ocasião, esses migrantes tiveram seus direitos reconhecidos. Hoje, mais de meio século depois, a crise dos refugiados cresceu de forma assustadora e muitos países que assinaram o documento de Genebra não os querem mais receber. Nos últimos anos, a intensificação do processo migratório tem sido desencadeada por guerras, perseguições políticas, étnicas, culturais, discriminação, busca de melhores condições de vida e desastres ambientais. Estes migrantes carregam um fardo desproporcional de sofrimento e a forma como têm sido tratados na chegada aos países tidos como desenvolvidos questiona valores éticos de nossa sociedade e precisa ser contundentemente enfrentada. O objetivo deste trabalho é apresentar a situação destes migrantes e refugiados hoje e mostrar que a sua defesa é parte do compromisso cristão de cuidado com a criação, que envolve a natureza e os seres humanos. Através de pesquisa bibliográfica e consulta aos principais sites de organismos institucionais, vemos que a situação destes milhões de seres humanos que vagam pelo planeta nos questiona em nossa própria condição antropológica de sermos todos migrantes estrangeiros, buscando a terra prometida por Deus, tão ansiada e desejada. O resultado desta pesquisa mostra que, como cristãos, somos instados a investir esforços na busca de uma solução, cientes dos danos irreversíveis que o egoísmo e a indiferença do mundo no acolhimento de irmãos geram à sociedade e à humanidade.

### **GT 09 – CULTURA VISUAL E RELIGIÃO**

#### **1. Nos mantos de Nossa Senhora de Guadalupe e Aparecida, a metáfora de representação da cultura popular**

Ana Maria de Sousa

Levando-se em consideração o imaginário popular de dois grandes ícones da religião católica da América Latina: Nossa Senhora de Guadalupe, no México, e

Nossa Senhora Aparecida, no Brasil, este trabalho tem por objetivo fazer a intersecção dos mantos de ambas iconografias, sob a perspectiva histórica, política e religiosa. Esta peça de vestuário é extremamente impactante ao primeiro olhar, por conter diversos elementos e símbolos impressos da cultura popular, carece de uma análise profunda para decifrá-la. O ponto comum entre esses eventos é que ocorreram após a colonização. No México, o fenômeno da “aparição” se deu em 1531 e no Brasil, a imagem foi içada por pescadores do rio Paraíba do Sul, em 1717. A historiografia latino-americana aponta para uma possível ‘costura’ híbrida no manto turquesa, de Guadalupe, com a cultura asteca e no azul marinho, de Aparecida, com a coroa real, de Portugal. Trabalhamos com a hipótese de que esses trajes trazem imbuídos o retrato de uma época e, no correr do tempo, podem ter mudado de tonalidade e designs, através da interferência de importantes acontecimentos sociais. Enfim, essas duas capas marianas são a chave para se desvendar as similaridades e diferenças das narrativas sagradas dos séculos XVI, no México, e XVIII, no Brasil, respectivamente, nos oferecendo a possibilidade de interpretar outros componentes heterogêneos devocionais e a carga metafórica de representação. Apesar de as duas histórias marianas terem sido originadas em momentos distantes permanecem como elo de perpetuação da cultura e intactas sob a ótica transcendental.

## **2. Cavalheirismo, piedade e império: o motivo de Sir Galahad na obra do artista metodista inglês Frank Owen Salisbury (1874-1962)**

Helmut Renders

A comunicação apresenta, primeiro, aspectos artísticos, denominacionais e nacionais, no caso, britânicos, da apreciação do pintor inglês metodista Frank Owen Salisbury (1874-1962) pelo motivo do cavaleiro Galahad da tábua redonda do rei Artur, e a sua integração em pinturas, litografias e vitrais religiosos. A integração dessa figura mitológica inglesa nos discursos religiosos ingleses, parte da sua redescoberta literária ao redor de 1850, e passa, em termos religiosos, tanto pela sua vinculação com a teologia eucarística católica como pela apreciação protestante como símbolo de um homem virtuoso. Finalmente, na associação metodista britânica de juventude, a “Guilda de Wesley”, fundada em 1895, a memória do cavaleiro Galahad serve como modelo de piedade e santidade. Em termos literários, uma figura marginal na narrativa do rei Artur, ganha a figura de Galahad no discurso nacional e imperial um destaque com o início da I Guerra Mundial quando é introduzida, ao lado de São George, como um modelo para os soldados ingleses. Consequentemente, aparece em dezenas de memoriais ingleses de soldados falecidos depois de 1920. O artigo esclarece sob qual influência Salisbury desenvolveu seu motivo de Galahad na década 30 do século passado: Ele reproduz a narrativa da cultura dominante do império britânica ou ele segue a linguagem religiosa protestante e metodista alternativa e 20 anos mais antiga? Ele propôs integrar na narrativa bíblico-cristã e denominacional metodista um mito nacional para fortalecer a identidade denominacional metodista por identifica-la como em consonância com o aspecto bélico do império britânico ou ele manteve um discurso visual denominacional alternativo por se tratar de uma denominação historicamente pacifista? Agravado é essa discussão pelo fato que Salisbury era um pintor de elites ingleses e estadunidenses e do império britânica que rejeitou a arte moderna, o que sua vez resultou na rejeição da sua obra no metodismo inglês depois de 1960. Para esclarecer o uso do motivo de Galahad na sua obra religiosa, são interpretadas três obras: o uso do motivo de Galahad numa ornamentação da sua própria casa (pintura de 1932), num vitral na Igreja de John Wesley em Londres



(1932), uma igreja metodista com alto valor simbólico dentro da denominação, e num livro sobre o Pai Nosso (1948). Ao quarto uso, numa Capela Congregacional de Juventude (1932), não tínhamos acesso. Baseado em métodos interpretativos da cultura visual emprestados da história da arte, especialmente de Heinrich Wölfflin, Erwin Panofsky e Aby Warburg, chegamos na conclusão que Salisbury (supreendentemente) não segue na sua aplicação religiosa do motivo de Galahad a narrativa da cultura dominante do império, mas, procura fixar e representar o discurso alternativo protestante e metodista desenvolvido antes da descoberta do motivo para o discurso nacional. Paralelamente, nas suas contribuições artísticas em memoriais de soldados falecidos, Salisbury nunca recorre ao motivo de Galahad, mas, de São George.

### **3. A iconofagia gospel: uma análise iconológica das devorações e incorporações nas artes gospel no brasil**

João Marcos da Silva

Atualmente, a cultura visual tem encontrado desafios relevantes na compreensão das imagens diante do cenário contemporâneo. A reprodutibilidade imagética na contemporaneidade, tem desencadeado um processo de devoração visual. A partir do fenômeno da explosão gospel da década de 90, houve uma inserção significativa dos evangélicos na sociedade de consumo e entretenimento, que corroborou para significativas transformações na sua relação com as imagens, particularmente, as imagens produzidas por diversas artes como música, dança, literatura, arquitetura, teatro, pintura e cinema dentro do cenário evangélico brasileiro. Desta forma, esta proposta tem como objetivo apresentar através de imagens das artes gospel, uma análise iconológica da produção artística no gospel a partir dos conceitos de Aby Warburg da fórmula de páthos ( fórmula da paixão, imagens que possuem uma carga emocional), da *Nachleben* (as imagens que sobrevivem e retornam no tempo), como também do processo iconofágico de devoração de imagens e conseqüentemente, das imagens que nos devoram (BAITELLO, 2005), identificando, neste sentido, alguns destes traslados, apropriações, ressignificações e devorações de imagens que estimulam e fomentam a reprodutibilidade imagética dentro da arte gospel brasileira. Por conseguinte, se observa que, as ressignificações do corpo no gospel e suas conseqüências por intermédio das devorações imagéticas, alimentam e fomentam os processos de consumo no cenário evangélico brasileiro percebendo que estes impactos iconofágicos tem proporcionado uma reconstrução da corporeidade e da iconografia cristã evangélica e essas transformações tem produzido impactos na produção artística evangélica, promovendo o consumo e o entretenimento, sendo ambos, mecanismos que retroalimentam este processo. Neste sentido, o segmento gospel se apropriou de imagens seculares que possuam uma energia emocional, (WARBURG, 2010) no intuito de estimular a reprodutibilidade destas imagens neste cenário. Simultaneamente a isso, um universo icônico se expandiu através de sites, blogs e redes sociais, como também uma considerável devoração de imagens visuais, transformando com isso, os evangélicos em consumidores não somente de produtos materiais, mas também de imagens.

### **4. Cultura visual pentecostal: presença e uso do quadro “o plano divino através dos séculos” numa Igreja Assembleia de Deus**

Éric de Oliveira Martins

A comunicação apresenta e explora o surgimento de uma cultura visual religiosa pentecostal brasileira através de um quadro chamado “O Plano Divino Através dos Séculos” e também conhecido como o “quadro dispensacionalista”,

originalmente publicada em 1943 no livro “O Plano Divino através dos Séculos”, do missionário e pastor americano Nelson Lawrence Olson e, posteriormente, divulgada como cartaz autônomo em forma de litografia colorida. Desde já, foi amplamente usada na formação doutrinária de ingressos e membros da Assembleia de Deus. Sua existência e o seu amplo uso demonstram o papel significativa da cultura visual na catequese dessas comunidades, num item essencial da sua identidade, a sua escatologia. O objetivo da comunicação explora e afirma a existência de uma cultura visual assembleiana e contribui para o estudo do surgimento de uma cultura visual evangélica brasileira. O quadro “O Plano Divino através dos Séculos” surge em um período em que os cristãos assembleianos não tinham acesso à leitura, 1943. O Brasil ainda era, em sua grande maioria, uma país rural, de maioria analfabetos e com pouco acesso aos estudos, ficando somente acessível a elite. Essa situação atinge os assembleianos que, em sua maioria, não sabia ler a Bíblia. O quadro em si, com as imagens das dispensações, com um resumo da história da humanidade no planeta terra e com a ênfase na escatologia dispensacionalista, fazia com que os cristãos assembleianos lessem a Bíblia através das imagens ou figuras. Comprova, o que Jacques Le Goff informa sobre a leitura das imagens por parte das pinturas das igrejas e os vitrais das catedrais, onde os iletrados poderiam ler a Bíblia com as pinturas e figuras. Em análise a esse quadro, e de forma metodológica, usamos Erwin Panofsky para uso da interpretação pré-iconográfica, iconográfica e iconológica do quadro.

## **5. Cinema, roteiro e fim do mundo: análise do filme melancolia, do diretor Lars Von Trier**

Ana Paula Pirani / Rodrigo Follis

Ao se partir do conceito de dialogismo tal como defendido inicialmente por Bakhtin, argumenta-se que um filme é um produto cultural inscrito em um período

sócio-histórico e partir dele podemos tanto entender como vislumbrar detalhes e posturas dessa determinada época. Através desse pensamento teórico inicial, é possível argumentar quanto a validade do cinema como ponto de articulação de discursos sociais prévios assim como de uma aglutinação de gêneros diversos em

uma mesma obra artística. Analisar uma produção filmica, em sua constituição total ou em determinadas partes desconstruídas é, por si só, um exercício de entendimento das articulações sociais que fazem com que tais discursos possam ser entendidos socialmente e, dentro disso, vivenciados por uma significativa parcela da humanidade. É possível se utilizar da analogia do arqueólogo, que aplicado ao contexto social, se debruça e descobre as pequenas peças culturais, pelas quais se elucida o todo (ou parte dele) da articulação da sociedade. Objetivos: Assim, a proposta que aqui se sucede é buscar interrogar uma obra filmica de cunho apocalíptico. Para tanto, se escolheu o filme Melancolia, do diretor Lars Von Trier. Métodos: Utilizou-se de uma abordagem qualitativa, com procedimentos para uma desconstrução de algumas cenas, escolhidas de maneira não probabilística, mas que contemplem o todo em suas partes. A análise se focou, em especial, na direção de fotografia (e em sua cor) e na análise do roteiro, tudo para se entender a construção discursiva maior proposta na obra. Com isso, não se procedeu apenas uma análise filosófica-escatológica, mas uma busca por entender como a direção de fotografia ajuda a compreender melhor a obra. Resultados e conclusão: A direção de fotografia proposta, associada a uma concepção específica sobre o fim do mundo e um roteiro que privilegie essa discussão, trazem, associadas, uma potência comunicacional. A escolha de acorde

cromáticos, dos quadros indicados, dos formatos, da história, das obras de artes citadas, em resumo, a escolha dos padrões e processos, ajudam a construir o todo comunicacional. E, assim, nega-se e/ou aceita-se o fatídico fim que parece nos vislumbrar adiante enquanto raça humana. O escathon, segundo o diretor, é certo. As cores usadas na obra para mostrar isso são bem delimitadas, frias e sem esperança. Mesmo quando o roteiro tende a um tipo de fuga para amenizar tal fim, continua-se com a mesma paleta de cores. Com isso, se a esperança não pode se ancorar na realidade, joga-se na cara do espectador o óbvio ululante de nossos destinos, pelo menos tal como visto na direção fotográfica e no roteiro, totalmente fadado ao fim.

## **6. Narrativas orais como fontes para a construção iconográfica de devoções não-canônicas da América do Sul: um exercício semiótico na hagiografia visual**

Luís Américo Silva Bonfim

A iconografia dos santos é uma das práticas criativas mais antigas do Catolicismo, e sua origem se confunde com a da própria arte cristã. A caracterização das figuras santificadas marcou vigorosamente as representações visuais cristãs em movimentos históricos da arte românica, bizantina e gótica e, posteriormente, no Renascimento Italiano e no Barroco, a partir do gênio de gravadores, desenhistas, pintores e escultores. A tarefa não era simples: um jogo intersemiótico entre narrativas míticas e plasticidade visual. A tradição do culto aos santos aportou nas Américas, sobejamente vivenciada pela colonização ibérica, que nas matrizes portuguesa e espanhola constituiu distintas formas de relação com os repertórios autóctones, produzindo um catolicismo dinâmico e aberto às hibridações e interpretações locais. E foi exatamente o modelo do culto aos santos quem possibilitou, até os dias de hoje, um intenso processo de identificações e reconstruções de mitos e narrativas sobre intercessores locais, que proporciona o surgimento de um santoral não-oficial que se elastece entre o exercício de nobres virtudes e o testemunho de sofrimentos sobre-humanos. Este trabalho tem como objetivo analisar, numa perspectiva histórica e etnográfica, a construção visual dos santos “irregulares”, não-canônicos, espontaneamente consagrados pela devoção popular, registrados em diversos meios expressivos, bem como compreender as lógicas interpretativas que atuam dentro e fora das metodologias eclesiais. Utilizaremos um conjunto de materiais impressos coletados em ambientes devocionais de países como Brasil, Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai e Venezuela, além dos registros fotográficos que captamos ao longo de dezenas de incursões ao campo, em santuários de diversas naturezas. A análise das narrativas em torno das santidades considera o modelo greimasiano, a partir do seu processo gerativo de sentido baseado em relações de contrariedade. Os resultados parciais deste estudo indicam que, de uma maneira geral, os mitos milagreiros encarnados nas santidades apresentam um padrão bastante regular, permitindo a identificação de uma estrutura onde os participantes desempenham um papel ativo nas narrativas, que se objetificam em torno da figura popularmente sacralizada, incorporando traços de circunstâncias trágicas com valores que não podem ser esquecidos.

## **7. Tecendo considerações sobre uma sequência do filme “Kundun”**

Elainy Fátima de Souza

Essa comunicação investiga, a partir da visão ocidental de fé do cineasta Martin Charles Scorsese (1942-), uma sequência de três minutos do capítulo 24 (1:49:05), do filme “Kundun” (1997), que foi escrito por Melissa Mathison (1950-2015). Esse foi baseado na vida do 14º Dalai Lama, o “Buda da

Compaixão", líder político e espiritual do Tibete. Ele foi conduzido à Lhasa, capital do Tibete, aos quatro anos. Assim, foi educado como um monge e preparado para se tornar um chefe de Estado, todavia começou a enfrentar problemas com a China. Essas dificuldades ocasionaram a invasão das tropas de Mao Tsé-Tung em território Tibetano, levando a entronização do Kundun, antes dos dezoito anos prescritos. No Tibete, Dalai Lama compreendeu que precisaria agir diante das ameaças sofridas advindas do governo chinês. Assim, utilizou do oráculo para esclarecer suas dúvidas que o fez ter certeza da necessidade do seu exílio, ocorrido em 1959. Desta forma, essa análise será aprofundada através da linguagem cinematográfica, ou seja, utilizando da trilha sonora, enquadramentos, análises das ações das personagens e diálogos entre elas. Além disso, metodologicamente, será evidenciada a relação de complementaridade estabelecida entre as noções de dúvida, e saddha, (Pali: "confiança", "fé", "fidelidade") do sânscrito shraddha, no budismo, que são apresentadas na película, tendo como base para análise, o texto "Dinâmica da fé" de Paul Tillich. Tal cena dará suporte para se pesquisar como o cinema estabeleceu essa conexão entre o Kundun e a espiritualidade, já que a associação entre linguagem e imagem propicia a compreensão do mundo religioso.

## **GT 10 – CONSCIÊNCIA PLANETÁRIA, SUSTENTABILIDADE, RELIGIÃO E ECOTEOLOGIA**

### **1. A água nas religiões: do mito ao cuidado ambiental**

Marcial Maçaneiro

A água – e mais precisamente “as águas”, como usado no plural semítico (màim / mèm) – é um elemento significativo na mitologia religiosa de muitos povos. Geralmente relacionada à vida e à fecundidade, a água faz-se presente em muitas cosmogonias e ritos, considerada elemento primordial, dádiva celeste, sêmen fecundador da Terra, representação de potências criadoras, elixir da vida e manifestação da divindade. Esta percepção encontra-se registrada na memória ancestral, transmitida e relida pela tradição mítica, com elementos simbólicos, hermenêuticos, éticos e práticos. Do Hinduísmo ao Islã, das Religiões africanas ao Cristianismo, a água é um tema eloquente que sinaliza a relação da humanidade com a vida e com a divindade, mirando à transcendência, de um lado, e ao cotidiano, de outro. Quanto à transcendência, as águas remetem ao segredo da vida, às forças da divindade subterrânea, ao desígnio dos deuses em gerar e manter o cosmos, à bondade e misericórdia do Criador. Quanto ao cotidiano, no tempo-espaço da comunidade humana, a água é vital para alimentar, saciar, plantar, irrigar, colher e cozinhar – atividades geralmente rodeadas de sacralidade. Os mitos e ritos fazem esses níveis se tocar, com uma percepção simbólica que valoriza, lado a lado, o sentido místico e o sentido vital da água. Neste cenário, destacam-se as tradições hinduísta, semita e iorubá, com narrativas mitológicas variadas e ricas de conteúdo, com analogias e símbolos a serem relidos, no contexto atual da crise socioambiental. Os mitos e ritos referentes à água são diretamente conexos com a vida humana e planetária, possibilitando uma passagem do símbolo à ética, das analogias às práticas. Deste modo, a sacralidade da água nas religiões oferece não apenas um conteúdo cultural e simbólico interessante, mas também ético e prático, solicitando reconhecimento, responsabilidade e cuidado pelos recursos hídricos como bem comum.

## **2. A bênção das nascentes e o cuidado com a natureza: a contribuição da Religiosidade Popular no cuidado com a Criação**

João Batista Maroni

Diante do atual contexto de reflexões teóricas e de reconhecimento e valorização do cuidado com o planeta. Diante das insistentes buscas de alternativas de superação da crise ambiental em que vivemos, especificamente no que diz respeito ao trato e ao uso da água, esta comunicação procura refletir a contribuição que a Religiosidade Popular pode oferecer no cuidado com a Criação. Num primeiro momento apresentamos a situação da água em nosso país, focando principalmente em sua escassez e qualidade, tomando por principal base a Campanha da Fraternidade de 2004, “Fraternidade e água” – “Água, fonte da vida”. Num segundo momento refletimos a importância da expressão de fé na religiosidade popular e sua contribuição no cuidado com a criação. O terceiro momento aponta, a partir da experiência da bênção das nascentes desenvolvida no município de Atílio Vivacqua, ES, possíveis caminhos de contribuição da religiosidade popular para o cuidado com a natureza. A bênção das nascentes acima citada, tem sido importante instrumento de aproximação entre FÉ e VIDA, expressa numa comunhão de trabalho da Pastoral da Igreja com os órgãos governamentais de defesa e preservação do meio ambiente. Dessa forma, a bênção tem se tornando ocasião propícia na construção de parcerias e de uma conversão coletiva de participação na luta pela água, na preservação de mananciais, na recuperação de mananciais degradados. Importantes sinais de aproximação entre FÉ e CIÊNCIA têm também se apresentado na realização desse trabalho. O “afeto” da fé, proveniente da piedade popular, tem predisposto as pessoas a não só pedirem a bênção, mas também a se disporem acolher as necessárias intervenções e técnicas de recuperação e preservação. Daí, toda nascente a ser benzida, é anteriormente submetida a uma minuciosa intervenção de cuidado e preservação realizada por órgãos governamentais afins - Secretaria Municipal de Meio Ambiente, INCAPER, IBAMA e outros, como condição *si ne qua non* para a realização da bênção. Vista sob o aspecto pedagógico, a bênção das nascentes em muito poderá colaborar para que a educação ambiental se predisponha a dar um passo a mais na direção do Mistério, do qual uma ética ecológica recebe o seu sentido mais profundo, como propõe o papa Francisco. O afeto proveniente da fé predispõe aquele que acolhe a bênção, a dar um passo na superação de um cuidado movido apenas por leis ou normas jurídicas, para uma autêntica “cidadania ecológica”. Como promotora de um peculiar “olhar da fé para com a natureza”, a bênção das nascentes pode contribuir como instrumento eficaz de superação da ruptura existente na relação entre o ser humano e a criação, causada pelo pecado, podendo também contribuir na promoção de uma “mística ecológica”, capaz de revelar a dimensão mais profunda do mundo criado, sua verdade última, seu significado eterno. Compartilhamos, portanto, esse projeto de inspiração na Religiosidade Popular, como uma experiência bem-sucedida de educação para a sustentabilidade.

## **3. A comunidade quilombola do cedro, mineiros go: etnobotânica e religiosidade**

Mauro Primo Vieira

Este estudo pretenderesgatar, documentar e problematizar os conhecimentos tradicionais sobre o uso de plantas medicinais pela Comunidade de Remanescentes de Quilombo do Cedro localizada no bioma Cerrado, município de Mineiros-GO. Sabemos que as práticas etnobotânicas contribuem para o resgate do conhecimento e valorização dos saberes empíricos acerca dos

recursos vegetais utilizados pelas populações tradicionais, sobretudo na região do cerrado brasileiro, que possui uma rica biodiversidade da flora. O Cerrado é o segundo maior bioma brasileiro em área. Nele está concentrado um terço de toda a biodiversidade nacional e 5% da flora e da fauna mundial (ABRAMOVAY, 1999). Segundo Guarim Neto & Morais (2003). No Quilombo do Cedro, existe um modo específico de vida, uma relação profunda com a natureza. O uso das plantas é utilizado com sabedoria nas aplicações do combate das enfermidades, tanto dos comunitários quanto da população em geral do município. Junta-se a isso a crença nos benzedores, curandeiros e raizeiros. Nesse ambiente percebe-se que as manipulações dos elementos da natureza caracterizam a religiosidade dos Cedrinos e no seu modo de vida. A comunidade do Cedro trabalha com diversas espécies de plantas medicinais, que servem de matéria-prima para a preparação de remédios fitoterápicos preparados no Laboratório de Plantas Mediciniais do Cedro com fins de comercialização, doação ou feitas em suas casas para o próprio consumo. A utilização de plantas medicinais e a preparação de remédios fitoterápicos configuram-se como uma atividade social, econômica e ecológica na qual identifica-se que o conhecimento tradicional é transmitido no âmbito familiar, mas também ocorrem conhecimentos que são obtidos em cursos e seminários específicos. Os membros da comunidade precisaram se qualificar para trabalhar dentro de normas, e assim, conseguir continuar a desenvolver a atividade. segundo os autores (SILVA, 2003; BAIOCCHI, 1983), alguns traços da cultura cedrina são preservados durante mais de um século de história ocorrida no território do Cedro, como a forma de lidar com a terra, com os poucos animais, as festas tradicionais, danças típicas como a dança do quilombo, as comidas, religiosidade, o relacionamento próximo entre ser humano e natureza, onde a utilização de plantas para fins medicinais se faz presente. E isso confirma Guarim Neto & Carniello (2007, p. 110-111), afirmando que a cultura de comunidades tradicionais está ligada aos seus ambientes materiais. Nessa dinâmica da cultura, o manejo sobre as plantas medicinais provém de um conhecimento transmitido verticalmente, aquele de geração em geração, “que por um motivo ou outro, carregam consigo essas preciosas informações, recebidas dos ancestrais” (GUARIM NETO, 2006, p. 72). A metodologia proposta será de análise documental complementando os dados obtidos por meio de observação etnográfica. Com a etnografia pretende-se compreender os significados das ações sociais dos membros da comunidade através da construção das construções (GEERTZ, 1989) aprendendo, interpretando e apresentando os resultados através da “descrição densa”, ou seja, a mais completa possível do sistema cultural (GEERTZ, 1989).

#### **4. A cosmovisão holística da igreja adventista do sétimo dia e a ecologia**

Jean Carlos Zukowski e Fábio Augusto Darius

Qualquer pessoa, culta ou não, com educação formal ou não, liberal ou conservadora, crente em Deus ou atea, rica ou pobre, escrava ou livre, todos agem e vivem baseados em crenças e valores que acreditam ser a realidade. Todos estando conscientes ou não são guiados por uma cosmovisão (NASH, 1988). Qualquer movimento religioso está também ancorado em pressupostos metafísicos que determinam sua axiologia (DILTHEY & BETANZOS, 1989). A Igreja Adventista do Sétimo Dia, como qualquer movimento, possui uma visão de mundo que norteia a relação do homem com seu semelhante e com o mundo ao seu redor. Dentro do movimento isto é denominado estilo de vida adventista. Este estilo de vida está baseado em uma cosmologia e antropologia holística (DEDEREN, REID, & VYHMEISTER, 2009). O objetivo deste estudo é analisar como o estilo de vida adventista pode contribuir para uma interação harmoniosa entre o homem, Deus, o meio ambiente e o próximo. A hipótese é

que a cosmovisão Adventista do Sétimo Dia pode influenciar na maneira como o homem reage ao ambiente que Deus o inseriu e que se aplicada, poderia contribuir para a manutenção sustentável da ecologia. A pesquisa usa uma abordagem qualitativa, pois não se preocupa com representatividade numérica, mas, com o aprofundamento da compreensão sistemática das ideias dos autores (GOLDENBERG, 1997). Ela é de natureza aplicada, pois, a análise de conceitos busca gerar conhecimentos que auxiliarão na compreensão da vida prática. Ela é uma pesquisa exploratória, pois busca proporcionar maior proximidade com o objeto de estudo (GIL, 2007), a antropologia e cosmologia, de modo a compreender melhor o fenômeno da natureza humana em sua relação com o meio ambiente. A pesquisa também visa fomentar uma discussão dos autores sobre o tema através de referências teóricas analisadas e publicadas, sendo assim quanto aos procedimentos bibliográfica (FONSECA, 2002). O desenvolvimento da pesquisa segue a seguinte ordem: Primeiro é analisado o que seria de forma geral a cosmovisão Adventista do Sétimo Dia. Depois busca-se considerar a relação criatura e criador, e o papel de cada um nesta relação. Então procura-se compreender a antropologia adventista, sua visão holística de homem. Finalmente é feita uma análise de como o estilo de vida na cosmovisão Adventista do Sétimo Dia poderia influenciar a maneira como o homem reage ao ambiente no qual Deus o inseriu analisando a relação da antropologia, cosmologia e ecologia na perspectiva Adventista do Sétimo Dia. Os resultados indicam que o estilo de vida adventista, quando aplicado como prática de vida pode contribuir para a manutenção sustentável da ecologia, a preservação do meio ambiente e, conseqüentemente, a vida com qualidade, pois busca promover o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, mentais, sociais e espirituais, bem o a responsabilidade ecológica.

## **5. A Crise Socioambiental e a Formação Presbiteral**

Marcos Morais Bejarano

A partir do pontificado do papa Francisco, e especialmente com sua carta encíclica *Laudato Si*, a crise socioambiental entrou definitivamente na agenda de reflexão da Igreja Católica. Dentre as preocupações expressas no documento pontifício está a de promover uma adequada educação para a aliança entre a humanidade e o ambiente. Considerando o contexto católico, e ciente do papel dos presbíteros como agentes de transformação eclesial e social, a presente pesquisa teve por objetivo verificar no processo de formação dos seminaristas a presença ou não de uma verdadeira preocupação com as questões ligadas à temática. A metodologia foi basicamente a de pesquisa bibliográfica. Fizemos um levantamento dos principais documentos normativos da Igreja para a formação de futuros presbíteros, desde o Concílio Vaticano II até os dias atuais. Concluimos que a presença da temática socioambiental é ainda muito discreta, com exceção do último dos documentos estudados, publicado já no pontificado do papa Francisco, embora carecendo de ulteriores desenvolvimentos. Por fim, concluimos apresentando, a partir dos próprios documentos, janelas de oportunidade que permitam dar maior peso ao tema em futuros projetos formativos a serem elaborados pela Igreja Católica, tendo como destinatários candidatos ao ministério ordenado. Se, por um lado, a preocupação com uma formação integral, tão presente no pós-Vaticano II não incluiu, normalmente, a dimensão ecológica, por outro, é promissor o surgimento desta temática no documento “O Dom da Vocação Presbiteral” (2016), posterior à *Laudato Si*, abrindo espaço para maiores aprofundamentos, bem como para a criatividade dos projetos formativos dos seminários.

## **6. A cultura do diálogo como caminho para a superação da crise socioambiental**

José Abel Sousa/Beatriz Gross

A crise socioambiental assola o planeta, realidade que também se tornou presente

na pauta da Igreja com a carta encíclica *Laudato Si'* publicada pelo papa Francisco

em 2015. Empenhado em dialogar com todos os segmentos, o documento tem o intuito de suscitar uma atitude de corresponsabilidade para com o planeta. Francisco propõe a necessidade de se pensar uma ecologia integral, indicando que

todos os seres estão interligados e não se pode mais conceber uma ecologia ambiental sem falar da ecologia social e humana. O objetivo deste artigo é apresentar o diálogo como ferramenta para o inter-relacionamento humano – com os outros e com a natureza –, na intenção de compreender a magnitude do problema e encontrar soluções que permitam a continuidade da vida na Terra. A disponibilidade de dialogar com o próximo indica o respeito de reconhecer-se parte do problema e irmanar-se na busca de soluções efetivas. Através de investigação bibliográfica, apresentamos os principais elementos do processo dialógico e abordamos a premente necessidade de o ser humano repensar-se enquanto promotor de sua própria dignidade e parceiro na criação, tecendo as relações humanas, sociais e ambientais que lhe garantam a sobrevivência em condições sustentáveis. Como resultado, pode-se perceber que as causas dos males existentes no meio ambiente têm suas raízes no modo como a sociedade está organizada e como o ser humano tem interagido com a natureza. O rompimento dessa atitude de superioridade, do desejo de dominar sempre, pode se dar através do diálogo, que é reciprocidade do encontro. Os autores abordados concordam que o diálogo (e sua essência, a palavra) é relacional e, desse modo, conecta os seres humanos (entre si e) a algum projeto, no caso abordado neste artigo, à necessidade de encontrar saídas para a crise socioambiental. Concluímos que é preciso investir no aprendizado do diálogo que respeita o outro e que uma simples substituição do antropocentrismo não resolve a crise na qual estamos inseridos. A *Laudato Si'* aponta o caminho da integração relacional com o ambiente, com as outras pessoas e com Deus, indicando que a cultura do diálogo se contrapõe à atitude de dominação e exploração, ela prevê coletividade. No diálogo com o outro, cada (e todo) ser humano aprende que ambos ocupam uma casa comum, o planeta, que deve ser gerido de comum acordo para a sobrevivência de todos.

## **7. A fé cristã e a ecologia sob a perspectiva da missiologia adventista**

Marcelo Eduardo da Costa Dias e Germana Ponce de Leon Ramirez

A missiologia, uma das mais recentes disciplinas teológicas, é definida como o estudo sistemático e interdisciplinar de todos os aspectos da missão. Observa-se que, mesmo sendo uma área dedicada à prática mais geográfica da fé cristã – esse cruzar barreiras para compartilhar a fé –, raramente discute o significado do contexto terrestre ou dinâmicas ecológicas. O objetivo deste trabalho é estabelecer uma articulação entre a fé cristã e a ecologia no âmbito da missiologia contemporânea com ênfase na tradição Adventista do Sétimo Dia, por meio de uma revisão de literatura. Apesar das marcantes discussões sobre cultura, a missiologia parece ignorar a interseção com a ecologia. Na tensão típica da teologia da missão, que busca o equilíbrio entre a ênfase terrena e extraterrena, parte do desafio missional contemporâneo encontra-se em incorporar e responder às discussões concernentes ao meio ambiente e sua



sustentabilidade. Em um contexto histórico da humanidade é percebida uma relação equilibrada com a natureza. Entretanto, no transcorrer do tempo e com as mudanças no âmbito socioeconômico, cultural, político e religioso, as atividades humanas e modos de vida são alterados, dando origem a necessidades que passaram a modificar essa relação entre o meio e o homem. Por conseguinte, tem-se uma relação de exploração cujo foco é a produção dos bens de consumo. Diante de uma exploração dos recursos naturais pelo homem sob a perspectiva consumista, percebe-se a necessidade de proporcionar mais reflexão e debates acerca da responsabilidade que o ser humano precisa ter pela criação de Deus no sentido de respeitar e conservar o meio em que se vive. Dessa forma, fica evidente a imprescindibilidade de se atentar para o cuidado com a vida humana como um todo, considerando a interseção entre cultura, ecologia e religião, na busca por propostas e caminhos relevantes para o contexto contemporâneo de diálogo inter-religioso e desafios ecológicos.

## **8. Bem Viver como horizonte de sentido para a cidade**

Carlos Alberto Motta Cunha

Apresentamos o Bem Viver como ideologia, filosofia e paradigma de vida capaz de interpelar as ideais de progresso e de desenvolvimento das sociedades contemporâneas. Como horizonte de sentido, o Bem Viver não só questiona o estilo de vida do sujeito moderno como apresenta ao mundo os seus princípios de sustentabilidade, equidade e inclusão. Como pôr em prática o Bem Viver nos grandes centros urbanos de hoje? O que tem a dizer o modo de vida das culturas indígenas às sociedades urbanas do século XXI? A nossa comunicação busca respostas às estas questões dialogando com o pensamento de Mario Rodriguez Ibáñez, no texto “Ressignificando a cidade colonial e extrativista”. Nele, Ibáñez abre a discussão sobre o Bem Viver como horizonte de sentido para a cidade fundamentada em duas intuições: 1) Desmontar os imaginários dominantes sobre a cidade, ressignificar a vida urbana, recontextualizá-la, reconfigurar nossas vidas e convivências, e 2) Encontro com a vida no campo, como complementariedade, cria consciência de outras possibilidades de relações humanas além da percepção de dependência da Natureza como provedora de recursos essenciais para a sobrevivência de todas as espécies de vida.

## **9. Criação é o lugar da comunhão entre Deus e o ser humano: uma perspectiva ecológica no pensamento de Irineu de Lião**

Leonardo Henrique Piacente

A Criação é obra pessoal de Deus, que com suas próprias Mãos modela o universo com o Verbo e a Sabedoria. E o Criador não se afasta da sua obra, mas a acompanha generosamente num contínuo esforço do artesão que paciente e incansavelmente dá continuidade ao seu trabalho. E esta criação não nasceu do nada, para um nada, segundo Irineu “este grande universo criado havia sido preparado por Deus antes da criação do homem como lugar para ele” (Demonstração 11). É nesta Criação que Deus salva a humanidade. Ao contrário do que defendiam os diversos grupos gnósticos, que não aceitavam a criação divina, mas sim defendiam que o mundo era fruto da matéria decaída, obra de um Demiurgo. Irineu de Lião apresenta a criação como o lugar de encontro do Deus Criador com a obra criada, pois este grande artesão é o único capaz de conduzir a Criação à sua perfeição. Esta busca de comunhão de Deus com o ser humano criado torna-se tão profunda que o Criador se esconde na Criação para tornar-se mais próximo. Deus utiliza-se dos elementos criados para estabelecer o vínculo de comunhão, seu Corpo e Sangue. O seu próprio Filho nasce neste mundo, filho de Deus gerado no ventre da Virgem Maria, para que todos

reconheçam que o barro e o hálito de vida que criaram o ser humano são sinais marcantes da proximidade de Deus conosco. Irineu afirma que a Eucaristia é o maior dom da criação “é por sermos seus membros que somos nutridos por meio das coisas criadas” (Adversus haereses, V,2,2). Portanto o pensamento irineano reflete como é significativo que toda a humanidade descubra a importância da criação de Deus e reconheça que ela garante a vida, e vida em plenitude para todos. A Criação não é um espaço qualquer, mas sim o lugar de encontro com o Senhor, da salvação, de todo ser humano descobrir-se neste caminho de comunhão com o Senhor. Esta comunicação faz parte de uma pesquisa de doutoramento no pensamento de Irineu de Lião e pretende a partir da hermenêutica das fontes irineanas compreender uma perspectiva ecológica no pensamento deste Padre da Igreja. A metodologia será qualitativa, tendo como base um método bibliográfico exploratório.

## **10. Crise alimentar: possíveis implicações ecoteológicas**

Anderson Silva Barroso

Ao fazermos uma breve análise do atual contexto social verificamos que o século XXI pode ser caracterizado por suas diversas crises. Dentre elas, é quase unânime que passamos por uma crise ambiental global sem precedentes. Ao lado da crise ecológica, outras ainda pouco evidenciadas são dignas de igual preocupação. Uma delas é a crise alimentar. A discussão sobre a soberania e a segurança alimentares das populações, sobretudo as mais carentes, é premente. A produção, distribuição e utilização dos alimentos em escala mundial nos moldes de consumo dos países desenvolvidos impacta diretamente nos recursos naturais do planeta. Este problema, porém, tem sido pouco considerado na hodierna reflexão teológica. Nosso trabalho tem então por objetivo apontar como a forma de alimentação pós-moderna está diretamente relacionada aos diversos desafios socioambientais. Para tal, limitarmos-nos aos cinco temas socioambientais assinalados pelo Papa Francisco no primeiro capítulo da Encíclica *Laudato si*. Desejamos mostrar de maneira breve que há uma dupla relação entre a crise alimentar e a questão das mudanças climáticas, da crise hídrica, da perda da biodiversidade, da deterioração da qualidade de vida humana e degradação social e da desigualdade planetária. A crise alimentar implica aumento na crise ecológica e vice-versa. A partir desta análise valida-se que a alimentação – e sua fatural crise – deve ser matéria de análise da Ecoteologia já que diz respeito às proposições específicas desta área da Teologia. Visto a enorme importância da alimentação para o presente e o futuro dos seres vivos, bem como na preservação de nossa casa comum, faz-se necessário que outros(as) teólogos e teólogas da área aprofundem os estudos nesta vasta e ainda pouco explorada questão.

## **11. Crise ecológica e reflexão antropológico-teológica à luz da encíclica *Laudato Si***

Eraldo de Souza Leão Filho

A urgente crise ecológica tem gerado inúmeras reflexões nos mais variados meios acadêmicos e científicos. Tal aprofundamento da questão visa a compreender melhor qual o papel dos diferentes seguimentos envolvidos na questão em meio a tão complexo processo global dos dias atuais. O que parece, à primeira vista, algo concernente apenas à necessidade de conservação da natureza em suas mais variadas vertentes – tais como clima, solo, água, biodiversidade etc – e de combate à fome e à desigualdade social geradas por tal problemática, possui no cerne da sua questão a necessidade de um aprofundamento da reflexão antropológica, impelindo o homem, como elemento

arbitrário de todas as questões concernentes à crise da ecologia, a uma “regeneração” da compreensão de si mesmo no tocante à sua integração no cosmos. É nesse sentido que a teologia assume como sua a necessidade de avançar no estabelecimento de relações dialógicas no tocante às questões da crise ecológica, cuja finalidade é refletir o papel do homem enquanto membro do conjunto da obra criada por Deus, em cujo centro ele está como “dominador”, mas cujo domínio não implica num “despotismo” egoísta e devastador da natureza. Nessa perspectiva, reconhecendo-se perenemente vocacionada a ser “sal da terra” e “luz do mundo”, e apresentando-se institucionalmente em meio à sociedade para melhor exercer essa sua vocação, a Igreja abraça as investigações teológicas em âmbito ecológico manifestando a sua solicitude por meio da palavra oficial do seu “magistério ordinário”, a cujo ápice em tão pertinente questão ela chega nos dias atuais por meio do magistério do Papa Francisco, mormente aquele expresso na encíclica *Laudato si*. Destina-se, portanto, esta proposta de comunicação a expor de modo sintético como o Magistério da Igreja amalgama a reflexão teológica sobre o assunto, tendo por objetivo despertar as consciências não somente para a problemática em voga, mas para iniciativas concretas e proativas nesse âmbito, fomentando assim o contributo eficiente – não apenas teórico - da Teologia Cristã. O recurso metodológico para essa proposta de comunicação é o da apresentação oral, auxiliada por recursos visuais, concluindo com a possibilidade de diálogo com os espectadores-ouvintes.

## **12. Cuidar da irmã água: um imperativo urgente**

Marcelo Massao Osava

Como conciliar o desenvolvimento, útil e necessário, com o cuidado e preservação do meio ambiente? Será que ainda existe uma forma do ser humano conviver pacificamente com a Criação? Já não teria passado da hora de acordar e começar a pensar e agir diferente? O homem deveria ter a consciência de que passou o tempo da administração irresponsável dos recursos naturais, sobretudo da água, e neste ponto a teologia tem um papel essencial ao fazer a correta exegese de Gn 1,26, a fim de elevar o homem da condição de dominador tirano da natureza à cuidador. Ou se aprende de uma vez por todas que o cuidado com a criação é um imperativo urgente ou em pouco tempo simplesmente não haverá mais o que cuidar e nem sequer dominar. O objetivo deste trabalho é apresentar uma reflexão a respeito de um imperativo mais do que urgente para a própria sobrevivência da espécie humana, ou seja, o cuidado com a “casa comum”. De maneira específica a reflexão tem o objetivo de demonstrar a situação crítica em que se encontram os recursos hídricos no planeta e a forma com que estão sendo tratados, ou melhor, destruídos, pois olhando de perto o comportamento social a impressão é que tais recursos nunca irão terminar e estarão eternamente à disposição. A problemática levantada será confrontada com a reflexão teológica que vem sendo proposta desde tempos antigos. Na elaboração do trabalho algumas referências são de importância capital para a fundamentação da discussão teológica que envolve a problemática da crise hídrica. A carta encíclica “*Laudato si*” do Papa Francisco, é fundamental no desenvolvimento da reflexão, pois é consignado por escrito de maneira objetiva não apenas o pensamento do magistério católico a respeito da questão ambiental (tem um item específico para a problemática da água), mas são propostas ações que devem ser colocadas em prática a fim de que a discussão não permaneça apenas no campo teórico. A *Placuit Deo* da Congregação para a Doutrina da Fé, Leonardo Boff, Adolphe Gesché também são fundamentais no desenvolvimento da reflexão. A partir da reflexão é possível constatar que a problemática envolvendo o meio ambiente e de maneira especial a escassez cada vez maior dos recursos hídricos

encontra raiz, sobretudo, no próprio homem e na sua incapacidade de se relacionar de maneira respeitosa com a Criação. Se a integridade e dignidade da vida do próprio ser humano vêm sendo colocada em segundo plano, não é estranho tanto descaso e desrespeito para com outras criaturas. Coisa mais desumana é constatar que atualmente pessoas no mundo ainda morrem pela falta de água potável. Ao final de tudo resta ainda uma esperança! Não em uma auto renovação da natureza, mas sim em uma regeneração do homem que ainda pode se converter ecologicamente. Somente quando cair em si e perceber que não preservar o meio ambiente, sobretudo a água, é não preservar a sobrevivência da própria espécie é que o homem estará realmente conseguindo cumprir a função de “jardineiro” designada pelo próprio Criador.

### **13. E viu Deus que tudo era muito bom...” Economia e justiça no pensamento de Martim Lutero**

Wilhelm Wachholz

O tema da religião e crise socioambiental tem caráter transversal e a teologia, em particular o pensamento teológico luterano, tem importante contribuição para as discussões atuais. Segundo Lutero, Deus criou o mundo como “boa economia” para preservação da vida. A criação do ser humano foi antecedida pela criação da “cozinha” ou “hospedagem”, como a definiu o reformador. Tudo o que Deus criou visou à produção e reprodução da vida. O pecado, contudo, afastou o ser humano de Deus e do “Mitmensch” (co-ser humano) e da criação em geral. Este afastamento resultou em idolatria econômica e inaugurou o germe da morte. Encurvado em si mesmo, egocentrado, o ser humano privatizou a economia, o que resultou na crise ecológica ou ambiental. Jesus Cristo é, para Lutero, a proposta de restauração da justiça econômica original de Deus. Ecologia e antropologia cristã estão intimamente implicadas em Lutero. Pela fé em Cristo, o ser humano é restaurado em sua existência diante de Deus (coram Deo), em sua existência diante de si mesmo (coram seipso), a face os seres humanos (coram hominibus) e face ao mundo (coram mundo). A partir da compreensão do coram, a comunicação tem por objetivo abordar o tema da ecologia e economia desde a compreensão do reformador Martim Lutero a partir de sua teologia da criação. A existência diante de Deus (a partir da fé), de alguma forma, funde a existência face aos seres humanos e ao mundo (pelo amor). O princípio do coram, portanto, indica que a existência humana é fora de si mesma, extra se, diante de Deus e toda a criação. A existência diante de Deus engloba a existência do mundo e vice-versa. Portanto, do coram Deo resulta a ética cristã da pessoa, que “[...] faz justiça a Deus pela fé e, também pode, agora, fazer justiça ao mundo através do amor.” Trata-se da justiça original, isto é, a justiça da boa economia criada por Deus.

### **14. Financeirização: interpelação à Ecoteologia**

Sinivaldo Silva Tavares

O objetivo da presente comunicação é acolher as interpelações que o fenômeno da “Financeirização”, oriundo da cumplicidade entre mercado, tecnociência e mídia, põe à Ecoteologia. Adverte-se, em nossos dias, uma alienação básica e fundamental entre o sujeito “inventado” pela modernidade colonial capitalista e a Terra. Somos vítimas de uma fratura das conexões vitais entre corpos e territórios e, portanto, pensamos e nos sentimos como se vivêssemos do dinheiro (valor abstrato) e não dos bens da Mãe Terra. Concebemos, assim, progresso-desenvolvimento-crescimento em termos de domínio e exploração (supostamente) infinita dos “recursos” da Terra. Em sua fase senil, o capitalismo se apresenta em nossos dias na versão histórica do “neoliberalismo” que se

constitui no conjunto de relações sociais que consome as energias vitais no intuito de acumular infinitamente o valor abstrato, o dinheiro. E, nesse processo, consome a vitalidade da Terra e a humanidade do humano. Temo-nos tornado presa vulnerável deste fenômeno da “financeirização” que vem se dando, sobretudo, mediante três expedientes: “extrativismo digital”, redução da privacidade a “ativo econômico” e, por fim, “colonização” de desejos, sentimentos e emoções. Interpelada a assumir as questões provenientes desta situação, distinguindo-as e problematizando-as, a ecoteologia se propõe a construir um discurso rigoroso apto a discernir e articular as mútuas e recíprocas implicações entre os desafios postos pela “financeirização” e o anúncio do “evangelho da Criação”, utopia permanente das relações harmoniosas e ternas que, enquanto cristãos, buscamos construir entre todos os seres, verdadeiros “filhos da Terra”, nossa Casa comum. Ao final, serão oferecidas indicações de como, à luz da fé cristã, assumir mentalidades e atitudes que correspondam à urgência e gravidade dos desafios atuais e que, ao mesmo tempo, expressem uma tomada de posição evangélica face à “financeirização”.

## **15. Fundamentos agostinianos para a distribuição e o consumo de alimentos saudáveis**

André Luiz Rodrigues da Silva

Crescem os estudos que nos alertam sobre o impacto da presença de resíduos tóxicos nos alimentos produzidos e consumidos em larga escala. Tais estudos revelam uma estatística assustadora em relação aos efeitos da poluição descontrolada ou de desastres ambientais como os que recentemente ocorreram em Mariana e em Brumadinho. O céu, a terra e o mar, com tudo que neles habita (Sal 146, 6) dão sinais profundos de saturamento biológico por causa dos resíduos que comprometem a saúde alimentar. Esses fatos nos permitem observar como o

cristianismo afrontou, desde o início, a questão dos alimentos. Em particular, Agostinho se interessou em refletir sobre a produção, a distribuição e o consumo dos alimentos saudáveis. Desejamos evidenciar os elementos fundamentais da argumentação que Agostinho faz sobre os alimentos destinados para o consumo, propondo uma aproximação do pensamento agostiniano com os princípios da ecologia moderna, sobretudo no que diz respeito ao protagonismo religioso diante destas questões socioambientais. Propõe-se a análise dos sermões quaresmais em que Agostinho parte do tema dos alimentos puros e impuros, tocando em questões sociais como a distribuição e o consumo de tais alimentos. Soma-se a isso, breve contextualização do problema para os estudos atuais sobre os bioindicadores - termo que se refere àqueles animais que servem de monitoramento ambiental -, encerrando-se com certas propostas de caráter pastoral. Desde os tempos remotos, o cristianismo se preocupa e se sente motivado a dar uma resposta para a questão da produção de alimentos carentes de contaminação. Tal proposta pastoral se renova nos nossos dias, enriquecendo-se com o instrumental técnico de observação microbiológica que nos faz propor um modelo atualizado e responsável sobre as impurezas dos alimentos. Pesquisa-se, por exemplo, ostras e ouriços que servem como bioindicadores para controlar o índice de contaminação de produtos que derivam do petróleo. Nos corais se pode identificar a presença microscópica de metais pesados. Os peixes e as aves, em larga escala considerados indispensáveis fontes de proteína, são respectivamente bioindicadores de elevadíssima presença de microplástico e de substâncias hormonais e químicas. Conforme os princípios que reafirmam a integridade do homem, estabelece-se uma estreita harmonia entre corpo e alma, sem que, por isso, se tenha que construir

uma proposta dicotômica e espiritualista como aquela propagada pelo maniqueísmo. Neste sentido, torna-se equivocado todo discurso cuja proposta de saúde espiritual rejeite a saúde física e vice-versa. Os efeitos de contaminação dos alimentos mais consumidos já ultrapassaram a barreira da irresponsabilidade e da ganância comercial, alcançando os níveis mais sensíveis das escalas de perigo, isto é, já se fala de intoxicação microbiológica, invisível. A natureza criada por Deus está nos convidando a olharmos para o “interior” das aves, dos animais marinhos e das plantas, a fim de que se entenda que a conversão interior só se dá de maneira saudável, quando cada pessoa se convence do que precisa fazer diante da necessidade de “descontaminação” da natureza que nos oferece os alimentos que consumimos.

## **16. História ambiental e a diaconia como pastoreio hermenêutico**

Helio Aparecido Teixeira

Foi somente no século XX que a ciência historiográfica estabeleceu análises que davam atenção sistemática aos fatores ambientais e suas conexões com a história dos seres humanos. A partir de transformações na compreensão da relação do ser humano com o Meio Ambiente, os debates fizeram emergir uma verdadeira revolução científica, com o surgimento de diversos campos de estudo cuja temática centrava-se na ecologia e no meio ambiente. No que tange à História Ambiental, três dimensões se entrelaçam: ecologia, relações econômicas e cognição humana. Por esse motivo, a história ambiental considera dois tempos distintos, quais sejam, o tempo geológico e o tempo social, combinando assim a história natural à história social. Além disso, a História Ambiental trouxe à reflexão teológica a discussão a respeito da idade da Terra, substanciando a perspectiva crítica dos estudos bíblico-teológicos. Dito de outro modo, o meio ambiente deixa de ser compreendido como mero palco para as ações humanas, passando a ser aquele elemento envolvente e gerador de temporalidades. Objetivos: o objetivo da presente comunicação é discutir determinados aportes ecológico-sociais desde uma perspectiva da diaconia como pastoreio hermenêutico. Método: o estudo apresentado se pautou na metodologia dos estudos em História Ambiental e da pesquisa em diaconia. Resultados: a História Ambiental resulta de mudanças fundamentais na concepção acerca do tempo e da vida do planeta, principalmente com as descobertas dos fósseis no século XIX. A constatação de que o planeta possuía uma história bem mais antiga do que até então se supunha, engendrou considerações teológicas críticas a respeito dos fundamentos religioso-científicos do cristianismo e sua justificava de dominação do ser humano europeu sobre outros seres humanos, bem como a respeito de sua superioridade frente aos demais seres vivos. Longe de estar resolvida, a problemática antropocêntrica resiste sob renovadas matizes, tais como a atual crise migratória e os retrocessos nas políticas de enfrentamento ao aquecimento global. Conclusão: tendo em vista os aspectos observados, entende-se que a História ambiental permite ao labor teológico inferências importantes a respeito do enfrentamento crítico à História da Igreja e da reflexão histórico-sistemática dos fundamentos a respeito de uma ecologia humano-ambiental.

## **17. Mistagogia ecológica: do mistério trinitário à ética socioambiental**

Sérgio Gonçalves Mendes

Interessa-nos analisar a Encíclica Laudato Sí desde a perspectiva da mistagogia cristã, indicando suas implicações antropológicas e éticas. A partir daí fazemos uma crítica de determinadas concepções da fé cristã que realizam uma cisão entre ortodoxia e ortopraxia ou entre culto e ética. O método escolhido é o da análise linguística, a partir da hermenêutica de alguns textos fundamentais do magistério e de expoentes da teologia sobre o tema em questão. A iniciação cristã dos primeiros séculos era caracterizada pelo uso do método mistágico.

A preocupação central não era introduzir os ouvintes às verdades doutrinárias, mas à sua imersão na experiência com o mistério salvífico e trinitário de Deus. O Concílio Vaticano II, ao fomentar o resgate dessa iniciação mistagógica, indica pelo Decreto Ad Gentes, os três âmbitos dessa iniciação: vida da fé, liturgia e caridade (AG, 14). Esses âmbitos permitem uma chave de leitura da Encíclica Laudato Si e podem “pro-vocar” a desejada “conversão ecológica”, porque aqui o ser humano reencontra sua vocação à vida como uma dádiva (vida da fé), como júbilo (liturgia) e como práxis (caridade). A compreensão da vida como uma dádiva remete-nos à nossa condição criatural, de dependência de toda a teia da vida no cosmos. Do reconhecimento da dádiva da vida brota o louvor e a gratidão, expressados pela liturgia, na qual somos convidados à consciência cordial de que somos criados no amor e para o amor, na comunhão e para a comunhão. Aqui a Eucaristia expressa, de modo único, um louvor cósmico que tudo abarca no mistério do Cristo ressurrecto, no qual o destino da humanidade e do cosmos se encontram entrelaçados. Nesse ambiente o uso reducionista da razão à sua função tecnocientífica se vê superado pela ampliação holística do horizonte da vida, da contemplação e do cuidado. Do reconhecimento da dádiva da vida pelo louvor, somos conduzidos à práxis em prol da vida. De fato, a denúncia profética contra um culto sem a justiça, ou a própria práxis de Jesus em favor dos excluídos, indicam que o supremo louvor é dado pela práxis ética de uma vida que se torna, ela mesma, um culto agradável a Deus. Daí que não haja verdadeiro amor a Deus sem amor ao próximo (1Jo 4,20). O desenvolvimento da soteriologia cristã permitiu compreender que o mistério salvífico de Cristo açambarca além da vida humana, todo cosmos. Por essa razão, o papa Francisco, de modo coerente, une num único clamor ético o grito dos pobres e o grito da Terra. Portanto, a compreensão da relação entre dádiva, louvor e práxis, permite criticar uma compreensão da fé cristã que justifique um domínio humano despótico sobre a natureza (cisão entre ortodoxia e ortopraxia) ou reduza a questão ambiental ao âmbito de uma piedade romântica (cisão entre culto e ética).

#### **18. O cuidado com a casa comum no contexto da teologia da criação: fundamentos para uma ecologia integral**

Bruno Pinto de Albuquerque/Lucas Henrique Tadeu de Oliveira

No contexto do VII Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião (ANPTECRE), que se debruça sobre as relações entre religião, teologia e crise socioambiental, optamos por abordar importantes linhas de trabalho propostas pelo Papa Francisco na Carta Encíclica Laudato Si', que completa quatro anos de publicação. No âmbito da teologia cristã, procuramos explorar as raízes da teologia da criação que fundamentam a concepção de uma ecologia integral, que concebe o ser humano sempre em sua dimensão relacional, com Deus, com o próximo, consigo mesmo e com toda a criação. Durante um longo período da história da Igreja, a relação com a criação ocupou um lugar secundário ou até mesmo dispensável no campo da espiritualidade. Entretanto, como sustenta o Papa Francisco, a dimensão ecológica não ocupa uma posição secundária ou opcional na revelação transmitida pela tradição cristã, mas constitui-se como parte essencial e consequência necessária do encontro com Jesus, o que o leva a propor uma vigorosa conversão ecológica, que conduza a uma ecologia integral (LS 217). O descuido com esta relação prejudica todas as outras relações – com Deus, com o próximo e consigo mesmo.

O objetivo central deste trabalho consiste em examinar o âmbito relacional no qual a Laudato Si' concebe o ser humano, procurando evidenciar de que maneiras ela auxilia na superação de uma mentalidade de dominação oriunda de

uma interpretação fundamentalista de Gn 1,28, mais especificamente do verbo “dominar”. Tal interpretação equivocada pode causar inúmeros problemas no que diz respeito às relações humanas, sobretudo uma coisificação da criação de Deus. A superação de tal mentalidade se faz urgente nos tempos atuais, tendo em vista que o modelo de produção e consumo é insustentável e destrutivo. Propomos, assim, lançar luz sobre o cuidado com a casa comum à luz da teologia da criação no contexto da antropologia teológica, procurando haurir fundamentos para uma ecologia integral. Esta noção, proposta pelo Papa Francisco ao abordar o tema da “casa comum”, não situa o ser humano apenas como habitante de um ambiente propício à vida, mas faz de todo o gênero humano coirmão e corresponsável pela preservação do planeta, concebido como dom de Deus. O método utilizado será eminentemente bibliográfico, a fim de desenvolver a questão nuclear sob o ponto de vista de Garcia-Rubio e De La Peña, para apresentar a concepção de ecologia integral à luz da teologia da criação conforme abordada pela antropologia teológica. Procuramos promover, deste modo, subsídios para que as comunidades cristãs possam encontrar elementos que as possibilitem repensar o padrão de consumo e as relações em seu sentido mais amplo. Nessa direção, é significativo que a Encíclica, em continuidade com a tradição católica, chame a atenção para a contemplação como o papel mais alto designado para o ser humano. Trata-se, com efeito, de um olhar imbuído de atitude espiritual, que enxerga beleza em tudo o que é criado e que se articula profundamente à ação de zelar pela criação, a fim de que essa contemplação seja possível ao outro.

## **19. O meio ambiente e o sínodo da amazônia**

Ludinei Marcos Vian

Amazônia é formada por uma multiplicidade de povos e culturas, espalhada por vários países. Além disso, a Amazônia “é o maior bioma do Brasil. (...) A bacia amazônica é a maior bacia hidrográfica do mundo: cobre cerca de 6 milhões de km<sup>2</sup> e tem 1.100 afluentes”.<sup>1</sup> Essa riqueza vem sendo ameaçada pelo desmatamento, incentivo à construção de usinas hidrelétricas, pela mineração e pelo agronegócio. Consciente dessa realidade, o Papa Francisco anunciou dia 15 de outubro de 2017, que em outubro de 2019 acontecerá a Assembleia especial para o Sínodo dos Bispos com o tema: “Amazônia: Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral”. O Sínodo quer pensar a evangelização e o cuidado com a natureza, a partir da Amazônia. Essa pesquisa tem por objetivo acompanhar o andamento do Sínodo e apresentar as contribuições que ele vem dando para enriquecer o debate do cuidado dessa biodiversidade e das pessoas que ali moram. Além disso, destacar a íntima ligação entre a caminhada da Igreja e o cuidado com o meio ambiente, percebendo assim, a relação entre religião e sociedade. O método utilizado será de pesquisa bibliográfica em livros e revistas sobre o tema. Primeiro se apresentará a realidade da Amazônia, sua biodiversidade e os povos e culturas nativos dessa região, após se destacará o Sínodo e a caminhada realizada, por fim se demonstrará de que forma o Sínodo auxiliará no cuidado com a realidade Amazônica, tanto no âmbito eclesial como social. Refletir sobre esse tema já é uma novidade do Sínodo. Ele sai do âmbito eclesial e estabelece uma relação com uma fragilidade social. Revela assim, uma Igreja que se coloca a serviço das realidades que estão à margem da sociedade. Os resultados esperados são destacar quais as contribuições que a reflexão teológica pode dar a esse tema, cooperar com as ações que estão sendo feitas ao longo desse processo, evidenciar a importância da colaboração da Igreja no cuidado com a casa comum e organizar atividades que auxiliem na construção do Sínodo e no cuidado com a Amazônia.

O Sínodo valoriza a realidade amazônica e o equilíbrio natural que há séculos existiu, e denuncia aqueles que desrespeitam essa forma de vida. Conclui-se que



ao realizar o Sínodo a Igreja contribui com a valorização dos povos que ali existem e do meio ambiente e ensina que a evangelização também consiste em testemunhar Jesus Cristo no cuidado com a Criação.

## **20. O simbolismo ecológico do santuário cristo redentor**

Alexandre Carvalho Lima Pinheiro

A estátua do Cristo Redentor é um dos símbolos cristãos mais reconhecidos da humanidade. Inserido na maior floresta urbana do mundo, o monumento une a expressão arquitetônica do Mistério Pascal e a paisagem da cidade do Rio de Janeiro. Concebido originalmente no século XIX, o propósito do monumento era comunicar o cerne da mensagem cristã numa linguagem universal. Após sua inauguração, em outubro de 1931, o monumento transcendeu o âmbito religioso, representando também a cultura brasileira para o mundo. Em outubro de 2006, o platô do Monte Corcovado foi reconhecido como santuário católico, um lugar de oração e encontro, onde as pessoas podem estar em harmonia com Deus, com a natureza e com o próximo. Este artigo tem dois objetivos: apresentar o santuário Cristo Redentor como instrumento de diálogo entre fé e cultura; demonstrar que o monumento pode ser um instrumento para a educação ecológica e a superação da crise socioambiental. Este artigo se propõe utilizar o método histórico e etnográfico, de modo a abranger o impacto do Santuário Cristo Redentor na sociedade e na cultura. A abordagem histórica do monumento permite constatar que tudo está interligado: não existe uma crise social isolada da crise ambiental, mas sim uma crise socioambiental. No século XIX, o desmatamento da Floresta da Tijuca provocava a seca dos mananciais de água potável da cidade do Rio de Janeiro. Dom Pedro II ordenou uma extensa campanha de reflorestamento, e a mata local recuperou o seu brilho original. Na virada para o século XX, a poluição no centro do Rio de Janeiro provocava movimentos migratórios desordenados para as áreas virgens da cidade. As primeiras favelas avançavam sobre o verde da cidade, numa espiral crescente de pobreza, violência e degradação ambiental. Com a abolição da escravatura e a proclamação da República, houve a separação entre a Igreja e o Estado. A perda de poder político da Igreja Católica e seu esforço para recuperá-lo culminaram, no início da década de 1930, na inauguração da estátua do Cristo Redentor e na proclamação de Nossa Senhora Aparecida como padroeira do Brasil. Com a ereção do Santuário Cristo Redentor, no início do século XXI, a Igreja procura trazer um novo significado ao monumento, indo de encontro aos problemas do mundo atual, dentre eles a crise socioambiental. A segunda parte do artigo apresenta o simbolismo ecológico do Santuário: a sua posição destacada no alto da montanha; a cruz, símbolo de fé, esperança e de paz; as mãos chagadas com as marcas da crucificação, evidenciando a ressurreição de Jesus; o discreto coração no peito da estátua, sinal do amor de Deus; o mosaico de pedras sabão que reveste a estátua, sinal das pedras vivas que compõem uma Igreja de braços abertos; a capela dedicada a Nossa Senhora Aparecida, com a presença perene da Eucaristia; o olhar sereno e amoroso de Jesus, em harmonia com a criação. Pleno de significado, o Santuário Cristo Redentor pode ser um instrumento para a educação ecológica e para a superação da crise socioambiental.

## **21. Protestantismo e ecologia no nordeste do Brasil**

Gustavo Ribeiro da Silva Amorim

Desde a década de 1960, especialmente com a publicação do historiador Lynn White Junior em 1967, o cristianismo e especialmente o protestantismo tem sido identificado com um antropocentrismo que demonstra pouca preocupação com a capacidade de suporte do meio ambiente. A presente pesquisa situa-se no contexto do desenvolvimento de uma tese de doutorado em Ciências da Religião, buscando avaliar se os protestantes de missão (evangélicos

tradicionais) no Nordeste do Brasil (Pernambuco e Paraíba) apresentam uma maior frequência de práticas ambientais. Foram aplicados 251 questionários com uma Escala de Práticas Ambientais em uma população de idade igual ou maior de dezoito anos, de várias confissões religiosas. Comparando-se os resultados entre as diferentes confissões, conclui-se que os protestantes em geral apresentam menor frequência de práticas ambientais que católicos e espíritas kardecistas, contudo, dentro do grupo dos protestantes há considerável variação no engajamento em práticas ambientais. Como continuação da pesquisa ora desenvolvida, busca-se explicar a influência da crença religiosa na formação de atitudes positivas ou negativas que influenciam na adoção de práticas sustentáveis como o consumo sustentável ou a participação em fóruns de debate de qualidade ambiental. A formação de redes sociais através da religião pode ser um veículo para a disseminação de práticas ambientais sustentáveis integradas com o arcabouço doutrinário da religião cristã-protestante, portadora de uma visão de mundo potencialmente emancipadora de um fetichismo ambiental.

## **22. Raízes históricas da nossa crise ecológica e o cuidado pela nossa casa comum** Renato Kirchner

No decorrer dos últimos séculos e de uma maneira ainda mais acentuada nas décadas que sucederam ao desfecho da Segunda Guerra Mundial, a intervenção técnica exercida pelo ser humano sobre a natureza ocasionou uma enorme fragilidade nas ordens humana e planetária estabelecidas, fazendo com que se instalasse uma crítica situação de vulnerabilidade no equilíbrio humano e planetário como um todo. De fato, o poder do ser humano ocasionou mudanças na natureza do próprio agir humano, de modo que a natureza tornou-se um campo da responsabilidade humana. Em 1969, Heidegger proferiu as seguintes palavras: “A apatridade (Unheimlichkeit) é um destino mundial na forma da civilização planetária. É como se a civilização planetária, que o ser humano moderno não criou mas em que foi ‘destinado’, trouxesse consigo o obscurecimento da existência humana. De fato, é o que parece. Mas seria um erro pensar somente até aí e não ver nada mais, a saber, a possibilidade de uma virada. Mas nós não sabemos nada do futuro. Talvez tudo finde numa grande desolação. Talvez aconteça que algum dia o ser humano se enfaste dos produtos de suas pretensas produções e, de repente, comece a questionar. Talvez também possa ocorrer que a desolação atinja tal nível que as necessidades se nivelem a ponto de o ser humano já nem sentir a decadência interior e o vazio de sua existência. Talvez possa também acontecer outra coisa. Em qualquer caso, como quer que seja ou aconteça: nós não nos devemos queixar, temos é de nos questionar!” Segundo Hans Jonas, a técnica nos revela que a natureza da ação humana foi modificada de tal maneira ao ponto de afetar a integridade humana bem como a biosfera inteira do planeta. Diante disso, a proposta da presente comunicação, tendo como referência teórica as ideias do filósofo Hans Jonas, objetiva evidenciar traços comuns em vista de uma consciência ecológica e planetária a partir de dois documentos, a saber: o artigo “As raízes históricas de nossa crise ecológica”, do historiador medievalista Lynn White Jr. (anos 60) e a Carta Encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco, “Sobre o cuidado da casa comum” (2015).

## **23. São Francisco de Assis: humanismo e ecologia integral**

Cristiano Luís de França

Dentre os grandes debates da Teologia contemporânea, a Ecoteologia apresenta-se como um dos mais relevantes e que mais têm despertado a atenção de especialistas também de outras áreas do conhecimento, especialmente a partir das reflexões ensejadas com o lançamento da Encíclica *Laudato Si'*. O tema, de

extrema atualidade diante dos graves problemas socioambientais em nível mundial, nos quais o Brasil tem papel de destaque, nos faz questionar os paradigmas que sustentam o modelo hegemônico de desenvolvimento planetário, por um lado, e ainda avaliar as estratégias que estão sendo gestadas em vista de um modelo alternativo. Nesse sentido, a figura de São Francisco de Assis se destaca como paradigma de um novo humanismo e uma nova consciência ecológica. Diante de um mundo em profunda transformação, no seu tempo, ele foi capaz de trilhar caminhos diversos de vivência da fé que viriam renovar profundamente a Igreja, e que já apontavam para a necessidade de uma maior integração entre o homem e o seu ambiente, através de uma opção radical de convivalidade fraternal. Intentamos, desse modo, aprofundar alguns aspectos da vida de São Francisco, tendo como contraponto a encíclica *Laudato Si* e o documento preparatório para o Sínodo da Amazônia. Concluiremos reafirmando a importância e a atualidade da figura do *poverello* de Assis como modelo de uma Ecologia integral, que se deseja comprometida, engajada e responsável com os destinos da “casa comum” e ainda como inspiração para o diálogo inter-religioso e entre a Fé e os diversos campos de conhecimento que trabalham o tema.

#### **24. Tecnocracia como antiescatologia: desafios para a escatologia**

Jesus Manuel Antonio Monroy Lopez

O estudo apoiando-se em Hans Jonas questiona o quão poderosa se tornou a humanidade e sua capacidade de alterar o equilíbrio ecológico do planeta ao ponto de comprometer sua própria existência e ameaçar o plano salvífico divino. Desse modo, tem-se por objetivo refletir se a tecnocracia vivida pela sociedade atual seria capaz de frustrar o plano escatológico de Deus para a humanidade. Nesse cenário, a pesquisa encontrou dados alarmantes, constatando que os recursos naturais vêm sendo consumidos em uma velocidade superior a capacidade regenerativa do planeta. Assim, em resposta ao objetivo proposto, encontrou-se a tese defendida por Leonardo Boff que afirma ser possível evitar a extinção da vida no planeta, desde que assumamos as contradições e ameaças, passando a construir um mundo que ame a vida, dessacralize a violência, tenha cuidado e piedade com todos os seres e imponha a justiça. Segundo Boff, há quatro realidades a considerar: a) a terra não é um ‘depósito ilimitado de energia’, ela deve ser vista como um superorganismo vivo, que une as redes da interdependência de todos os seres. b) O cuidado é a essência da vida e do ser humano. c) O feminino no homem e na mulher é o princípio de percepção da realidade. Por esse motivo é necessário resgatar o feminino colocando a vida no centro de tudo, onde a pessoa e não o lucro é o mais importante; d) A espiritualidade trata-se da capacidade de dialogar com o eu profundo, de ouvir o coração de tudo. É a consciência que está no tudo captando a fibra secreta que liga e religa a fonte primeira, Deus. Rubem Alves por sua vez, defende que Deus não se encontra alheio à história da humanidade, mas age criando oportunidades para que esta trilhe o caminho da salvação. Assim, O tempo histórico criado por Deus na atividade messiânica de Jesus e logo do Espírito, não é orgânico, nem natural. As coisas não acontecem vindas de um passado por repetição ou evolução. Em Deus o tempo passado é penetrado de liberdade para ser presente e logo futuro. É através desse desdobramento imanente no tempo que irrompe o novo e se insere como presente. Presente que se torna grávido do novo futuro de Deus. Futuro que não é o que está formado pelo presente vindo do passado. Futuro sempre é surpresa de Deus, a abertura ao novo. É esperança. Jürgen Moltmann, por fim, questiona sobre como amar, cuidar e proteger a vida? E afirma ser necessário ‘um dever para com a existência’, que somente é possível quando se percebe a ‘existência como graça’. Assim, ética e escatologia devem caminhar juntas, se inter-relacionado e retroalimentando-se. O sentido é algo que

exige confiança que se pode racionalizar, mas também se deixa pautar pela desconfiança que a experiência lhe oferece. Como cristãos, ainda assim devemos amar a vida no pró-amor eterno de Deus e por isso, sem esquecer a oração de socorro devemos na responsabilidade resistir à destruição.

## **25. Tipologias da Ecoteologia**

Afonso Murad

O autor chileno Román Guridi, na obra “Ecoteología: hacia um nuevo estilo de vida” (Santiago: Univ. Alberto Hurtado, 2018) aponta diversas estratégias da ecoteologia e traça um mapa conceitual para “agrupar e expor as diferentes ênfases, centros de gravidade, métodos e perspectivas” através das quais essa corrente teológica se desenvolve (p.102-128). Para isso, ele se serve de tipologias construídas por três teólogos norte-americanos. Segundo John Haught, existem três perspectivas dominantes da ecoteologia: a apologética, a sacramental e a escatológica. Já para a teóloga ecofeminista Rosemary Radford Ruether, na ecoteologia predominam dois enfoques ou tradições: a da aliança e a sacramental. Para ambos os autores o termo “sacramental” não alude à prática católica dos sacramentos, mas sim que compreensão de que a criação em seu conjunto é uma manifestação de Deus, um sinal sensível do divino. O terceiro autor selecionado é Willis Jenkins, que caracteriza as diferenças no interior da ecoteologia a partir da visão sobre a Graça, compreendida como santificação, redenção ou deificação. Para ele, tais concepções acentuariam, respectivamente: a ecojustiça, a administração da criação e a espiritualidade da criação. E paralelamente estariam presentes nas tradições: católica, protestante e ortodoxa. Nosso trabalho consistirá em: (a) apresentar resumidamente essa tipologia, (b) verificar até que ponto ela ajuda a compreender a ecoteologia gerada no Brasil, e (c) refletir sobre a utilidade desse mapa conceitual para o avanço da ecoteologia. Para realizar tal intento tomaremos a título de exemplo, um biblista (Sandro Galazzi), um teólogo sistemático (Leonardo Boff) e um escritor de ecoespiritualidade (Marcelo Barros). Esperamos assim contribuir para o desenvolvimento da ecoteologia no nosso país, em estreita relação com as Ciências da Religião e os movimentos socioambientais.

## **26. O Terreiro de Ritual Sagrado da Aldeia da Boa Vista: o povo Xukuru do Ororubá e suas práticas socioambientais em defesa da terra.**

José Bezerra de Melo Constantino

Esta comunicação apresenta como o povo Xukuru do Ororubá compreende a natureza e como retomou nas últimas décadas as práticas socioambientais voltadas para recuperação da terra indígena devastada pelos fazendeiros invasores. Os índios, membros do Terreiro da Aldeia Boa Vista, trabalham, permanentemente, com o conceito do Bem Viver dos povos andinos, como também com as ideias da agroecologia, desenvolvendo práticas socioambientais e religiosas que promovem a longo prazo o processo de reflorestamento, de refaunização e de consciência ambiental. A pesquisa de campo foi realizada para a construção da tese de doutorado sobre a Religião Indígena do Ritual Sagrado no território indígena Xukuru do Ororubá. Ocorreu durante os anos de 2017 e 2018, no Terreiro da Boa Vista, localizado na Aldeia Couro Dantas, no município de Pesqueira (PE). Como metodologia para levantamento dos dados, foram realizadas observações de campo dos Rituais Sagrados e entrevistas semiestruturadas com índios participantes do Terreiro, como também observações das ações de práticas socioambientais e religiosas desenvolvidas como o Urubá Terra: encontro de agricultura e partilha de sementes tradicionais e o Encontro dos Sábios: Lonji Abaré (poder de observação). Observamos nesses encontros que os índios atribuem à agricultura uma dimensão sagrada,

uma vez que a natureza e a terra são compreendidas como a mãe do povo Xukuru do Ororubá. Como resultado dessa incursão e pesquisa no território indígena, demonstramos como os índios participantes do Ritual Sagrado procuram superar a crise ambiental que reverbera a mais de um século, sendo fruto da exploração e violência da mão de obra indígena, como também do emprego de tecnologias modernas inadequadas que promoveram a poluição e a destruição da terra, da mata e das águas, intervenções essas, financiadas pelos fazendeiros invasores.

## **SESSÕES TEMÁTICAS COMUNICAÇÕES APROVADAS**

### **ST 01 - ESPÍRITO E UTOPIA DO REINO DE DEUS: QUESTÕES EMERGENTES ENTRE PNEUMATOLOGIA E CRISTOLOGIA**

#### **1. A fruição do Espírito no Método Teológico**

Henrique Mata de Vasconcelos

Os estudos a respeito do método teológico e científico são imprescindíveis ao teologizar. Principalmente diante do atual cenário contemporâneo e do rigor científico requisitado pela comunidade acadêmica. Todavia, conforme o teólogo jesuíta Victor Codina mostra-nos, estamos vivendo um grande cristomonismo nas estruturas cristãs. Essa inflação de doutrinas, de aulas, de palavras, de cursos, entre outros, é uma consequência do e implica no esquecimento que o Espírito Santo sofreu na Igreja, deixando uma grande lacuna de experiências espirituais, de interioridade, de contemplação, entre outros. O teopoeta protestante Rubem Alves discorre sobre duas feiras, a feira dos utensílios e a feira da fruição. Diante de tal problemática e dos dois autores supracitados, buscaremos identificar de qual maneira o cristomonismo está infiltrado igualmente no fazer teológico, transformando-o em apenas um instrumento rígido, frio e “útil”. Com o esquecimento do Espírito perde-se a fruição, o prazer e a alegria do labor teológico. Dessa forma, a produção e o produzir teologia, o teologizar, torna-se apenas uma atividade acadêmica para cumprir exigências, créditos e para buscar-se títulos. O resgate da importância do Espírito Santo no método teológico trará uma libertação da frieza acadêmica e uma renovação na fruição da teologia. O teologizar não é apenas um instrumento do Reino de Deus, pelo contrário, com o Espírito, possui fruição, prazer e alegria no próprio labor e na própria reflexão. Ocasiona-se, assim, uma teologia viva e poderosa, que acarreta em um impacto vivo na academia, na comunidade e na sociedade. Assim, o impacto da transformação, humanização e libertação do Evangelho e a contribuição da teologia na realização da utopia do Reinado de Deus na história, apenas são efetivas com a presença dinâmica, com o mover salvífico e a fruição transformadora do Espírito Santo – dentro do dinamismo da trindade econômica.

#### **2. O discernimento vocacional juvenil à luz da Exortação Apostólica Christus Vivit**

Diogo Marangon Pessotto/Regis Soczek Bandil

A XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, realizada entre os dias 3 e 28 de outubro de 2018, teve como tema Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Na esteira da reflexão sinodal, o Papa Francisco publicou no ano de 2019 a Exortação Apostólica Christus Vivit (CV), aos jovens e a todo o povo de

Deus. Esta Exortação extrapola o tema sinodal na direção de uma consideração mais ampla sobre a evangelização da juventude, em estreita vinculação com o imperativo missionário característico do magistério de Francisco. Nesse sentido, o discernimento vocacional juvenil é abordado no contexto do processo evangelizador eclesial, ou seja, está inscrito no âmbito do anúncio e do testemunho da Pessoa de Jesus Cristo pela ação do Espírito Santo. Dada essa compreensão, o presente trabalho tem por objetivo analisar os elementos cristológicos e pneumatológicos das noções de vocação e discernimento por meio da consideração de suas ocorrências implícitas e explícitas na Exortação Apostólica CV com vistas a um possível delineamento do processo de discernimento vocacional juvenil à luz da mesma Exortação. Metodologicamente, nossa análise terá por critério teológico-formal os capítulos VIII e IX de CV bem como alguns de seus outros parágrafos cujos elementos cristológicos e pneumatológicos encontram-se em estreita relação com a noção de discernimento vocacional. A compreensão de discernimento vocacional para Francisco contempla, em primeiro lugar, a primazia da graça, a saber, o chamado de Jesus Cristo para uma relação de amizade com Ele; e, em segundo lugar, um processo gradativo de escuta e acompanhamento, que se refere diretamente ao discernimento como carisma do Espírito Santo a serviço da comunidade eclesial. Portanto, quando um jovem adentra o caminho de seu discernimento vocacional depara-se com o ideal de ser para os outros na medida em que é amigo de Jesus Cristo e se deixa encontrar por Ele. Não se trata de uma função eclesial, mas de uma perene relação com Deus e com os irmãos. E tal ideal só se torna horizonte de sentido pessoal porque o desejo de ser para os outros brota de uma experiência de discernimento no Espírito, porque é Ele que nos torna parecidos com Jesus.

### **3. Considerações para espiritualidades latino-americanas a partir da pneumato-elesiologia de Victor Codina**

Gilmar Ferreira da Silva

Víctor Codina é sacerdote jesuíta e teólogo. Nasceu na Espanha e radicou-se na Bolívia entre 1982 e 2018. Ele considera que cristianismo, em suas diferentes expressões históricas, deve reconhecer a especificidade das espiritualidades que emergem nos países latino-americanos. Mesmo nesses contextos, também é preciso ressaltar que existem desigualdades sociais. Essas desigualdades impõem mecanismos que impedem o reconhecimento das espiritualidades vivenciadas por grupos humanos que são excluídos social, cultural, econômica e religiosamente. Reconhecer essa “exclusão de espiritualidades” é uma das etapas fundamentais para o diálogo ecumênico no mundo e na própria América Latina. O problema da exclusão de algumas espiritualidades e imposição de outras será ainda mais prejudicial ao cristianismo se for considerado a proposição de Victor Codina na qual ele assume que “o cristianismo não é uma religião, senão uma espiritualidade”. Nesta comunicação objetiva-se reconhecer alguns dos aspectos constitutivos das espiritualidades cristãs a partir de abordagens elaboradas pelo teólogo latino-americano Victor Codina. Para que o objetivo seja alcançado serão identificados aspectos históricos do processo de “afastamento” entre teologia e espiritualidade (a); descritas questões advindas das tentativas de homogeneização das espiritualidades ocidentais (b); e pontuadas contribuições para reflexões a respeito dos temas espiritualidades e elesiologia (c). Quanto ao método essa pesquisa será qualitativa, haja vista que não se estende a toda obra do autor. Quanto a abordagem a pesquisa será bibliográfica pois se concentrará em três obras de Victor Codina que consideram esse tema: *El Espíritu del Señor actúa desde abajo*, *Una Iglesia nazarena: Teología desde los insignificantes*, *Para comprender la Elesiologia desde América Latina*. Quanto à natureza será uma

pesquisa básica porque objetiva gerar conhecimentos que otimizem a prática do diálogo ecumênico entre diferentes expressões históricas do cristianismo e entre essas e outras expressões de espiritualidades contemporâneas. Considera-se que, ao identificar aspectos dos processos históricos que produziram o afastamento entre o teologia e espiritualidade, pessoas cristãs sejam motivadas a promoverem ações de integração entre essas duas facetas constitutivas e igualmente importantes da vida cristã. Observar as consequências negativas da que ungiu Jesus de Nazaré e empoderou a Igreja no Pentecostes para o cumprimento de sua missão. Por essa razão, mesmo que seja diversificada, será uma espiritualidade profética, criativa, ecumênica e libertadora. Imposição de qualquer modelo único de espiritualidade pode subsidiar teoricamente a elaboração de programas de conscientização a partir dos quais as pessoas cristãs compreendam a diversidade de espiritualidades latino-americanas como experiência fecunda e capaz de captar a “criatividade” das expressões da fé cristã nesse continente. Codina se preocupa em relacionar a vida acadêmica com a realidade social, cultural e religiosa do continente. Sem abandonar a tradição, ele busca alternativas condizentes com as inúmeras demandas humanas e resgata o papel da Igreja na contemporaneidade. Codina considera que as expressões da espiritualidade cristã sejam decorrentes da ação do mesmo Espírito Santo

#### **4. Esperança para o diálogo inter-religioso no pontificado de Francisco**

Luiz Carlos Sureki

A salvação que as religiões anunciam como Boa Notícia pertence ao campo da esperança. É próprio da esperança não se mover por verdades absolutas e certezas indubitáveis sobre a salvação, mas antes pela possibilidade de alcançá-la. Se quem deve responder à pergunta pelo que nos é permitido esperar é a religião, segue-se que o diálogo entre as religiões deverá se dar no horizonte da esperança. Os objetivos desta comunicação são os seguintes: mostrar que neste contexto plurirreligioso a atitude de abrir-se ao diálogo não é um luxo, mas uma necessidade; sublinhar que a boa notícia da salvação apregoada por cada religião não pode e nem deve ser imposta à outra religião ou religiões sem que se contradiga e, conseqüentemente, se autodestrua; apresentar os principais aportes do Papa Francisco para o diálogo inter-religioso. O método bibliográfico e sistemático. Consiste, num primeiro momento, em apresentar o Papa Francisco como um autêntico mensageiro da esperança e da paz a partir de seus principais discursos em encontros com líderes religiosos diversos. O segundo momento buscará organizar sistematicamente os principais conceitos que aparecem nos discursos de Francisco: diálogo, esperança, caminho, dom e paz. Como resultado teremos que é na relação entre religião e salvação que esses termos adquirem seu significado religioso mais profundo; que o diálogo é condição para se encontrar a paz; que a paz, por sua vez, exige um compromisso comum; que esse compromisso comum deveria começar por aquilo nós todos já temos em comum: a casa comum. A conclusão apontará para o fato de que as religiões não podem ficar alheias à crise socioambiental. Nesse sentido, a presente comunicação encontra sua relação com a temática deste Congresso Anptecre 2019

## ST 02 – ECOLOGIA INTEGRAL: A TEOLOGIA CRISTÃ EM DIÁLOGO COM OUTROS SABERES

### 1. O papel da Teologia Pastoral para a construção de uma consciência ecológica integral

Abimar Oliveira de Moraes

A Teologia Pastoral, no curso dos poucos séculos de sua existência, passou por um intenso processo de desenvolvimento de sua concepção, de suas relações com os diversos modelos de Igreja, de suas relações com a práxis eclesial e com os demais saberes científicos. De maneira especial, os pastoralistas começam a intuir e constatar que os fatores socializantes incidem profundamente sobre a existência humana e cristã. Por essa razão, a reflexão teológico-pastoral deve necessariamente levar em conta a estrutura coletiva de toda a realidade socioambiental. Assistimos, assim, a um importante movimento que leva a Teologia Pastoral a compreender que o autêntico “cuidado das almas” deve ser capaz de integrar-se num verdadeiro e autêntico cuidado com o ambiente. A pessoa humana – por sua própria natureza relacionada com os outros e com o seu “território” – recebe sustento, abertura, conteúdo vital e motivações para construir sua realização própria da “espacialidade” na qual o seu ser encontra-se, isto é, do seu contexto socioambiental. A comunidade cristã - como “corpo público” do Verbo feito carne e sempre presente no mundo - tem a tarefa de desenvolver, cuidar e concretizar sua obra evangelizadora reconhecendo as características do seu contexto socioambiental. Partindo, portanto, de uma inevitável e necessária interação entre pessoa e ambiente, o seu fazer pastoral é convidado a ser “cristianização do território” no qual a pessoa humana vive. Como desenvolver uma reflexão teológico-prática sobre a dimensão planetária da vida cotidiana das pessoas concretas? Como amadurecer a consciência sobre a presença desumanizadora de um pecado ecosocial? Como pensar um projeto pastoral que ajude a comunidade cristã (e não só) a superar as contraposições entre seres humanos e natureza? A atenção socioambiental exige da Teologia Pastoral a construção de uma consciência ecológica integral, capaz de articular uma nova aliança entre pessoas humanas, sociedades e natureza na direção da conservação do patrimônio terrestre, do bem comum sociocósmico e da manutenção das condições que consintam que o processo evolutivo do criado siga seu curso. Tal Ecologia Integral deve postular que as pessoas humanas, as sociedades e as culturas fazem parte de um “complexo ecológico”, constituído pela relação que todos os seres vivos, naturais e culturais, estabelecem entre eles e com o contexto ambiental. Tal consciência ecológica integral abarca as questões econômicas, políticas, sociais, militares, educativas, urbanísticas, agrícolas, ideológicas, religiosas, dentre tantas outras, e encontra na *Laudato Si'* do Papa Francisco uma importante referência para ser pensada e construída. A proposta da presente comunicação é refletir sobre como a Teologia Pastoral pode contribuir para o desenvolvimento de ações pastorais pensadas não mais a partir de uma ideologia antropocêntrica dominadora que violenta a natureza e a humanidade, especialmente, os mais pobres. Tarefa da Teologia Pastoral é ajudar a comunidade cristã (e não só) a mover-se a partir de um novo paradigma de desenvolvimento, ou seja, um novo modo de organizar todas as relações dos seres humanos entre si, com a natureza e com o universo, tendo em conta as exigências da salvaguarda do criado e o bem comum socioambiental.



## **2. A dimensão cósmica da Eucarística à luz da Laudato Si**

Ademilson Tadeu Quirino

Esta comunicação tem por objetivo, destacar alguns elementos da Eucaristia na liturgia católica, tendo como base, o número 236, da Carta Encíclica Laudato Si', sobre o cuidado da Casa Comum, do papa Francisco. Ele afirma que a criação encontra a sua maior elevação na Eucaristia. Nela, o próprio Deus, feito homem, faz- Se alimento para saciar a sua criatura. Pelo Mistério da Encarnação Deus quer chegar ao mais íntimo do homem por meio de um pedaço de matéria. Ele faz um percurso na vida do ser humano. Esse percurso não é feito de cima para baixo, mas dentro do ser humano, para que o homem possa encontrá-lo no mundo. Portanto, a Eucaristia é o centro vital de todo universo. No Filho encarnado presente na Eucaristia, todo o cosmo rende graças a Deus. Neste sentido, diz o papa, a Eucaristia é por si mesma um ato de amor cósmico porque encontra um lugar de certo modo, no "altar do mundo". A Eucaristia une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação. Daí o mundo saído das mãos de Deus volta para Ele em feliz e plena adoração. Por isso a Eucaristia, conclui o papa, é também fonte de luz e motivação para que toda a humanidade se preocupe com o meio ambiente e o leve a ser guardião de toda a criação (Cf. LS 236).

## **3. A necessidade do diálogo na Casa Comum**

André Luiz Bordignon-Meira

No contexto atual com seus riscos, desafios e oportunidades, os escritos e discursos do Papa Francisco, bem como no seu ensinamento apresentam a necessidade do diálogo na Casa Comum, com relações de fraternidade e solidariedade. Os passos desse diálogo estão tanto na Evangelii Gaudium como na Laudato Si, são eles: o tempo é superior ao espaço, a unidade é superior ao conflito, a realidade é superior à ideia e o todo é superior as partes. O Papa manifesta os seus esforços realizados para garantir um mundo que tenha um crescimento mundial inclusivo e sustentável. Um gesto prático e claro foi a mensagem que o Papa Francisco enviou aos líderes mundiais, reunidos em Hamburgo na Alemanha, para a reunião do G20. Em cada um dos princípios, Francisco verifica o que impede as soluções imediatas, diante o drama das migrações e d apobreza. É possível colocar em ação processos que sejam capazes de oferecer soluções progressivas e abertas pela construção de diálogo entre os povos, que são todos irmãos na Casa Comum. É necessário dar prioridade absoluta aos pobres, aos refugiados, aos deslocados e aos excluídos, sem distinção de nação, raça, religião ou cultura, e rejeitar os conflitos armados. Isso só será possível, segundo o Papa, se todas as partes se empenharem no espaço real, em reduzir substancialmente os níveis de conflitualidade, criando a unidade em que substituíam as novas ideologias, que deixam um rastro de exclusão e de descarte, e inclusive de morte. Os líderes mundiais devem privilegiar ao diálogo e a busca de soluções comuns. Uma proposta de uma nova era de desenvolvimento inovador, interconexa, sustentável, respeitosa do meio ambiente e inclusiva de todos os povos e de todas as pessoas.

## **4. A Laudato Si' e seu chamado ao diálogo inter-religioso em vista de uma ecologia integral**

Chrystiano Gomes Ferraz

A carta encíclica Laudato Si' do papa Francisco, sobre o cuidado da casa comum, apresenta de maneira singular e atual os grandes problemas que a humanidade está enfrentando, em especial, a crise sócio-ecológica. A carta vem a propósito de uma visão ecológica integral, e o faz de forma tão abrangente que

disserta sobre seus aspectos econômicos, políticos, antropológicos, sociais, teológicos, entre outros. Francisco convoca todas as instâncias da sociedade para contribuírem através dos seus saberes distintos, “cada um a partir da sua cultura, experiência, iniciativa e capacidades” (LS14). O presente trabalho buscou destacar a importância do diálogo inter-religioso para a promoção de uma ecologia integral. Analisamos pormenorizadamente o chamado dialogal da carta, sua contribuição e seu apelo às religiões. Utilizamos como suporte as obras de Paul F. Knitter, autor do diálogo inter-religioso que inclui a questão ecológica como tema do encontro inter-religioso, além da *Laudato Si'* (LS), principal objeto do nosso estudo. Ficou constatado que na LS, as tradições religiosas também foram convocadas a desenvolver uma nova e necessária “solidariedade universal” (LS14), para, por meio de um diálogo frutífero, construírem vias de reparação aos danos que nós seres humanos – de várias etnias, crenças e descrenças – causamos à Criação. Na LS, Francisco deixa a sua contribuição à luz da fé católica e abre um espaço de diálogo e encontro dos saberes inter-religiosos.

## **5. Ecologia, espiritualidade e educação: a busca de uma consciência ecológica integral**

Clélia Peretti

A ecologia é um campo de estudos que possui hoje abertura para muitas abordagens diferentes. A esse termo podemos relacionar a maneira como nos relacionamos com o nosso entorno (o meio-ambiente), com a maneira como percebemos e nos colocamos no mundo. Desse modo, objetiva-se analisar como o desenvolvimento da espiritualidade pode ajudar a compreender o tema ecologia; quais insights ecológicos a espiritualidade oferece; qual o papel da espiritualidade nas crises ecológicas do nosso tempo; como ecologia e espiritualidade se unem dentro do processo educacional e de que maneira isso pode atuar positivamente no processo de conscientização ambiental. A espiritualidade é uma ferramenta para se enxergar a ecologia do ponto de vista integral, pois assim como a ecologia integral, a espiritualidade nos leva a compreender que tudo está ligado – o eu, o ser humano, a sociedade, a natureza e tudo mais que compõe nosso planeta e o universo. Assim, é possível traçar as semelhanças e entender como o desenvolvimento da espiritualidade se relaciona com a visão ecológica. Na ecologia integral as dimensões pessoal, social e ambiental têm reflexos umas nas outras numa complexa rede e podem atuar no desenvolvimento de pessoas mais conscientes que auxiliem a responder as crises ecológicas atuais a partir de uma perspectiva transdisciplinar. Busca-se, assim, por meio de uma revisão bibliográfica demonstrar a necessidade de integrar as realidades objetivas com realidades subjetivas e intersubjetivas para a convivência harmônica entre ser humano e natureza. Dessa maneira, é através da educação que podemos formar um ser humano mais sensível para enfrentar os desafios da vida e auxiliar no processo do despertar da consciência, do desenvolvimento da capacidade inata de transcendência na compreensão de que Deus criador é a essência que unifica um só mundo e um só projeto comum.

## **6. Direito da natureza: uma reflexão da crise ambiental sob a perspectiva teológica de Jürgen Moltmann**

Giovanni Raimundo de Macedo/David Rubens de Souza

O paradigma moderno de desenvolvimento humano tem como lógica a tomada de poder do homem sobre a natureza. Essa concepção desenvolvida no início da modernidade europeia, com o racionalismo cartesiano no século XVII e com o movimento iluminista do século XVIII, construiu uma imagem antropocêntrica

de mundo na qual o homem não apenas se apartou da natureza; mas se pôs a subjuga-la. Não obstante a isso, a ideologia capitalista de produção e consumo tem desencadeado, na atualidade, uma crise socioambiental sem precedentes: extinção de espécies de animais e vegetais, poluição de ar, solo e água. Dentro dessa ideia, a própria cosmologia judaico-cristã, alinhada com o racionalismo, passou a justificar a ação do homem sobre o universo (“sujeitai-a e dominai-a” Gn 1.28; “Deus deu ao homem o domínio da natureza” Sl 8.6). Somente no século XX, com a emergência da questão ambiental, a teologia passou a se envolver, de forma efetiva, na discussão ecológica. Vários pensadores cristãos passaram a abordar o assunto, entre os quais podemos destacar o teólogo alemão Jürgen Moltmann. O seu livro *Ética da Esperança*, propõe uma reflexão sobre a Teoria de Gaia e as narrativas bíblicas, sugerindo um contraponto entre a ideia de dominação e submissão da natureza, para uma parceria entre o ser humano e o meio ambiente. Dentro dessa lógica, o artigo tenciona investigar o pensamento de Moltmann a respeito da responsabilidade da teologia para com as questões ecológicas. Alinhado à Carta Mundial da Natureza, aprovada pela ONU em 28 de outubro 1982, o pensador nos desafia a construir uma reflexão teológica que reconheça e defenda o direito da natureza, independente de seu valor para o ser humano.

## **7. A ausência de diálogo e sua influência nos conflitos humanos**

José Rocha Cavalcanti Filho

O momento atual nos conduz à busca de respostas para os grandes perigos que envolvem a humanidade. No cenário mundial, entre os mais citados, estão os ligados às mudanças climáticas e aos recursos naturais. Segundo Leonardo Boff é na ecologia e na espiritualidade que são encontradas as respostas para os conflitos humanos abordados na obra *Ecologia, Mundialização, Espiritualidade*. Esta comunicação busca refletir o pensamento de Leonardo Boff e o diálogo inter-religioso nesse título visto serem temas que influenciam o pensamento político, cultural e ético no mundo, além de alimentar a esperança do autor de que um outro mundo é possível desde que haja espaço para a espiritualidade e a ecologia na vida das pessoas. De origem franciscana, ele traz presente os ensinamentos bíblicos e religiosos sobre o cuidado com a casa comum. Recentemente a sociedade foi bombardeada com notícias sobre desastres naturais: são furacões, inundações, terremotos, incêndios, erupções vulcânicas, tempestades de areia, tudo isso causa expressivo dano à humanidade e aumenta a vulnerabilidade do ecossistema. Homens e animais são alcançados por esses acontecimentos, precisam migrar de seu habitat natural quando não são atingidos pela morte. As consequências serão sentidas por anos posteriores. Se faz necessário um posicionamento dos governos no intuito de conter as agressões ao meio ambiente, visto que as ações humanas têm influenciado a mudança no clima. Estudos indicam que o processo de aquecimento do planeta têm tornado os desastres naturais mais agressivos. Se o tema em análise é influenciador porque não se dá ênfase? Talvez esteja em processo de desenvolvimento.

## **8. Ecologia integral e espiritualidade: o que as religiões podem fazer pela defesa da casa comum**

Kevin William Kossar Furtado

Ao considerarmos as cosmovisões das diferentes religiões, observamos que nenhuma experiência religiosa está dispensada de um compromisso com a agenda ecológica, visto que todas possuem elementos ecológico-libertadores em suas teologias; nelas encontramos a noção de que não existe salvação para o ser humano e para a história sem a salvação para e da natureza. Porém, nos

últimos dois mil anos, a perda da experiência do sagrado resultou em um modelo civilizatório de agressão sistemática à Terra. Através de pesquisa bibliográfica e do conceito de “ecologia integral” presente na encíclica *Laudato si’* do papa Francisco – acolhida imediatamente, e com grande simpatia, pela maioria dos intelectuais, cristãos e ateus, por políticos e militantes sociais –, o presente texto objetiva discutir as contribuições das igrejas e religiões para a preservação da casa comum. Todos são chamados a se arrepender e a reconhecerem o quanto tem atuado para a “destruição e desfiguração do ambiente” (LS 8). As religiões e a ecologia se cruzam em alguns pontos de seu percurso ético e epistemológico que contribuem para o cuidado do planeta: no reconhecimento da Terra como casa de todas as espécies, na visão de humanidade inserida no dinamismo cósmico e natural, no senso do limite e cuidado da biodiversidade, na afirmação dos recursos da natureza como bens universais, na necessidade e possibilidade do desenvolvimento sustentável, na elaboração de uma ética ecológica, e na importância da educação ambiental. Cabe às igrejas ouvir, promover e honestamente debater com a ciência, em uma atitude de respeito à diversidade de opiniões, sobre a deterioração que afeta nosso planeta, pois a complexidade da crise ecológica faz reconhecer que as soluções não emanam de um único modo de interpretar e agir sobre a realidade. Necessita-se, também, acionar as múltiplas riquezas dos povos, da poesia e da arte, das espiritualidades. Nenhum ramo das ciências ou forma de sabedoria deve ser esquecida. Somam-se as convicções de fé como importantes motivações para o cuidado da natureza e dos mais frágeis. Apenas pensar em formas de conduta e até ordenar uma ética para o cuidado da Terra não será suficiente sem uma espiritualidade que crie raízes nas razões social e cordial, que transcorrerá em esforços pelo cuidado e em compromisso de amor, responsabilidade e compaixão para com a casa comum. Uma nova aliança será estabelecida com o planeta assim que se resgatar a dimensão do sagrado, para que a assertiva da dignidade da Terra e do limite a ser colocado ante toda forma de exploração não seja meramente retórica e sem efeito.

## **9. A Eucaristia e o Meio Ambiente na *Laudato Si’*: Acenos Sistemáticos e Desdobramentos Pastorais em perspectiva dialogal**

Laerte Tardelli Hellwig Voss

Nossa proposta de comunicação tenciona analisar o ponto 6 do capítulo VI da encíclica *Laudato Si’*, especialmente os parágrafos 235, 236 e 237, onde o Papa Francisco aborda a importância do Sacramento da Eucaristia como “fonte de luz e motivação para as nossas preocupações pelo meio ambiente”. Pretendemos destacar a riqueza sistemática de sua argumentação e propor desdobramentos prático-pastorais de sua teologia sacramental-eucarística para o cuidado com a criação em diálogo com outros teólogos que se debruçaram sobre o tema.

## **10. “Servir” do ato criador em Gênesis 2: possibilidade de compreensão para “o cuidar da casa comum”**

Marcos Vieira das Neves

Antes da Criação, existe a ausência de relação de Deus com aquele que “ainda não havia” (Gn 2,5). Deus (privado de relação) está só em seu céu e sua terra (privada de vida). São como que uma roupa apertada os imensos espaços das relações trinitárias, por isso Deus os dilata, abrindo-se àquele que está preste a dar-Lhe o título de Senhor e Pai. Acontece então a criação de Adão em termos relacionais. Adão é criado em um ato perfeitamente relacional para servir o solo e, por meio dele, servir o seu Criador. Deus plasma Adão da terra para servi-la e, assim, servi-Lo. Por isso, objetiva-se com esta investigação buscar na plantaço

do jardim em Gênesis 2 uma compreensão da alegria em “cuidar da casa comum” por se tratar de um serviço a Deus para o qual o ser humano foi criado. Metodologicamente, bebe-se da visão dada por Cesare Giraudo no capítulo 2 de sua obra “Num só corpo”, onde ele trata da relação utópica primordial e a ruptura histórica da relação, assim como de autores afins. Como resultado observa-se que na plantação do jardim, Deus plasma o homem, o modela do barro, porém aí não existe relação, o homem ainda não é parceiro de Deus, servindo-O, ao servir o solo do qual ele foi formado. Adão só será constituído tal depois que tiver recebido em suas narinas o “hálito de vida”, entendido com algo que promana unicamente de Deus. Só então Adão começará a viver da vida mesma de Deus numa referência relacional indizível. É interessante notar que é Deus que age por primeiro. É Deus que dá a vida ao homem ao soprar suas narinas. Portanto, o primeiro ato do encontro é executado por Deus – o Senhor Deus insufla o hálito da vida no ‘Humano’ e este se torna um ‘ser vivo’. Ainda como resultado vemos que acontece, então, a plantação do jardim. Deus passa de oleiro para agricultor. O jardim é o ambiente favorável para se dar a relação. Na verdade, o ato criador de Deus que dá a vida ao homem é acompanhado por um jardim, que quer significar “proteger, esconder, defender”. Quando se faz o jardim, na verdade começa a se criar o espaço protegido desta relação onde cada um dos parceiros possa mover-se e atuar a seu bel-prazer. Este espaço protegido é o local dentro do qual o homem e Deus se refugiam. Assim, podemos concluir que o relato de Gn 2 expõe a relação entre Deus e Adão na imagem de um jardim, entendido com espaço delimitado por um círculo de proteção. Essa “coisa” que envolve é a piedade paterna. É a coerência do genitor com relação à criatura que pôs no mundo. Esta “coisa” é o vínculo relacional, que o ser humano, por sua vez, deve ter para com o solo (do qual fora criado) servindo-o.

#### **11. A natureza como metáfora para a história: considerações a partir de Os 8,7** Maria de Lourdes Corrêa Lima

Embora o pensamento profético se desenvolva de modo essencialmente diferente do pensamento sapiencial, nos livros proféticos da Bíblia Hebraica são encontrados não poucos traços da sabedoria israelita. Aplicados à situação visada pelo profeta, os ditos sapienciais tornam-se metáfora para o que o profeta pretende indigitar. Tal procedimento será considerado, aqui, a partir de Os 8,7, constituído por dois provérbios ligados a uma consequência histórica. Com isso, refletir-se-á sobre a relação entre mundo natural, cósmico, e mundo humano, e sobre como imagens da natureza podem expressar processos históricos. Atestar-se-á, com isso, a profunda relação entre agir humano e natureza e se considerará a base sobre a qual tal relação repousa.

#### **12. Casa comum e hospitalidade: Alguns tópicos da Laudato Si’ para a teologia em diálogo**

Maria Teresa de Freitas Cardoso

Esta comunicação insere-se em projeto de pesquisa mais amplo, que propõe indagações a partir da Laudato Si’, com vistas ao diálogo interdisciplinar. Tomando vários tópicos de estudo, chega-se a apontar para novas considerações do poliedro da Evangelii Gaudium 236, para o estudo da Laudato Si’ e para o tema do diálogo e o anúncio no contexto ecológico. Esta comunicação pretende indicar algumas bases conceituais sobre o termo “oikos” e algumas conexões com o tema das inter-relações, sociabilidade e hospitalidade, ou ainda algumas aproximações do tema do santuário ou o tema do cuidado, inclusive no nosso mundo atual, como percebe a encíclica Laudato Si’ e constata-se intercomunicações da teologia bíblica com a sistemático-pastoral bem como o

interesse de estender o estudo a um olhar interdisciplinar e verifica-se o interesse do tema para a educação da pastoral em aspectos de relações humanas e ecohumanas, e de reflexão teórica sistemática ou de práxis pastoral com propostas dialogais em vista de uma ecologia integral.

### **13. Leis deuteronômicas favoráveis à preservação de fauna e flora**

Matthias Grenzer/Fernando Gross

Embora o interesse pela natureza tenha existido nas mais diversas épocas, observa-se, a partir dos anos 1970, um ambientalismo que origina organizações não governamentais, movimentos ecológicos e partidos verdes, insistentes numa consciência favorável à proteção do planeta Terra. Em oposição a crescimentos econômicos que resultam na devastação da natureza, favorece-se um uso sustentável dos recursos naturais, incluindo-se a exigência de preservação da fauna e da flora. No estudo aqui apresentado, procura-se pela temática da ecologia na literatura bíblica. Exemplarmente, são relidas as formulações jurídicas no Decálogo (Dt 5,6-21) e no Código Deuteronômico (Dt 12-26), a fim de descrever, por meio de um estudo exegético, o conteúdo das leis deuteronômicas que, a partir do fim do século VII a.C., insistem na preservação da fauna e da flora.

### **14. Consciência ecológica e o princípio de solidariedade à luz da *communio trinitária***

Suzana Regina Moreira

Em tempos em que a crise ecológica torna-se cada vez mais um tema central nos debates políticos, econômicos, sociais e culturais, torna-se igualmente importante a discussão teológica sobre um novo modo de conceber o ser humano e sua relacionalidade. O intuito da discussão aqui abordada é de reconhecer os novos paradigmas do diálogo entre a ética ambiental e a antropologia teológica segundo determinados aspectos da teologia trinitária de Gisbert Greshake. Este artigo busca pontuar aspectos básicos sobre a consciência ecológica e o princípio da solidariedade, assim como a relação existente entre ambos a partir do paradigma da *communio trinitária*. As implicações teológicas da reflexão trinitária segundo a noção de comunhão estabelece novos paradigmas para a compreensão da pessoa humana e sua capacidade relacional. Primeiro é exposta a reflexão sobre a *communio trinitária* segundo o pensamento de Gisbert Greshake, e suas consequências para a antropologia teológica. Em seguida, o conceito de consciência ecológica é traçado a partir de uma abordagem ética ambiental e o conceito de ecologia integral segundo Papa Francisco. Logo, o princípio de solidariedade e sua relação com a ecologia são abordados segundo a antropologia teológica. Por último, o artigo discute a relação intrínseca entre a consciência ecológica e o princípio de solidariedade expostos segundo os novos paradigmas da *communio trinitária*. Diante da indignação com as crises atuais pelas quais o mundo e a sociedade passam e sofrem juntos, novos caminhos podem ser traçados para as formulações éticas e antropológicas a partir da compreensão da *communio trinitária*. Portanto, estas formulações podem ser revisitadas segundo os novos paradigmas para a antropologia teológica, levando em consideração a implicação ecológica intrínseca a esta reflexão. A ecologia é um campo abrangente e pertinente a todas as áreas humanas, devido à convicção de que tudo se encontra inter-relacionado. Deste modo, pensar em soluções para as crises atuais, principalmente a crise ecológica, é pensar sobre o bem comum segundo uma devida compreensão do ser humano e do cosmos à luz da Trindade.

## **15. A Crise Ecológica e seu Aspecto Antropológico em Bento XVI e Francisco Thadeu Lopes Marquês de Oliveira**

A crise ecológica enfrentada pela atual geração reclama perspectivas de análise, respostas e solução de todas as áreas do saber humano relacionadas à questão, possuindo ou não relação direta com o tema. Por isso, objetivando mostrar que o pensamento cristão, também está atento à essas questões, a presente comunicação apresentar os resultados parciais de uma pesquisa bibliográfica em andamento, que analisa o aspecto antropológico da crise ecológica atual. Para aprofundar melhor essa questão, são analisadas as principais contribuições dirigidas ao tema pelos últimos dois Pontífices, Bento XVI e Francisco. Bento XVI, em sua encíclica *Caritas in Veritate*, na qual abordou o problema do desenvolvimento humano integral, dedicou preciosos parágrafos à problemática ecológica e suas causas antropológicas, fornecendo assim, abundante material para a análise do problema. Na mesma encíclica aponta grandes perspectivas de diálogo com outras ciências para uma possível resolução desses problemas. Seguindo o corte temático e a delimitação do campo de estudo escolhido, dedica-se também uma análise ampla à encíclica *Laudato'Si*, onde Papa Francisco abordou o problema ecológico, em diálogo com diversos ramos do saber humano, dando forte ênfase às relações causais antropológicas dessa questão. Outras intervenções e pronunciamentos menores de Bento XVI e Francisco também são analisados na busca por uma melhor compreensão do pensamento ecológico- antropológico dos Pontífices. Também se recorre à produção bibliográfica que outros pesquisadores já produziram nessa temática, ao analisar e expor conclusões a respeito do tema com foco no pensamento de ambos os Papas. O material já analisado nos permite afirmar que há uma continuidade significativa no pensamento de ambos Pontífices, ao menos em dois aspectos significativos: o diálogo com as outras ciências e a forte ênfase antropológica. Esse dado aponta que há concordância em elementos centrais da problemática ecológica, por parte das ciências e do pensamento cristão, representado pelos últimos dois Papas. Além disso, que ao atentar-se às suas contribuições e diálogo que iniciam pode proporcionar uma mútua- cooperação entre as diversas ciências e a fé cristã para o cuidado da casa comum.

### **ST 03 - CAPITALISMO COMO RELIGIÃO**

#### **1. As críticas à idolatria nos séculos xvi e xvii e a crítica ao capitalismo**

Adriel Moreira Barbosa

As transformações que levaram à substituição da antiga ordem social medieval por um sistema cujos principais objetivos são a obtenção de lucro e a acumulação de riqueza, representam um fenômeno de longa duração, que teve nos séculos XVI e XVII seu momento crítico. Estava em curso a consolidação da moderna economia de mercado, para a qual o interesse próprio se tornava o novo paradigma articulador. Diferentes autores criticaram esta mudança no comportamento dos indivíduos em sua relação com o dinheiro e, também, os novos rumos da sociedade. Bartolomé de las Casas e Roger Williams criticam a ambição e o comportamento aquisitivo de seus respectivos compatriotas como idolatria. Idolatria do Ouro, disse Las Casas; idolatria da Terra, acusava Williams, que também renunciou que a “Trindade Mundana” do “Lucro, Exaltação e Prazer”, seria o Deus de todo o mundo. Coloca-se, portanto, as seguintes questões: Seria possível afirmar que, naquele contexto, o conceito de idolatria teria adquirido uma aplicação específica, resultante da percepção da mudança de comportamento dos indivíduos em relação ao dinheiro, atingido, inclusive, o sistema político-econômico. Em consequência, seria possível

entender a crítica à idolatria daquele período, como crítica ao sistema capitalista emergente? A resposta provisória para tais questões é que conceito de idolatria teria sido uma linguagem eficaz de crítica à nova forma de relação entre os indivíduos e o dinheiro e da consequente marginalização das relações humanas fraternas e do socorro aos indivíduos economicamente mais fracos. Nestas críticas estaria contida a percepção de um processo de fetichização do ouro e da terra, que submetia tais indivíduos a uma forma de culto idolátrico. Com isso, o uso do conceito de idolatria teria sido a principal forma de crítica às transformações socioeconômicas daquele período, apontando para a necessidade de uma organização socioeconômica que tivesse a vida do ser humano como critério último de discernimento. Esta comunicação apresenta os resultados parciais da tese que analisa a relação entre a crítica à idolatria e o crescimento da economia de mercado nos séculos XVI e XVII, através dos escritos de Bartolomé de Las Casas e Roger Williams. Para isso, apresenta o contexto geral de transformações socioeconômicas que passava o mundo ocidental; descreve alguns pontos da crítica de Bartolomé de Las Casas à cobiça pelo ouro na América Espanhola e ao sistema de encomiendas, a crítica de Roger Williams à cobiça pela terra dos colonos da Nova Inglaterra, e busca interpretar a crítica à idolatria de Bartolomé de Las Casas e Roger Williams, em aproximação aos conceitos de fetichismo, idolatria e sacrificalismo.

## **2. Protestantismo em Marx**

Oneide Bobsin

No contexto brasileiro, onde igrejas derivadas da Reforma Protestante do século XVI, como pentecostais e neopentecostais, crescem numericamente e em influência política ultra liberal e no conservadorismo dos costumes, faz-se necessário retomar pensadores clássicos com objetivo de lançarmos alguma luz sobre o presente a partir de teorias de longa duração como as de Karl Marx e outros. A presente Comunicação se reporta a uma pesquisa em textos de Karl Marx onde o Protestantismo é tema de análise crítica. Na Introdução à crítica da Filosofia do direito de Hegel (1844), Marx tece críticas ferozes ao luteranismo alemão e ao próprio Lutero. Ao olhar para o desenvolvimento econômico-capitalista da Inglaterra e ao desenvolvimento das ideias socialistas na França da virada do século XVIII para o XIX, Karl Marx conclui que o atraso da Alemanha tem relação com o fato de que a revolução não ocorreu porque a história alemã nasceu da cabeça de um monge, referindo-se à influência de Lutero. É nesse contexto de discussão, quando Marx transita da Filosofia para a Economia, que ocorre a declaração da religião como ópio do povo e suspiro da criatura oprimida. Evidente que Marx incorre num equívoco ao universalizar uma avaliação particular. Em outro texto como a História crítica da história da mais valia (1861-1863), quando Marx elabora embriões do Capital, o autor analisa pregações de Lutero sobre a usura. Ao referir-se a tais prédicas de Lutero, na fase do capitalismo comercial, a crítica contra a usura e o capital especulativo dos primórdios do capitalismo, são avaliados positivamente pelo autor de O Capital. Diante desta contradição de Marx, cabe a pergunta de nossa pesquisa: Se a religião é o ópio do povo para Marx, a mesma constatação pode ser estendida a um determinado protestantismo e a outras experiências religiosas? Nossa pesquisa se limita aos textos de Marx acima referidos e às prédicas de Lutero contra a usura e ao capital comercial, bem como pretende avaliar textos teológicos publicados no Brasil por ocasião dos Quinhentos Anos da Reforma Protestante e o tema da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), que no biênio de 2018-2019, pauta-se pela articulação da Igreja, Política e Economia como ordens da criação divina.



### **3. Biopolíticas do sacrifício: religião e militarização da vida no interior do capitalismo como religião**

Fellipe dos Anjos Pereira

A presente comunicação pretende abordar a relação religião-violência no interior das revoluções contemporâneas do capitalismo como religião; especificamente, no âmbito do assemblage do neopentecostalismo brasileiro com a violência de Estado no contexto biopolítico/econômico da governamentalidade neoliberal. A partir do campo da militarização da vida nas favelas do Rio de Janeiro, do programa das UPP's (Unidades de Polícia Pacificadora) - enquanto uma experiência de instalação do estado de exceção como paradigma de governo neoliberal das populações e territórios marginalizados da cidade, que autoriza e executa sobre tais sujeitos e lugares um autêntico governo das mortes - esta comunicação tem por objetivo específico atravessar problemas contemporâneos do neoliberalismo da perspectiva epistemológica das Ciências da Religião: a) do welfare à warfare: a função da violência do Estado no interior do neoliberalismo; b) o urbanismo militar neoliberal: as biopolíticas da guerra e a produção capitalista do espaço; c) a militarização da vida como dispositivo de governo das populações; d) o estado de exceção e a estrutura sacrificial do capitalismo como religião; e) a invenção de uma nova máquina antropológica que sustenta uma nova máquina sacrificial no interior do capitalismo como religião; f) a construção de políticas de inimizade e critérios de matabilidade das populações indesejáveis à governamentalidade neoliberal; g) o racismo de estado e o trabalho sacrificial da raça: necropolítica e religião; h) a operação de paradigmas mítico-teológicos na sustentação, legitimação e purificação das violências do poder soberano nestes contextos de marginalização e criminalização da pobreza; Neste percurso, a partir dos marcos conceituais de René Girard, Franz Hinkelammert, Walter Benjamin, Giorgio Agamben e Achille Mbembe, pretende-se questionar: 1) como tal governamentalidade neoliberal - ao governar os limiares, as passagens, as modalidades e os critérios mítico-transcendentais de (re)produção da vida e morte nas favelas cariocas - expõe/revela a presença e a operatividade de dispositivos religiosos, tais como a noção de sacrifício, na gestão da violência estrutural do capitalismo como religião ; e, 2) como a abordagem do capitalismo como religião pode suscitar novas hermenêuticas para o problema da violência do neoliberalismo.

### **4. Religião, Mercadoria e Consumo: crítica ao dispositivo neoliberal da troca**

Drance Elias da Silva

A diversificação e ampliação das atividades religiosas com seus objetos de consumo correspondentes aprofundam certa característica de o homem, através de suas instituições, voltar-se para atender às exigências da moderna sociedade que se expressa através do poder do dinheiro, da exacerbação do consumo e do utilitarismo como ideologia eficaz da prática social. Laços de comunidades, vividas por muitas expressões religiosas, perdem-se frente às ofertas de produtos e serviços que líderes religiosos dizem sarar imediatamente alguma miséria que se possa estar vivendo. A vida se deixar impregnar cada vez mais por um tipo de viver em que pessoas prescindem do aproximar-se uns dos outros. Nos separamos de nossos convívios para nos entregarmos ao "poder das mercadorias" que exige de nós uma obediência e um rito. Segue-se acreditando em ações miraculosas contidas nos objetos (mercadorias) que se diz serem eficientes na resolução de problemas concretos. No mercado religioso, os bens de consumo específicos desse campo apresentam-se com poderes "sobrenaturais", e não simplesmente como produtos oferecidos para consumo. O dinheiro como expressão da cultura não foge a esse destino, haja vista que sobre

ele não se lançam apenas palavras, imagens que o reconstituem positivamente, mas também, a fé, que se expressa como força geradora de realizações prósperas e de consumo. O presente estudo tem como perspectiva refletir sobre a natureza do relacionamento entre religião, sociedade e economia, objetivando identificar no discurso religioso, um etos de expressão induzida: consumismo associado à prosperidade como condição de pertencimento religioso. Do ponto de vista teórico e metodológico, aspectos da teoria da dádiva e do reconhecimento possibilitarão o aprofundamento crítico desse etos resgatando o valor de “vínculo” como antítese a essa forma reducionista de pertença religiosa.

## **5. Categorias teológicas do discurso neoliberal: investigações em Ludwig von Mises**

João Luiz Moura de Sá

Walter Benjamin já havia nos alertado que a culpa é um dos elementos estruturais do capitalismo como religião (BENJAMIN, 2013, p. 22). Isso fica ainda mais evidente quando lemos Mises dizendo que “será culpa exclusivamente sua se você não conseguir sobrepujar o rei do chocolate, a estrela de cinema e o campeão de boxe.” (MISES, 2018, p. 31). Mises coloca as coisas dessa maneira exatamente por não admitir nenhum tipo de crítica social-econômica: não se pode fazer nenhuma crítica ao mercado e sua economia capitalista. Isso só é possível para alguém que crê que “o mercado comanda tudo; por si só coloca em ordem todo o sistema social, dando-lhe sentido e significado.” (MISES, 2010, p. 315). Além da dimensão culpabilizante que Benjamin nos falou, é possível identificar aquilo que Hugo Assmann e Franz Hinkelammert chamaram de “A idolatria de mercado” (1989), nas reflexões de Mises. Considerado um “paladino do laissez-faire e da economia de mercado livre” (ROTHBARD, 2010, p. 33), Ludwig von Mises (1881 – 1973) escreveu em 1956 -a fim de contrapor as opiniões de “fanáticos da luta de classes e adoradores do Estado-deus” (MISES, 2018, p. 15) - “A mentalidade anticapitalista”. Há inúmeras possibilidades de leituras teológicas nesta obra, contudo, interessa-nos a reflexão em torno da ideia de culpa, porque “o capitalismo presumivelmente é o primeiro caso de culto não expiatório, mas culpabilizador.” (BENJAMIN, 2013, p. 22). A presente pesquisa pretende investigar as linguagens, construções, fundamentações e operações teológicas no interior do livro “A mentalidade anticapitalista” de Ludwig von Mises. A pesquisa pretende ser completamente bibliográfica e descritiva. Analisar “A mentalidade anticapitalista” é premissa. Não obstante, a chave metodológica passará pelas leituras de literatura já consagrada na área, qual seja: “Capitalismo como religião” de Walter Benjamin e “A idolatria do mercado” de Hugo Assmann e Franz Hinkelammert, meio pelo qual chegaremos ao cabo dos objetivos levantados. É possível identificar a amplitude do programa neoliberal e as bases para o surgimento de dimensões complementares e indissociáveis da nova razão do mundo. Neste propósito, nada melhor que um horizonte mítico-teológico para sustentar tal empreitada. Abordar a teologia neoliberal de Mises a partir de “A mentalidade anticapitalista” constitui-se um esforço transdisciplinar entre filosofia, teologia, sociologia, antropologia, economia, direito e ciências da religião com o objetivo de captar as complexidades de se analisar o neoliberalismo como uma forma ampla de governo sobre toda a vida humana e seu impacto direto nas sociabilidades modernas.

## **6. A origem do dinheiro na religião e no sacrifício. Os estudos de Cristoph Türke sobre capitalismo e religião**

Alberto da Silva Moreira

Esta comunicação se propõe examinar a contribuição do filósofo e teólogo luterano alemão Cristoph Türke para a compreensão das origens do dinheiro, que segundo sua reconstrução paleohistórica e filogenética estão no sacrifício, a forma mais antiga de religião. Através dos seus estudos de teologia Christoph Türcke tornou-se crítico da religião, aproximou-se da teoria crítica de Adorno e Horkheimer e também da Psicanálise de Freud. Ele acrescentou a essas duas correntes uma teoria da compulsão traumática à repetição como sendo uma força criadora de cultura e um dos vetores na formação da civilização ocidental. No contexto dos seus estudos sobre capitalismo e religião as duas obras mais importantes são Sociedade excitada – Filosofia da sensação, na qual interpreta a obsessão (pós)moderna por sensações e emoções fortes (o que eu chamo de estetização da realidade), como forma encriptada e continuada das epifanias ou hierofanias religiosas do passado. A outra obra importante é Mehr! Philosophie des Geldes (Mais! Filosofia do dinheiro), em clara alusão a Simmel, que será apresentada mais detidamente na comunicação. Nesse livro Türcke retraza as origens do dinheiro e da moeda na civilização ocidental ao mecanismo de expiação e troca da dívida-culpa por um equivalente de valor, que está na base do ritual do sacrifício. Türcke localiza na lógica da repetição compulsiva tanto o ponto inicial do processo de mentalização do homo sapiens, como também o início da escrita e dos pagamentos. Ao reconstruir nessa obra a proto-história do dinheiro como equivalente universal, e ao elaborar na primeira obra o diagnóstico da busca obsessiva pelo sensacional na sociedade e na cultura capitalista, Türcke conclui que temos na verdade um retorno do arcaico e do neolítico sob as novas condições da alta tecnologia. Além de apresentar e discutir as ideias de um autor pouco conhecido do público brasileiro, pretende-se usar sua teoria para discutir a idolatria do capital em produções recentes da ideologia teológica ultraliberal.

## **ST 04 - O DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL: TEOLOGIA, BÍBLIA E HISTÓRIA**

### **1. A releitura ecumênica da teologia pentecostal- carismática no movimento encristus**

André Luís Rosa

A presente proposta é resultado de uma pesquisa de mestrado em Ciências das Religiões realizada na Faculdade Unida de Vitória. O ENCRISTUS (Encontro de Cristãos em Busca da Unidade e da Santidade) surgiu no ano de 2008 tendo como inspiração iniciativas internacionais de diálogo católico-pentecostal que iniciaram com o movimento da Renovação Carismática Católica (RCC), nos EUA. Hoje, com uma proposta de ecumenismo espiritual, o ENCRISTUS trata-se da principal iniciativa ecumênica para católicos e pentecostais no Brasil. Mesmo que as lideranças do ENCRISTUS afirmem que ele não se trata de uma comissão teológica, mas apenas de um grupo de espiritualidade fraterna, é possível depreender, das pregações de seus encontros e de entrevistas realizadas com as suas principais lideranças, uma releitura dos principais elementos da teologia pentecostal-carismática em chave ecumênica. O objetivo desta comunicação será identificar estas releituras e apresentar suas contribuições para a construção de uma teologia ecumênica em linguagem pentecostal-carismática.

## **2. A experiência como locus hermenêutico na teologia pentecostal e sua contribuição para o diálogo ecumênico**

Adriano Lima/Vicente Nune

O movimento pentecostal ao longo dos anos enfrentou desafios trazidos pela evolução da ciência e tecnologia, principalmente no século 21. Por sua dinâmica e capacidade de preservação doutrinária, o movimento pentecostal alicerçado na experiência do Espírito, não se moldou ao secularismo, mantendo a experiência como elemento central. O movimento pentecostal reconhece a importância do diálogo com a secularização, mas não pode aderir à mesma, devendo sempre buscar o fortalecimento da experiência como locus hermenêutico. Contudo, a indagação que deve ser realizada é a seguinte: a experiência, elemento central no pentecostalismo pode contribuir para o diálogo ecumênico? A partir da pesquisa bibliográfica, os autores respondem de forma positiva a pergunta supra e apresentam as possibilidades da experiência como contribuição para o diálogo ecumênico.

## **3. Cinquenta anos de caminhada desconhecida no Brasil católico, pentecostal e ecumênico**

Gedeon Freire de Alencar

A Comissão Internacional do Diálogo Católico-Pentecostal–CIDCP existes desde 1972 e já publicou diversos documentos e, ao longo de quase 50 anos, já teve mais de 200 membros, e quase trinta pastores assembleianos entre os muitos representantes pentecostais, mas aqui no Brasil a CIDCP é desconhecida por católicos, pentecostais e até mesmo nos meios ecumênicos. Depois de cinco séculos de presença católica e mais de um século de presença pentecostal no Brasil, não há nenhuma relação oficial de contato e comunhão entre os dois grupos. Em décadas passadas as relações foram belicosas e de perseguição mútua, mas no momento, aparentemente, convivem de forma pacíficas. No entanto, as iniciativas de contato e articulação foram episódicas, como na participação da Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo – IPBC no Conselho Mundial de Igrejas-CMI, e não produziram nenhum resultado para ambos os grupos. No momento, existem algumas iniciativas de comunhão de católicos e pentecostais, mas iniciais, tímidas e pequenas e caminhando não pela oficialidade institucional, mas articuladas por pessoas e grupos autônomos. Na atualidade líderes e instituições pentecostais participam do CMI e da CIDCP e também a Conferência Mundial Pentecostal-CMP, nos últimos anos, se tornou ecumênica, mas no Brasil as lideranças pentecostais satanizam o ecumenismo e os ecumênicos esnobam os pentecostais. Em um momento de aumento da intolerância religiosa, se essas instituições encampassem oficialmente um projeto de relações com o mínimo de civilidade e respeito, poderia fazer alguma diferença?

## **4. O movimento carismático e o serviço aos pobres Evangelização na Amazônia**

Huanderson Silva Leite

Em junho de 2019 o Papa Francisco instituiu o Charis que é o novo organismo de serviço e comunhão para a Renovação Carismática Católica. Sua orientação é que, fiel a sua identidade e essência, a Renovação Carismática Católica promova a experiência de Batismo no Espírito Santo, ecumenismo e o serviço aos pobres. A ideia de Francisco é que o serviço aos pobres se torne um elemento identitário das expressões carismáticas e que as mesmas por sua vez assumam como missão o auxílio as camadas mais carentes e marginalizadas da nossa sociedade. No

Brasil, a Renovação Carismática Católica, realiza um trabalho missionário na Ilha do Marajó, no estado do Pará. Duas casas de missão são mantidas na Ilha: uma na cidade de Breves e outra em Afuá; A Ilha de Marajó faz parte de um arquipélago, que constitui a maior ilha fluvio-marítima do mundo, com 49.606 Km<sup>2</sup>. Existem 16 cidades, o que engloba uma população de aproximadamente 450 mil habitantes. A área do arquipélago do Marajó é maior que a área de alguns estados brasileiros, como, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Sergipe e Alagoas. Por isso, é possível dizer que a população marajoara vive isolada do resto do Brasil, sem os benefícios e confortos de outros lugares. Essas regiões enfrentam grandes problemas econômicos, como áreas de periferia, analfabetismo, exploração sexual de crianças e adolescentes, desemprego, miséria, fome e um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) baixíssimo. Nessas cidades, além de Grupos de Oração, apoio à comunidade paroquial, celebrações, eventos de evangelização, programas de rádio e formação, acontecem diversas outras atividades sociais que atendem dezenas de famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social, são oferecidos distribuição de refeições, pães e outros alimentos, programas de oficinas educativas, aulas de reforço escolar, alfabetização para adultos e muito mais. Essas atividades são desenvolvidas com crianças e adultos promovendo, assim, uma oportunidade de transformação social. Neste trabalharemos realizaremos a exposição daquilo que já existe, os desafios enfrentados e todas as conquistas dessa ação ao longo de pouco mais de dez anos. Falaremos também das possibilidades a serem exploradas, bem como das perspectivas de trabalhos conjuntos, uma vez que com a reforma do movimento carismático, a estrutura maior é de serviço e de comunhão, já não mais de governo, o que pode vir a ampliar os horizontes de trabalho a partir da inclusão de outras iniciativas, conseqüentemente, seja o trabalho social, bem como a evangelização em conjunto com outras expressões carismáticas e até mesmo com realidades pentecostais

## **5. Pentecostalismo, catolicismo e bolsonarismo – convergências**

Samuel Pereira Valério

O atual panorama político brasileiro nos remete a reflexões sobre a atuação das religiões dentro de um país laico. Na última eleição presidencial tivemos a clara percepção da atuação de grupos religiosos conservadores que abraçaram a candidatura do presidente Jair Messias Bolsonaro, o qual acabou eleito. Muitos são os motivos que podem tê-lo levado ao cargo máximo da nação, mas a articulação política entre pentecostais e católicos, foi determinante para o sucesso da candidatura de Bolsonaro. O ser humano é político e religioso, contudo, não se via tamanha influência dos pastores e padres quanto a decisão dos votos de seus fiéis. Este artigo se propõe a discutir como as articulações entre pentecostais e católicos foram determinantes capazes de endossar o discurso conservador do então presidente. O modo de se fazer este tipo de religião encontrou reverberação política na pessoa candidatura de Bolsonaro. O discurso religioso de Bolsonaro dentro do Estado laico reverbera diante da necessidade de imposição dos pentecostais e católicos frente as demais confissões de fé presentes em nossa nação, tendo como centro do discurso a Bíblia ou a interpretação que cada um lhe aplica, segundo seus próprios interesses, respondendo, em parte, a inércia do Estado, que não é capaz de suprir as demandas sociais postas. Pentecostais e católicos encontraram em Bolsonaro um elemento propagador de seus pensamentos, convergindo em ideais

## 6. **Os batistas e a controvérsia ecumênica: ser ou não ser?**

Márcio Pureza de Lima

O ecumenismo é o movimento em busca da união das igrejas cristãs. O termo aplica-se aos esforços das diversas igrejas para descobrir o que elas têm em comum, e em quais pontos discordantes e assim tentar uma união. Apesar dos esforços de alguns da Igreja para alcançar um ideal ecumênico, há muita incompreensão e resistência sobre este assunto. Os batistas, através dos tempos se têm notabilizado pela defesa do princípio de absoluta liberdade de consciência. Portanto, cada pessoa tem o direito de cultuar a Deus, segundo os ditames de sua consciência, livre de coações de qualquer espécie. Este princípio na teoria precipitaria a abertura dos batistas ao dialogo inter-religioso, até mesmo seu envolvimento em ações ecumênicas. Entretanto, o envolvimento dos batistas em movimentos ecumênicos ocorre raramente, com algumas exceções, com representações institucionais. Antes são alguns pastores e leigos que participam e se envolvem nessas questões. Este estudo procura abordar a controvérsia que há entre os batistas sobre o ecumenismo. Para isso, uma breve apresentação do histórico dos batistas é realizada, para trazer à tona as tensões que marcam esse segmento do protestantismo histórico, marcado pela luta de liberdade desde sua gênese. A incapacidade dos cristãos de viverem em unidade é um obstáculo à evangelização. A unidade tem um efeito missionário (Jo 17,20-23). Entretanto, a estratégia missionaria usada pelos pioneiros batistas no Brasil, foi na contramão de um ideal ecumênico. Quase sempre os missionários em sua maioria no início americanos, confrontavam as outras confissões religiosas. O dialogo inter-religioso, ecumênico foi evitado, priorizando o exclusivismo batista na conquista da pátria para Cristo. Estratégia essa de confronto, usada por alguns pentecostais e neopentecostais na atualidade. Por fim, algumas ações que os batistas, e outras confissões religiosas têm procurado promoverem em cooperação são apresentadas. Acredita-se que estar consciente do que divide as diversas confissões e denominações cristãs, não pode ser uma razão para deixar de cooperar no campo social, quando as situações em que se encontram assim o exigirem.

## 7. **Marcha para Cristo ou *Corpus Christi*: qual a festa leva ao Pai se Jesus é o caminho?**

Marina Aparecida Oliveira dos Santos Correa

A festa de Corpus Christi foi instituída pelo Papa Urbano IV no ano de 1264, em memória da caminhada do povo de Deus, peregrino, em busca da Terra Prometida. Segundo as narrativas do Antigo Testamento (AT), o povo de Deus nessa caminhada foi alimentado como o maná caído do céu no deserto. A Marcha para Jesus instituída em 1987, na cidade de Londres, outras vertentes cristãs-pentecostal em vários lugares do mundo, chegando ao Brasil no ano de 1993. Atualmente a Marcha para Cristo é considerada um evento internacional, ocorre anualmente no mesmo dia da celebração de Corpus Christi, reunindo também milhares de peregrinos de todos os cantos do Brasil. Se no AT Deus alimentou o seu povo com o maná vindo do céu, no Novo Testamento (NT), todavia, Deus enviou seu único filho, Jesus Cristo à Terra e Jesus se fez alimento para aqueles que reconhecer que ele é único Caminho para se chegar ao Pai. Diante dessas duas festividades, indaga-se: qual delas fazem a “vontade” do Pai? Essa comunicação pretende traçar um paralelo entre a Igreja Católica e as igrejas de vertentes- pentecostal, sobre as duas comemorações: Corpus Christi e a Marcha para Cristo, apresentando novas compreensões de vivência da fé cristã, estabelecendo de ambas as partes, humildade e sensibilidade ao diálogo, nas

diferentes formas de crer, mas partindo das mesmas convicções, assim superar o fundamentalismo dessas vertentes cristãs diante de suas diferenças.

## **ST 05 - RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E CONTEMPORANEIDADE**

### **1. Uso da natureza como local de culto x debate ambientalistas novas formas de se cultuar**

Elza Aparecida de Oliveira

A natureza para o Candomblé é importante, os Orixás estão na natureza, fazendo parte e sendo a natureza. Logo, o sagrado se apresenta como atributos da espacialidade, se manifestando através de práticas culturais inundadas de sentido religioso e de crenças. Levando em conta que existem rituais que, imprescindivelmente se utilizam do espaço fora do Terreiro, é fácil acharmos nesses espaços resíduos deixados após os rituais. Esses resíduos, hoje, geram um impacto ambiental considerável, visto que os utensílios naturais anteriormente utilizados foram, com o tempo, sendo substituídos pela lógica de mercado. Logo, é fácil encontrarmos em meio a estradas, florestas e cachoeiras, os chamados “lixo religioso”, que a terra não foi capaz de consumir. O Objetivo central é analisar como a própria religião tem tentado resgatar, através de uma postura tradicionalista formas de reverenciar o sagrado sem que os ritos acabem sendo destrutivos. Em contrapartida, pelo viés da modernidade, criar novos lugares de cultuar o Orixá como é o caso do Parque Ecológico dos Orixás, localizado na subida da região serrana de Petrópolis no Rio de Janeiro. Analisar os discursos desses movimentos ambientalistas e tradicionalistas não como discursos que privam o culto, mas como resgate de uma forma de cultuar que preserve não só o culto como seu local de rito. Em contrapartida, pelo viés da modernidade, analisar novas formas e espaços, com os quais, a religião se perpetua ao mesmo tempo que se adapta ao espaço social ao qual ela se faz presente. Quanto a esses novos espaços, caberá a observação participante para, não só descrever essa nova forma de se ritualizar, como também, descrever as relações e laços que se estabelecem nessa nova forma de se cultuar (Instituição x Terreiros). Como resultados preliminares, e foco principal desta comunicação, destacamos o Parque Ecológico dos Orixás como uma demanda entre os adeptos dessas religiões pela busca e criação de lugares que atendessem às suas necessidades. Podemos destacar três mais específicas: 1. Espaço (área verde e locais propícios para o culto); 2. Segurança (espaço próprio e reservado); 3. Limpeza (preservação da natureza). O debate sobre novos espaços, se reveste de vários discursos, necessidade de espaço, limitação pela urbanização acelerada, violência e intolerância, discursos ambientalistas, ou ainda, o resgate pelas práticas ditas “tradicionalistas” ou “primárias”, enfim, o que importa destacar é a extrema necessidade de regulamentação e ampliação de espaços, próprios para a realização do uso pelas religiões de matriz africana onde dois pontos, a meu ver, se fazem de extrema relevância ressaltar: fazer valer liberdade de culto na execução da cidadania e a regulamentação de espaços próprios para cultos que ofertem a estrutura necessária para os devotos, principalmente no que tange a integridade (física, espacial e ritual), tanto para o religioso quanto para a natureza.

### **2. Um panorama do pensamento sobre a ética no candomblé**

Lucineide Costa Santos

O tema da ética ainda é pouco abordado nos estudos sobre o candomblé. Há autores que o consideram mesmo como uma religião aética. Estudiosos sobre

religiões de matriz africana, especificamente o candomblé, apenas em período recente, tem proposto a existência de uma ética religiosa para os adeptos do candomblé, notadamente Miriam Rabelo (2014, 2016), Volney Berkenbrock (2017) e Muniz Sodré (2017). Anteriormente a questão foi abordada por Roger Bastide (1958), Gisele Omindarewa Cossard (1981) e Rita Amaral (2005). Considera-se de um modo geral que o candomblé não estabelece regras universais para os seus seguidores, tal, contudo, não significaria a inexistência de padrões de referência a regular o modo de agir dos seus fiéis, que se configuraria como uma eticidade relacional, incorporada, ritualizada e não normativa. Nas análises sobre a temática é nomeada como ética da solidariedade, ética relacional, ética ordinária vinculada às práticas, ethos da tradição, estética da vivência, ética da imanência, ética do cuidado. Essas concepções regulariam as relações do fiel com o orixá, o comportamento entre os adeptos e no contexto do terreiro, ações de cuidado entre si e perante terceiros e outras formas de ação. Com partida no contexto bibliográfico acima, e fazendo uso de uma etnografia em terreiros de candomblé, foi observado que haveria também uma apreensão de valores do cuidado e da responsabilidade por uma realização educativa contínua e dinâmica que se incorpora ao longo do processo iniciático, e baseia um agir ético-religioso envolvido de um saber corporificado, não racionalizado, e que garante a natureza e o comportamento dos adeptos, os predispondo a uma postura de disponibilidade, e assim, gerando uma sensibilidade para agir eticamente que extrapola o âmbito do terreiro e da vida religiosa. Uma ética do cuidado e responsabilidade integralizada por meio da experiência religiosa e que tem por fundamento o ciclo da dádiva (dar, receber e retribuir) e a dinamização e equilíbrio do axé.

### **3. O Ogan baiano que ajudou a construir a tradição candomblecista de Belém do Pará**

Patrícia Moreira Perdigão dos Santos/Taissa Tavernard de Luca

A pesquisa tem como ente Ivonildo dos Santos, o ogan<sup>3</sup> Banjo, natural de Acupe, interior de Santo Amaro na Bahia, homem negro que chegou na década de 80, na mesma época que os sacerdotes candomblecistas vieram estabelecer moradia em Belém e acompanhando os primeiros candomblecistas que foram buscar iniciação na Bahia. A pesquisa objetiva construir a trajetória de vida do ogan, na busca por mapear as relações que estabeleceu com os primeiros terreiros de candomblé de Belém e a contribuição que deu para a organização e expansão dessa identidade afro-religiosa; tem caráter etnográfico, contando com a realização de entrevistas semiestruturadas pela perspectiva da história oral, observação participante, uso do caderno de campo e levantamento documental. A pesquisa está na fase de levantamento documental e início das entrevistas. Resultados preliminares mostram que Banjo transitou por terreiros das três nações<sup>4</sup> de candomblé na Bahia e em Belém, em entrevista gravada no ano de 2011 falou sobre essas identidades no Pará, fazendo comparações com a Bahia, sendo tais relatos registros das construções e reconstruções das identidades candomblecistas e da historicidade da religião, considerando que o jogo das identidades do candomblé paraense ainda é acirrado. Nascido na terra que exportou o candomblé para o Pará, contemporâneo dos fundadores do candomblé local e um ogan cujo conhecimento foi referência nos terreiros por onde passou, foi morto no ano de 2016, em frente à sua residência, alvejado por tiros que parecem ter motivação numa briga, deixando um legado que merece ser estudado com o fim de registrar essa parte importante da memória paraense e afro-religiosa, e porque é mote que pode revelar fatos desconhecidos sobre a chegada do candomblé no Pará e como essa religião constrói os seus ícones.



#### **4. Religiões afro-brasileiras: novas perseguições, velhos e novos personagens**

Zuleica Dantas Pereira Campos

A Intolerância religiosa é uma forma de discriminação contra pessoas ou grupos, que possuem diferentes crenças ou religiões. É marcada principalmente pelas condutas agressivas e ofensivas como, por exemplo, o ato de humilhar, perseguir ou agredir um indivíduo, pelo fato de o mesmo possuir uma religião ou uma crença divergente a do outro. No Brasil, essa prática é considerada crime de ódio inafiançável e imprescritível, a pena para os culpados varia entre 1 a 3 anos de prisão, com pagamento de multa. Tendo em vista a questão do preconceito religioso, temos como um dos principais fatores que implicam na proliferação da intolerância no país, a questão do fanatismo religioso – caracterizada pela devoção incondicional e também pela intolerância a outras crenças e religiões. Assim, estabelecemos como objetivo, discutir no âmbito do mercado de consumo da fé, como os devotos afro-brasileiros agem no enfrentamento aos ataques sistemáticos de intolerância religiosa que agenciam seus discursos e práticas de controle e discriminação. Para tanto, no que diz respeito ao subsídio teórico, trabalhamos com a percepção que os adeptos das religiões afro-brasileiras se inseriram no espaço público e forjaram estratégias de resistências no sentido de garantir o direito e o respeito à existência. Do ponto de vista empírico realizamos levantamento bibliográfico e de documentos que contribuíram com a pesquisa. Num segundo momento fizemos pesquisas de campo. Foram coletadas matérias divulgadas em jornais de grande circulação no Brasil que contemplam matérias acerca da repressão e perseguição dos terreiros. Essas matérias encontram-se on line. No decorrer de nossa pesquisa percebemos que a prática das religiões afro-brasileiras é historicamente alvo de perseguições. No entanto, nos últimos trinta anos, o movimento político - que valoriza a negritude e seus símbolos culturais tomou força desenvolvendo diversas formas de intervenção e de atuação junto ao espaço público no sentido de valorizar a sua religião. No entanto, ao que parece, a inserção no espaço público não foi suficiente para dirimir os números cada vez maiores de práticas de violência contra às religiões afro-brasileiras. Porém, os adeptos buscam cada vez mais a justiça para lutarem pelo direito a professarem livremente a sua religião.

#### **5. Santería, mudança social e práticas econômicas, no contexto da atualização do modelo econômico e social cubano**

Naile Braffo Conde

A transformação que implicou nas expressões de origem africana em Cuba, a chegada a novas terras sob signos de escravidão e a marginalização de seus praticantes (e sua cultura) contribuíram para uma importante reconversão simbólica de suas práticas, a partir do encontro e / ou desacordo com outras culturas. Essas interinfluências e mudanças favoreceram um longo e complexo processo de transculturação, como também aconteceu no Brasil; que chega até hoje, a partir das trocas, transformações, reelaborações e reinterpretções, tanto nas diversas formas de pensamento quanto nas condutas e / ou ações (práticas) dadas de seus praticantes. Mudanças nas estruturas, surgimento de novos papéis dentro e novas formas de se relacionar com e em uma sociedade antagônica às seus pressupostos ideológicos e comportamentais, foram vários dos elementos que contribuíram, juntamente com a presença de diferentes grupos étnicos, para a configuração de as variações fundamentais que levaram ao desenvolvimento dos sistemas religiosos atuais de origem africana na ilha, entre eles a Regla de Ocha-Ifá ou Santería. Na sociedade cubana atual, há uma maior presença de uma economia de mercado que desencadeou o aumento das desigualdades econômicas e sociais. O mercado constitui, com maior ênfase desde meados do

século passado, o espaço estruturante por excelência das relações sociais na sociedade moderna. Sociedade com base em uma racionalidade econômica mercantil, e que, ao mesmo tempo, tem apoiado no desenvolvimento de uma institucionalidade social que favorece a mercantilização dos principais fenômenos e categorias sociais. A religião não escapa das lógicas estruturantes da sociedade moderna, mas, como instituição estruturante em si mesma, evoluiu em estreita relação com suas lógicas de produção simbólica e material. Particularmente dentro das práticas religiosas da Santería, sistema religioso de origem africana, sustentam-se e reproduzem-se padrões de relações com caráter econômico e comercial respaldados por sua própria lógica e regulamentação, pelo menos, em Cuba, para os praticantes deste sistema religioso. O presente estudo investigou como o funcionamento da Santería em duas famílias de La Habana possibilita a produção de práticas econômicas, a partir das redes de relações estruturadas por seus membros em função do desenvolvimento das práticas religiosas. O ponto de partida é a conceção da adaptação das práticas religiosas da Santería à cultura do mercado, da visão não apenas como uma conexão de apoio espiritual, mas também econômica, de emprego e / ou renda.

## **6. Chamado à responsabilidade socioambiental: um olhar ecoteológico sobre a lenda Ioruba *Kigbo e os Espíritos do Mato***

Gerson Lourenço Pereira

Assumir a responsabilidade socioambiental, assumindo a ética do cuidado sobre a terra, observando o uso equilibrado dos seus recursos, respeitando os limites da convivência social, em abertura relacional para a promoção do bem comum é, pois, um apelo à vivência de uma espiritualidade aberta à integração com o transcendente, com a humanidade e com a natureza. Recorrentemente povos de variadas identidades culturais apresentam em suas lendas, contos e mitos traços dessa espiritualidade. São movidos pela preocupação subjacente a respeito da postura humana diante do desafio de manter a casa comum, o ambiente de conspiração em ordem e disponível ao bem viver. Respeito, alteridade, zelo, humildade, serviço, fraternidade são alguns vocábulos que acompanham boa parte dessas narrativas. Uma delas é a lenda, originária do povo ioruba, *Kigbo e os Espíritos do Mato*. Esta Comunicação propõe como objetivo principal ressaltar o chamado exortativo, inspirado pela espiritualidade calcada no temor pelo transcendente, respeito ao meio ambiente e ao convívio social, contido na referida narrativa. Secundariamente busca resgatar parte do legado espiritual presente nas culturas de matriz africana, a partir de uma leitura ecoteológica. Metodologicamente, a leitura ecoteológica se utilizará da chave hermenêutica disposta pelas reflexões de Leonardo Boff, a respeito da ética e ecoespiritualidade; e de Jürgen Moltmann, no que diz respeito a pneumatologia articulada com a ecologia. Assim sendo, o primeiro passo desta reflexão será situar histórico-socialmente a narrativa de *Kigbo*. O segundo, direcionar os olhares de Boff e Moltmann sobre os desafios socioambientais hodiernos. Finalmente, o terceiro passo destacará na narrativa de *Kigbo* os elementos da ecoespiritualidade que conduzem à exortação e motivação para a responsabilidade socioambiental contextualizada. Resultando desse caminho trilhado será a apreensão de maior sensibilidade espiritual diante dos desafios ecológicos que se evidenciam na atualidade. O resgate das lições simples contidas em *Kigbo* que consistem na superação da arrogância, a observância da humildade e o respeito ao meio socioambiental apontam para a possibilidade do aprendizado no contexto tecnocrático e consumista nos níveis local, nacional e global. Concluindo, a presente Comunicação pretende fomentar a discussão em torno dos temas suscitados pela ecoespiritualidade em conexão com a responsabilidade socioambiental, levantando algumas questões, tais como as

consequências da arrogância humana na insistência da tecnocracia, a despeito do acolhimento dos ciclos naturais; do consumismo, a despeito do consumo consciente das benesses diretas e indiretas da natureza; da espiritualidade aberta e integrada, ao invés de um intimismo devocional e mesquinho com o transcendente. Imperioso se torna uma conversão sincera de todo gênero humano que redirecione às fontes de vida e relações, sem riscos para a auto sobrevivência e preservação do ambiente ao redor.

## **7. O corpo negro como local de texto: escarificações realizadas no Jeje Savalú em Belém/PA e a resignificação desta prática para o candomblé**

Érika Patrícia Negrão da Silva

Há séculos a linguagem corporal faz parte da criação e da produção material e imaterial na África. Tradicionalmente, os africanos utilizam o corpo como veículo de conexão entre o mundo visível e invisível. Esses corpos negros escarificados que, durante o período de diáspora africana, resignificaram suas tradições carregando consigo e utilizando o seu corpo como ferramenta e linguagem, tornam-se receptáculos simbólicos e expressivos transcendentais neste deslocamento, habitando diferentes geografias no chamado Novo Mundo. Dentre esses lugares está o território brasileiro. O corpo negro passa a ser o registro de memória e identidade. Diante disto, vislumbramos em nossa pesquisa realizar um estudo sobre as escarificações enquanto prática africana e afroreligiosa de construções e reconstruções de identidade, sendo esta, local de texto, de memória corporal, de resistência, tendo como objeto de estudo as escarificações realizadas no Jeje Savalú, especificamente no Templo Afroreligioso Xwè Acè Kpó Sohùn em Belém/PA e suas resignificações no Candomblé. Os objetivos da pesquisa são: compreender a escarificação como elemento de identidade dos praticantes do Candomblé Jeje Savalú; Identificar características específicas das escarificações em povos africanos; Analisar o processo de construção da identidade dos praticantes do Candomblé Jeje Savalú através das escarificações; Apontar atualmente a prática das escarificações no Jeje Savalú. Para alcançar estes objetivos, utilizamos dos seguintes procedimentos metodológicos: Inicialmente, registramos através de entrevistas não estruturadas e entrevistas gravadas semiestruturadas com os agentes produtores do espaço para obtermos dados sistemáticos qualitativos; Em seguida, foi feito um levantamento de caráter bibliográfico sobre o assunto abordado para estudo e elaboração da revisão bibliográfica, conceituando a variedade de assuntos que fazem parte do tema principal. Adiante, foi reservado para o registro fotográfico da realidade observada, com o propósito de registrar práticas cotidianas e o sistema de objetos que compõe esse espaço; Durante todo este processo analisamos, discutimos e elaboramos a redação que constitui esta pesquisa em que tivemos a oportunidade de observar que o ato simbólico de escarificar demonstra um reconhecimento e o corpo passa a ser local de identidade dos praticantes do Candomblé Jeje Savalú, através da preservação desta tradição. Remotamente, as escarificações faziam parte deste repertório de simbolismo aplicado a partes do corpo com finalidades litúrgicas e identitárias. Em tempos contemporâneos, no Brasil, esses traços étnicos assumem um caráter mais discreto nos adeptos do candomblé. Uma luta de resistência travada por esses afroreligiosos que se utilizam da arte como meio, e nesse caso, o próprio corpo como suporte, carregando as marcas de uma tradição.

## **8. O carnaval carioca como lugar de memória dos Pretos-velhos**

Raquel Turetti Scotton

O presente trabalho tem como objetivo investigar se as escolas de samba da cidade do Rio de Janeiro se constituem como espaços que conservam e cultivam as memórias dos Pretos-velhos e de que maneira estas memórias são representadas pelas escolas de samba. Nos espaços religiosos de matriz africana a presença dos Pretos-velhos é constante. São entidades populares, reconhecidas pelos frequentadores de casas e terreiros umbandistas que buscam seus conselhos e dividem suas angústias. É uma figura presente também no imaginário coletivo brasileiro: sua clássica imagem é composta por um senhor negro, postura curvada, de cabelos grisalhos, acompanhado de seu inseparável cachimbo, dotado de um caminhar lento, auxiliado por um pedaço de pau e vestimenta simples. Esta reconhecida figura também está presente na formação das escolas de samba da cidade do Rio de Janeiro. De acordo com Cabral (2011), na primeira metade do século XIX, dois cordões carnavalescos predominavam de forma absoluta no carnaval negro das ruas da capital carioca: os Cumcubis, cuja inspiração estava nos congos, congadas e quilombos e o segundo cordão, chamado de os Velhos, que desfilavam tal como Pretos-velhos: curvados, de cachimbo, apoiados em um pedaço de pau. No final do século XIX, os cordões contribuíram para a formação das agremiações intituladas de ranchos, consideradas as precursoras das escolas de samba cariocas. Estas, por sua vez, formadas em torno de lideranças afro religiosas. Tamanha proximidade com a religião fez com que terreiros e escolas de samba se tornassem indissociáveis. Segundo Confete (2017), as escolas de samba configuram-se como um fenômeno cuja tradição se encontra nas giras de Caboclo, culto aos Orixás e Pretos-velhos. Sendo assim, a importância do Preto-velho ganhou destaque nos desfiles de escola de samba desde suas primeiras décadas até os dias de hoje - seja por meio de sambas-enredo, fantasias e carros alegóricos -. Neste sentido, as narrativas compostas pelas escolas de samba nas quais os Pretos-Velhos são homenageados caracterizam o que Nora (1993) chama de lugar de memória, isto é, espaço onde a memória se firmou e se constituiu como maneira de compreender uma memória que não é aquela dada pela história como fonte, mas sim como aquela que consolidou o conhecimento de um grupo acerca de seu passado, possibilitando a formação de pertencimento e de conservação de sua identidade.

## **9. Mitologia sobre Tobóssis e princesas Nagôs**

Tayná do Socorro da Silva Lima

Este trabalho propõe uma abordagem sobre o culto as princesas africanas denominadas de Tobóssis, cultuadas através da Religião de Matriz Africana denominada Tambor de Mina. Primeiramente, busco compreender como se pratica o culto na atualidade na cidade de Belém do Pará, a partir da prática etnográfica e da observação do cotidiano de uma casa de santo que tem como descendência religiosa a casa de Pai Jorge de Itacy do Terreiro de Iemanjá - MA. Abordo como referencial teórico os conceitos de identidade de Stuart Hall (2019) e de Reinvenção da Tradição de Eric Hobsbawn (1984), e do conceito de Mitologia a partir da obra que evidencia a linguagem da experiência religiosa de Croatto (2001). Me utilizo também das etnografias de Sérgio Ferretti, intitulada como "Querebentã de Zomadônu" (2009), que vem abordar elementos tradicionais da Casa das Minas, local de onde surge o primeiro culto a essas princesas africanas, e da Tese da Dr<sup>a</sup> Taissa Tavernard de Luca, intitulada "Tem Branco na Guma": A Nobreza Européia Montou Corte na Encantaria Mineira. (2010), que discute a respeito de duas categorias de mineiros, e discuto a

respeito dos mineiros de segunda migração, que a partir da década de 1970 migraram para a cidade de São Luís para se iniciarem na mina maranhense, sendo através dos mesmos que o culto chega nas águas do Pará. Dessa forma, respondo as indagações a partir dos relatos de Mãe Rosângela de Abê e de Pai Huevy Brasil, líderes religiosos do terreiro denominado de Casa Grande de Mina Jejê Nagô. Assim, apresento a descrição da mitologia em torno dessas princesas africanas, bem como abordo também o ritual em homenagem a elas, denominado de Arabã ou Bancada das Tobóssis, evidenciando as características dessas divindades que representam a pureza no panteão feminino do Tambor de Mina.

#### **10. Folia de reis na região metropolitana do Rio de Janeiro: negociações religiosas e sociais para a sua salvaguarda**

Verônica Inaciola Costa Farias da Cruz

O presente artigo objetiva levantar algumas questões relevantes a cerca da religiosidade híbrida dos seguidores das folias de reis na região metropolitana do Rio de Janeiro e do esforço contínuo para a prática dos seus rituais nesse território plural em religiosidades e religiões, onde cada vez mais os esforços para sua permanência tem aumentado por conta da violência, principalmente as oriundas do tráfico de drogas e de tantos outros conflitos sociais existentes. Suas atividades festivas e religiosas que no caso aqui acontecem nas favelas e periferias da região metropolitana do Rio de Janeiro, lugares marcados pelos descasos do poder público, onde também outro fator relevante, a incidência cada vez maior do neo pentecostalismo, que vem interferindo nas práticas religiosas do lugar, travando-se aí mais uma disputa de poder, agora religioso, especialmente nos cultos afro-brasileiros, muito comuns ao universo dos praticantes do reisado, agora seduzidos pela proposta de prosperidade, ocasionando a sua migração religiosa, pois a sua permanência nesses grupos que compreende uma crença híbrida nos santos católicos e nas divindades e orixás das religiões afro –brasileiras, aos quais são atribuídos os milagres por eles alcançados já não é mais permitida. Dialogando com Carlos Rodrigues Brandão em Memórias do Sagrado, vamos fazer uma análise da importância dos ritos e dos mitos na manifestação do sagrado desses atores no caso aqui estudado, e no trabalho de Christina Cunha que fala sobre a intolerância religiosa, do poder do tráfico e das práticas performadas pelo estado nas favelas cariocas, vamos tecer nossas considerações sobre o tema. Diante deste novo cenário iremos conferir os recursos utilizados por esses grupos através de entrevistas qualitativas a fim de detectar quais são as estratégias que utilizam para continuarem atuando nesses cenários de conflitos.

#### **11. Conflitos, preconceitos e resistências: a santa inquisição na Amazônia colonial e o estigma sobre os trabalhos de magia de amor nos terreiros em Belém do Pará**

Fabio Oliveira de Sena

A inquisição no Brasil instaurada pela santa madre igreja foi um movimento que teve o intento de disciplinar e punir aqueles os quais se acreditava serem “desvirtuados” da fé e da moral cristã. Diante disso este referido trabalho tem como objetivo fazer uma relação com os processos de inquisição ocorridos na Amazônia no que tange a perseguição feita às práticas consideradas como feitiçaria, e como isso se reflete nos tempos atuais nas práticas de trabalhos de amor realizadas nos terreiros. O trabalho se construiu a partir de análises bibliográficas e procedimentos baseados na etnografia, usando técnicas como entrevista com os sacerdotes e análise dos diálogos dos mesmos sobre os

preconceitos vivenciados. Com este trabalho se percebeu como os estigmas, tanto da sociedade como um todo como dos clientes que acessam esses trabalhos, ainda é muito presente e atinge violentamente as práticas religiosas afro brasileiras. Mesmo que muitos dos clientes dos sacerdotes não sejam afro religiosos, eles acreditam no poder desta magia, porém o acessam com um sentimento de que estão entrando em um terreno maligno e negativo.

## **ST 06 - NOVOS MOVIMENTOS RELIGIOSOS E ESPIRITUALIDADES NÃO RELIGIOSAS**

### **1. Espiritualidade Irreligiosa: Marcelo Gleiser e a Espiritualidade na Ciência** Hamilton Castro da Silva

As religiões funcionam como sistemas de sentido que estruturam e organizam os indivíduos inseridos nos espaços sociais. Atualmente, na Modernidade secularizadora, encontramos uma crise de credibilidade nas instituições religiosas tradicionais produtoras de sentido. Contudo, a religião não fica restrita ao ambiente da igreja, mas se movimenta para outros espaços, gerando novas afiliações e formas de vivência. Assim, aumenta no campo religioso brasileiro o número de religiões com base nos recursos que os indivíduos vão encontrando em seu caminho e aqueles que se definem como “sem religião”. Diante desta recomposição no campo religioso, o presente trabalho procura discutir as espiritualidades irreligiosas, apresentando o pensamento do cientista brasileiro Marcelo Gleiser. Este físico teórico procura desenvolver uma espiritualidade no campo da ciência. De acordo com Gleiser, quando a ciência investiga o Universo, o cientista está procurando desvendar o desconhecido pelo conhecido e, assim, a ciência nos apresenta o conhecimento sobre quem somos e qual é o nosso lugar no cosmo. Nessa perspectiva, o conhecimento científico torna-se uma busca espiritual, apresentando as respostas para os questionamentos que acompanham a humanidade desde os primórdios de sua origem, proporcionando, um caminho de maior responsabilidade com a nossa casa, o planeta Terra. Este trabalho utiliza a pesquisa bibliográfica como metodologia de pesquisa. Assim, esta comunicação indica que, de acordo com Gleiser, a busca pelo conhecimento científico é também uma busca espiritual, isto é, a ciência nos mostra que a vida humana é rara (humanocentrismo) e, a partir desse quadro, a ciência caminha de mãos dadas com a espiritualidade.

### **2. Catolicismo e métodos orientais: entre Nova Era e o resgate do misticismo católico**

Renan B. Dantas

Esta comunicação trata sobre certas conexões, interfaces e paralelos estabelecidos entre o catolicismo e aquilo que o Vaticano chamou de “métodos orientais” (1989), técnicas psicossomáticas “inspiradas no Hinduísmo e no Budismo”, tais como “o Zen, a Meditação Transcendental, ou o Yoga”, tendo em vista dois casos empíricos investigados etnograficamente: a modalidade de Yoga Cristã criada pelo padre jesuíta Haroldo J. Rahm e a Meditação Cristã criada pelo monge beneditino canadense John Main. A primeira seria “uma arte e uma ciência ascética para conhecer a Divina Majestade” (RAHM, 2007, p. 21) segundo as palavras de seu fundador, que articulou conceitos e técnicas iogues indianas como os chakras (centros de energia segundo a anatomia sutil da tradição tântrica), o prana (força vital que permeia o cosmos) e os asanas (posturas físicas do hatha yoga) com a espiritualidade de Santo Inácio de Loyola contida em seus Exercícios Espirituais e o repertório doutrinal católico: Santíssima Trindade, Credo, Pai-Nosso, Nossa Senhora, anjos, santos, etc. A

segunda seria uma técnica de meditação contemplativa, na qual se usa a palavra de origem aramaica “mahanata”, que significa “vem senhor”. Seu criador teria se iniciado na meditação antes de se tornar monge católico, por um swami indiano (Swami Satyananda), que lhe ensinou a se utilizar de um mantra para meditar. Anos mais tarde, já dentro da Ordem de São Bento, Main foi advertido e censurado por seus superiores por meditar daquela forma tipicamente “oriental”. Como resposta o monge encontrou nas Conferências de João Cassiano (séc. IV), um dos “Padres do Deserto”, uma forma de oração semelhante com a qual ele pudesse associar sua meditação, através da “prática de usar uma frase curta para chegar a tranquilidade necessária à oração” (MAIN, 1987, p. 18). Objetivos Assim, tendo em vista o pano de fundo sociocultural do catolicismo contemporâneo, formado por uma pluralidade de tendências, a presente comunicação visa discutir e analisar novas maneiras de ser cristão e católico que se entrelaçam às tradições orientais (Yoga, Zen, Hinduísmo e Budismo), informando muitas vezes experiências híbridas, tais quais os casos citados a cima. A metodologia empregada neste trabalho compõe um misto de pesquisa etnográfica – observação participante em práticas e retiros de yoga cristã e meditação cristã, assim como entrevistas com seus agentes – e revisão bibliográfica – tanto de textos acadêmicos que abordem as configurações do campo religioso contemporâneo, quanto da literatura “nativa” de agentes mediadores entre espiritualidades católicas e orientais. Resultados e considerações. Tendo em vista os casos apresentados, a presente pesquisa observa a absorção e ressignificação de significados e técnicas orientais operada por agentes e grupos católicos, seguindo um duplo movimento: tanto de responder à difusão social de tais métodos nas sociedades contemporâneas – o que estaria ligado ao movimento Nova Era –, quanto de resgatar elementos “esquecidos” da tradição católica, geralmente ligados ao misticismo – como os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola (fundador da Companhia de Jesus) e a “4ª oração” do “padre do deserto” João Cassiano, por exemplo.

### **3. Inteligência Espiritual e “Pós-Modernidade”: novas formas de viver a dimensão profunda**

Auriston Magalhães Vitor

O homem “pós-moderno” sempre conectado através de recursos tecnológicos, traz consigo dimensões nunca vistas na sua relação com seus pares e com o mundo. As mudanças podem ser percebidas desde aspectos ordinários e práticos do cotidiano, a até elementos mais profundos que influenciam relacionamentos e modos de vida. O padrão é não ter padrão, e dessa forma, trabalhar um estudo científico que se aporta em elementos minimamente comprováveis é um desafio. Desafio também é perceber o anseio de uma juventude que não consegue ver sentido em viver. Diante de tantas mudanças substanciais, da falta de perspectiva dessa juventude que estamos chamando de “pós-moderna”, cabe-nos perguntar: como enfrentar esses novos desafios? Talvez, uma das respostas pode estar ancorada no conceito de Dimensão Espiritual e desdobramentos como espiritualidade e fé. Partindo dessa hipótese, os objetivos serão: conhecer estudos e autores que se debruçam sobre esse tema; buscar entender a relação desse assunto com a espiritualidade nesse momento histórico; avaliar se a dimensão espiritual foi sendo alterada, a partir de um recorte histórico e cultural; identificar como se foi estabelecendo novas formas de vivenciar a espiritualidade; e por fim, trazer luz ao encontro simultâneo entre o aumento das doenças psíquicas e do suicídio, com o fenômeno dessa “nova” espiritualidade. Esse processo de desencanto com a vida tem sido objeto de esforços em nível mundial, na busca por respostas que apontem algum caminho propositivo para a formação e fortalecimento interno das pessoas. O trabalho será realizado através

de uma revisão de literatura. Serão estudados Ken Wilber, que trata do conceito de inteligência espiritual e visão integral do ser humano; James W. Fowler com sua teoria dos estágios da fé e de que forma o ser humano vive esse fenômeno e Jean M. Twenge que traz o conceito geracional e a forma como os nascidos após 1995 estão construindo seu estar no mundo, especialmente na dimensão espiritual. Como resultado espera-se iniciar um entendimento sobre dois fenômenos que podem ou não estar relacionados. Um trata das novas e inéditas formas de viver a dimensão espiritual, o outro se refere a um processo de adoecimento psíquico generalizado, ambos em escala mundial. A concomitância e a relevância desses eventos sobre o homem pós-moderno, são os motivadores para buscar o entendimento se há outros fatores que os tornam interdependentes e retroalimentares. Aponta-se que a relação entre as ideias aqui trabalhadas pode ser útil na construção de medidas sobre a prevenção no combate ao vazio existencial, bastante evidenciado pelos índices de doenças psíquicas no mundo pós-moderno.

#### **4. Novos Movimentos Eclesiais: consciência ambiental refletida na vivência e comunicação da fé**

Lúcia Eliza Ferreira da Silva

É notório o avanço e grande promoção das novas comunidades religiosas no cenário eclesial como interessante e complexa a adesão de indivíduos a mentalidades e estilos de vida empregados. Os Movimentos Eclesiais – emergindo em meio a espiritualidade da Renovação Carismática (RCC), a partir dos anos 70 e 80, alcançaram rápida projeção e expansão nos pontificados dos papas João Paulo II e Bento XVI. Se deduz a intrépida contribuição à evangelização e inovação da pastoralidade da Igreja nessas décadas, ao passo da missionária aplicada e principalmente, o protagonismo laical. No entanto, atuais e relevantes cenários, desafiam e implicam autênticos testemunhos daqueles que professam a fé no Deus cristão – relacional e comunitário. Tais contextos eclesiais, sociais, políticos, culturais etc., provocam à prática pastoral e do testemunho. Desta maneira, como e onde estão essas famílias religiosos e por qual forma se posicionam frente as emergências ecológicas? A espiritualidade estampa transformações e diálogos efetivos ou almeja à individualidade mesquinha refletida somente no desenvolvimento e sucesso do seu próprio eu. Oportuno recordar a corrupção espiritual, dita por Francisco, como pior ao ato do pecador, pois se torna cegueira cômoda e autossuficiente, resultando em engano, egoísmo, calúnia e autorreferencialidade. A proposta desta comunicação visa analisar, por meio da reflexão ético-teológica, o fenômeno dos Novos Movimentos Eclesiais sob a ótica do exercício ecológico praticado, a partir da espiritualidade empregada, discurso conferido e formação dos sujeitos vinculados, direta ou indiretamente, a tais instituições. Seguir-se-á pela hermenêutica dos textos do magistério do Papa Francisco, observação – por meio de entrevista, visita e leituras, da consciência ecologia desenvolvida nesses movimentos no contexto brasileiro. Nessa perspectiva indica-se, pelas ameaças existentes a criação – por vezes relativizadas, e pelo o magistério do Papa Francisco em referência ao meio ambiente, o possível adormecimento da consciência ambiental nas novas comunidades frente a situação ecológica. Pois, nos gestos e atitudes de Francisco, vê-se o cuidado e atenção as situações ambientais, seja pela instituição dos dias de ‘Oração pela Criação’, ‘Dia Mundial de oração pelo o cuidado da Criação’ e ‘Oração pela nossa Terra’, como pela reflexão na Carta Encíclica *Laudato Si’* – sobre o cuidado da casa comum ou pela convocação do Sínodo sobre a Amazônia, aos quais o pontífice adverte sobre os abusos e transgressões ao lar de todos. Assim, esse magistério ecológico provoca adesão ou repulsa. Compreendendo a criação como realidade



pertencente a todos os seres vivos – sem exceção, urge “[...] a responsabilidade pelo ‘cultivo do jardim’... sendo uma tarefa de todas as religiões, povos, nações e culturas, enfim, de cada ser humano que vive no Planeta Terra, pois aí está a nossa comum, o nosso espaço vital e único”, exigindo conversão de mentalidade e de comportamento.

## **5. Crianças índigo e cristal: uma controvérsia entre grupos**

Vitor de Lima Campanha

O presente trabalho busca apresentar e refletir sobre uma temática abordada por determinados grupos contemporâneos, autointitulados religiosos ou não: as chamadas crianças “índigo” ou “cristal”. Trata-se, segundo eles, de seres evoluídos de outros planetas que passam a encarnar na Terra como humanos, no papel de missionários. Sua tarefa seria a de auxiliar a humanidade, mudando os rumos do planeta no momento crucial de sua passagem para uma nova era. O objetivo deste estudo é entender como tal ideia coloca em relação determinados e aparentemente distintos grupos: autores new age e líderes de Novos Movimentos Religiosos, determinada parcela do Espiritismo Kardecista e ufólogos. Embora seja uma crença basicamente comum entre todos, as crianças índigo ou cristal são abordadas de diferentes maneiras em cada um deles. Nos grupos religiosos, de forma geral, são assumidas dentro de cosmologias reencarnacionistas ou em perspectivas salvacionistas, enquanto na ufologia são vistas como fruto de intervenções genéticas por parte de extraterrestres. É importante ressaltar, entretanto, que apesar das distinções, há um constante intercâmbio de ideias. Para explicitar essas diferenças e semelhanças, é usado aqui o conceito de controvérsia, elaborado por Latour (2012). A controvérsia, no sentido proposto por esse autor, age como um mediador que desdobra fluxos de ação e demonstra como certos grupos vinculam-se, ainda que reafirmando-se em oposição uns aos outros. Destaca-se, portanto, que as crianças índigo ou cristal atuam como esse tipo de controvérsia, vinculando os grupos tanto em sentido negativo quanto positivo, ou seja, por aproximação ou distanciamento. O controverso se dá até mesmo no interior de determinados grupos, como no movimento espírita, com discordâncias entre membros e representantes sobre as supostas crianças índigo e suas características. Em sentido mais amplo, o tema nos remete às constantes bricolagem, reinvenções e rearranjos típicos da espiritualidade Nova Era e dos Novos Movimentos Religiosos.

## **6. Implicações de narrar-se ateu e sem instituição. Resultados da pesquisa “Ateísmo hermenêutico e a emergência de novas sensibilidades religiosas na contemporaneidade”**

Omar Lucas Perrout Fortes de Sales

As múltiplas facetas do ateísmo contemporâneo podem ser compreendidas e assumidas tanto como posicionamento filosófico ou religioso, quanto como traço constitutivo da racionalidade a permear de modo heterogêneo a cultura atual - racionalidade essa a apresentar configurações dinâmicas e mutantes. Em ambos os casos, evoca o debruçar-se reflexivamente sobre esta questão a se desdobrar na possibilidade de emergência de novas sensibilidades religiosas tais como o fenômeno da não pertença institucional e do crescimento constatado pelos dados censitários do IBGE do grupo denominado os sem religião. Tal cenário demanda a atenção dos profissionais cientistas da religião, os quais devem considerar tal realidade dinâmica e plural, a fim de delimitar e de circunscrever os novos horizontes ora desenhados. Nessa perspectiva, no intuito de melhor compreender as transformações em curso a partir das provocações dos próprios operadores e operadoras diretos das Ciências da Religião, propôs-se

entrevistar oito discentes e oito docentes pertencentes aos quadros de dois Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião (um programa da Região Centro Oeste e outro programa da Região Sudeste do país). A presente comunicação visa apresentar e discutir os resultados obtidos junto a todos os participantes de pesquisa dos dois programas de Pós-Graduação em questão, no intuito de entretecer e ampliar a discussão junto à sessão temática da área. Propõe, desse modo, fomentar o intercâmbio de experiências mediante a interlocução e a apreciação dos pares. O projeto de pesquisa encontra-se em andamento e serão apresentados os resultados parciais (Comitê de Ética CAAE: 83164618.0.0000.0037).

## **7. Criptoastrologia e neoxamanismo: a reinvenção da astrologia como uma medicina tradicional xamânica pela naturologia brasileira**

Fábio L. Stern

Embora os meios novaeristas sejam eivados de neoxamanismo, existem grupos mais ou menos inclinados a saberes especificamente indígenas. Esse é o caso de uma disciplina do bacharelado em naturologia da Universidade do Sul de Santa Catarina, que compila uma série de saberes esotéricos e tradicionais, oriundos de diversas culturas, por um norte discursivo de que tais práticas seriam, todas, xamânicas. Dentre diversos bens religiosos asiáticos (p. ex. meridianos da medicina chinesa e cakras) e europeus (p. ex. numerologia), uma das práticas mais visíveis no xamanismo da naturologia é uma forma de criptoastrologia, disfarçada de algo tradicionalmente indígena das Américas, para que possa ser ensinada como conteúdo a ser aplicado para a área da saúde. Esse trabalho teve como objetivo comparar o que a astrologia clássica europeia fala a respeito dos signos, e como os mesmos discursos aparecem de outras formas e nomes entre os naturólogos brasileiros, mas seguindo virtualmente a mesma lógica e simbologia. Para tanto, recorreu-se a entrevistas com professores e naturólogos formados do curso de naturologia em questão, além de estudo bibliográfico sistemático, comparando os planos de disciplina, os materiais didáticos utilizados em sala de aula e o discurso dos entrevistados. Os resultados permitiram observar que embora a forma de calcular os signos utilizada pelos naturólogos da Universidade do Sul de Santa Catarina não seja idêntica à forma mais popular empregada pela astrologia em geral, que o significado dos signos mantém fortes relações com a astrologia clássica. Nas discussões, ressalta-se o fato de existirem dois estilos de pensamento na naturologia brasileira, um mais inclinado ao ethos da Nova Era, e outro que se deseja estritamente científico, pautado no paradigma vigente da medicina baseada em evidência. Sendo assim, a mudança da forma da astrologia para algo diferente, e sua subsequente apresentação enquanto algo xamânico ao invés de esotérico, podem ter sido a ferramenta discursiva encontrada pelos naturólogos inclinados ao ethos da Nova Era em manter este conteúdo no ensino universitário da naturologia brasileira.

## **8. Espiritualidades não-religiosas, xamanismo e Nova Era no circuito de Arte Contemporânea**

Daniela Cordovil

Este trabalho pretende abordar a circulação de artistas pelo universo do xamanismo e da Nova Era, refletindo sobre como estes circuitos contribuem para uma reinvenção do lugar do sagrado na sociedade contemporânea. O locus do estudo empírico é a trajetória de artistas cujo trabalho apresenta um diálogo com a espiritualidade e a recepção destas obras no circuito de arte contemporânea. São discutidas também algumas características de um incipiente mercado de oferta de serviços ligados a espiritualidade voltados especificamente

para os artistas. O trabalho estuda o atual cenário onde um vasto conjunto de experiências do sagrado são oferecidas para buscadores religiosos das mais diversas procedências o que tem atraído a atenção de artistas. A prática de artistas de produzirem coletivamente a partir de “residências artísticas”, períodos de imersão temática que usualmente envolve retiros e viagens tem gerado uma maior comunicação entre o circuito da Nova Era e o circuito de arte contemporânea, pois algumas destas residências possuem como proposta a busca espiritual, combinada com o fazer artístico. A partir do estudo destas interlocuções este trabalho propõe uma abordagem sobre o alcance e as características das espiritualidades não-religiosas.

## **9. A proposta ética do cristianismo não religioso de Gianni Vattimo**

Felipe de Queiroz Souto

Qual cristianismo é possível na pós-modernidade? Sobre essa questão o pensador italiano, Gianni Vattimo (1936 -), opera seu pensamento. Relacionando a filosofia de Nietzsche e de Heidegger como ponto de partida para conceber sua hermenêutica niilista que através do pensiero debole possibilita uma nova compreensão de mundo ele retoma a filosofia da história de Gioacchino de Fiori que divide a história em três épocas: a do Pai, a do Filho e a do Espírito Santo. Vattimo considera que a última época é o momento da interpretação da palavra e não o momento da norma ou da letra, como as precedentes. Assim, nasce a sua compreensão de Idade do Espírito na qual se entende a operação da hermenêutica niilista que se abdica de qualquer pretensão de absolutismo e de verdades metafísicas, pelo contrário aceita o caminho do enfraquecimento de todas as estruturas modernas. A proposta de um apelo prático que conjugue todas as interpretações de mundo numa forma viável. A solução do pensador italiano é a caritas, o maior anúncio da Bíblia e a única verdade – como apelo prático – que Jesus anunciou definitivamente. Na carita há uma secularização da verdade cristã, ao mesmo tempo que há um retorno da filosofia para os caracteres religiosos do qual somos herdeiros. O que há de original é a retomada que Vattimo faz de um elemento importante para o cristianismo, pois ele se aplica numa proposta ética pela qual se desenvolve o cristianismo não religioso que opera pela hermenêutica niilista e que pensa a experiência religiosa fora do Deus Onto-teológico. A pesquisa justifica-se por seu caráter filosófico que pensa a experiência religiosa dos indivíduos sociais sem a imposição dogmática e fundamentalista das igrejas. Para tanto, o método a ser utilizado é o de análise bibliográfica a partir da hermenêutica analítico-compreensiva que retoma o pensamento vattimiano em sua concentração pós-moderna, período entendido pelo autor como locus da Idade do Espírito. Com isso, espera-se enxergar a possibilidade da experiência religiosa na contemporaneidade como uma experiência de hermenêutica e de caráter ético.

## **10. A ressignificação do discurso mágico na Nova Era**

Silas Guerriero

A noção de magia tem sido utilizada como forma de separação entre as denominadas “forças do bem” e “forças das trevas”. Como um conceito constituído no Ocidente desde a Antiguidade, a magia serviu para estigmatizar e excluir grupos sociais em forte oposição ao que veria ser reconhecido como religião. Até o presente, muitas organizações religiosas incorporam esse discurso. Ao mesmo tempo, grupos marginalizados utilizam a magia como forma de reconhecimento identitário e marca de atuação sobre o mundo. As teorias científicas que se debruçaram sobre o tema, desde final do século XIX, tenderam a incorporar essa distinção, relegando à magia um papel social

secundário e ilegítimo se comparado à religião. O movimento Nova Era, e a disseminação subsequente do ethos nova era, inverteu essa relação. Ao mesmo tempo em que religião passou a ser compreendida enquanto um elemento que limita o crescimento espiritual dos seres humanos, a magia se tornou um instrumento de poder no processo de evolução espiritual do indivíduo. Essa valorização da magia em detrimento da religião é um elemento marcante do ethos nova era. O presente trabalho procura compreender essa inversão de papéis e analisar o discurso mágico subjacente em algumas manifestações novaeristas, notadamente as terapias de cura corporais e a busca de evolução espiritual.

## **11. A Origem Histórica da Visão Novaerista da Natureza e seu Fervor Protetorista.**

Fabio Mendia

A defesa da natureza e da ecologia do Planeta em geral, sempre foi uma das bandeiras do movimento Nova Era. O objeto do presente trabalho é a formação da ideia da sacralidade da natureza no movimento Nova Era, que tem sua base histórica no pensamento esotérico ocidental (vide minha comunicação nos Anais do VI Congresso da Anpectre de 2018, p.335). A ênfase na sacralidade da natureza deste modo de pensar pode ser encontrada já no século VI a.C. no Pitagorismo. Essa ideia ganhou força, posteriormente, nas escolas Neoplatônicas (sec. III a V d.C). Para essas escolas a criação emana de seu criador, tendo, portanto, um caráter essencialmente sagrado. Essa visão contrapõe-se àquela criacionista judaico-cristã, para quem a criação é totalmente separada de seu Criador, que a produziu do nada, sendo, assim, em geral, pouco valorizada. Portanto, o esoterismo ocidental, enraizado nessas escolas, sempre cultuou a natureza, tanto a partir de suas concepções filosóficas, quanto de suas práticas, baseadas na magia natural, na astrologia, na espagíria e na alquimia. Na Renascença, segundo Antoine Faivre, uma das principais características do pensamento esotérico foi justamente a percepção da “Natureza Vivente”, perpassada pela chamada “Luz Astral”. Essa visão acabou influenciando, no final do século XVIII, a própria cultura europeia onde apareceram movimentos como a Naturphilosophie alemã e posteriormente o Romantismo do século XIX, que trouxeram a Natureza de volta ao centro das atenções. Diante do interesse pelo Ocultismo no ocidente, no início do século XX, as principais correntes do esoterismo começaram a se abrir para a sociedade, abandonando seu caráter secreto e, com isso, a sua visão sobre a criação ficou sendo melhor conhecida. Movimentos como a Antroposofia, a Teosofia e o Rosacruzianismo, por exemplo, se expandiram e disseminaram os principais conceitos em que se baseou o movimento novaerista inicial. Este, por sua vez, a partir dessas suas raízes, incorporou tradições orientais, e depois culturas locais, todas sempre fundadas na sacralização da natureza. O objetivo do presente trabalho é apontar que a bandeira novaerista de proteção da natureza, longe de ser apenas uma reação diante de uma perspectiva catastrófica do futuro, está implantada no próprio DNA desse movimento. Além do mais, devido à influência histórica do pensamento esotérico em outros movimentos culturais do Ocidente, como o Romantismo e a Naturphilosophie, amplos segmentos da sociedade estão receptivos a essa bandeira. O resultado esperado do trabalho é despertar o interesse para o acompanhamento do desenvolvimento desse tema por parte dos estudiosos de Ciência da Religião, dada sua relevância para o futuro do próprio planeta. O trabalho será baseado em pesquisa bibliográfica. Palavras chaves: Natureza Sagrada, Nova Era, Esoterismo Ocidental, Romantismo.

## 12. Individualização e privatização da fé na religiosidade digital

Marcos Rodrigues Simas

Segundo Hervieu-Léger (2000), “nas chamadas sociedades secularizadas, a religião sobreviveu simplesmente como uma opção privada, bem como facultativa”. Portanto, a própria crença estaria passando por uma ressignificação, já que por sua característica subjetiva, o crer estaria cada vez mais deixando de ser verificável e assim cada vez mais dependente da experiência como relatada por cada fiel. Procuramos nesta comunicação demonstrar que a privatização da religião secularizada levou o indivíduo da modernidade (Hall, 2015), a vivenciar uma fragmentação de sua memória coletiva religiosa (Hervieu-Léger, 2000), diante de um momento de mudança em conceitos fundantes, incluindo o da pertença comunitária, como resultado sua independência da instituição religiosa, através de novas vivências menos rígidas para o exercício sua fé. Apresentamos ao longo desse texto argumentos que mostram a forte influência que a sociedade em rede globalizada, os novos conceitos de tempo-espço e de “virtualidade real” (Castells, 2000), e a forma como eles estariam afetando profundamente a vida religiosa dos indivíduos, diante de tantas variantes, interstícios, fronteiras e hibridizações, buscando conexões a partir de um diálogo com os estudos pós-coloniais, e seus conceitos de “entre-lugar” e de “pensamento fronteiriço” (Santiago, 2013; Bhabha, 2013; Mignolo; 2003; Pimmer, 2017). Entendemos que o indivíduo que participa de um grupo religioso online vivencia, de acordo com seu interesse privado e subjetivo, sua experiência em categorias de tempo-espço diferenciadas, se sentindo parte, bem como pertencendo a um grupo religioso, apesar de seu posicionamento em locais ou situações de intermédios da cultura e da estrutura religiosa hegemônica que não mais o dominam, e onde ele de alguma forma experimenta novas ressignificações, sem perder sua essência simbólica religiosa pessoal e sua genuinidade. Também identificamos que esse novo momento traz efetivamente mudanças sutis ou significativas, e de alguma maneira isso estaria alterando o sentimento de pertença desses indivíduos. Diante da individualização e privatização da fé verificamos a necessidade de desenvolver um conceito diferenciado, amplo e atualizado que abarque a pertença desse indivíduo que participa de comunidades religiosas online e que vive nesse interstício, através de aproximações conceituais com a ressignificação trazida pelos conceitos de entre-lugares.

## ST 07 - PENTECOSTALISMOS E PROTESTANTISMOS

### 1. A conversão ao pentecostalismo em uma comunidade quilombola do Nordeste do Pará: alguns apontamentos decoloniais

Alef Monteiro de Souza/Manoel Ribeiro de Moraes Júnior

A conversão ao pentecostalismo em comunidades quilombolas no Brasil ainda é um fenômeno pouco explorado pelas ciências que estudam a religião pentecostal em suas várias matizes. No que diz respeito às comunidades quilombolas da Amazônia, o silêncio aumenta sobretudo por causa do "mito indígena" que encobriu a presença africana na Amazônia. Segundo estudiosos das populações afroamazônicas, como Mônica Conrado, Marilu Campelo e Alan Ribeiro, esse mito se caracteriza por duas falsas premissas: a Amazônia é exclusivamente "terra de índio" e seus descendentes miscigenados com brancos (os caboclos); e, em segundo lugar, o tráfico negreiro na região foi quase inexistente resultando em um contingente populacional negro inexpressivo em termos numéricos e culturais - enganos históricos desfeitos por pesquisadores como Anaíza Vergolino, Napoleão Figueiredo e Vicente Salles. A presença africana na

Amazônia foi expressiva e um dos indicadores desse fato é que na região está o estado brasileiro com o maior número de comunidades quilombolas tituladas: o estado do Pará que, por coincidência, é o berço da maior igreja pentecostal do país, a Assembleia de Deus. Nesse estado, as comunidades rurais foram alvo dos esforços do missionamento pentecostal desde sua chegada na região. As comunidades quilombolas amazônicas, que possuem essa identificação recente, antes sendo classificadas, em sua maioria, como comunidades rurais negras ou simples comunidades rurais, estão no bojo do evangelismo pentecostal que se ampliou consideravelmente entre elas nas últimas duas décadas. Ocupando-se com um recorte dessa expansão pentecostal nas comunidades quilombolas da Amazônia Paraense, a presente comunicação sintetiza os resultados preliminares da pesquisa de mestrado realizada na comunidade quilombola São Pedro, no Município de Castanhal, Nordeste do estado do Pará. O objetivo da investigação é analisar os impactos do pentecostalismo na cultura e na dinâmica social da comunidade. Para tanto, a metodologia adotada tem sido a observação participante e realização de entrevistas semiestruturadas cujos dados são interpretados a partir de uma perspectiva decolonial. Os resultados apontam que a conversão ao pentecostalismo ocorre, entre outros motivos, por causa da eficaz redução do imaginário fantástico amazônico à teodicéia maniqueísta de fim do mundo do pentecostalismo. Tal redução é imbuída de colonialidade e é reificada porque se reveste com aura de factualidade ao fornecer conduta de vida correspondente à colonialidade das outras esferas da vida moderna capitalista. A colonialidade racista do pentecostalismo tem efeito destrutivo sobre muitos elementos da cultura quilombola, porém, a cultura local não é passiva, ao se converterem, os quilombolas ressignificam o pentecostalismo aos seus modos e forjam uma religiosidade pentecostal única, num movimento contínuo e simultâneo em que a colonialidade vence e ora é vencida.

## **2. Adventismo na era digital: práticas de evangelismo online em um movimento de orientação textocentrada e apocalíptica**

Allan Macedo de Novaes

A partir do legado das publicações impressas e da vocação apocalíptica do milerismo, movimento de reavivamento religioso escatológico na América da primeira metade do século 19, o adventismo do sétimo dia demonstrou em sua história uma relação ambígua com a mídia, alternando momentos de pioneirismo e inovação com rejeição e proibição às tecnologias de comunicação. O presente artigo consiste em identificar a influência da orientação textocentrada e da vocação apocalíptica do adventismo em sua relação com a mídia, em especial a digital, a fim de analisar o conflito entre o uso dos meios de comunicação para evangelismo e a manutenção de ênfases socioteológicas de seus primórdios. Para tanto, o artigo se valerá de revisão bibliográfica e análise documental – a partir de periódicos e livros oficiais da denominação e de documentos eclesiásticos em língua inglesa e portuguesa – com o intuito de descrever e analisar as práticas de evangelismo online do movimento. Dentre elas, destaca-se o estudo bíblico, prática considerada requisito indispensável para a adesão do interessado à Igreja Adventista do Sétimo Dia e que consiste em letramento bíblico-teológico e aquisição de repertório básico das doutrinas adventistas por meio de um sistema de perguntas e respostas. Diante disso, constata-se que a prática do estudo bíblico representa a tensão decorrente do choque entre tradição e modernidade no uso que o movimento faz das tecnologias digitais para fins missionários. Logo, por conta da orientação textocentrada e a vocação apocalíptica, mesmo na era digital a denominação ainda mantém sua abordagem evangelística fortemente vinculada aos pressupostos, práticas e tradições do período fundador.

### **3. Pentecostais, poder e política**

David Mesquiati

A presença dos pentecostais na política brasileira se fez sentir mais notória a partir da segunda metade do século XX. De uma primeira fase de aparente apoliticismo, as igrejas pentecostais passaram para uma segunda fase, marcada por uma intencionalidade de incidir sobre o cenário político nacional. O ponto de inflexão teria sido a Assembleia Constituinte que culminou na Constituição Federal de 1988. Desde então, o meio evangélico e, sobretudo, o pentecostal, tem se articulado por meio de partidos políticos, inclusive com as chamadas “candidaturas oficiais”, em que um político se elege com o apoio oficial de uma determinada igreja. Essa forma de atuar denuncia em parte a sede de poder de algumas lideranças pentecostais. As razões para esse empoderamento não têm sido identificadas com um projeto mais amplo de país, mas com algo mais específico. De um lado está a defesa intransigente de uma moralidade puritana em termos de costumes e de outro, interesses institucionais. São demandas internas de algumas instituições, como concessão de meios de comunicação, doação de terrenos para construção de templos, recursos para eventos religiosos revestidos de motivação cultural, além da própria dinâmica de concorrência no mercado religioso, que leva as instituições a se fortalecerem e buscarem afirmar-se institucionalmente. O objetivo desta comunicação é analisar a forma como os pentecostais atuaram no passado recente e apontar algumas características que permitam identificar as tendências desse importante agente religioso na arena política, destacando seu impacto e suas limitações. Depois de uma revisão da literatura sobre os pentecostais e política, foi possível apontar que a maior incidência dos pentecostais tem se dado nas eleições do tipo representativa, como para vereadores e deputados, em que grupos organizados conseguem eleger determinados candidatos com votos proporcionais. Nas eleições majoritárias, como para prefeitos, governadores, senadores e presidente da república, o “voto pentecostal” tem sido frequentemente inflacionado, pois sendo ainda uma minoria, as igrejas pentecostais não teriam todo esse impacto nos pleitos em que se necessita de maioria dos votos. Essa reflexão busca ser um contraponto nas análises sobre o movimento pentecostal e a política.

### **4. A morte subiu por nossas janelas: o discurso secular e religioso do pentecostalismo nas eleições presidenciais de 2018**

Liniker Xavier

A comunicação apresenta algumas considerações sobre o voto evangélico, especialmente o pentecostal, nas eleições presidenciais de 2018, que culminou na eleição de Jair Messias Bolsonaro. Vamos analisar o discurso pentecostal a partir do conceito de discurso secular e religioso trabalhado por Peter Berger em seu livro “Os múltiplos altares da modernidade”. Modernidade esta que, como considera Berger, produz um discurso secular, que vai existir em meio ao discurso religioso. Os dois funcionam e são administrados ao mesmo tempo. É a negociação destes discursos que vai permitir ao pentecostal da Assembleia de Deus afirmar na sua recém-publicada Confissão de Fé (2017) que “Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará” ao mesmo tempo em que defende que “bandido bom, é bandido morto”. As eleições presidenciais de 2018 expuseram como nunca antes em uma eleição as principais lideranças pentecostais do país, que apoiaram e defenderam ferrenhamente um candidato marcado por polêmicas envolvendo diversos grupos de pessoas em processo de exclusão e marginalização. O Jesus Cristo pregado no evangelho de Mateus, que veio para os doentes, agora era pregado como separatista e armamentista,

apoiador de um projeto de governo que excluí o pobre e abraça os poderosos. As pesquisas eleitorais realizadas pelos institutos Ibope e Datafolha revelam que os evangélicos foram fundamentais na escolha do novo presidente. “A morte subiu por nossas janelas” é a emblemática frase registrada pelo profeta Jeremias, que, em meio ao caos político e religioso, denunciava o culto e o governo e convidava o povo à reflexão. A mensagem profética nunca esteve tão atual.

## **5. Pentecostalismo inclusivo e modernidade: o caso lanna holder e a comunidade cidade de refúgio**

Victor Breno

Como desdobramento do campo das igrejas inclusivas no Brasil, surgiram na última década, as igrejas inclusivas pentecostais: comunidades segmentadas para o público LGBT em torno da produção e oferta de uma religiosidade de tipo pentecostal. Estas representam um processo de recomposição do pentecostalismo brasileiro na modernidade. Nesse quadro, a cosmologia e o ethos pentecostal – mesmo que de uma forma difusa e ressemantizada – serve como mediação de autenticidade na construção de identidades que integram as demandas específicas dos grupos homoafetivos e a prática religiosa cristã. O pentecostalismo apresenta-se como uma religiosidade plástica a ser instrumentalizado como dispositivo de reforço às “necessidades de redenção” e “legitimação” deste grupo social. Nesse sentido, o pentecostalismo inclusivo nos possibilita um caso representativo para as compreensões das relações entre religião e modernidade no Brasil. A pastora Lanna Holder é uma das mais importantes lideranças inclusivas pentecostais do país. Junto com sua companheira, Rosania Rocha fundaram em 2011, na capital do Estado de São Paulo, a Comunidade Cidade de Refúgio. O carisma de Holder, o crescimento numérico da membresia da igreja e a difusão dos seus templos por várias cidades no território nacional, garantiram um destaque especial desta pastora e de sua comunidade no campo inclusivo brasileiro. Na presente comunicação queremos abordar uma caracterização das igrejas inclusivas no Brasil, seguida da formação de um pentecostalismo inclusivo. Em seguida, destacaremos alguns elementos da biografia de Lanna Holder e da história da Comunidade Cidade de Refúgio. Por fim, traremos algumas interrogações e interpelações destas comunidades inclusivas no contexto da modernidade religiosa brasileira.

## **6. O multiverso que os crentes habitam: uma interpretação etnográfica**

Waldney Costa

Todo dia, brasileiros de diferentes regiões expressam sua fé com as mesmas canções. São pessoas que se reconhecem como crentes e são reconhecidas publicamente como evangélicos, apesar de filiadas a diferentes igrejas protestantes e pentecostais. E são canções reconhecidas como gospel e dispersas por CDs e DVDs, programas de rádio e TV, vídeos na internet, shows e cultos, nas igrejas ou nas próprias residências dos crentes, conjugando, a um só tempo, religião, lazer e consumo. Pretende-se apresentar parte de uma interpretação das circunstâncias em que isso acontece, guiada pela pergunta sobre o que significa ser crente no Brasil. Essa questão foi enfrentada com etnografia multissituada, em duas etapas. Primeiro seguindo pessoas, os crentes, depois, seguindo coisas, as canções, mas com foco naquelas reconhecidas por eles como “louvor e adoração”. Na primeira etapa, tomei uma igreja como referência e, a partir dela, segui alguns jovens por diferentes espaços, incluindo lanchonetes, viagens, shows e eventos diversos. Na segunda, tomando como mapa alguns relatos autobiográficos de compositores reconhecidos como “verdadeiros adoradores”, fiz incursões em observação participante por diferentes contextos, incluindo



empresas, lojas, shows, ensaios, cultos e um internato de nove dias em uma “escola de adoração”. A partir dessas experiências e do recurso teórico à diferença entre fé e tradição de Wilfred Cantwell Smith, foi possível ver que canções se tornam religião fugindo ao controle imediato das instituições propriamente religiosas. As instituições do lazer e do consumo permitem que expressões de fé circulem a revelia das igrejas, gerando duas versões da mesma religião. Paralelo ao mundo das denominações evangélicas, em que cada uma sistematiza a seu modo um estoque consolidado de expressões de fé, surge o circuito evangélico, em que os estoques se dispersam por outros espaços institucionais, entrando em liquidação. Um multiverso com conexões nem sempre pacíficas entre os dois mundos. Quem quiser entender o que significa ser crente no Brasil precisa levá-las em consideração.

## **7. Religião e Poder: A honra nas Igrejas Batistas em Icoaraci**

Wilson Alves Batista

A PIBI (Primeira Igreja Batista em Icoaraci) ao adotar o movimento da visão celular M12 apresenta hoje estruturas e relações sócio religiosas muito significativas. Este movimento na PIBI, como estratégia de evangelismo, possibilitou uma nova estrutura de poder e conseqüentemente, novas relações de poder entre seus membros: líderes e discípulos. As alianças firmadas entre os líderes e discípulos estão atreladas a uma prática fundamental para a afirmação, consolidação e manutenção dessas alianças: a honra do discípulo ao seu líder, como uma ferramenta do poder. O que chamou a atenção e que trouxe motivo para a implementação desta pesquisa foi a constatação das relações de poder exercidas de forma hierárquica e piramidal. Desta forma, formulou-se o seguinte problema: De que maneira o poder, por meio da honra, é exercido entre o líder e o discípulo da PIBI? Os objetivos geral e específicos a serem alcançados nesta pesquisa, são: analisar a relação de poder por meio da honra entre o líder e o discípulo da PIBI; compreender de que maneira o líder religioso da PIBI detém o poder; analisar a estrutura de poder e seus beneficiários e as estratégias de poder utilizadas nas relações entre líder e discípulo; entender o início das relações de poder por meio da prática da honra na PIBI; analisar os conflitos sócio religiosos gerados das relações de poder entre líder e discípulo e as ressignificações dos ritos resultantes da prática da honra; compreender como a prática da honra se estabelece como um princípio ou dogma religioso nas relações de poder entre líder e discípulo. Para alcançar estes objetivos, utilizou-se dos seguintes procedimentos metodológicos: levantamento bibliográfico acerca da temática para o entender o estado da arte da pesquisa; entrevistas abertas e não estruturadas com membros e ex membros da PIBI e pesquisas bibliográficas e documentais pra entender a história da PIBI e o que é a visão célula M12; entrevistas abertas e não estruturadas para analisar as relações e as estratégias de poder; observação participante em eventos, cultos, retiros e células para coletas de dados; e o levantamento do referencial teórico que servirá para dar visibilidade o objeto da pesquisa. O resultado inicial desta pesquisa mostra que este fenômeno religiosos que se dá nas relações de poder entre líder e discípulo da PIBI, por meio da honra como ferramenta de poder, contém um tipo de gestão que se utiliza de estratégias de relações de poder que geram conflitos, determinam as posições de indivíduos e grupos, incluem e excluem indivíduos, demarca espaços, cria uma divisão do trabalho religioso, promove coesão e coerção. Portanto, entende-se que há uma relevância acadêmica e social na possibilidade de investigar tal fenômeno.

## **ST 08 - INTERFACES E DISCURSOS NO (CON)TEXTO DA COSMOVISÃO, DIREITOS HUMANOS, FORMAÇÃO E ECOLOGIA**

### **1. Ecologia e formação teológica: uma radiografia sobre a presença da questão ambiental nos cursos de teologia no Brasil**

Caio Marçal/ Nathália Gabriel/ Daniela Frozi

Introdução. A necessidade de uma consciência ecológica por parte das populações e a implementação de um desenvolvimento sustentável se tornaram imperativos diante das diferentes crises socioambientais vividas no mundo de forma mais intensa nos últimos anos. O tema do meio ambiente tem ganho maior relevância, envolvendo a mobilização de grupos e iniciativas ambientalistas. Objetivos. Diante deste quadro interessa-nos refletir sobre como este tema têm ou não sido tratado na formação em Teologia. Método. Neste trabalho a partir da consulta dos currículos dos cursos de teologia reconhecidos pelo Ministério da Educação (MEC), busca-se identificar algumas das presenças e das ausências de temas relacionados à Ecologia na formação superior em Teologia. Há mais de 160 instituições que oferecem o curso de Bacharelado em Teologia. Estes cursos formam boa parte das lideranças das Igrejas cristãs do País. Foi feita consulta ao sítio <http://emec.mec.gov.br/> para se identificar as instituições de ensino superior que oferecem o curso de graduação em teologia e que se encontra em atividade. Posteriormente foi feita pesquisa individual em cada um dos sítios das instituições encontradas para coletar informações de sua Matriz Curricular e seu Corpo Docente. Aquelas que não possuíam informação no site foi feito contato telefônico, sendo que foram reunidas informações de todas as instituições. Resultados. O conjunto de disciplinas foi agrupado em quatro eixos temáticos, que foram denominados de: Núcleo Teórico da Teologia (35% dos assuntos); Núcleo Prática Profissional (28%); Núcleo Transdisciplinar (25%) e Núcleo de Temas Contemporâneos (12%). São nos chamados temas contemporâneos que aparecem disciplinas que abordam a questão ecológica. As disciplinas oferecidas foram agrupadas em 47 assuntos, sendo que questões relacionadas ao tema ambiental aparecem sete vezes. Outras áreas que se destacam são as que abordam temas relacionados à cidadania, movimentos sociais e globalização (seis vezes), questão racial (seis vezes), ecumenismo e diálogo inter-religioso (seis vezes) e questões de gênero (cinco vezes). Conclusão. Nesse sentido, Religião e ambientalismo parecem ter grande potencial para se conformar como um importante campo interdisciplinar nas disciplinas acadêmicas relacionados a Teologia. Neste sentido há importantes possibilidades de diálogos com áreas tradicionais como a sociologia e a história das religiões, mas não só. A questão ecológica abre possibilidades para um amplo leque de atuais e relevantes temáticas, nas quais a contribuição da Teologia tem muito a oferecer, como no caso da temática da produção dos alimentos e iniciativas já existentes em outros países como a de uma “Teologia da Comida”. Esta reflexão poderia se dar de forma interdisciplinar, somando-se ao que tem sido desenvolvido sobre o Direito Humano à Alimentação Adequada e sobre Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, temáticas que possuem no Brasil importante referência mundial.

### **2. A construção da consciência ecológica sob o prisma de Gênesis 2.15**

Raul Ié

A consciência ecológica é um processo de aprendizado que produz à compreensão de fatos e fenômenos presentes na natureza, e isso indica o significado de cuidar do “mundo natural” e a noção da relação que existe entre a

humanidade e a vida em geral. A partir de tal perspectiva, o objetivo desta pesquisa é analisar as propostas advindas da produção acadêmica sobre a construção da consciência ecológica dos últimos 10 anos, relacionando-as com as recomendações encontradas no livro de Gênesis 2.15. A pesquisa tem como metodologia o estudo bibliográfico e pode ser classificada como qualitativa quanto ao caráter do assunto. Para obtenção dos dados da pesquisa, que são as produções acadêmicas dos últimos 10 anos (2009 a 2018), utilizou-se a última classificação de periódicos 2013-2016 disponibilizados pela Plataforma Sucupira, da área da Ciência da Religião e Teologia; em seguida, foram selecionados 66 dos periódicos classificados em A1 e A2 de artigos que contemplavam a temática em investigação. Os resultados encontrados nos artigos, demonstram que a crise ecológica pode ser atribuída ao ser humano, pois nas ações deste em relação ao consumo, pode-se constatar a presença de uma destruição natural do meio ambiente que é habitado por algumas espécies de animais e plantas. A situação foi agravada ainda mais com a poluição que interfere de maneira direta nas condições climáticas e, como consequência, percebeu a emissão de grande quantidade de gases na superfície terrestre, sendo, portanto, absorvidas na atmosfera. No entanto, a responsabilidade primordial do ser humano era e continua sendo cultivar e cuidar da terra tanto como seu patrimônio, quanto extensivo à futura geração, de modo a manter a criação com suas bases de preservação. Esse entendimento é puramente apoiado pela “ecologia profunda”. Logo, percebe-se que embora existam volumes de diversas produções sobre a ecologia, a quantidade ainda é pouca para conscientizar a humanidade perante os desafios enraizados pela sociedade de consumo. Portanto, sugere-se mais produções científicas sobre o tema e a disponibilidade das mesmas ao público em geral, servindo de incentivo quanto ao papel atribuído ao ser humano, com intuito de torná-lo “homo ecologicus”, ou seja, aquele que vive pensando, zelando e se posicionando em prol da ecologia.

### **3. A cosmogonia de Gênesis 1,1-2,4a em seu contexto histórico-traditivo** Oswaldo Luiz Ribeiro

A história da recepção judaica e cristã de Gênesis 1,1-2,4a é responsável pela forma como, de modo geral, a cosmogonia inaugural da Bíblia Hebraica é interpretada atualmente. Os termos que a constituem e os conceitos pressupostos foram atualizados de época a época, sendo interpretados cada vez mais à luz do contexto histórico-cultural da recepção, afastando-se cada vez mais de seu sentido original. Por conseguinte, no processo de recepção, também o sentido original da narrativa sofreu alterações. Naturalmente que não se está dizendo que a interpretação contemporânea da passagem se deva alterar em função de pesquisas histórico-críticas. Em perspectiva histórico-crítica, todavia, é metodologicamente possível, e necessário, situar o texto bíblico em seu próprio contexto. Nesse caso, deve-se falar de uma narrativa que, em termos histórico-traditivos, refere-se diretamente à reconstrução do templo de Jerusalém em 515 a.C. Nesse sentido, não se trata da criação do “universo” nem se trata da criação da “humanidade”. Como passagens que retoricamente confirmam o conteúdo da presente comunicação, citem-se Sl 102,13-19 e Is 65,18, passagens em que o verbo *bara'*, de Gn 1,1, é empregado em referência direta à reconstrução de Jerusalém e à criação do povo como consequência da reconstrução de Jerusalém. Na primeira passagem, inclusive, é possível considerar a referência à redação do que se poderia apontar como o texto de Gênesis 1,1-2,4a em seu contexto histórico-traditivo original.

#### **4. O mandato cultural e o papel do sujeito ecológico na perspectiva da cosmovisão cristã**

Gleyds Silva Domingues/ Emanuel Querino Domingues

A proposta do artigo visa apresentar a interrelação possível entre o mandato cultural e o papel do sujeito ecológico, contemplada no contexto da cosmovisão cristã. O mandato cultural é considerado um dos princípios fundamentais do sistema de crenças teísta. Ele objetiva que o ser humano atue como o seu promotor a partir da ótica da mordomia, visto que sua diretriz envolve uma ordem específica, a saber: a responsabilidade e o cuidado na preservação e conservação da criação. Isso indica que, o ato criador requer de cada sujeito o exercício de um papel consciente e que, por isso mesmo, pode ser encontrado nas premissas de desenvolvimento sustentável e equilíbrio ecológico. O ser humano, enquanto sujeito ecológico, trabalha em prol de uma postura protetiva em relação à criação, por isso que ao assumir a perspectiva da cosmovisão cristã, o que se tem em mente é a consecução de uma missão que foi inicialmente projetada pelo Criador, por intermédio do mandato cultural. Neste sentido, a resposta que conduz a construção do artigo parte da seguinte questão: se o ser humano compreende o mandato cultural como sua missão principal, por que é preciso desenvolver políticas de proteção do meio ambiente, prevendo, inclusive, a sua criminalização? Reconhece-se, que a desordem e o caos produzidos ao meio ambiente podem ser considerados como uma distorção da missão confiada ao ser humano, por isso que ele se torna responsável direta e indiretamente por sua degradação, o que interfere na sua sobrevivência para as futuras gerações. Diante disso, a pesquisa parte de uma revisão bibliográfica de natureza descritiva sobre os seguintes temas: mandato cultural, cosmovisão cristã, sujeito ecológico, desenvolvimento, equilíbrio e política ambiental, por meio de aportes teóricos selecionados. A proposta do artigo é de natureza contributiva, no sentido de constituir-se como mais um instrumento de alerta e conscientização, destinado a novos estudos e aprofundamentos sobre o objeto investigado, mesmo que se insista em visitar conceitos e até mesmo literaturas já disseminadas sobre o assunto. Afinal, no que se diz respeito ao meio ambiente sobre a ótica da cosmovisão cristã, o mais, aqui, é sinal legítimo da voz profética exercida e isso significa o esforço de materialização do mandato cultural em favor das novas gerações.

#### **5. A Igreja Católica e a revolução burguesa no Brasil: contribuindo para o debate de Florestan Fernandes**

João Vítor Pereira de Queiroz

As obras de Florestan Fernandes acerca da Revolução Burguesa no Brasil constituem-se, certamente, como contribuições ímpares para o debate acerca das dinâmicas socioeconômicas vivenciadas na história nacional, sobretudo entre os séculos XIX e XX. Dentre outros elementos, tais textos buscam apontar as particularidades do processo de transformação da economia brasileira e, portanto, de sua organização social, evidenciando-se as causas e consequências próprias de seu contexto. Em sua literatura, Fernandes denuncia o caráter dependente do capitalismo no Brasil, fruto de um processo de industrialização despreocupado com o desenvolvimento social democrático. Dito de outra forma, o Brasil não inaugura um sistema de classes aberto e democrático a partir do seu processo de revolução burguesa – conceito utilizado por Fernandes –, mas, ao contrário, perpetua um sistema apegado às antigas estruturas desiguais – beirando uma sociedade estamental – de seu contexto pré-industrial. A peculiaridade brasileira em seu processo revolucionário burguês se deve, efetivamente, às suas peculiaridades histórico-culturais - isto é, às suas

condições psicossociais específicas. A análise histórico-social do Brasil feita por Florestan Fernandes, porém, não esgotou – e nem pretendeu fazê-lo - todos os elementos que afetaram as dinâmicas sociais supracitadas. Tendo isso em vista, este trabalho debruçar-se-á sobre a investigação do papel da Igreja Católica e sua influência cultural no Brasil pré-industrial como um dos elementos fomentadores das condições psicossociais que impossibilitaram a consciência democratizante da revolução burguesa no Brasil. Tal objetivo se coloca como uma forma de evidenciar o papel da religião na formação das representações sociais e vislumbrar a magnitude das possíveis consequências que elas podem ter no funcionamento social - realçando,

assim, a relevância do debate acerca das práxis e dos discursos religiosos na sociedade. Dessa forma, este trabalho pretende colaborar com a investigação da temática, fazendo-se um ponto de partida para futuros aprofundamentos sobretudo a partir deste recorte específico. Diante do que fora supracitado, este trabalho, de

caráter exploratório, terá como método a pesquisa bibliográfica a partir da literatura relevante sobre o tema. Assim, ocupar-se-á de compilar os diferentes argumentos de Florestan Fernandes acerca da emergência da burguesia, suas características próprias e os componentes extra econômicos que lhes afetaram, além de se debruçar sobre a relação da Igreja Católica - e do Protestantismo como elemento de comparação - com a sociedade brasileira entre os séculos XIX e XX, evidenciada em diversos trabalhos das Ciências da Religião e da Teologia. Assim, elucidar-se-á de que forma a Igreja Católica, enquanto historicamente uma das grandes forças de formação e manutenção das representações sociais no Brasil, pode ser considerada um elemento influenciador na forma com que se deu o processo de formação do capitalismo dependente no Brasil.

## **6. O Que Está Em Jogo No Discurso?**

Kátia Silva Cunha

O que está em jogo no discurso? Responde Siscar(2013,p.21): “sua relação com a fundação do sentido, sua relação com a verdade.” Entretanto, apesar da busca pela fundação do sentido, não há um único sentido, ou um que seja absoluto, permanente, antes o sentido é provisório, incompleto, precário. Isto porque fixar um sentido constitui uma luta/tensão constante no campo da discursividade (CUNHA, 2013). Na compreensão de um campo em disputa pelos sentidos, faz-se então necessário operar uma análise, incluindo aquela que analisa o sentido daquilo que se acredita ou se afirma ser (SISCAR 2013), considerando contextos e o movimento em que o sujeitos e sentidos são constituídos nas práticas sociais (CUNHA, 2013). Assim, a busca pela fixação de sentidos é compreendida enquanto uma busca no campo político, um movimento complexo que agrega disputas entre diferentes grupos que dele participam, na busca pela hegemonia. Essa luta, disputa defende posições, proposições que importam perspectivas de mundo e cosmovisão, que operam com distintas compreensões, interpretações, crenças sobre o mundo, o humano, a vida. Tais compreensões agem diretamente no processo de constituição dos discursos que circundam a formação das políticas. Dessa forma, as políticas são/estão constituídas de sentido, operando o que se quer fixar enquanto ser profissional, homem/mulher e mundo. Entretanto, como afirma Siscar(2013,p.48), "O sentido de uma palavra e de um texto constitui-se pela presença de traços de outras palavras e outros textos (...) Todo sentido remete a outro, ganha sentido em relação a um outro." O discurso nomeia, e dessa forma "aquilo que foi dito é também aquilo que será, dali por diante, identificado, classificado ou classificável ". Nesse sentido o que operam os discursos sobre a formação humana? O que buscam nomear? E ao mesmo

tempo o que buscam excluir e anular? Que identidade se busca fixar e ao mesmo tempo extirpar/destruir? Quais as cosmovisões em disputa?

## **7. Direitos humanos das mulheres e religião**

Jaci de Fátima Souza Candiotti/ Andreia Cristina Serrato

A Declaração dos Direitos humanos, promulgada em 1948, é um posicionamento decisivo em defesa da dignidade da vida humana diante de toda forma de violência. O reconhecimento de direitos humanos objetiva resguardar uma convivência humana a ser respeitada e promovida na sua diversidade. Quando analisamos o problema da violência contra as mulheres e avaliamos o que já foi feito para erradicá-la constatamos que seu cotidiano é, ainda desesperador. Significa que a reflexão sobre gênero, os acordos para a erradicação de toda forma de violência, o uso de instrumentos de denúncia e de conexões virtuais e a educação para os Direitos Humanos não têm sido suficientes para “curar” essa deficiência da convivência humana que é violência contra as mulheres. Diante do exposto, a questão que se levanta é se o cristianismo, tem contribuído para o a afirmação dos direitos humanos das mulheres ou para sua negação. Metodologicamente, a pesquisa é qualitativa, recorrendo ao estudo de texto, documentos da Igreja, Convenções e Declarações da ONU. Como resultados parciais da pesquisa, destaca-se: - a necessidade das igrejas cristãs reconhecerem e explicitarem a violência de gênero como um pecado, de onde a necessidade de nomeá-la e denunciá-la; - que é sempre necessária, a esse respeito, a colaboração da reflexão teológica feminista no terreno da religião como uma maneira dessa última se afirmar como um âmbito de reconhecimento e efetivação dos direitos humano; e que a teologia feminista tem sido de grande valia, juntamente com outras áreas do conhecimento, no intuito de repensar muitas práticas e símbolos que foram naturalizados e se tornaram fatores de incentivo à violência contra as mulheres. A teologia que repensa as condições de vida das mulheres e a acentuada violência que sofrem no cotidiano ajuda na construção de uma sociedade de direitos iguais.

## **8. Um dilema da contemporaneidade: direitos humanos na perspectiva relativista e universalista cristã**

Ana Carolina Silva Domingues

Após o final da Segunda Guerra Mundial reforçou-se a ideia de que todos os seres humanos seriam portadores de uma série de direitos, como a vida, liberdade, dignidade, entre outros, sendo tal conjunto denominado de Direitos Humanos. Muito embora se advogue que tais direitos sejam universais e indivisíveis, é certo que há certa resistência na adoção e defesa integral destes, principalmente em razão do choque de cosmovisões que se confrontam com a base cristã de tais direitos, motivo pelo qual se começou a tentar conceber os Direitos Humanos de forma multicultural e relativizada. Em razão desse movimento, próprio da pós-modernidade, avesso a uma moral universal, passou-se a sustentar que cada cultura e cosmovisão teria um próprio discurso acerca do que seria Direitos Humanos, sendo a imposição de um conceito universal uma tentativa de imperialismo da cultura ocidental e cristã sobre todas as demais. Diante desse quadro, propõe-se a seguinte questão: É possível aceitar o conceito relativista de Direitos Humanos sem que haja perda substancial da sua efetividade? É possível o conceito universal de Direitos Humanos distanciado da cosmovisão cristã? Para tal propósito, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, a fim de se ter claro conceitos e a forma como a perspectiva universalista cristã e relativista compreendem os Direitos Humanos, bem como as implicações por cada uma das vertentes. Como resultado, observou-se que a perspectiva do

relativismo advém de uma visão de que todas as cosmovisões importam e são igualmente boas, de forma que se deve aceitar diferenças culturais, inclusive, na interpretação e aplicação dos Direitos Humanos. Ou seja, um determinado direito poderia sofrer mitigação em razão de uma concepção cultural de determinado grupo de pessoas, haja vista que não se poderia defender a ideia de cultura global. Se por um lado essa ideia de falta de verdade absoluta ou de hierarquia entre padrões morais culturais possa parecer politicamente correta e aceita sem esforço pela maioria das pessoas, o certo é que, na realidade, isso diminuiu o grau de proteção do ser humano, pois nunca se sabe que argumento cultural poderá ser suscitado para o não cumprimento de direitos fundamentais. De outro lado, entre os universalistas, há aqueles que tentam distanciar os Direitos Humanos da cosmovisão cristã, dando uma espécie de visão secular para eles. Aos que tentam se embrenhar nessa missão, acabam negando a origem e superioridade moral da cosmovisão cristã, pautando-se em uma superioridade dos direitos em si, como se eles, por si mesmos, possuíssem a possibilidade de se imporem a todas as culturas. Isto é, tornam o instrumento fim em si mesmo. É certo que a defesa de tal perspectivas causa choque na contemporaneidade, mas a bibliografia indica que somente o conceito universal de Direitos Humanos centrado na cosmovisão cristã permite seu amplo alcance, já que tanto a perspectiva distante da centralidade cristã, como a relativista permitem que sejam enfraquecidos e percam parte substancial de sua essência.

**9. O papel prático de comunidades eclesiais em relação aos dependentes químicos e alcoolistas: em face do princípio da dignidade da pessoa humana**  
Carlos Alberto Borrelli Barbosa

A finalidade do artigo é destacar o papel prático que a comunidade eclesial pode vir a desenvolver em relação ao acolhimento das pessoas que vivem no estado de dependência química, quer seja de drogas consideradas lícitas e ou ilícitas. Afinal, o trabalho a ser efetivado por essas comunidades parte da premissa de que o ser humano é considerado como criatura de Deus, que se manifesta em sua integridade física e moral. E isso ocorre independentemente de credo, raça, cor, origem e status social. A problemática eleita deste artigo é compreender quais os motivos que conduzem o ser humano à dependência das drogas e como é possível as comunidades eclesiais trabalharem na sua restauração, tendo como princípio de ação e conduta a dignidade humana. Reconhece-se, que o problema da dependência química parece ser, na atualidade, o maior problema de saúde na sociedade pós-moderna e que precisa ser enfrentado, inclusive, pelas comunidades eclesiais. Assim, entender o porquê o envolvimento da igreja, de maneira geral, é mínimo nesse trabalho de acolhimento e tentativa de recuperação torna-se imperativo e necessário. O método de pesquisa a ser utilizado na produção do artigo será o estatístico, dedutivo e comparativo, isso porque a drogadição está situada numa área que precisa de intervenção dirigida e fundamentada cientificamente, devido sua especificidade e complexidade. Espera-se como resultados a reformulação de estratégias e a ampliação de atuação por parte das igrejas evangélicas, para o fim de atuarem como comunidades inclusivas e que permitam que tanto os dependentes químicos, como os alcoolistas possam, de fato, perceber o sentido de ser do evangelho, a partir da expressão de ações direcionadas à compaixão, solidariedade e amor ao próximo. Conclui-se que os dependentes químicos e alcoolista precisam ter acesso a uma comunidade eclesial que os acolha e os veja como seres humanos que necessitam de ajuda, compreensão e expressão do amor de Deus. É preciso que as comunidades eclesiais estejam preparadas com grupos e programas ou ainda que possam dispor de recursos externos disponíveis para ajudar a libertar seres humanos que estão vulneráveis ao vício,

podendo ser consideradas vítimas escravizadas que estão à beira de perder a sua dignidade, enquanto imagem e semelhança do Criador.

## ST 09 - MÍSTICA E ESPIRITUALIDADES

### 1. “A cor do paraíso” e “A linguagem dos pássaros”: uma leitura da obra cinematográfica a partir da mística persa

Carlos Frederico Barboza de Souza

De muitas maneiras, diversas obras de arte de diferentes artes podem dialogar e têm seus sentidos amplificados quando este diálogo ocorre. Nesta comunicação, proponho uma leitura da obra cinematográfica “A cor do paraíso” (Rang-e Coda, “A cor de Deus”, no título original em persa) realizada em 1999 por Majid Majidi (nascido em 1959), reconhecido cineasta iraniano – que em sua produção traz temáticas shiitas e sufis –, a partir da obra sufi persa de Farid al- Din ‘Atṭār (que viveu ao redor de 1145 e 1221 E.C.), “A linguagem dos pássaros”, escrita ao redor de 1177 E.C.. As temáticas dos filmes de Majidi, em geral, envolvem uma perspectiva social: crianças, minorias étnicas, deficientes. Muitas vezes, foca no sofrimento, que revela as virtudes e qualidades de quem sofre. As imagens utilizadas em seus filmes, como pássaros, peixes, nuvens, chuvas, ventos, claridade/escuridão, etc, podem ser compreendidas como alegorias religiosas. Em seu “A cor do paraíso” narra-se a história de um garoto cego, Mohammad, que “quer ver a Deus”. Vivendo um drama particular na relação com sua família – sobretudo, com seu pai – e sua impossibilidade de “ver”, este desenvolve uma sensibilidade ímpar à natureza ao seu redor, que lhe serve, ao mesmo tempo, de “livro” a ser lido em sua busca. Neste sentido, o objetivo desta comunicação é mostrar como os diversos sentidos e significados presentes no filme de Majidi podem ser lidos a partir de muitas alegorias e simbolismos da obra de ‘Atṭār, tais como as alegorias que dizem respeito ao objetivo da viagem/jornada dos pássaros, assim como dos significados dos pássaros e da natureza, além dos estágios da busca. Na obra de ‘Atṭār, inúmeros pássaros se reúnem e resolvem partir em busca do “Simurgh”. O resultado esperado é identificar a “jornada espiritual” de Mohammad em busca de seu “Simurgh” narrada no filme. Para atingir tal meta, pautado na metodologia da Fenomenologia da Religião e utilizando-me de uma leitura semiótica, se lerá cores, sons, imagens, posicionamentos de câmera e trilha sonora. Começaremos apresentando brevemente a obra de obra de Majidi, tanto em sua narrativa discursiva quanto em seu discurso cinematográfico. Em seguida, abordar-se-á obra de ‘Atṭār. Por fim, estabelecer-se-á interfaces entre a obra de Majidi e a obra de ‘Atṭār a partir dos elementos escolhidos: a jornada, os pássaros, os estágios de busca de encontro com o “Simurgh”.

### 2. A Mística em *Sobre a Oração* de Evágrio Pôntico

Marcus Reis Pinheiro

Um dos textos centrais no que se pode chamar de mística de Evágrio Pôntico é o *Sobre a Oração*. Este texto, composto por 153 Kephalaia, máximas ou “capítulos”, não é um texto filosófico sobre o que seja a oração, mas é um texto que visa aprimorar a oração daqueles que levam a vida cenobítica (monges) nos desertos do Egito. De todo modo, ao procurar incentivar seus monges colegas, Evágrio nos apresenta algumas descrições do “estado” ou “lugar” de oração que são lapidares para se pensar a mística em Evágrio. O objetivo deste trabalho é buscar apresentar os conceitos centrais relacionados à oração no *Sobre a oração* e defender que se trata do estado psíquico que configura mais fundamentalmente



uma experiência mística em Evágrio Pôntico. A apresentação desenvolverá alguns trechos desta obra para elucidar este objetivo principal. Partimos da concepção (apesar problemática) de que a mística é a experiência de proximidade entre homem e Deus. Vale frisar que o termo essencial na mística de Evágrio, a gnôsis, congrega claramente um aspecto intelectual, sem perder uma participação de diversos níveis e aspectos da subjetividade humana. A oração, por sua vez, tem forte relação com a gnôsis: ela é a própria realização desta gnôsis. Sendo assim, não é difícil perceber a importância da oração para a mística de Evágrio, já que os termos que mais claramente a descrevem são formas de o intelecto humano se relacionar com Deus: oração é convívio (homilia e prosomilia) com Deus, subida (anábasis) a Deus, e estar na presença (parestekas) de Deus. No entanto, a oração no *Sobre a Oração* apresenta características apofáticas que a aproximam de formas muito interessantes a aspectos do neoplatonismo típico de um Plotino, por exemplo. A oração, sendo a atividade própria do Intelecto (noûs), é ao mesmo tempo, um afastamento radical das representações mentais (noemata). Poderíamos até afirmar que o método próprio da oração consiste em uma negação de toda e qualquer representação para que certa ausência de toda criatura possa estar presente. Assim, a comunicação pretender apresentar alguns traços do que se pode compreender por oração no *Sobre a Oração* de Evágrio Pôntico, salientando tanto aspectos da comunhão e proximidade do homem com Deus, assim como um apofatismo típico da tradição neoplatônica.

### **3. Admiração poética, mística e crítica social na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen**

Ceci M.C. Baptista Mariani

Vivemos em um contexto transformado por uma conjunção de crises: crise ecológica, crise financeira e crise alimentar. Fica cada vez mais claro que esse é o momento de produzir uma nova síntese a partir da combinação entre o que há de melhor na modernidade e o que há de melhor na tradição, vai afirmar Viveret (2011) em artigo que versa “Sobre o bom uso do fim do mundo”. Além de um novo conceito e novo tratamento da riqueza e do poder, é essencial uma nova relação com o sentido, já não apoiada em uma autoridade institucionalmente constituída, mas sim numa experiência profunda. Nesse sentido, vale lembrar a profética afirmação do teólogo K.Rahner (1967): “O cristão do futuro, ou será místico ou não será cristão”. Isso que vale para o cristianismo, certamente vale também para outras tradições que enfrentam também o desafio da desconfiança contemporânea diante das grandes narrativas e o enfraquecimento das instituições. A mística, definida por McGinn como consciência da presença divina, e numa perspectiva fenomenológica, como experiência do Mistério que implica um exercício de despojamento, não se restringe a uma instituição ou a uma tradição religiosa. Na contemporaneidade, diferente de outros tempos em que a espiritualidade remetia necessariamente à religião, os estudos vão reconhecer também espiritualidades não religiosas em que se reconhecem traços místicos. A arte e, especialmente, a poesia pela sua capacidade de revelar a beleza do Mistério presente no real tem sido objeto de estudos nessa área. Esta comunicação parte de uma pesquisa em andamento, tem como tema a relação entre admiração poética, mística e crítica social, nos versos da poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen. Através de metodologia bibliográfica exploratória, queremos propor uma interpretação teopoética da obra de Sophia destacando para essa comunicação dois poemas: “As fontes” e “Forma Justa”, dos livros *De poesia* (1944) e *O nome das coisas* (1977), respectivamente. Trabalhamos com a hipótese de que a poesia contemplativa dessa poeta, capta a transcendência na concretude da realidade. Em seus poemas podemos perceber

que a palavra poética não é apenas construção subjetiva, mas fruto de uma relação com o mundo, em que a poeta, esvaziada de si pela admiração, capta nele a perfeição que inspira a construção da cidade humana segundo a “forma justa”. Podemos observar que admiração poética contida nos seus versos possuem traços místicos e refletem o anseio pela justiça.

#### **4. O ministério diaconal e a mística do serviço na pós-modernidade**

Luciano Rocha Pinto

Vivemos um tempo de profundas transformações. Um novo tipo de sociedade, marcada pela informação, pela pluralidade de ideias, pela supremacia da ciência e da tecnologia caracterizam nosso momento histórico. Em meio as mudanças, o homem na pós-modernidade que, conforme Mircea Eliade, parece dessacralizar o mundo apequenou-se diante das coisas que criou. Ofuscou a relação humana hoje mediada por dispositivos eletrônicos. Construiu relacionamentos de troca de mercadorias, mas não de experiências vitais. A própria experiência espiritual foi mercantilizada com a teologia da prosperidade, reduzindo a experiência mística e espiritual a relações mercadológicas. Estamos, efetivamente, perdendo o horizonte humano e transcendental. Analisar a relação sagrado-profano no contexto histórico atual e apresentar os contornos de seu desenvolvimento e desenlace na pós-modernidade com a “cultura do self”, caracterizada pelo individualismo e pelo materialismo. Identificar e examinar a atuação da Igreja católica diante do fenômeno do secularismo tomando por estudo de caso o diaconato permanente e a “cultura da caridade”, marcada pela compaixão e pela solidariedade. O método consiste em apresentar, descrever e analisar o contexto pós-moderno, sua história e conceitos, assim como as estratégias de atingimento que a Igreja Latina tem produzido para dialogar com o mundo. Entendemos que a separação entre o sagrado e o profano, como modos de ser no mundo, tem uma história bem definida. É, pois, efeito da experiência do homem na sociedade ocidental, urbana, industrial e de mercado, cujo processo de dessacralização do mundo, da sociedade e do homem se radicalizou na pós-modernidade. Esse processo de “crise” social levou à configuração de um novo homem, uma nova sociedade e uma nova ética. O Concílio Vaticano II, no entanto, lançou-se ao diálogo com o mundo moderno. Como parte deste esforço de atingimento e de relação destacamos o restabelecimento do diaconato permanente, ministério apostólico, que por muito tempo foi vivido na Igreja Latina como transitoriedade ao presbiterado. O novo diaconato emerge na pós-modernidade como presença eclesial nos espaços não-religiosos. Trata-se de um ministério em diálogo com o mundo moderno e que rompe as fronteiras entre o sagrado e o profano, ativando a cultura da solidariedade e da compaixão. A emergência do novo diaconato estabelece, na modernidade, portanto, uma ação pastoral marcada pela transversalidade, característica que o torna mediador de realidades aparentemente conflitantes. Sua diaconia coloca espaços diversos em condição de relação. Espaços considerados não-sagrados ou profanos, como o mundo do trabalho por exemplo, são revistos a partir da presença efetiva da Igreja. Na pessoa do diácono há uma reafirmação das noções primordiais da fé cristã como a sacralidade do mundo, do trabalho, da família (Igreja doméstica) e da vida humana. Ele é a Igreja ad intra mundo, sinal de abertura e de relação.

#### **5. Exegese e misticismo em São Gregório de Nissa**

Bruno Salviano Gripp

A obra de São Gregório de Nissa tem gozado de um importante despertar de interesse entre os estudiosos de patrística desde o pós-guerra. Isso nos fornece uma riqueza de recursos, em forma de edições, dicionários e estudos,

virtualmente inigualada em outro autor do período. Conseqüentemente, desde a obra de Jean Daniélou, sua obra tem sido considerada como um ponto de inflexão no pensamento místico da teologia oriental, servindo, na opinião do eminente erudito francês, de ponte em desenvolvimento de um platonismo cristão em Orígenes até a obra de “Dionísio Areopagita.” No entanto, embora alguns textos figurem constantemente nos estudos, como o Comentário ao Cântico dos Cânticos e a Vida de Moisés, pouca atenção foi dada ao gênero literário e sua ligação com o misticismo. Um dos objetivos de nosso trabalho consiste em identificar qual o local literário em que essa discussão sobre o encontro com Deus se localiza no corpus gregoriano. Com efeito, a maior parte dos textos que é utilizada na investigação sobre as doutrinas nissenas sobre o encontro com Deus (ou, no caso, uma aproximação jamais plenamente realizada) faz parte do gênero exegético, são comentários feitos por Gregório a diversos textos bíblicos: Eclesiastes, Êxodo, Salmos, Evangelho Segundo Mateus etc. Consideramos que essa informação é significativa. Queremos demonstrar que Gregório considera que o texto bíblico consiste, ele mesmo, em um local de encontro com Deus, talvez o local por excelência desse acontecimento. Isso pode ser sustentado por uma série de exemplos retirados da obra exegética gregoriana. Por exemplo, no Comentário ao Eclesiastes evidencia-se como ele considera os chamados três livros de Salomão como uma trilogia que, em sua primeira parte, nos Provérbios, afasta a pessoa do pecado, na segunda, no Eclesiastes, operam o afastamento do mundo físico e na terceira, no Cântico dos Cânticos, efetuam o encontro com Deus. Igualmente, no Comentário às Beatitudes, cada uma das beatitudes é interpretada como um degrau no caminho da obtenção da perfeição. Por fim, o Tratado das Inscrições dos Salmos é apresentado como uma verdadeira técnica de obtenção da felicidade, que é, no caso, platonicamente definida como a assimilação à divindade. Assim, mais do que uma série de preceitos a serem cumpridos ou um relato histórico, a Bíblia serve para purificar a mente de seu leitor, preparar a ascensão até a divindade e levá-lo na jornada contínua que é o encontro com Deus na obra do Nisseno. Dessa maneira nosso trabalho visa propor uma leitura da exegese gregoriana como o locus característico da mística em sua obra. Isso pode e deve ser articulado com outras opiniões sobre o status da escritura no período patrístico, como a de Orígenes e de Agostinho.

## **6. A parresía em Santa Teresa de Jesus**

Marcus Vinícius Andrade Santos

A proposta do presente trabalho é uma aproximação do conceito de parresía presente no pensamento e vida de Santa Teresa de Jesus. Buscamos pensar como podemos verificar nas ações de Teresa um traço fortemente marcado por uma parresía evangélica, meio pelo qual se percebe o frescor original do evangelho, e força que auxilia para avançar mediante as diversas situações que tendem a paralisar a missão de cada pessoa no mundo. O objetivo é possibilitar uma reflexão sobre como abrir espaço aquilo que é o específico na busca de cada pessoa, isto é, recuperar na relação com Deus a beleza de sua dignidade no que se refere aos seus direitos e deveres, seja no mundo ou de modo situado no espaço de comunhão com os demais. O método que utilizamos é o de perceber em alguma de suas obras como Teresa avança mediante sua experiência pessoal, e em seu propósito de “engulosinar” a outros com o desejo de Deus. Para Teresa, Deus não se resume a uma ideia, mas a um ser em relação com o qual toda pessoa pode se unir em diálogo amoroso. Pensar a parresía presente na vida da mística abulense, é pensar a mística como caminho antropológico de verdade, autenticidade e amor. Como resultado e tendo como perspectiva de conclusão do trabalho nos pomos a refletir como a mística pode ser um meio frutuoso de

potencializar as relações possibilitando que cada ser humano que vive sua relação com o mistério de Deus, possa ser encorajado a colocar-se nos vários contextos em que se encontra valorizando a riqueza de suas experiências. Buscando superar uma mentalidade minimizada do ser humano, e ir para frente abrindo caminhos e permitindo-se guiar pelo sopro daquele que é o vivificador, ou seja, o Espírito Santo. Teresa de Jesus ao viver a experiência com Cristo descobre a grandeza do ser pessoa, e nas suas experiências com o Espírito Santo descobre como viver, e como contribuir para que cada pessoa presente em seus diversos ambientes relacionais possa tornar-se mais humana aberta ao dom da vida e sua missão no mundo.

## **7. Frida Vingren: A espiritualidade pentecostal através dos hinos**

José Augustinho Filho

Esta comunicação visa apresentar a espiritualidade pentecostal por meio dos hinos de composição da missionária sueca Frida Strandberg Vingren, que viveu no Brasil entre os anos de (1917-1932), dedicando 15 anos da sua vida a obra missionária neste país. Foi pioneira na pregação e ensino bíblico no gênesis da Igreja Assembleia de Deus, escritora das revistas da escola bíblica dominical e artigos para o jornal oficial da igreja, além de tradutora de artigos e pregações. O período em que viveu no Brasil não foi fácil, o país estava tentando sair de uma crise financeira, além de ser marcado por muitas epidemias como peste bubônica, febre amarela, tuberculose, varíola, cólera, que são comuns a países tropicais em desenvolvimento. O conceito de espiritualidade é moderno, não sendo assim colocado pelos antigos. Sua definição também merece atenção, visto que filósofos e teólogos ainda divagam quando questionados acerca do significado. Escritos antigos nos mostra como se dava a espiritualidade nas comunidades, com jejuns, batismos, e que os cristãos não deveriam trabalhar pela salvação com tristeza e sim com alegria, entre outras formas. Já no século III, Orígenes se destaca na forma de ver e viver a espiritualidade. Tendo no âmago da sua vida espiritual a “presença de Deus e de Cristo na Escritura, na Igreja e no cristão”. Nesta comunicação discorreremos brevemente sobre a discussão acerca da definição de espiritualidade e a aplicação dela no contexto da espiritualidade pentecostal, para uma compreensão dessa espiritualidade nos hinos da missionária. A espiritualidade pentecostal no contexto do cristianismo é teocêntrica por que devemos “amar a Deus sobre todas as coisas”, cristocêntrica por que Ele é o Salvador e cabeça da Igreja, eclesial por que a igreja é o lugar do rebanho ouvir seu Pastor, sacramental por que o cristão deve cumprir para fazer parte do corpo e conduzir os demais a Cristo, pessoal por que a salvação é individual e cada um prestará contas sobre seus atos, comunitária por que o cristão é chamado para viver em comunidade e amor fraternal, e escatológica por que o cristão deve estar vigiando e perseverando com esperança sempre. A espiritualidade pentecostal, no entanto, enfatiza a experiência do Espírito Santo na vida do fiel. Frida Vingren foi uma mulher muito virtuosa, e nos revela através dos seus hinos a gratidão a Deus, o compromisso com o trabalho evangelístico, abnegação da carreira profissional, da pátria, da família, tornando-se, singular modelo de espiritualidade pentecostal. Seu fervor contrapôs as barreiras machistas impostas pelos suecos-brasileiros, exercendo notável trabalho no serviço litúrgico, assumindo por vezes a presidência da igreja na ausência do seu marido. Incansável, ainda escreveu 23 hinos que compõem o hinário oficial da igreja Assembleia de Deus, a Harpa Cristã. Outras denominações também fazem uso deste mesmo hinário, sendo um referencial para as igrejas pentecostais da primeira e segunda onda, exceto a Congregação cristã. Para desenvolvimento desta comunicação adotou-se o método

bibliográfico de cunho documental, com o objetivo de analisar e interpretar a espiritualidade pentecostal nos hinos compostos pela Frida Vingren.

## **8. Transcendência Imanente na Obra de Frida Kahlo**

Maria Angélica F. Jurity

A presente pesquisa objetiva empreender uma reflexão a respeito da arte como expressão da experiência religiosa, buscando sinais de uma realidade transcendente no “Autorretrato Colar com Espinhos e Beija-flor”, de 1940, da artista mexicana Frida Kahlo. Inscrita no diálogo entre teologia e ciências da religião, elegese como referencial teórico, a tese de doutorado “A expressão da espiritualidade na obra pictórica de Frida Kahlo no horizonte da teologia da cultura de Paul Tillich”, defendida por Haidi Drebes, no Instituto Ecumênico de Pós-graduação em Teologia da Escola Superior de Teologia (EST) em 2005. Sob abordagem hermenêutica fenomenológica, optamos por combinar a tese mencionada com outras obras consideradas relevantes à pesquisa, como o diário e a biografia da artista, teorias da arte moderna, e de antropologia filosófica. Pressupondo uma compreensão aberta da espiritualidade, pode-se inferir que a arte, enquanto forma simbólica, mostra as imagens interiores da alma do artista, isto é, os elementos subjetivos da sua experiência. Nesse sentido, a experiência espiritual de Kahlo está nos estigmas do seu corpo, uma vez que, tendo experimentado a “quase” morte em sua juventude, carregou em si o cotidiano confronto entre a dor, impotência e superação. A artista, ao pintar a si mesmo nessas situações limites, ressignifica a fragilidade do seu corpo [“Piés para qué los quiero si tengo alas pa' volar?”], encontrando o que Tillich denomina de “coragem de ser”, que, para o autor, é um estado enraizado na revelação de Deus em meio a ansiedade da dúvida e do desespero. Deus é, portanto, experimentado por Frida à medida que a artista se deixa voltar ao que viveu, atribuindo novas expressões ao que não pôde superar e encontrando, com isso, seu lugar no mundo através da arte.

## **9. Uma mística literária das coisas**

Vinicius Tobias

Esta comunicação deseja expor uma primeira constatação da pesquisa doutoral em execução cujo título é A forma oca: reflexões sobre poesia e religião a partir da prática do haikai no Brasil. Nesta pesquisa é proposto um olhar para a forma poética haikai – forma poética japonesa, ícone da espiritualidade Zen – largamente praticada por poetas brasileiros enquanto símbolo de uma visão de mundo outra senão a hegemônica ocidental, que tenda ao holismo e que tenha características anímicas. O sociólogo Colin Campbell afirma que a mudança de mentalidade de grandes setores da sociedade ocidental, assumindo teodicéias equivalentes àquelas hegemônicas no mundo oriental, acontece não por influência direta, mas sim pela gestação de uma mística e uma espiritualidade exercidas por meios não intelectuais e postas como dissidente das grandes correntes que se impõe como caracterizadoras de nosso pensamento. Ou seja, não se importa uma mentalidade religiosa do oriente, gesta-se uma religiosidade no ocidente que apresenta matizes semelhantes. Faz-se isso por diversas atividades sociais e religiosas, mas é ressaltado pelo autor a importância da arte nesse processo. Só posteriormente há a necessidade do diálogo de fato, após o reconhecimento das afinidades eletivas entre mentalidades. Tido esse pressuposto, entender a relevância religiosa do haikai no Brasil requer pensar as estruturas pré-existentes que permitem esse encontro. Como o vislumbre, a intuição e a iluminação a partir das coisas é o tema quase que único do haikai japonês, é por essa entrada, a temática das coisas, que propomos começar a

pensar essa religiosidade. Serão trazidos um apanhado dessa temática na poesia ocidental, evidenciando a partir de seus maiores exemplos, o tipo de visão de mundo, e operações semióticas que essa temática opera. Após isso, trago a comparação entre o livro *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector e *As portas da percepção*, de Aldous Huxley. Ambos os textos descrevem uma mística a partir da visão das coisas, ambos com pensamentos de naturezas teológicas e ontológicas sendo arrolados (que têm suas diferenças entre si) e ambos citam haicais em momentos chave dos textos como um meio de expressão e alcance desse processo místico.

## **10. Francisco Cândido Xavier, mística e estados não usuais de consciência**

Brasil Fernandes de Barros

O médium mineiro Francisco Cândido Xavier é reconhecido como a maior referência para o fenômeno denominado mediunidade no Brasil. Até a publicação de sua biografia, produzida por Marcel Souto Maior, que foi transformada em filme, foram produzidos 412 livros ditos psicografados pelos espíritos. Esses livros venderam até a publicação da bibliografia de Souto Maior cerca de 20 milhões de exemplares que geraram receitas milionárias, as quais foram todas integralmente doadas em cartório para instituições de caridade e instituições espíritas, que demonstram um pouco de seu desprendimento e preocupação com a caridade. Os fenômenos atribuídos a este médium vêm sendo até os dias de hoje objeto de pesquisa. De acordo com nossa avaliação pensamos ser possível estabelecer uma relação entre os fenômenos presentes na vida do famoso líder do espiritismo com às interpretações de mística e estados não usuais de consciência abordadas por William James (1842-1910) em sua obra e a mediunidade. Dessa forma o objetivo de nossa comunicação será de estabelecer um diálogo inicial dos fenômenos mediúnicos atribuídos à Francisco Cândido Xavier com as análises de James. Para alcançar tal objetivo pretendemos analisar as experiências apresentadas pelo filósofo em seu artigo “A Suggestion About Mysticism” (1910) e em com algumas definições de seu livro “As Variedades da Experiência Religiosa” (1911) e compará-las com as definições de Allan Kardec e opiniões pessoais de Chico Xavier sobre a mediunidade. De posse dessas informações pretendemos avaliar casos relatados na história de Francisco Cândido Xavier para identificar se nossas hipóteses acerca de uma relação entre mística e estados não usuais de consciência e mediunidade estão presentes na vida e na obra do médium mineiro.

## **11. Experiência e Espiritualidade em Søren Kierkegaard**

Presley Henrique Martins

A presente pesquisa tem como proposta compreender a espiritualidade a partir do conceito de “repetição” do filósofo dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855). Para o filósofo, existem três modos de existência, a saber: estético, ético e religioso, sendo que estes estádios se apresentam em suas diversas obras e refletem suas próprias experiências. Assim, tratando-se de experiências, pode-se compreender que existe uma repetição estética, ética e religiosa. Objetiva-se abarcar a espiritualidade no âmbito da experiência do autor, que ocorre por intermédio da repetição. Kierkegaard teve uma vida marcada pelo luto e pelo rompimento de seu noivado com Regine Olsen, acontecimentos que marcaram de forma indelével sua obra. Pode-se ler em seus diários e em sua biografia, que pretendia reatar seu noivado após uma viagem que fizera à Berlim; porém, Regine já estava comprometida e, além disso, também, perdera vários membros de sua família, sendo impossível recuperar o que perdera, ou seja, tinha sido impossível repetir a perda. É nesse contexto de abandono que, em 1843,

Kierkegaard irá publicar *A repetição*, obra em que narra a experiência de um jovem apaixonado e de seu confidente, que sugere para o jovem fazer a repetição. Na obra citada, há uma diferença entre a reminiscência e a repetição, embora – conforme enfatiza o autor – ambas sejam repetições; enquanto a primeira é um movimento para trás, a segunda direciona-se ao porvir. O jovem, a partir de sua experiência, chega à compreensão do segundo movimento quando faz uma reflexão sobre a experiência do sofrimento de Jó. Nesse sentido, a obra que se inicia com um problema poético-romântico, culmina em uma experiência religiosa. Portanto, sabendo da trajetória do autor até a publicação da obra, busca-se no campo das Ciências da Religião, a partir da pesquisa bibliográfica e da abordagem hermenêutico-fenomenológico – que consiste na compreensão a partir da experiência fática da vida –, compreender o sentido da repetição no contexto da vida de Kierkegaard e, dessa maneira, espera-se compreender a espiritualidade mediante a repetição. Assim, essa compreensão da espiritualidade, a partir da interpretação da obra kierkegaardina, não é meramente abstrata, mas está atrelada a uma experiência concreta.

## **ST 10 - RELIGIÃO, ESPAÇO PÚBLICO E POLÍTICA**

### **1. Matrizes Ibéricas da Teologia Política no pensamento ultramontano brasileiro do século XIX**

Ana Rosa Clochet da Silva

No Brasil, o advento da modernidade política foi acompanhado por complexas reconfigurações nas relações entre o religioso e o secular, que ao longo do século XIX modelaram-se de maneira recíproca. Deste processo, resultou um constructo nacional que não pode dispensar o catolicismo como vínculo básico e fundamento da comunidade política que se organizava. No plano discursivo, as transformações observadas refletiram-se, diretamente, na imprensa ultramontana da segunda metade do século XIX, mobilizada por diferentes atores no sentido de preservar a condição do catolicismo como ingrediente civilizatório mediador de uma pluralidade de experiências históricas e base para se pensar o processo de diferenciação das esferas em relação à religião. Na fundamentação deste ideal, os representantes do ultramontanismo buscaram interpretar as contingências específicas da sociedade brasileira, à luz dos referenciais comuns ao mundo católico da época, com especial destaque para as matrizes filosóficas e teológicas do conservadorismo católico e contrarrevolucionário europeu. Nesta comunicação, analisaremos uma das principais referências do conservadorismo político espanhol do século XIX, na imprensa ultramontana do Brasil: o filósofo e padre Jaime Luciano Balmes Uría (1810-1848), cujos textos foram elaborados sob um viés conservador e monarquista, singularmente conectado com o catolicismo. Ao lado de Juan Danoso-Cortés (1809-1853) – cuja influência foi projetada para o século XX, fundamentando o pensamento do jurista alemão-nazista Carl Schmitt – Balmes configurou-se num dos expoentes da teologia política da época, amplamente recepcionado pela imprensa ultramontana da segunda metade do século XIX, tendo suas obras anunciadas e vendidas nas principais livrarias do Rio de Janeiro. Especificamente, suas ideias embasaram a construção do par conceitual civilização-cristianismo, além de ter sido um intelectual dedicado ao (neo)escolasticismo, escola que em seu momento gozou de grande prestígio no mundo filosófico espanhol e entre os ultramontanos no Brasil. A partir do instrumental teórico e metodológico da História dos conceitos, aliada à História das Religiões, a pesquisa visa analisar o modo como as obras de Balmes foram incorporadas pelo discurso ultramontano brasileiro, tendo por fontes alguns periódicos católicos editados no período. Sob tal enfoque, visa contribuir com a compreensão da dinâmica do campo político-religioso da época, conferindo empiricidade aos estudos sobre a experiência brasileira da secularização.

## **2. O sionismo cristão no Brasil: da escatologia nas igrejas à atuação política no governo brasileiro**

André Daniel Reinke

O sionismo é um movimento de cunho nacionalista judaico, promotor da migração do povo judeu para a Palestina e da retomada da soberania israelense na

forma de Estado, ocupando o espaço que foi a terra de Israel na Antiguidade. O sionismo cristão é o apoio cristão ao sionismo e está geralmente vinculado ao milenarismo cristão – especialmente o dispensacionalismo, a doutrina escatológica mais difundida no meio protestante conservador. O apoio protestante ao sionismo não ocorre por motivos humanitaristas, mas pela expectativa a respeito das profecias relacionadas à nação de Israel no “fim dos dias”, de acordo com a interpretação bíblica dos sistemas escatológicos milenaristas. Torna-se presente, assim, a relação entre a teologia e a política. A comunicação proposta tratará de historicizar os seguintes desenvolvimentos: 1) o surgimento do sionismo na Grã-Bretanha no século XIX; 2) o apoio recebido do movimento sionista cristão no contexto anglo-saxão até os eventos da Independência de Israel (1948) e depois dela; 3) e o desenvolvimento do sionismo cristão como teologia escatológica predominante no Brasil a partir da matriz protestante norte-americana. Concluído o resumo histórico, será feita uma análise da atuação sionista da Bancada Evangélica no Congresso Nacional nos últimos anos, bem como dos acontecimentos no que se refere às tentativas do Poder Executivo em transferir a embaixada brasileira para Jerusalém neste ano de 2019. Este empenho, segundo nosso entendimento, procura atender demandas do protestantismo milenarista dispensacionalista, típico do movimento sionista majoritário no Brasil. A pesquisa a ser apresentada é resultado de dissertação de mestrado publicada em 2018, acrescida da análise das posições diplomáticas do governo federal recém eleito, com vistas à publicação de um artigo sobre o sionismo cristão no Brasil.

## **3. A missão católica japonesa (diplomática-militar) ao Brasil em 1938: a apropriação do pensamento da guerra justa pelo Grande Império do Japão**

Antonio Genivaldo Cordeiro de Oliveira

O papel da religião no espaço público pode ser analisado tanto como parte da política interna como também da política externa. A presente comunicação, resultante da pesquisa de pós-doutorado (CRE-PUC/SP – PNPd-CAPES), pretende mostrar a apropriação do discurso católico de Guerra Justa pelo Grande Império do Japão como parte da justificativa do imperialismo e como parte da propaganda de Guerra em países católicos chegando também ao Brasil em 1938. O expansionismo obrigou as autoridades japonesas a repensarem o entendimento do Cristianismo até chegarem a um alinhamento ideológico com o Vaticano na luta contra o comunismo. Nesta atmosfera, a partir de agosto de 1937 as missões católicas no extremo-Oriente foram chamadas a colaborar com as tropas japonesas no combate às “ideias perigosas”. Além da colaboração nos territórios ocupados, logo se percebeu o potencial do discurso católico como parte da propaganda internacional que justificasse a invasão na China. Isso resultou no envio de “missões católicas” à vários países nos anos seguintes. A documentação de vários arquivos diplomáticos mostra como o discurso católico foi incorporado como parte da política externa japonesa mesmo sem reconhecer oficialmente em sua metrópole a Igreja católica. No Brasil, essa aproximação serviu ainda para garantir a liberação das cotas de imigração impostas aos japoneses com a Constituição de 1934. Embora ainda pouco explorada em nosso país, a interação entre Ciência da Religião e Relações Internacionais mostra a possibilidade de alargar os horizontes da pesquisa sobre o papel da religião no espaço público internacional. Várias questões cruciais para a construção de um futuro de paz poderão contar com o aporte da religião se houver a devida crítica histórica aos erros de utilização passada.



#### **4. Concordata Brasil-Santa Sé: pesquisas realizadas sobre o tema durante a 1a. década do acordo entre Estado e Igreja Católica**

Araripe Valderi Perez Castilho

Este texto para comunicação na Sessão de Trabalho intitulada “Religião, Espaço Público e Política”, do VII Congresso da ANPTECRE, apresenta parte da produção acadêmica acerca do acordo realizado entre o governo brasileiro e o Vaticano, referente ao Estatuto Jurídico da Igreja Católica no Brasil, que foi firmado em 2008 e entrou em vigência em 2010, ano em que foi promulgado pela Presidência da República após aprovação no Congresso Nacional. O objetivo deste trabalho foi identificar os principais aspectos investigados nos estudos desenvolvidos no Brasil desde a assinatura da “concordata”. A metodologia incluiu levantamento bibliográfico de produções disponíveis em plataformas como Portal de Periódicos Capes/MEC e outros indexadores de publicações acadêmicas. Como resultado, identificou-se que o debate sobre o acordo Brasil-Santa Sé tem se pautado nos últimos anos principalmente por reflexões quanto aos aspectos jurídicos da medida, à observância (ou não) do princípio de laicidade e aos possíveis desdobramentos relacionados ao ensino religioso no país. Concluiu-se que, embora decisões nas instâncias políticas e jurídicas brasileiras tenham sido favoráveis ao acordo, os numerosos questionamentos e argumentações quanto à aparente quebra do princípio da laicidade no Brasil reforçam a necessidade de se aprofundar as discussões a respeito das relações entre Estado e instituições religiosas ou agentes religiosos.

#### **5. O problema teológico-político no contexto brasileiro contemporâneo: notas sobre teologia política e teologia pública a partir da hermenêutica filosófica**

Camila Medina

O objetivo da comunicação é refletir sobre o problema da Teologia Política no contexto da política brasileira, principalmente no que diz respeito às peculiaridades históricas do seu processo de laicização do Estado e sua configuração atual. A partir daí, pretendemos pensar se é possível o diálogo entre religião e política, trazendo para a discussão alguns elementos da hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer. Para isso, apresentaremos inicialmente uma breve discussão sobre o conceito de laicidade e sobre como alguns autores entendem que, no Brasil, tal processo se configurou mais em termos de aproximações e conexões entre igreja(s) e Estado do que de interrupções ou da negação de um pelo outro. Depois, sugerimos que, embora essa relação entre religião e política nunca tenha se constituído nos termos de uma separação de fato, nos últimos anos vemos emergir um pensamento teológico-político que parece se configurar como real ameaça ao Estado laico, ao pluralismo e à democracia. Em seguida, buscaremos diferenciar conceitualmente Teologia Política e Teologia Pública, para apresentar a hipótese de que, enquanto a primeira se configura como uma defesa da soberania e ameaça à democracia e ao pluralismo, a segunda pode ser vista como uma proposta de convivência saudável entre essas duas esferas (religião e política), uma vez que entende a religião como espaço de discussão política e motivadora da diversidade e participação social de minorias que buscam por representatividade. Por fim, a partir dessa diferenciação e associando alguns conceitos gadamerianos (como tradição, preconceito e diálogo) ao papel vislumbrado pela Teologia Pública, pretendemos refletir sobre a possibilidade de uma relação dialógica entre religião e política. A intenção é verificar se esses conceitos, tais como problematizados pelo autor, podem nos ajudar a pensar em caminhos alternativos à Teologia Política, sem, no entanto, negarmos a religião enquanto

aspecto social importante para que os cidadãos exerçam sua representatividade e atuem democraticamente.

## **6. De “santos perseguidos” a “porta-vozes da maioria”: transformações nas relações entre religião e política no fundamentalismo norte-americano na década de 1970**

Daniel Rocha

Esta comunicação analisa a trajetória do fundamentalismo religioso e as transformações que ocorreram em sua participação na política e no espaço público

norte-americano na década de 1970. Tendo sido ridicularizados pela grande mídia

desde meados da década de 1920, sem o controle das grandes denominações protestantes – portanto representando uma corrente minoritária dentro do protestantismo nacionalmente majoritário – e à margem do mainstream cultural norte-americano, o discurso das lideranças fundamentalistas na virada da década de 1960 para a de 1970 era marcado por um profundo pessimismo em relação ao presente (e ao futuro) dos Estados Unidos. Os verdadeiros fiéis seriam salvos, mas

a nação, como um todo, estaria condenada. Entretanto, no alvorecer da década de

1980 o quadro havia se tornado bem diferente. No decorrer dos anos 1970, podemos falar do advento de uma grande “onda conservadora” com fortes implicações na política e na religiosidade. Em sintonia com essa tendência e tendo

como figuras de destaque pastores com grandes recursos financeiros e de mídia, como Jerry Falwell e Tim LaHaye, os fundamentalistas começaram a abandonar sua descrença na efetividade da ação política e passaram a se organizar e a agir para retomar a “América para Jesus”. A fala das lideranças fundamentalistas, ao longo da década, foi perdendo o tom predominantemente pessimista. Numa perspectiva histórica, buscaremos analisar essa passagem do discurso de uma auto-consciência de minoria perseguida que marcava o fundamentalismo norte-americano na década de 1960 para, no final dos anos 1970, um discurso triunfalista e uma percepção de que seus valores – especialmente ligados a questões morais – no espaço público representavam as crenças da maioria dos norte-americanos. Buscaremos analisar alguns fatores que favoreceram essa mudança de postura, entre eles: as mobilizações contra algumas decisões da Suprema Corte, a “decepção” com o governo de Jimmy Carter e a expansão do poder midiático de lideranças fundamentalistas. Dessa forma, encorajados pela onda conservadora, organizados através da mídia religiosa e mobilizados por novas “ameaças” – como a legalização do aborto –, os fundamentalistas fizeram uma transição, durante a década de 1970, da apatia política e da “cultura de gueto” para uma organizada e poderosa forma de militância política e para um discurso de que faziam parte, não mais do gueto, mas sim da Maioria Moral. Tal contexto favorável gerou uma mudança na própria autocompreensão dos fundamentalistas. De um grupo minoritário e com características sectárias, os fundamentalistas passaram a acreditar que vários de seus valores eram compartilhados pela maioria da população norte-americana, a “maioria silenciosa” da qual falava Jerry Falwell. Cresceu o sentimento de que a “América” pertencia aos fundamentalistas e de que os fundamentalistas pertenciam à “América”.

## **7. Escola pública e religiões: o espaço público e o interesse por colonizá-lo.**

Douglas F Barros

A escola pública constitui-se numa dimensão, entre outras, do espaço público, orientada para objetivos específicos e regulada por conjunto de normas atinentes às instituições públicas. É fato já debatido nas áreas das Ciências da Religião e de outras humanidades a introdução da disciplina de Ensino Religioso no conjunto das disciplinas curriculares nas escolas públicas brasileiras. O objetivo do trabalho é avaliar alguns aspectos do documento “Manifesto à Nação - o Brasil para os brasileiros”, publicado pela Frente Parlamentar Evangélica, em 24/10/2018. Em seu “Eixo IV - Revolução na Educação”, o documento estabelece o que seriam as diretrizes para o que denominam de “escola sem partido”. Em parte do Eixo IV o documento afirma: “Teremos que reinserir a Escola e a Universidade públicas em seu leito tradicional e conservador: ensinar” (p.55). Como método de estudo utilizaremos a leitura, análise e interpretação de documentos e textos teóricos. Tomaremos como base analítica dessa exposição o texto *Metrópolis* (2005), de Giorgio Agamben, no qual ele estabelece alguns elementos para uma análise da relação entre atuação política e colonização. Como resultados esperamos mostrar que expressões e intenções manifestas em trechos do documento, que concernem à escola pública, conflitam com o princípio regulador do espaço público. Nossa hipótese é que as intenções que subjazem tais objetivos se alinham a certos de propósitos de colonização do espaço público. Esperamos que, como conclusão, possamos estabelecer uma reflexão acerca da laicidade, apoiada na formulação de Camurça (2018), que se oponha às intenções de colonização do espaço público.

## **8. A questão da espiritualidade na pedagogia Waldorf: pluralidade religiosa e escola no espaço público plural**

Emerson Rocha de Castro e Silva

Existe atualmente uma série de debates em torno do papel da escola nas questões relacionadas à pluralidade religiosa, assim como em relação à moral no ambiente educacional e a pregada pelas religiões, entre outros aspectos. A escola deve se mostrar como um espaço público, no qual a diversidade, a partir de certos fundamentos expressos em políticas públicas para a educação, necessita ser respeitada em todas as suas manifestações. Assim, o objetivo dessa comunicação é mostrar como a pedagogia Waldorf de base antroposófica insere-se como uma forma de atuação que busca proporcionar, a partir de sua metodologia de trabalho, o respeito e a compreensão das diferentes expressões de espiritualidade e uma visão abrangente de várias manifestações religiosas na história. A pesquisa procura investigar que de forma, favorecendo valores sociais de liberdade de expressão e de laços de solidariedade, isso pode ser observado tanto do ponto de vista curricular, considerando-se as dimensões da ciência, da arte e da religião de forma integrada, bem como do ponto de vista da compreensão do ser humano em sua constituição corpórea, psíquica e espiritual. Como uma pesquisa em andamento, o objetivo secundário desta comunicação são: investigar como a metodologia de trabalho Waldorf supõe a pluralidade religiosa no âmbito curricular e antropológico, ainda que tal pedagogia não se trate de um sistema religioso e que tenha como fundamento a livre expressão destas pluralidades. Para tanto, exporemos os termos Ciência Espiritual e mundo espiritual, empregados na perspectiva Waldorf, a partir dos conceitos de Individualismo Ético e Pensar Intuitivo, desenvolvidos por Rudolf Steiner na obra *A Filosofia da Liberdade* (1894). Propõe-se nesse trabalho uma metodologia de pesquisa bibliográfica e documental, de enfoque qualitativo e objetivo descritivo, a partir do levantamento dos conceitos em textos de Rudolf

Steiner. Os resultados serão analisados à luz do desenvolvimento destes conceitos na biografia intelectual de Steiner. Tal abordagem permitirá situar os conceitos, por um lado, em relação ao contexto histórico de sua elaboração e, por outro, permitirá uma visão mais aprofundada de cada um.

## **9. O conceito de tolerância lockeano: contribuições para uma teologia pública**

Emiliano Jamba António João

Este artigo tem a pretensão de analisar o conceito de tolerância "lockeana" e sua relevância para os dias atuais, sobretudo seu contributo para a teologia pública. Optou-se por essa temática pelo contexto turbulento que o Brasil enfrenta em relação a participação ou não das igrejas na arena política/pública brasileira, colocando conservadores de um lado e liberais de outro. Mesmo cientes da distância contextual do lugar de fala, acredita-se que o referido autor pode agregar bastante no pensar teológico brasileiro sobre a questão da igreja envolvida em controvérsias públicas, um lugar alimentado por disputas e construção de esperanças coletivas. A história da Igreja cristã, mesmo sendo uma história do "povo de Jesus", é caracterizada por controvérsias, divergências, intolerâncias que contrapõem o ensino de Jesus, originando desta forma sérios paradoxos e antagonismos no que concerne a maneira como a igreja deve lidar com o diferente de si na arena pública. A noção do público remete-nos a uma categoria analítica que aborda, analisa e pensa os fenômenos sociais, religiosos e políticos de forma ampla e abrangente no cotidiano das pessoas. Deste modo para alcançar o proposto nos baseamos nos levantamentos de bibliografias diversificadas relacionadas com a temática em questão, bem como trabalhou-se o Ensaio sobre o entendimento humano e a carta a tolerância de Locke, fazendo um contraponto com a teologia pública. Por fim, deu-se maior atenção, ao tópico III da carta a tolerância de Locke, uma vez que neste tópico, Locke apresenta alguns argumentos lógicos do que considera ser uma Igreja. A partir de sua definição e contrapondo com outras definições teológicas a respeito da questão, abre-se desta

forma caminho para pensar uma igreja brasileira engajada na elaboração de uma teologia pública. Uma igreja que se torna naturalmente detentora da linguagem política com repercussão em seu modo de perceber a realidade, compreender as Escrituras e a fé. Por fim, um campo que fica bastante aberto na leitura da Carta à Tolerância é a premissa do diálogo nas relações humanas, quer na esfera pública como no interior da Igreja.

## **10. A crise da passividade religiosa e o dever da desobediência civil na perspectiva dos puritanos**

Fábio José Barbosa Correia

Neste artigo procuraremos demonstrar as bases para uma "justa" e não "pecaminosa" desobediência civil, para a qual o cristão é verdadeiramente convocado, quando colocado sob uma configuração em que a obediência ao poder constituído do Estado implique, necessariamente, na desobediência a Deus. Para tanto, abordaremos a postura combativa e não alienada dos Puritanos, face ao despotismo, em defesa de sua fé. Eles lutaram contra o que entendiam ser a causa da crise social que se abateu em seu tempo, que suprimia as liberdades individuais imprimindo dor e sofrimento ao povo. O Puritanismo foi um movimento eminentemente religioso, com desdobramentos políticos e sociais importantes, de matriz calvinista e que se desenvolveu a partir da segunda metade do século XVI, alcançando seu apogeu no século XVII, especialmente na Inglaterra e na formação da "Nova Inglaterra", podendo ser estendido até a segunda metade do século XVIII. Historicamente o movimento

puritano está localizado nesses três séculos; seu espírito, porém, permanece vívido até hoje.

## **11. Poder e religiosidade: as relações entre Igreja, Estado e as irmandades leigas no século XIX**

Gabriel de Barros Amstalden

Diante da grande problemática envolvendo religião, política e sociedade, a presente pesquisa analisa as relações existentes entre a Igreja, o Estado e as irmandades leigas, com enfoque especial na Irmandade do Santíssimo Sacramento de Campinas, objetivando esclarecer, a partir das relações entre religião, política e sociedade, pontos que são fundamentais para a construção da sociedade brasileira. Essas Irmandades leigas, através da sua atuação político-social, para além do campo religioso, foram responsáveis em grande parte pela solidificação de uma religiosidade muito característica, além de serem agentes formadores de uma identidade cultural-religiosa durante o processo histórico de formação da sociedade brasileira. Sua atuação abrangia desde a manutenção da religiosidade e a construção dos templos religiosos, até o cuidado social de seus membros, assumindo os deveres que hoje são de responsabilidade do Estado, além de terem uma participação ativa na vida política. No Brasil da segunda metade do século XIX, as Irmandades leigas estiveram diretamente envolvidas nos episódios que desencadearam a chamada “Questão Religiosa” (1872-75), sendo um dos espaços de sociabilidade religiosa disputados por católicos ultramontanos, católicos liberais e maçons. Essa dinâmica será analisada a partir do caso da Irmandade do Santíssimo Sacramento da cidade de Campinas, no contexto das reformas da segunda metade do século XIX, que implicaram uma série de reformas internas à Igreja, afinadas com as diretrizes da Santa Sé, reconfigurando suas relações com o Estado imperial e a sociedade brasileira. Tais reformas contaram com diferentes atores, incluindo as Irmandades leigas, mobilizadas na tarefa de moldar os costumes e práticas religiosas dos fiéis. A pesquisa proposta baseia-se na análise de documentos oficiais do bispado de São Paulo e do Arquivo da Irmandade do Santíssimo Sacramento de Campinas, bem como na discussão bibliográfica para o tema. A partir deste estudo, pretende-se contribuir com as aproximações históricas que, nos últimos anos, vêm desvendando as relações complexas ente o religioso e o secular no contexto do século XIX, momento que definiu uma etapa concreta da secularização na sociedade brasileira.

## **12. O simples uso de fato e a inoperosidade: possibilidades de uma nova política não espaço público**

Glauco Barsalini

Giorgio Agamben é um pensador contemporâneo que desenvolve teoria de grande amplitude. No caminho metodológico desenvolvido por Michel Foucault, Agamben realiza uma arqueologia da biopolítica, promovendo, de modo peculiar, a convergência entre conceitos originários da filosofia, da teologia, do direito e da sociologia. Inscreve-se, fundamentalmente, no campo da teologia política, ao conceber que, no mundo secularizado, política, direito e teologia se misturam, ou, para ser mais preciso, entende que no processo de secularização a teologia não se separou da política e do direito, sendo constitutiva mesmo do poder soberano, de modo que, na modernidade, quanto na contemporaneidade, não há, por assim dizer, laicidade plena. Para além desse diagnóstico, Agamben propõe uma nova forma de fazer política, em que o espaço público possa se constituir como território de simples uso, ao invés de ser, necessariamente, o lugar por excelência de disputas de poder. Nesse sentido, remete ao conceito de

simples uso de fato, dos franciscanos, que, em nosso entendimento, pode se ligar à ideia de “decisão por não decidir”, ou, em outras palavras, inoperosidade. O objetivo desta comunicação é explorar, de algum modo, as possíveis ligações que a ideia franciscana de simples uso de fato tem com a de “decisão por não decidir”, e que repercussão isso pode ter sobre a existência da política no espaço público, em face da confluência, neste mesmo lócus, da política com a teologia. Para tanto, pretende-se utilizar os livros *Altíssima Pobreza: regras monásticas e forma de vida, Bartleby*, ou da contingência, e *O uso dos corpos (Homo Sacer, IV, 2)*, todos escritos por Giorgio Agamben, além de, subsidiariamente, textos sobre a vontade para os franciscanos, como os livros *Man and his approach to God in John Duns Scotus* (de Bernardino M. Bonansea), e *Passions in William Ockham’s philosophical psychology* (de Vesa Hirvonen).

### **13. Religiosidades populares e lutas políticas entre pescadores artesanais de João Pessoa**

Gustavo Cesar Ojeda Baez

O presente trabalho tem como objetivo central estabelecer uma análise sócio antropológica sobre as interações, de ordem social e política, estabelecidas entre as práticas religiosas e os usos dos espaços públicos que acontecem na Procissão Marítima de São Pedro Pescador, realizada anualmente por vias marítimas e terrestres entre as praias e comunidades da Penha e do Tambaú, ambas localizadas na cidade de João Pessoa-PB. Nesta festa popular religiosa um artefato (Andor) e uma imagem de São Pedro são transportados em barcos tradicionais, num trajeto de cerca de dez quilômetros, percorridos por vias marítimas. Para tanto, ou seja, para interpretar a referida procissão aquática, adotaremos uma metodologia eminentemente antropológica, buscando observar, especificamente, a festa religiosa tradicional enquanto forma de expressão da devoção popular, e, como estratégia política de uso dos espaços públicos – territorialização –, organizados por essas comunidades. Apresentaremos também alguns resultados preliminares de nossas pesquisas de campo, que temos realizado nas duas comunidades pesqueiras, já visitadas no período de nossos estudos de doutoramento (2012- 2016) e também em nosso estágio de pós-doutoramento no PPGCR/UFPB, iniciado no ano 2018. De modo geral podemos indicar que a população pesqueira estudada tem atuado nos espaços públicos costeiros, a fim de garantir tanto a continuidade de sua cultura pesqueira, permeada por valores religiosos e sociais, bem como, para se posicionar politicamente frente ao panorama de perda de direitos sociais e em relação a crise ambiental de poluição dos mares. Nesse sentido, nossa reflexão busca, portanto, entender os significados das festas religiosas populares e os processos variados de territorialização desenvolvidos por estas populações tradicionais, enquanto eventos que podem revelar processos sociais mais amplos, de enfrentamentos identitários e lutas políticas por reconhecimentos de direitos que se desenvolvem na sociedade contemporânea.

### **14. A relação entre filosofia da história e religião no sistema da razão prática em Kant**

Heloisa Helena Silva dos Santos

Ainda que o filósofo Immanuel Kant (1724-1804) não tenha dedicado nenhum escrito exclusivamente a filosofia política, é de consenso entre seus comentadores que todo o seu sistema da razão prática desagua na temática. Kant considera que o desenvolvimento das nossas disposições naturais para o uso da razão visam uma ação política coletiva, assim como o maior problema para a espécie humana, cuja a solução a natureza o obriga, é a construção de uma

sociedade civil que administre o direito de modo universal. Entretanto, para chegarmos a uma interpretação da filosofia política kantiana temos que entender a relação que a Filosofia da História e a Religião desempenham na arquitetônica de conceitos formulada por Kant. Na segunda parte do Cânone da Razão Pura (1781), o filósofo nos diz que todo o interesse de nossa razão pode concentrar-se em três perguntas: “Que posso saber? Que devo fazer? Que me é permitido esperar?”. Sob esta perspectiva, tanto a Religião, quanto a Filosofia da história estão presentes nos três níveis de investigação, mas é na dimensão prática que a realidade objetiva e finalidade desses conceitos se aplicam. No opúsculo *Ideia de uma História Universal* (1784), Kant sustenta que a história seria a lente pela qual compreendemos o jogo da liberdade humana em suas manifestações, pois é necessário entendermos o sentido das ações e não apenas nos limitarmos a concepção dos fatos. Já a Religião, como uma necessidade da razão pura, também norteia o sistema da razão prática na medida em que: a) seria uma referência para pensarmos um provável início a partir Doutrina do Mal Radical, onde saímos da tutela das leis da natureza para as leis da liberdade; b) é um móbil para o aperfeiçoamento do progresso e desenvolvimento moral da humanidade; e c) representa a nível simbólico uma esperança futura na efetivação de um Reino dos fins, este o qual seria voltado para a efetivação de uma sociedade civil sob as leis do direito. Frente a isso, o presente trabalho apresenta a progressão conceitual dentro do sistema da razão prática kantiana que aponta a Religião e a Filosofia da História como base norteadora para a sua sistematização e organização, demonstrando a partir disso as contribuições a filosofia política formuladas por Kant. Para tanto, através de uma análise conceitual, evidenciaremos que os conceitos da razão prática se ordenam em uma lógica progressiva que parte do interior e individual dos sujeitos (desde a ideia de liberdade) para o exterior e coletivo (até o ideal do reino dos fins), ou seja, de uma filosofia moral, passando por uma ética, até uma filosofia política. A pesquisa se configura como uma pesquisa teórico bibliográfica, onde o próprio Tribunal da razão estipulado por Kant na *Crítica da Razão Pura*, através da Analítica transcendental e Doutrina Transcendental do Método, foi utilizado para fundamentar a proposta. Como resultado, identificamos as contribuições da filosofia política kantiana, assim como aponta-se o lugar sistêmico da Filosofia da história no Sistema da razão prática, além de a Religião não se limitar somente ao âmbito prático do sistema, mas estar presente nas três dimensões: teórica, prática e especulativa.

## **15. Laicidade em disputa: conflito entre religioso e secular a partir da “Loi sur la laïcité de L’État” do Québec**

Jonathan Goudinho

O debate em torno da presença da religião no espaço público contemporâneo não é novidade nas sociedades democráticas. Recorrentemente, no Brasil e em outros países, o tema ganha notoriedade em virtude de diferentes conflitos nas pautas públicas. Desse modo, a noção de laicidade do Estado é objeto de constantes e variadas disputas na argumentação de grupos religiosos e não religiosos. Diante desse cenário, o objetivo desta comunicação é tecer algumas perspectivas analíticas sobre o tema, especialmente a partir da análise de um caso recente: a aprovação da “Loi sur la laïcité de l’État” em Québec, província francófona do Canadá, em junho de 2019. Após quase duas décadas de discussão pública, a Assembleia Nacional de Québec aprovou um projeto do governo que tem o intuito de demarcar melhor a separação entre Estado e religião. De acordo com o previsto na nova lei, funcionários públicos em cargos de autoridade estão proibidos de usar símbolos religiosos nas dependências do trabalho. Esse item em especial tem provocado calorosos debates tanto dos que são favoráveis

quanto dos que se opõem ao conteúdo da lei. Para a análise, o ponto de partida é a reflexão teórica sobre a noção de laicidade do Estado e as três diferentes experiências que moldam o imaginário sobre tema: a britânica, a norte-americana e a francesa. Após a articulação deste referencial, passamos à interpretação propriamente do caso escolhido, fazendo menção da proposta de redefinição da laicidade oferecida pelo filósofo canadense Charles Taylor (1931-) no ensaio *Why we need a radical redefinition of secularism* (2011). O estudo do caso québécois articulado com as formulações teóricas apresentadas ao longo da comunicação conduzem à conclusão de que as relações entre os domínios religioso e secular no debate público contemporâneo permanecem sem fácil resolução, motivo pelo qual é necessário frequentemente revisitar o tema à luz da realidade dos fatos.

## **16. O “pastor-político” e as novas modulações da interface religião e política no Brasil**

Leonardo Gonçalves de Alvarenga

Este trabalho pretende dar conta de uma nova categoria e modulação na interface entre religião e política no Brasil: o “pastor-político”. A partir dos dados das seis últimas eleições legislativas, se buscará compreender melhor a figura do pastor-político, melhor descrevendo suas características e contextualizando-a no campo de estudos sociológicos da religião. O ponto de partida, isto é, 1998, justifica-se por ser um período em que os evangélicos apresentam uma linha de crescimento atípica e sequencial. Essa pesquisa teve um passo inicial ao reunir alguns elementos da trajetória de vida do pastor e candidato Eber Silva, eleito em 1998 para Deputado Federal, pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT), situando-o em um espaço de mudanças e transformações dos campos político e religioso. Além disso, a pesquisa terá como quadro teórico as discussões sobre a modernidade religiosa e suas mais recentes modulações. O pastor-político tal como se tem visto nas últimas duas eleições é algo novo e apresenta um contraponto a uma característica que outrora se restringia a vida privada ou de sua própria comunidade. Não só, mas também um deslocamento de fronteiras e ressignificação de práticas. A figura do pastor-político é mais do que um binômio, é também um atestado das novas modulações entre religião e política. O fato de em cada momento histórico existir uma forma de relação entre religião e política não quer dizer necessariamente que os fenômenos atuais não sejam frutos ou desdobramentos de um processo de secularização marcados sobretudo pela privatização da religião, neutralidade do Estado e separação entre igreja e Estado.

## **17. O pluralismo como chave para a relação entre teologia política e teologia pública**

Marcelo Correa de Oliveira

Há quem considere que Teologia Política e Teologia Pública abordam o mesmo tema a partir de matrizes distintas. O presente trabalho tem por finalidade analisar brevemente as relações existentes entre a noção Schmittiana de teologia política e a compreensão de teologia pública a partir das ideias propostas por Rudolf von Sinner e como estas se explicam a partir das concepções de pluralismo e secularização. Consideraremos então, a compreensão do filósofo alemão Carl Schmitt acerca do que ele define como Teologia Política e como essa deriva da secularização da teologia. Secularização essa, que não tem relação com a ideia de desencantamento do mundo, mas sim, como sendo um deslocamento de conceitos de uma esfera a outra, ou seja, termos e noções advindas da religião e que são incorporadas à política, por exemplo, mas que



mantém intocada a sacralidade do poder. No âmbito do pensamento político mais recente, no contexto do qual podemos destacar as discussões em torno do pluralismo, percebemos que a teologia pública ganha destaque nos debates em torno do papel a ser dedicado à posição da religião no espaço público. Isso leva muitos autores a defenderem a tese de que a teologia pública seja sinônimo da teologia política proposta por Carl Schmitt. Este trabalho busca na reflexão político-filosófica elementos que nos permitam verificar as relações existentes entre teologia política e teologia pública e como o processo de secularização da teologia somado ao pluralismo, não só são elementos distintos como servem de base para a análise do atual cenário político nacional. Com isso, esperamos compreender melhor a relação existente entre as diferentes interpretações do venha a ser teologia política e teologia pública e como estas se comportam na atualidade.

## **18. A imprensa católica no Brasil da segunda metade do século XIX: a representatividade dos periódicos ultramontanos**

Marcelo L Campos

O propósito desta comunicação é dar publicidade à primeira fase de projeto de pesquisa patrocinado pela Fapesp, de mesmo nome, que busca, a partir da experiência sociocultural brasileira, indagar a respeito das condições históricas específicas em que se produz a “autonomização” entre as esferas política e religiosa. Tal esforço inclui a necessidade de considerar a dimensão discursiva e conceitual das disputas políticas, sociais e culturais que acompanharam as experiências da modernidade e da secularização, em diferentes situações, numa perspectiva que explora a profunda articulação entre história e linguagem nos nexos que se estabelecem entre religião e política. Dentro deste cenário, nos ocupamos de investigar uma das vias específicas da secularização no Brasil da segunda metade do século XIX: o discurso ultramontano veiculado pela imprensa católica da época. Os resultados descritos constam do levantamento e seleção dos jornais ultramontanos editados no Brasil entre 1850 e 1900, os quais se encontram

digitalizados e disponibilizados no site oficial da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. A primeira fase teve um caráter essencialmente quantitativo; o propósito inicial foi o de identificar, no conjunto de periódicos que constitui o acervo da Hemeroteca Digital da BN os periódicos católicos de tendência ultramontana, editados por leigos ou clérigos no período recortado; a partir daí, elaborar uma estimativa acerca da representatividade da imprensa ultramontana no conjunto de periódicos católicos editados no período e, no âmbito desta imprensa, identificar os jornais de maior tiragem e expressividade em termos quantitativos; finalmente, estimar o potencial dos jornais selecionados em servir de base empírica para a análise de conceitos e categorias que informam as transformações nos nexos entre política e religião, no período recortado. A comunicação apresenta a listagem de publicações consideradas de interesse, dados estatísticos, situando a imprensa católica no universo do debate religioso da

segunda metade do século XIX, e sugere algumas possibilidades de análises qualitativas, como a classificação dos jornais em categorias institucionais (jornais

institucionais de órgãos da igreja católica, jornais publicados por laicos e jornais criados por iniciativa pessoal de membros do clero) ou em categorias discursivas (jornais pregando uma “cruzada contra a modernidade”; diferentes níveis de postura crítica em relação à modernidade, e publicações que pregam a necessidade de conciliar catolicismo e modernidade). Finalmente, a comunicação traça alguns paralelos com os outros agentes do debate religioso na

imprensa brasileira: jornais evangélicos, espíritas e, de maneira significativa, publicações anticlericais patrocinadas por instituições maçônicas. E destaca a imprensa ultramontana como importante fonte de uma história do discurso da Igreja Católica no Brasil oitocentista.

### **19. Teologia Pública e cuidado integral em saúde**

Marcio Luiz Fernandes/Marcia Chemin/ Sileide Duran Salvador

No contexto atual de assistência em saúde faz-se necessário o desenvolvimento de competência humana e relacional nas práticas de assistência em saúde - o que chamamos de humanização do cuidado. O cuidado em saúde deve considerar a construção de trocas solidárias e comprometidas com a produção de saúde, e também de laços de cidadania, olhando cada sujeito em sua integralidade e como sujeito de um processo coletivo cuja dignidade, para além de preservada, deve ser

fomentada. Aqui reside a interface entre Teologia Pública, Bioética e as Psicologias da Saúde e da Religião. A promoção da dignidade implica não apenas na garantia do direito de acesso ao uso democrático dos benefícios decorrentes do desenvolvimento científico e tecnológico disponíveis, mas também na assistência integral em saúde, considerando as dimensões biológica, psicossocial e espiritual. Neste sentido, a presente comunicação tem como objetivo discutir a Teologia Pública em sua dimensão prática, à luz de vários estudos baseados em evidência, conduzidos pelos/as proponentes (docentes e discentes) no campo da saúde.

### **20. O cuidado espiritual interdisciplinar: interface entre teologia e bioética**

Mary Rute Esperandio/Waldir Souza/Hartmut August

Considerando que o conceito de saúde abrange a totalidade do ser humano, sua dimensão espiritual não pode ser negligenciada e tão pouco receber atenção diminuída. As práticas para o cuidado espiritual especialmente em Cuidados Paliativos, cuja demanda aumentará exponencialmente nos próximos anos devido ao envelhecimento da população, pedem a contribuição da Teologia de modo a promover a qualidade de vida e a dignidade na morte. Em tempos de pluralidade e interculturalidade, a boa intenção do voluntariado e a atividade pastoral das confessionalidades religiosas não bastam, é preciso um atendimento espiritual preparado e profissionalizado. Assim como todas as medicinas, o cuidado com as

questões do espírito deve ser oferecido com o máximo de qualidade. Este contexto

corresponde às pretensões da Política Nacional de Humanização que considera a integralidade do cuidado como um de seus princípios, e que tem como diretriz o acolhimento, ou seja, “reconhecer o que o outro traz como legítima e singular necessidade de saúde” (BRASIL, 2004).

### **21. Soberania, direito e vida: facetas do biopoder**

Patrícia Aparecida de Almeida

A presente comunicação tem como objetivo apresentar alguns apontamentos sobre as convergências entre política, religião e espaço público. Como base para esta reflexão, serão utilizadas as contribuições de Giorgio Agamben (jursfilósofo italiano), em seu diálogo com Yan Thomas (jurista francês). A discussão parte da premissa de que no contexto da Roma antiga, a família configurava-se em torno da patria potestas (poder) do chefe da família, representado pelo paterfamilias (pai). Uma das facetas desse poder, concedido de forma

hereditária, consistia, no direito do pater sobre a vida e morte de seus filhos homens – a *vitae necisque potestas* – poder este exercido de forma arbitrária, a partir de morte sem julgamento. Esse cenário aponta para a existência de um poder sobre a vida, que é transferido da jurisdição doméstica para a esfera pública, uma vez que o magistrado detém um poder (*imperium*) sobre seus súditos comparável ao do pater sobre seus filhos. A partir deste contexto histórico-jurídico, Agamben traz reflexões sobre a figura do *homo sacer*, conceito-chave de sua tese sobre a estrutura originária da política ocidental. Ao trazer à tona o debate apresentado por Yan Thomas, o que Agamben confirma é que a *patria potestas* se mostra como um elemento fundamental para a consolidação da esfera pública, o que fica ainda mais evidente na expressão *vitae necisque potestas*, identificado como uma espécie de “mito genealógico” concernente do poder soberano. Para além, Agamben traz a religião como um elemento que configura a soberania, pois entende que o poder que é inerente a esse soberano é legitimado através da associação aos conceitos teológicos.

## **22. “A parte podre da Igreja”: representações da relação-tensão entre Igreja e ecologia em mídias digitais de grupos neotradicionalistas**

Paulo Victor Zaquieu-Higino

Como se pode observar, o conservadorismo, político e religioso, passou a receber grande atenção tanto no cenário nacional quanto internacional. Até recentemente, o estudo destes movimentos conservadores à direita era considerado inútil e até inapropriado. Todavia, após a ascensão dos grupos de extrema direita em diversos países, pesquisar os neoconservadores se tornou fundamental na tentativa de compreender este fenômeno político recente, que em suas diversas expressões, manifesta-se revestido de linguagem religiosa. Foi a partir desta perspectiva, da existência de uma disputa por hegemonia ideológica entre conservadores e progressistas que surgiu o conceito de Guerra Cultural de James D. Hunter. Esta disputa ideológica ficou ainda mais evidente no Brasil na última eleição. Entretanto, como os neoconservadores se muniram dos símbolos religiosos, até mesmo dentro do catolicismo, percebemos tais disputas. A partir da eleição do Papa Francisco, a Igreja esta dividida entre estes dois polos. E com o advento das redes sociais, grupos de católicos neotradicionalistas, a partir de sua releitura do conceito de Tradição, passaram a desferir ataques midiáticos contra o Papa atual, contra a CNBB e mais recentemente, em campanha contra as propostas e possibilidades que podem surgir a partir do Sínodo da Amazônia. Assim, nosso trabalho ambiciona, a partir da Análise de Discurso de filiação francesa, investigar o ethos discursivo presente em textos dedicados a críticas ao novo sínodo em sites de grupos neotradicionalistas e analisar as representações da relação entre Igreja e ecologia que estes indivíduos disseminam nas redes sociais e fundamentam discursos políticos como o do então candidato à presidência da República na última eleição chamando a CNBB de “parte podre da Igreja”. Deste modo, esperamos contribuir para o aprofundamento das ideias dos atuais conservadores católicos, os neotradicionalistas, e seu projeto de hegemonia ideológica dentro do catolicismo e do mundo.

## **23. A militância midiática de Marco Feliciano no Congresso Nacional**

Ricardo Jorge Silveira Gomes

O cidadão Marco Feliciano no atual contexto social apresentar-se como pastor evangélico, com uma intensa visibilidade midiática. Atualmente em seu segundo mandato sob cargo de deputado federal, a partir de 2013 Feliciano ganha mais holofotes e torna-se conhecido entre diversos veículos de comunicação e

imprensa. Com interesses já mencionados para as disputas eleitorais de 2018, Feliciano demarca sua posição conservadora e “de direita” acionando estratégias que nos permitem enxergar o controle do ethos privado. No atual momento do país, em que situamos intensas disputas sociopolíticas e ascensão de discursos conservadores, torna-se caro investigar quais sentidos são publicizados por esta figura pública. Nosso objetivo constitui apresentar a experiência da vida política observada nos discursos de Feliciano analisados em seu canal do Youtube através da campanha lançada em fevereiro - #NossaFamíliaMereceRespeito. Os procedimentos metodológicos envolveram a tabulação das proposições apresentadas entre 2018, com recorte para que tratam das propostas para conservação da família tradicional e a defesa da vida humana desde a sua concepção. As pautas e as articulações político-religiosas assumidas pelo deputado evangélico parecem voltados para preservar a moralidade pública com base no cristianismo, impedindo o avanço de discussões acerca de pautas sobre gênero e novos arranjos familiares. A contribuição desse artigo para a sociedade e para a academia, consiste na possibilidade de ampliação acerca do entendimento dos elementos sociopolíticos, com suas manifestações próprias, assim como a contribuição para a reflexão acerca dos desdobramentos relacionados a instrumentalização da política como meio de legitimação da expressão religiosa.

#### **24. Neo-conservadorismo religioso e intervenção profissional: o caso do Serviço Social**

Simone Barreto Lourenço da Silva

A atualidade demonstra que a religião vem retomando espaços públicos perdidos ao longo do projeto de Modernidade. O que se evidencia é a influência, cada vez mais crescente, da religião na esfera pública. Temos como exemplo a presença de segmentos religiosos nos partidos políticos, em bancadas congressistas, nos direcionamentos estratégicos de governo, nas políticas públicas, bem como nos discursos e ideologias presentes nos meios de comunicação, na cultura e nos espaços profissionais. O presente artigo, considerando o cenário acima, tem por objetivo discutir em que medida o pertencimento religioso do profissional condiciona o seu posicionamento e intervenção, podendo contribuir para a existência de desdobramentos éticos e, para tanto, tomamos como exemplo o caso do Serviço Social, pela trajetória de articulação dessa profissão com a religião cristã em suas denominações Católica e Protestante. O método utilizado para o estudo foi a pesquisa bibliográfica e documental. Quando tratamos da influência do pertencimento religioso na ação interventiva profissional e, particularmente, do assistente social, temos como desdobramento e consequência a discussão sobre as práticas profissionais que se contrapõem aos princípios seculares construídos a partir do Movimento de Reconceituação do Serviço Social, desde a década de 1960 e que foram consolidados nos anos 1990, com o projeto ético-político da profissão. Esse projeto se caracteriza pela função social da profissão, que tem como significado o compromisso da categoria com as classes subalternas, sem discriminação de classe, etnia, gênero, orientação sexual; pelos aspectos teóricos, metodológicos e interventivos não conservadores; pela instância política e organizativa da categoria e pela sua dimensão jurídico-política, dentre eles, o Código de Ética. A emergência do neo-conservadorismo religioso cristão no Brasil confirma a ideia que a Era Moderna não é secular, mas tão religiosa quanto outrora, e ainda, conta com a existência de um fenômeno denominado evangelicalismo e pentecostalismo moderno e sua relação positiva com o capital (BERGER, 2017). Nesse sentido, identifica-se que a moral religiosa, na atualidade, caminha ao lado, ou até mesmo se sobrepõe a uma ética profissional, trazendo à tona o debate sobre o

dilema entre a moral religiosa e a ética profissional, presente na relação religião e ciência. Para a discussão teórica trabalhamos o conceito de hegemonia em Gramsci (2002), que ocorre a partir da perspectiva de direcionamento e poder. Na relação hegemonia e religião, Gramsci trata da direção religiosa no sentido de contribuir para a manutenção de um estado egoístico-passional, o que dificulta a passagem para o momento ético-político (GRAMSCI, 1977). Conclui-se, com esse trabalho, que em tempos contemporâneos, diante do cenário de ascensão de um ideário religioso neo-conservador, faz-se necessário

## **25. Conflitos espirituais e religiosos na graduação de medicina: desafios para uma teologia pública**

Simoni Maria Teixeira Ricetti

Pesquisadores tem demonstrado especial preocupação com a saúde mental do estudante de medicina. Essa significativa discussão vem sendo pautada diante de evidentes transtornos psiquiátricos e mentais que acentuam-se de forma nítida desde a opção pelo curso, aumentando ao longo da graduação. Apesar de não citada pela literatura, é oportuno pensar no cuidado da dimensão espiritual do estudante de medicina, pois conflitos espirituais e religiosos também emergem nesse contexto. Além de se trabalhar com o currículo oficial na graduação de medicina, existe um currículo paralelo que o estudante precisa cumprir de atividades além da jornada de turno integral obrigatória, deixando a graduação de medicina visivelmente marcada por uma sobrecarga de trabalho. Neste modelo educacional valoriza-se a meritocracia, o individualismo, a competitividade e a ênfase excessiva na formação da dimensão cognitiva, deixando uma lacuna na formação humana e espiritual do estudante, impedindo até de o estudante se perceber como um ser relacional. Considerar o ser humano em todas as suas dimensões é o desafio que deve estar presente no horizonte das universidades. Toda Teologia Pública deve se ocupar de dirimir os problemas sociais e a cada dia mais torna-se visível os problemas instalados na cultura da formação médica. Objetiva-se analisar se a Teologia responde de forma adequada aos conflitos espirituais e religiosos que emergem durante a graduação de medicina. O método utilizado foi Bibliográfico Conceitual. O curso de medicina tem grande ênfase nos aspectos técnicos relacionados ao diagnóstico e tratamento de doenças. Percebe-se que cada vez mais há um investimento na formação de excelentes profissionais com conhecimento técnico-científico. Lamentavelmente a cultura de excelência promovida na formação médica não vem acompanhada de uma cultura de promova as relações humanas. O saber de humanidades é pouco valorizado neste contexto, o que torna o meio acadêmico muito suscetível à vulnerabilidade. A Teologia participa direta ou indiretamente de múltiplos questionamentos que fazemos sobre o sentido da vida, portanto ela deve ser atuante e inovadora diante dos problemas que emergem no cotidiano. Anjos enfatiza que os novos paradigmas teológicos e de cidadania destacam a importante função social da Teologia, pois ela contribui substancialmente para a vida das pessoas. Neste contexto se faz necessário desenvolver uma teologia comunicativa que tenha proximidade com as cosmovisões contemporâneas, uma vez que ciência se faz com pessoas concretas num contexto de variadas relações. Alude-se a relevância do investimento do cuidado da espiritualidade em virtude dos dados estatísticos que trazem a realidade de depressão instalada na cultura das escolas médicas e que por não poucas vezes, tem culminado em suicídio. Um espaço de acolhimento ao estudante vulnerabilizado é a oportunidade de permitir-lhe realizar a sua tarefa existencial. Por se configurar como “Ciências Humanas”, a Teologia deve dialogar com a demanda social, trazendo a agenda pública da sociedade para o seu debate. Neste interim se constata as interfaces da Teologia como fundamentais no reconhecimento do cuidado da espiritualidade

do estudante de medicina, uma vez que, toda Teologia carrega em si uma antropologia que ajuda a lidar com a vida humana.

## **26. Catolicismo e golpe civil militar de 1964: Belo Horizonte, Montes Claros e Juiz de Fora**

Wellington Teodoro da Silva

Apresentaremos resultados finais de pesquisa realizada nas cidades mineiras de Belo Horizonte, Montes Claros e Juiz de Fora sobre o catolicismo e o golpe civil-militar de 1964. Investigamos os modos pelos quais a Igreja Católica e os movimentos leigos agiram diante de um dos mais dramáticos momentos da história republicana brasileira. Esse é um evento-chave que alcança a história política e religiosa brasileira até os dias atuais. Seu estudo é pródigo para compreensão de elementos centrais da história republicana brasileira e do catolicismo no país. Ele constitui-se num adensamento político onde as distintas posições, interesses e visões de mundo político e de nação são mais visíveis para o investigador. Por isso, permite uma investigação com mais assertividade do pesquisador. Realizamos pesquisa em periódicos católicos e civis e além de entrevistas nas três cidades mineiras. Conseguimos identificar duas grandes posições dentro do catolicismo. De um lado, havia setores que apoiavam abertamente o golpe de 1964 inserindo-se no discurso anticomunista do período. De outro lado, havia os setores que defendiam a legalidade constitucional. Esses não assumiam o discurso anticomunista de maneira acrítica. Compreendiam que ele acabava por defender o capitalismo. Assegurava que o magistério papal era tão anticomunista quanto anticapitalista. A investigação que realizamos nos permitiu compreender que mesmo num mundo marcado pela laicidade, a religião mantém-se no ambiente de sentidos profundos de nossa cultura e mentalidade. Ela não aparece no dia-a-dia da política. No entanto, quando a política entra em crise seus atores lançam mão desse sentido profundo e silencioso. Em 1964 aconteceu esse fenômeno. Deus foi disputado nos discursos dos quartéis, das tribunas além dos altares.

## **ST 11 - CATOLICISMO NO BRASIL: PERMANÊNCIAS E RUPTURAS**

### **1. A sinfonia dos dois mundos**

Cícero Williams da Silva/Percy Marques Batista

Em 1979, Dom Helder Camara, então arcebispo de Olinda e Recife, e o padre e maestro suíço, Pierre Kaelin, compuseram uma obra de arte religiosa e a usaram como instrumento de conscientização para as nações. Esse trabalho em parceria ficou conhecido como “A Sinfonia dos Dois Mundos”, que foi apresentada, pela primeira vez, em março de 1980, em Genebra, na Suíça e, depois, seguiu circulando pelo mundo. No Brasil (país de Helder Camara, autor do texto), por causa da ditadura militar, somente pôde ser apresentada em 1985, após a queda do regime, nos palcos dos Teatros Paulo Pontes (João Pessoa) e Guararapes (Recife). A pesquisa teoriza a relação entre arte e religião e narra os contextos históricos, brasileiro e mundial, em que nasceu a Sinfonia dos Dois Mundos, para que sejam entendidos os significados dos versos que a compõem. E também evidencia o quanto a arte e a religião podem, juntas, ser utilizadas com o objetivo de disseminar, no mundo, mensagens de esperança e, ao mesmo tempo, de crítica social. De caráter exploratório, o trabalho requereu pesquisa bibliográfica e a análise de documentos existentes em arquivos públicos e privados; também foi necessário recorrer à gravação de entrevistas temáticas e semiestruturadas, feitas com historiadores, músicos e membros do clero.

Utilizamos a Doutrina dos Afetos e harmonia funcional (musical) a fim de darmos embasamento teórico ao nosso estudo. Por fim, a pesquisa proposta adequa-se aos objetivos da sessão temática escolhida, uma vez que versa sobre o catolicismo na sociedade contemporânea e seus desdobramentos.

## **2. Catolicismo “Rumo ao Terceiro Milênio”: O Pensamento de José Comblin** Elenilson Delmiro dos Santos

O catolicismo no Brasil, por conta das suas mais variadas formas de expressão e modos de relação com as representações civis, sempre provocou importantes debates nos mais diferentes campos das ciências humanas. É de amplo conhecimento que se trata de uma religião que dispõe de uma forte influência nas mais diversas esferas sociais. Ainda assim, de acordo com Hervieu-Léger (2015), seu futuro é colocado em risco quando se trata de discutir sua relação com a modernidade. Conforme essa socióloga francesa, fatores como a desregulação religiosa e a perda da transmissão da memória, por exemplo, põe em risco o futuro das religiões institucionalizadas. A partir desse referencial teórico é que chegamos a algumas das reflexões que foram feitas pelo padre José Comblin (1923 – 2011). De acordo com esse autor, a maioria dos católicos tem uma fé que procede de fora, recebem do catecismo, dos sacramentos e dos ensinamentos dos padres, que dizem o que estes devem fazer. Com isso, a própria Igreja acaba gerando uma falta de identidade em muitos católicos, gera também um legalismo que infantiliza seus fiéis tornando-os pessoas puramente obedientes, mas sem amor e, pior ainda, sem senso de resistência. Neste sentido, é que a presente comunicação, a partir de obras como: *Cristãos rumo ao século XXI: nova caminhada de libertação* (1996) e *Um novo amanhecer da Igreja?* (2008), do referido autor, tem por objetivo fazer uma abordagem inicial a respeito das orientações e das especificidades do modelo de catolicismo que foi proposto por este teólogo e sacerdote católico. Nessa direção, nossos primeiros resultados sugerem que tal modelo passa pela experiência da liberdade, tanto no âmbito pessoal quanto no institucional.

## **3. A devoção mariana pelas ondas do rádio: um estudo de caso sobre a transmissão radiofônica da consagração a Nossa Senhora Aparecida** Felipe Manoel Zangari Flor

As relações entre catolicismo e mídia no Brasil vêm suscitando variadas pesquisas acadêmicas, especialmente nos campos das Ciências Sociais e da Teologia aplicada. Na esteira do diálogo entre esses campos, o autor está desenvolvendo uma pesquisa no programa de Pós Graduação em Ciências de Religião da PUCCampinas, que tem como objeto o evento da transmissão radiofônica da “Consagração a Nossa Senhora Aparecida”. A comunicação oral tem o objetivo de apresentar esse objeto na sua dupla dimensão – ou seja, uma celebração religiosa que também é um programa de rádio. A investigação vem se constituindo a partir de quatro pilares: a contextualização histórica do objeto; os dados da recepção desse evento religioso como produto de mídia; a análise do discurso institucional presente na rotina dessa celebração transmitida pelo rádio; e o diálogo entre esse objeto e as teorias já levantadas sobre a relação entre religião e mídia, notadamente no cristianismo de matriz católica. Tem-se, até aqui, como hipótese, a ideia de que esta celebração-programa funciona como elemento fundamental para a manutenção da identidade institucional da Rádio Aparecida, emissora de rádio que faz parte do complexo de comunicação vinculado ao Santuário Nacional de Aparecida. Por agora, no andamento das investigações, aparecem três principais pilares na construção dessa identidade: a

relevância histórica da Congregação do Santíssimo Redentor na administração do Santuário Nacional; o papel desempenhado pelo padre Vitor Coelho de Almeida na propagação da devoção a Nossa Senhora Aparecida pelo rádio e nas missões populares; e as estratégias atuais de interlocução dos padres celebrantes com os ouvintes.

#### **4. O Catolicismo Popular em uma comunidade amazônica: a associação de costumes locais com os preceitos do clero nas festas em homenagem aos santos de devoção**

Ingrid Larissa Santana Heinen

Tendo como base as pesquisas realizadas, na Amazônia, por Eduardo Galvão e Heraldo Maués sobre religiosidade, este artigo intenta abordar o catolicismo popular como um tipo de catolicismo diferente em diversos pontos daquele proposto pelas autoridades eclesiais, mas que é praticado pela maioria dos adeptos da religião católica na região amazônica, através do culto e das festas em homenagem aos Santos de devoção. O estudo é parte da pesquisa da dissertação de mestrado, intitulada “Religiosidade na Amazônia Paraense: uma etnografia da comunidade quilombola Vila do Cravo, Concórdia – PA”, que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará. O foco é refletir sobre um catolicismo popular que na Vila do Cravo, apresenta características particulares, onde a ritualidade é construída sincreticamente, associando os costumes locais com os preceitos do clero. Os fiéis, nessa perspectiva, vivenciam, cotidianamente, uma religiosidade popular que se expressa, principalmente, por meio do culto e da devoção à imagem padroeira da localidade: Nossa Senhora das Graças, de modo que a manifestação suprema da adoração a Santa é observada na festa em comemoração ao seu dia. Em concordância com a orientação metodológica proposta por Clifford Geertz, foi realizada, no período da festa em homenagem a Santa patrona da região, uma densa etnografia, contando com a observação participante e a realização de entrevistas semiestruturadas, a fim de compreender o catolicismo popular vivenciado na comunidade estudada. Assim, foi observado que na Vila do Cravo, as atividades que constituem a festa em honra a Nossa Senhora das Graças têm sua programação regulada de maneira oficial pela Igreja Católica, representada pelo pároco da região. Entretanto, os devotos estabelecem uma dinâmica comemorativa própria, pois, o festejo define-se, em todo o seu processo, de um lado, pelas situações que expressam um profundo respeito pelo sagrado e, de outro (profano) por uma euforia festiva marcada pelo arraial, pelas músicas, pelas comidas típicas da região, pelas brincadeiras e pelas apresentações culturais. Dessa maneira, sobreposta à festa sagrada, acontece, sem a rigidez do controle eclesial, o festejo profano. À vista disso, nas comunidades rurais, onde o catolicismo oficial não apresenta força institucional, os devotos exteriorizam uma adoração aos santos de devoção repleta de fatores ligados a tradições e a crenças da cultura local.

#### **5. Padre Ibiapina: matriz do conselheiro no catolicismo popular sertanejo**

João Everton da Cruz

Neste ensaio vamos tratar dessa “matriz geradora de uma estirpe de conselheiros do povo” (MENEZES, 1996, p. 2) do sertão nordestino, a saber, Padre Ibiapina (1806-1883), Beato Antônio Conselheiro (1828-1897), Padre Cícero (1844-1934) e Frei Damiano de Bozzano (1898-1997). Essa dinastia de conselheiros merece ser examinada, pelo fato de que revela uma dimensão pouco estudada do catolicismo popular brasileiro. O conselheiro Ibiapina foi uma referência religiosa para o beato Antônio e também para o Padre Cícero. Movimentos dessa



natureza dizem respeito à tradição e à cultura popular sertaneja. O objetivo foi demonstrar a presença receptiva do conselheiro no catolicismo popular. Para estudar a matriz de conselheiros no catolicismo sertanejo, a saída foi recolher o material existente nas pesquisas bibliográficas. Por meio da pesquisa foi possível constatar que existe uma “dinastia” de conselheiros no sertão nordestino. Os devotos influenciam os conselheiros, e se alimentam dos seus conselhos, reafirmando o conceito do catolicismo sertanejo. O sertanejo do Nordeste brasileiro ao longo dos anos apropriou-se dessa figura do conselheiro via o substrato religioso e o Padre Ibiapina (1806-1883) representa essa figura matricial de uma sucessão de conselheiros do povo. Não se trata de uma característica do Nordeste. Porque basta ter presente as figuras de Nhá Chica, de Baependi (MG) e do “Monge” João Maria na região do Contestado (hoje Santa Catarina). Ambos conquistaram enorme prestígio popular por sua santidade pessoal, mas também por seus conselhos. Espera-se que o conselheiro dê sinais de santidade porque nela reside o valor do conselho, daí o fenômeno da Santidade (VAUCHEZ, 1987, p. 292-5) e do culto aos santos como um modelo antropológico, porque ultrapassa tempos, lugares e estruturas religiosas.

## **6. O corpo como dimensão de espiritualidade: inusitadas concepções de Dom Helder Câmara**

Newton Darwin de Andrade Cabral

Intensamente dissecado pelas ciências, o corpo tem sido cada vez mais estudado, na diversidade de seus aspectos, por múltiplas e distintas áreas do conhecimento. Alguns agentes religiosos (notadamente teólogos e místicos), também discorrem acerca dele. Esta comunicação se propõe a abordar surpreendentes flagrantes do pensamento de Dom Helder Camara sobre o corpo, escritos em seus primeiros anos à frente do arcebispado de Olinda e Recife, todos evidenciando a corporeidade como uma dimensão de espiritualidade; ele o fez, para ficar com apenas três exemplos, quando: 1. afirmou estar entre suas predileções ver a alma de seu povo refletida em um frevo; 2. atribuiu a possibilidade de vincular ao embalo amaciador da rede – tão usada no Nordeste brasileiro – a raiz da sua incapacidade de odiar; 3. em 1965, na preparação da Festa de Corpus Christi, por causa das cheias que, à época, assolaram a capital pernambucana imaginou organizar uma procissão na qual, em vez de levar o ostensório com o Santíssimo Sacramento, ele surgisse em um caminhão apinhado de vítimas permanentes dos alagados recifenses, os mostrasse à multidão repetindo: “o Corpo de Cristo!”, “o Corpo de Deus!”, e caísse de joelhos em adoração a Cristo, presente nos que sofrem. Os objetivos maiores da comunicação são evidenciar a ousada capacidade helderiana de pensar/propor e explicitar os limites que as circunstâncias ainda impunham. Ela está baseada na análise de registros deixados pelo ex-arcebispo em suas cartas-circulares (das quais 13 volumes já foram publicados). Os documentos estudados permitem concluir que, na perspectiva de Dom Helder Camara, o corpo era uma dimensão fundamental de espiritualidade, o que implica ele ter sido mais um que rompeu com tradições do pensamento presente nas culturas grega e hebraica quanto à dicotomia entre corpo e alma.

## **7. Voz dos tambores: a música da Missa dos Quilombos**

Péricles Andrade

Esta comunicação é uma parceria entre seu propositor e os pesquisadores Silvério Leal Pessoa e Charlisson Silva de Andrade. A pesquisa analisa as canções que compõem a Missa dos Quilombos, sobretudo a partir dos elementos da Teologia Negra no Brasil. Trata-se de uma missa-concerto em forma de

cantata polifônica, tematizando a diáspora negra e a penitência da Igreja Católica diante do processo colonial e a escravidão negra. A proposta inicial foi de Dom Helder Câmara, mas a autoria coube a Pedro Tierra (nome artístico do poeta Hamilton Pereira da Silva) e Dom Pedro Casaldáliga, naquela época Bispo de São Félix do Araguaia/MT. Após dois anos de investigação sobre a escravidão negra e o silêncio teológico católico acerca da questão, essa cerimônia constituiu-se numa continuidade à Missa da Terra sem Males, escrita pelos dois “Pedros” anteriormente citados e que tratava da exploração do índio e da posição da Igreja Católica sobre o assunto. A elaboração da proposta também contou com a participação do cantor e compositor Milton Nascimento, responsável pela sua composição musical. Em 1982, a Missa foi gravada ao vivo na Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens, na cidade de Caraça, em Minas Gerais. A comunicação demonstra que a Missa foi elaborada no sentido de relatar artisticamente a história da escravidão no Brasil, denunciar o contínuo histórico do racismo e do preconceito em nosso país. Constituída, sobretudo, no âmbito da Teologia da Libertação, articulada com a defesa dos direitos humanos na busca pela construção de uma democracia participativa após o Concílio Vaticano II (1962-1965), a Tutela Militar Brasileira (1964-1985) e a emergência dos movimentos negros no Brasil, sobretudo no início da década alusiva aos 100 anos de abolição da escravatura (1888). Essa produção musical engajada está associada à atuação de Dom Helder enquanto sacerdote católico, sobretudo pela propositura de articulação entre o cristianismo e as diversas linguagens artísticas. Nesse sentido, a Missa dos Quilombos, uma verdadeira “Ópera Negra”, clamava por liberdade dos povos oprimidos e, ao mesmo tempo, apresentava um posicionamento não somente religioso, mas político, dos líderes religiosos. Sua exortação é um apelo para um mundo sem opressão e preconceito. O termo Mariama deve-se ao fato de que, no decorrer do ano, são realizados encontros de formação para os educadores dos Colégios Maristas, a partir da filosofia e espiritualidade maristas. Esses encontros eram chamados de Mariamas. O termo é uma saudação a Maria, mãe de Jesus, feita por Dom Helder Câmara, na Missa dos Quilombos.

## **8. Caminhada da fé: uma hermenêutica da devoção mariana à Aparecida**

Rosiléa Archanjo de Almeida

A “Caminhada da Fé” é o objeto de pesquisa deste artigo. Peregrinos juiz-foranos iniciaram em 2012 um trajeto de Juiz de Fora, Zona da Mata de Minas Gerais, até o Santuário Nacional de Aparecida no estado de São Paulo. Objetivamos analisar os discursos dos peregrinos, a partir de possíveis interpretações de seus relatos. O percurso foi idealizado por Marco Aurélio (2019), que na primeira Caminhada contou com a participação de mais dois amigos. O objetivo era promover um trajeto de peregrinação semelhante aos caminhos que levam à Aparecida, partindo de Juiz de Fora. Em 2019, a Caminhada será realizada pela sétima vez, entre os dias 17 e 27 de julho, com uma estimativa de cem participantes. Os caminhantes percorrem entre 30 e 33 quilômetros diários, além dos locais para repouso. Estes peregrinos devem percorrer aproximadamente, sete horas de caminhada por dia. Um caminhão transportará todas as bagagens e mantimentos. Já uma camionete seguirá junto aos romeiros, para fornecer frutas, água e primeiros socorros caso necessário. Notamos que no percurso os peregrinos são colocados a interferências externas, corporais e mentais, provenientes do cansaço de uma caminhada prolongada. Questionamos: o que leva tais caminhantes a participar desse tipo de peregrinação, mesmo sabendo-se das adversidades enfrentadas no percurso? Observamos que a fé e a devoção mariana são os principais fatores que os motivam. Na maioria das vezes, estão ali para agradecer graças alcançadas ou

pagar promessas. Pesquisas bibliográficas, entrevistas com os organizadores e com os peregrinos da Caminhada, objetivam a partir de seus relatos a construção de um discurso dos participantes, servindo-nos como metodologia para compor possível hermenêutica neste artigo. Sabemos que as peregrinações já foram temas de diversos artigos, dissertações e teses, onde encontramos referências sobre o turismo religioso no Brasil, e sobre os “caminhos devocionais” que levam à Aparecida. Retomamos a este tema, para ampliar o conhecimento a respeito de mais uma peregrinação, com um trajeto diferente dos demais, assim também como as diferentes formas da expressão religiosa e discurso dos peregrinos juiz-foranos.

Assim como o modelo de percurso do Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha e do Caminho da Fé, que liga cidades do interior de Minas Gerais à Aparecida, a Caminhada juiz-forana é resignificada pelas tradições locais. “O propósito dos idealizadores [...] é possibilitar um lugar para a realização de uma experiência semelhante, [...] àquela vivenciada no caminho europeu (CALVELLI,

2006, p. 48). Jaqueline Moreira, também reforça o traço de tradição das peregrinações e acredita numa “mudança” dos caminhantes após participarem dos trajetos (MOREIRA, 2007, p. 205). Por ainda estarmos verificando como se dá a Caminhada referida, que será promovida neste ano, pretendemos tomá-la como análise para resultados desta pesquisa que está em andamento. Entretanto, ratificamos a importância destas peregrinações para seus peregrinos, que as tomam como um desafio e perspectiva de alcançar a mais profunda experiência pessoal de fé.

## **9. Do altar para o palco: os shows em movimento do Padre Fábio de Melo**

Silvério Leal Pessoa

Esta comunicação apresenta a tese homônima defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UNICAP em fevereiro de 2019. A pesquisa descreve a música católica contemporânea a partir da produção dos bens simbólicos ofertados pelo Padre Fábio de Melo com ênfase nos shows enquanto ressignificações de novas práticas, no campo católico brasileiro a partir de co-relações e adesões das lógicas e sentidos do campo da indústria cultural. A pesquisa partiu da premissa que a produção artística do agente citado, está vinculada às novas dinâmicas no campo católico, inclusive com a inspiração das novas comunidades vinculadas à Renovação Carismática. O show e a música recebem novos sentidos e representações marcadas por práticas religiosas pautadas na emoção, no caráter festivo e espetaculoso. Para corroborar essa tese que demonstra uma intensa movimentação envolvendo os shows, os artistas da fé e uma tramitação entre campos, o católico e o da indústria cultural, serão analisadas as performances do agente, as suas reflexões musicais e a ampliação das redes sociais utilizadas amplamente pela denominação católica. O estudo foi realizado a partir de uma reconstrução dos sentidos dos campos católico e da indústria cultural, sublinhando o surgimento e a consolidação de novas dinâmicas e agentes, sob a qual surge a produção artística do Padre Fábio. A investigação utilizou os seguintes procedimentos para coleta de dados: pesquisa documental, entrevistas e observação participante. Do ponto de vista teórico-metodológico, foram adotados os conceitos de desinstitucionalização de Danièle Hervieu-Léger; campo, *illusio*, bens e capitais simbólicos de Pierre Bourdieu; televisibilidade de John B. Thompson; ritual de Aldo Natale Terrin. A pesquisa demonstra que O Padre Fábio intensifica o campo dos artistas da fé, adotando seu próprio estilo de ser um agente religioso ou artista secular, dialogando intensamente com o campo da indústria cultural e realizando uma conexão entre as músicas religiosas e aquelas da MPB, incluindo um diálogo mais explícito

com artistas que não se auto-definem religiosos ou que atuam diretamente no mercado de música religiosa contemporânea. Sus shows aderem aos capitais inerentes ao campo da indústria cultural, suas performances realizadas são associadas aos novos momentos que destacam o atual ciclo do campo católico brasileiro, principalmente sobre as práticas artísticas que se efetivaram nos palcos públicos, antes não ocupados por propostas, digamos, religiosas. Ao mesmo tempo em que estabelece conexões com o mundo secular artístico, a música religiosa contemporânea do Padre Fábio de Melo, construiu um caminho que se deslocou simbolicamente do altar para o palco.

## **10. A religiosidade popular no Brasil do século XIX: um estudo a partir dos relatos de viajantes oitocentistas**

Renan Gomes de Oliveira

Durante o século XIX, o Brasil foi palco da presença maciça de diversos viajantes estrangeiros, sejam estes encarregados de negócios, a serviços formais de Estados, ou abertos ao simples excursionismo. A abertura dos portos (1808) ao comércio internacional, trouxe mudanças significativas não só para o âmbito econômico, mas ao campo político, social e cultural. Entre 1808 e 1866, o mineralogista inglês John Mawe, o naturalista francês Alcide D'Orbigny e o também naturalista suíço Louis Agassiz, realizaram expedições científicas ao território luso-brasileiro, com o intuito de explorar seus recursos naturais. Entretanto, acabaram observando e narrando o cotidiano da população, a ponto de deixarem marcadas – nas entrelinhas –, suas impressões e julgamentos a respeito dos costumes e das manifestações do povo brasileiro. A presente comunicação tem como objetivo apresentar o vislumbre de uma religiosidade popular brasileira nos relatos dos três viajantes oitocentistas apresentados – tendo em vista a presença de um circuito maior de viajantes –, à luz de uma bibliografia afinada com as questões em torno da fé popular que, a partir da segunda metade do século XX, esteve entre os grandes interesses acadêmicos. Seja no campo da Historiografia, das Ciências Sociais (da religião), da Antropologia ou no diálogo entre essas áreas, a religiosidade popular permitiu aos estudiosos adentrar no universo das religiões sem, necessariamente, ter de lidar com as ortodoxias e instituições. Entre diálogos e controvérsias, uma das principais problematizações se dá sobre a natureza do conceito de “religião popular”, afinal, o que seria, de fato, uma religião popular? Trata-se de um tema/objeto problemático, seja pelo fato de abarcar uma grande variedade de fenômenos e regiões, seja por não referir-se à um “termo nativo” ou por sua designação em diversos sentidos que nem sempre coincidem. Do ponto de vista das fontes, a literatura de viagem aponta para contribuições específicas, nos interessando o discurso representativo sobre o outro, o diferente, o exótico. No que diz respeito aos resultados, os relatos dos viajantes selecionados mostram uma deturpação sobre a ritualização, isto é, sobre os atos e gestos práticos que constituem a religiosidade popular no Brasil do século XIX. Ao mesmo tempo, comprova o movimento de circularidade e dinâmica no campo religioso brasileiro, entre a doutrina católica oficial vigente no período do Império e os agentes que a incorporavam e promoviam ressignificações e reapropriações simbólicas. Neste sentido, podemos perceber a importância do senso prático nas manifestações religiosas de cunho popular, à medida que os próprios sujeitos moldam o dogma cristão conforme com suas características e vivências pessoais. A religiosidade popular se caracteriza, assim, como um elemento dinâmico, acompanhando o processo de mudança social.

## ST 12 - RELIGIÕES E FILOSOFIAS DA ÍNDIA

### 1. Questões de Max Muller sobre Fábulas Migradas

Loyane Aline Pessato Ferreira

Max Müller, pesquisador das religiões orientais no século XIX proferiu em 1870 uma palestra de título *On the Migration of the Fables*, na qual comenta a relação entre fábulas e histórias populares na Europa e sua similaridade e parentesco com textos indianos, particularmente o Pañcatantra e o Lalitavistara Sutra. Aqui avalia-se as representações de Muller sobre o Buddha e como ele avalia relações com o Oriente. Objetivos Os objetivos são: verificar no dito ensaio como determinadas representações sobre o Budismo estão construídas; reconhecendo essas representações, indicar como podem contribuir para a forma como o Budismo foi lido por Muller; relacionar tais representações à interpretação de Muller sobre as religiões, sua visão da história comparada das religiões enunciada nesta palestra, em especial considerando os elementos articuladores principais destas imagens e sua relação com o locus hermenêutico de Max Muller. Método O método está baseado na leitura e estudo do texto de Muller, com análises norteadas pelos conceitos de representação (Chartier) e lugar de enunciado (Certeau e Veena Das). Qualquer produção textual ou discurso está relacionada a um lugar de enunciado conforme afirma Michel de Certeau, que gera uma “marca indelével do lugar de onde fala o narrador” (CERTEAU, 1995, p. 17). Partindo do problema do lugar do enunciado, pode-se analisar os estudos sobre Budismo de Muller utilizando o conceito de Representação conforme Roger Chartier. Tal noção habilita conciliar as imagens mentais claras e os esquemas interiorizados, as categorias incorporadas, que as gerem e estruturam (CHARTIER, 1987, p. 19). A produção das representações é múltipla e possui uma ampla gama de participantes, mas ela não é inocente ou está livre de interesses. Resultados A fábula migrada de São Barlaam e Josaphat comentada por Muller é na verdade a História do Buddha e Muller considera que o Buddha ter sido santificado pela Igreja Católica o valida perante uma percepção religiosa geral, mas que na verdade é de enunciado europeu. Para ele, isso é independente daquilo que chamou do "dogma" do Buddha: o que importa é que a pureza de sua conduta moral se aproxima do Cristianismo mais do que qualquer outra religião e devido a isso ele recebe a mais alta honraria da Igreja Católica. Conclusão A representação do Buddha de Muller é a de que ele é tanto mais valioso quanto sua conduta endossa a moralidade cristã, ainda que em um contexto remoto indiano. Além disso, o fato de Barlaam e Josaphat serem personagens de uma história na verdade migrada da Índia não deveria ser “vergonha” para a Igreja: o Buddha seria na percepção de Muller efetivamente digno dessa honraria, sendo suficiente confirmar sua história pelo Lalitavistara Sutra.

### 2. O estatuto soteriológico da linguagem nos Upaniṣads

Isabela Barros Ribeiro

Os Upaniṣads são textos reunidos em pedagogias dialógicas entre mestres e discípulos, que se ocupam de forma reflexiva tanto com a ação humana (karma), quanto com o conhecimento sobre a totalidade da existência. A passagem que se faz de uma preocupação baseada na fruição de uma condição paradisíaca para um questionamento radical acerca da natureza do Ser sucede na medida em que se evidencia o caráter de contingência do sujeito – enquanto agente interessado – e a reificação da dualidade entre sujeito e objeto – enquanto causa do sofrimento. Nesse sentido, a narrativa soteriológica presente nos Upaniṣads versa sobre a não-diferença ontológica entre o princípio de imediaticidade e

consciência (ātman) e o princípio de totalidade (Brahman). Esta comunicação pretende expor o caráter de negação sugestiva da linguagem nos Upaniṣads , a partir da reflexão sobre a máxima do BrhadāranyakaUpaniṣadṣ II.iii.1-6 “neti, neti” (não é isto, não é isto) e sobre a mahāvākya “tat tvam aṣi” (Tu [ātman] és isso [Brahman]), originalmente encontrada no ChāndogyaUpaniṣad ṣ 6.8.7. Neti neti é um método de meditação analítica que visa negar gradualmente os atributos mundanos e os resíduos metafísicos imputados à natureza de ātman/Brahman que impedem sua realização enquanto uma condição imediata e sempre presente de algo que é inexprimível por nomes e formas (nāmarūpa). As mahāvākyaṣ – lit. grandes sentenças – são conhecidas como sentenças de unicidade pela sua ação eficaz na eliminação das obstruções produzidas pela ignorância (avidyā). A compreensão do sentido último das mahāvākyaṣ está condicionada a requisitos e regras. O método presente nas mahāvākyaṣ é descrito por Śankarācārya (séc.VIII) – o maior expositor, filósofo e ṅ comentador da tradição do Advaita (não- dois) Vedānta – como narrativa soteriológica de dupla negação (adhyāropa-apavāda). Nas palavras de Loundo: “Enquanto que a fase superimpositiva [adhyāropa] visa eliminar cristalizações identitárias preexistentes através da imposição de atributos positivos de caráter adventício, a fase retracionista [apavāda] visa, por vez, eliminar os atributos adventícios da própria superimposição” (LOUNDO, 2011, p.367) Vale retificar que o método de negação descrito em ambas as narrativas acima não nega realidades, apenas removem erros que impedem de enxergar a real natureza das coisas e do simesmo. Para que se cumpra o objetivo essencial de apresentar o estatuto da linguagem e da atitude reflexiva presente no método de negação do neti neti e das mahāvākyaṣ, concentraremos na leitura interpretativa do capítulo XVIII – That Thou Art – da obra Upadeśaṣāhaṣri (Oṣ Mil Enṣinamentos) de Śankarācārya (sec.VIII) e ṅ de seu comentário ao Brhadāranyaka-Upaniṣad. ṣ Também utilizaremos da hermenêutica contemporânea do texto Adhyāropa-apavāda Tarka: The Nature and Structure of the Soteriological Upaniṣadic Argument in Śankarācārya’s and Swami Sacchidanandendra Saraṣwati’s Advaita Vedānta (2013) de Dilip Loundo.

### **3. O senhor dos peixes na tradição do yoga e do budismo tibetano: as narrativas de Matsyendra Nāta**

Maria Lucia Abaurre Gnerre

Vamos analisar em nossa apresentação, alguns elementos de uma narrativa mítica de origem hindu, que desenvolve um papel importante na tradição do Yoga e na tradição do Budismo Vajrayāna do Tibete e Nepal. Trata-se do mito de Matsyendra Nāta considerado o primeiro grande mestre do Yoga, cujo nome em sânscrito significa literalmente “senhor dos peixes” (de matsya “peixe” e Indra “senhor”). Este nome se explica pelo fato deste personagem mítico ter sido um “mestre dos peixes” ou um “mestre da pesca”, numa alusão a sua profissão de pescador. E, segundo sua mitologia, o mestre Matsyendra recebeu seus conhecimentos sobre Yoga de forma iniciática, diretamente do senhor Śiva, quando estava dentro da barriga de um peixe. Para compreendermos melhor esta narrativa mítica e suas implicações culturais e religiosas, faremos em nossa apresentação algumas considerações iniciais partindo de um olhar histórico sobre sua tradição de origem: o Shaivismo dos Nathas (grupo devocional do qual o mestre Matsyendra teria sido membro e fundador), que se desenvolve no contexto de emergência do Tantrismo, na Índia medieval. Justamente neste contexto temos produção dos textos tântricos (que se inicia por volta do século VII e tem seu auge por volta do século X d.C), nos quais podemos observar diferentes ocorrências do mito de Matsyendra com pequenos detalhes diversos, mas sempre estruturadas em torno de um mesmo cerne narrativo: a trajetória do

pescador na barriga do peixe, seu processo de iniciação pelo deus Śiva, e seu retorno ao mundo dos humanos como mestre iniciado. Entre estes textos tântricos, temos o Śabarantra (texto do qual selecionaremos algumas partes para análise em nossa apresentação), no qual Matsyendra Nāta é mencionado. O nome deste texto é atribuído aos Śabaras, uma tribo indiana originária da Baía de Bengala (o local onde o pescador mitológico teria vivido). E, justamente nesta região da Índia, se realiza no outono o Śabarasatva, um antigo festival dedicado a deusa Durga. Assim, a origem do mito de Matsyendra Nāta deve ser compreendido no âmbito de uma complexa tradição tântrica que envolve questões rituais e mitológicas, e que tem no shaktismo uma de suas expressões fundamentais. Em nossa apresentação, além de uma análise preliminar sobre este complexo contexto religioso-ritual relacionado a esta narrativa mítica, pretendemos também estabelecer na parte final uma discussão sobre os desdobramentos do mito entre budistas tibetanos, onde o mestre Matsyendra passa a ser reconhecido como um dos oitenta e quatro Maha Sidhas, e recebe o nome de Mīnapa. Ao observarmos a transumância do mito, que se desloca geograficamente por grandes distâncias e permeia diferentes tradições religiosas, nosso objetivo é justamente compreender a força cultural e devocional desta narrativa, através de uma compreensão (ainda que preliminar), do próprio processo históricoreligioso que permite ao primeiro mestre do Yoga navegar, desde a Baía de Bengala, até os altos cumes dos Himalaias.

#### **4. Contribuições do perspectivismo filosófico indiano a conflitos socioambientais**

Rafaela Campos de Carvalho

Nesse artigo será debatida a contribuição da visão da filosofia indiana, segundo a leitura da linha do Tantra Yoga da Ānanda Mārga, para a tradicional ruptura de natureza e cultura, objeto e sujeito, na ciência moderna ocidental. Nessa, compreende-se que a distinção entre estado de natureza e estado de sociedade não remete a uma passagem histórica, mas sim lógica. Ao homem a construção social enquanto à natureza o que é dado e instintivo. Disso, os campos de conhecimento da ciência moderna alternam a importância de cada polo, no embate entre determinismo biológico ou cultural. A reconexão entre eles deve-se não apenas pela inexistência de uma explicação coletivamente aceita para a ruptura, como também por essa separação ser fundante de uma relação de poder predatória entre humanidade e meio ambiente. As tentativas de conciliação entre os dois polos desdobram-se em duas principais; a de tentar negar a separação previamente estabelecida, e a possibilidade de seguir um princípio fundamental da antropologia, o da alteridade, para saber como outras formações civilizatórias responderam a essa questão, ou se sequer a elaboraram. Nessa linha, diversos trabalhos etnográficos atuais relatam a temática em outras sociedades, tendo esse artigo por objetivo apresentar a perspectiva civilizatória indiana e sua contribuição ao debate, seguindo a metodologia comparativa tal como realizada pela antropologia. A respeito do tema, a filosofia indiana se baseia em um contínuo gradativo, que não elege determinada espécie taxionômica como ponto central de ruptura devido a uma característica inerente a esta. Não existe uma centralidade na diferença entre homem e meio natural, nem mesmo entre seres animados ou inanimados. A diferença se dá entre cada agrupamento categórico, como formação original da consciência. Ainda que existam elementos pertencentes somente aos seres humanos, que os distinguem enquanto condição humana frente aos demais seres, cada categoria, e cada indivíduo dentro dela, é visto como portador de subjetividade. Nessa diferenciação, cada ente possui intencionalidade, não sendo passível sua objetificação. A diferença entre a condição humana e a condição animal não se dá por sua capacidade de agência

ou intelecto, mas sim por sua capacidade de questionar o sentido de sua existência. A forma humana não é o ponto chave para a humanidade, e sim uma capacidade reflexiva, sendo o desenvolvimento dessa capacidade o ritmo evolucionário presente nos entes de todas as categorias. Deve-se isso a uma compreensão de qual é o elemento central que configura cada ente: a presença do ser, de um sopro divino, de uma alma que anima a todos igualmente, o ātman. A diferença entre as categorias de entes é, tão somente, sua capacidade fina de realizar essa presença, que a configura. Para a filosofia indiana, não existe, assim, diferença entre forma e essência, entre matéria e espírito, e a questão em como conectá-los. A distinção entre os entes é meramente uma questão de gradação, do nível de compressão da consciência (ātman) em cada entidade. Essa compreensão permite que não haja a ruptura entre reinos, pois a subjetividade é una, apenas expressa em uma pluralidade de formas.

## **5. O ensino vedantino: a relação dialógica entre mestre e discípulo**

Bruno do Carmo Silva

Segundo a tradição filosófica do Vedānta, o acesso ao conhecimento consagra-se na figura do mestre, que é a expressão máxima da experiência pela qual o discípulo deve passar para conhecer a realidade. O mestre é aquele que foi conduzido pelo mesmo processo em algum momento anterior da sua existência, quando ainda também encontrava-se na circunstância pedagógica de discípulo. No entanto, a necessidade de um mestre consubstancia-se na figura do discípulo, que é o motivo legitimador e a razão de ser do mestre. Dessa maneira, há uma íntima e intensa relação dialógica entre mestre e discípulo, uma interdependência, na qual um não é sem a presença do outro. O mestre só se realiza como mestre quando na presença do discípulo, que lhe traz seus questionamentos e aflições. Da mesma forma, o discípulo só se justifica quando se submete à autoridade do mestre, submissão essa que é fruto do reconhecimento que o mestre tem dentro da sua tradição. Isso lhe confere o caráter de confiabilidade, pois o mestre é uma expressão fidedigna e testemunha fiel da experiência transformadora de ser um conhecedor. O mestre conhece os meios hábeis (upāya) para conduzir o discípulo ao conhecimento, condução essa que é fundamentada não só na experiência do mestre como na própria experiência do discípulo. Portanto, ao mesmo tempo em que o mestre ensina ele também aprende a arte da maestria na relação dialógica com o seu discípulo. Essa forma de educação prioriza essencialmente a experiência, pois o conhecimento deve ser experienciado para ser assimilado.

## **6. As 3 sabedorias, conforme o capítulo 194 do Satyasiddhisāstra de Harivarman e as 3 dimensões da filosofia como exercício espiritual em Pierre Hadot**

Maddi Damião Jr

O que pretendo apresentar ao longo desta reflexão é como no contexto religioso a tarefa do pensamento e da filosofia torna-se um método rigoroso de transformação do filósofo, uma tarefa soteriológica, que implica em pré-requisitos e em uma prática incensante. O Sātyasiddhi-śāstra é um tratado de 202 capítulos do começo do séc. IV considerado como uma ponte filosófica entre o buddhismo mais antigo e o movimento Mahāyāna, escrito por Harivarman. Essa obra foi traduzida para o chinês no começo do quinto século sob o nome de Ch'eng-shih Lun. No japonês é conhecido com o nome de Jōjitsu-ron. O capítulo 194 trata das Três sabedorias, em suas dimensões conceituais e não conceituais, a sabedoria do ouvir, a sabedoria da reflexão e a sabedoria do cultivo, situadas como práticas meditativas veremos que nele não há a separação



entro duas instâncias do caminho, o que insere as três sabedorias como sabedoria do cultivo. Pela reflexão e exegese dos textos da filosofia grega e romana Pierre Hadot irá pensar a filosofia como uma prática formativa ao invés de a construção de sistemas teóricos que visem um saber sobre o mundo ao invés de sobre o próprio pensador. Nesta tarefa ele enumera três dimensões do exercício da filosofia que convergem com as três sabedorias do Satyasiddhi. Esta reflexão será realizada através da exegese textual dos textos de Harivarman e Pierre Hadot e pelo encaminhamento de uma análise temática do proposto por ambos como caminho para a sabedoria como prática incessante. O diálogo entre os dois contextos narrativos permite afirmar atualidade do texto de Harivarnam assim como balizar contextualmente a reflexão de Pierre Hadot, em uma hermenêutica dialógica, onde uma narratividade ao dialogar com a outra se esclarecem e consolidam mutuamente

## **7. Reinterpretando o Evangelho de Tomé por uma sutura de sentidos a partir do modo de pensar do discípulo que foi para o oriente e encontrou a si mesmo na Índia: quem foi Tomé e parâmetros da pesquisa**

Giuliano Martins

Um discípulo caminhava com Jesus o tempo todo. Por estar sempre ao lado do Mestre, foi chamado de "Duplo" (Ta'ma, em siríaco-aramaico) e de Didymus (em grego). Esse discípulo, chamado Judas, era São Tomé, que, assim como outros discípulos, recebeu essa alcunha depois de conhecer Jesus – uma tese inédita e instrumentativa, aqui. Apesar do conhecimento da existência do Evangelho de Tomé ser antigo, devido a fragmentos em papiro, seu texto integral foi descoberto apenas em 1945, no Egito. O objetivo desta comunicação é apresentar uma reinterpretação do Evangelho de Tomé de Nag Hammadi (Egito), escrito em copta e sem espaços, com apoio de textos relacionados (Papiros de Oxirrinco) e mediante dois novos critérios adotados conjuntamente: ler o referido texto como ele é realmente, um resumo truncado da mensagem tomesina, interpretando-o mediante uma sutura de sentidos sob o modo concreto e simultâneo de São Tomé pensar o Cristo, conforme seu (atribuído) Evangelho redescifrado, textos neotestamentários e tradições tomesinas. Assume-se metodologicamente que Tomé chegou ao extremo leste do mundo por ele conhecido (Chennai, Índia), onde morreu frente ao nascer do Sol. Daí ser inferido por que o fez (devido ao seu entendimento particular de Jesus) para então reconstruir, teológica e cristologicamente, o caminho inverso percorrido pelo discípulo que esteve mais perto do Cristo, tanto de forma literal quanto, possivelmente, conceitual e doutrinariamente falando. Adota-se, como chave de interpretação, o cerne tomesino: a simultaneidade da experiência material na vivência do espiritual, tal como São Tomé sentiu na humanidade completa (befull) do Cristo. Segundo a tradição, Tomé converteu brâmanes na Costa do Malabar, no entanto, o próprio discípulo pode ter encontrado sua completude no contexto hindu (vide Jesus no Evangelho de Mateus Mt16,23- 1 Doutorando em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPCIR-UFJF). Bolsista PROQUALI-UFJF. 28). Tem-se como referência a teologia e a espiritualidade dos católicos siromalabares da Índia, chamados de Cristãos de São Tomé. O dito “pensamento tomesino”, a tradição tomesina e a espiritualidade siro-malabar indiana formam o tecido para a pesquisa. São tomados em termos atributivos a Tomé, e não como confirmações de quaisquer veracidades. Diferenças entre os Papiros (POxy) 654, nº1, 655 e NH-II 32-51 são teologicamente acentuadas: “verdade”, em grego, aparece como “céu” em copta (dito 6); no texto copta frases são cortadas, p.ex. “Devemos dar esmolas?”, enquanto no grego há “Como devemos dar esmolas?”. As traduções também diferem do sentido original: apócrifo é

traduzido como escondido ou obscuro, quando significa “pessoal” (nãopúblico); “sejam transeuntes” (dito 42) também está mal traduzido, pois  $\mu\omega\pi\epsilon$  ( $\dot{\sigma}\rho\epsilon$ , befull) é “ser pleno”, e  $\pi\alpha\rho\alpha\gamma\epsilon$  (em grego) “ao passar”. Decerto, “pessoal” e “peregrino” são ideias tomesinas essenciais. Pela espiritualidade e outros aspectos dos cristãos da Igreja Católica Siro-Malabar foram identificados alguns pilares significantes do entendimento tomesino, tais como a resolução “neste mundo” da aparente contradição entre vida e (não)morte, a ideia de passar pelo mundo para alcançar o outro mundo, e a dimensão concreta da vida dentro do conceito e da orientação de “partir”, ou seja, para viver o mundo e completar-se nele, vivendo o céu (ou paraíso) na terra.

## **8. A tradição do Yoga na Nova Era do Brasil**

Concília Cléria Ferreira Muniz

Este estudo tem como objetivo compreender a expansão do Yoga no Brasil da Nova Era ressaltando conceitos e aspectos históricos do Yoga e da Nova Era, levando-se em consideração as técnicas que compõem os métodos desenvolvidos no Hatha Yoga. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, demonstrou-se a importância de conhecer mais sobre o sistema Yoga, tendo em vista que, a prática desse sistema indiano consiste no desenvolvimento de técnicas como posturas corporais (ásanas) exercícios de controle da respiração (pranayamas), mantras, gestos (mudrás) que viabilizam o despertar da kundalini, visando alcançar seu objetivo último, o Samadhi (iluminação). O estudo demonstrou que, na Nova Era unem-se elementos oriundos das religiões orientais, das sociedades esotéricas, das tradições indígenas e xamânicas e das civilizações antigas. É um fenômeno inovador, de um tipo de religião secular, ancorado em um simbolismo privado. No Brasil, vem ocorrendo a reinvenção da prática do Yoga, com a adesão de muitos alunos que buscam uma nova forma de desenvolver a espiritualidade através do corpo.

## **9. Perguntas irrespondíveis: lógica e silêncio no budismo**

Pedro da Costa

Neste estudo, buscou-se elencar quais características em alguns dos primeiros textos canônicos do budismo podem constituir o esboço de uma teoria ontológica e o papel desta dentro do contexto mais amplo do caminho soteriológico budista. Com este fim, foram selecionados quatro textos do Cânone Páli que versam sobre o assunto, além de literatura auxiliar para compreender o pensamento do Buddha num contexto filosófico maior, sendo o objetivo central compreender as implicações de quatro textos canônicos: Sabbasava Sutta, Cula Malunkyaputta Sutta, Aggi Vacchagotta Sutta e Kaccayanagotta Sutta<sup>2</sup> enquanto representantes das primeiras formas de pensamento budista organizado às quais temos acesso, na estruturação de uma teoria ontológica. Para este fim, foi feito o levantamento e revisão bibliográfica com dois focos: O primeiro é constituído pela literatura canônica budista em páli com traduções em língua inglesa. O segundo foco é constituído pela literatura acerca da história e características do pensamento budista, com especial ênfase no período de estabelecimento do cânone. Pode-se observar, por meio da bibliografia selecionada, que há duas posturas distintas nos textos. A primeira delas pode ser caracterizada como pragmática, cuja principal preocupação são os resultados práticos de determinados questionamentos epistêmicos e metafísicos. Nesta postura, as consequências morais e soteriológicas têm primazia sobre as possíveis especulações de natureza metafísica, ainda que não haja negação explícita de 1 Bacharel em Psicologia pela UFSJ, Mestre em Ecologia e mestrando em Ciência da Religião pela UFJF. Email: pfarage@protonmail.com

2 Majjhima Nikāya 2; Majjhima Nikāya 63; Majjhima Nikāya 72; SamGyutta Nikāya 12.15 conclusões nesse âmbito. Essa postura é encontrada principalmente nos textos Sabbasava Sutta e Cula Malunkyaputta Sutta. A segunda postura pode ser caracterizada como desconstrutiva, onde o esforço de compreensão ontológicametafísica é feito por meio da delapidação de visões errôneas, usando o Catuskoṭi (tetralema) como esquema lógico que serve de instrumento para o esgotamento de falsas conclusões. Apesar de poder ser vista em todos os textos selecionados, essa postura tem proeminência em Aggi Vacchagotta Sutta e Kaccayanagotta Sutta. Pode-se concluir que o ponto de partida para todo e qualquer questionamento de natureza metafísica é ser primeiramente avaliado por sua qualidade pragmática, como entendida no contexto budista: se o questionamento serve de apoio no caminho soteriológico, suas implicações ontológicas são consideradas. Em outras palavras, o valor de determinada afirmativa é caracterizado primeiro por sua capacidade de alçar o praticante adiante no caminho soteriológico. Uma vez qualificada, a fundamentação ontológica no contexto do budismo canônico deve, ainda, confrontar-se com os princípios epistemológicos do mesmo. Ou seja, antes de definir o que são as coisas próprias para o Buddha, devemos compreender se em seu pensamento organizado há a possibilidade de conhecer as coisas mesmas. Assim, onde não há possibilidade de conhecimento, é comum que o Buddha escolha responder de maneira pedagógica, priorizando o caminho soteriológico daquele que questiona. Quando há possibilidade de conhecimento, no entanto, o texto assume a estrutura lógica formal chamada Catuskoṭi, visando desconstruir toda reificação conceitual possível em torno de uma visão errônea (Micchāditthi) e oferecendo o conceito de Originação Dependente (Paticcasamuppāda) como visão correta.

## **ST 13 - A IGREJA CATÓLICA NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE À LUZ DO EVENTO PUEBLA: HISTÓRIA, TEOLOGIA, ARTICULAÇÕES SOCIAIS E POLÍTICAS**

### **1. Opção preferencial pelos Pobres no Documento de Puebla: elementos de sua compreensão**

Antonio Luiz Catelan Ferreira

A pesquisa circunscreve e contextualiza no texto do Documento de Puebla as ocorrências da expressão “Opção preferencial pelos pobres” e do termo “pobre(s)”. Seu objetivo é identificar elementos que contribuam para determinar seu significado, fundamentos, abrangência e escopo. Partindo da análise textual comparativa, investiga o caráter teológico do tema. Com isso, contribui para o conhecimento desse tema singularmente característico da teologia na América Latina e no Caribe.

### **2. Juventude e Puebla: reconhecendo a pessoa do jovem como lugar teológico**

Pamela Karina dos Santos

A Conferência da Puebla traçou no chão da América Latina e do Caribe uma nova maneira de viver e interpretar a fé; traçou a opção pela vida, do grito expressivo e silenciado, inclusive da juventude. Neste ano em que se celebra e se faz memória de tudo o que representa Puebla, é preciso retornar à fidelidade, ao compromisso evangélico e a capacidade em responder aos inúmeros desafios da realidade local presentes neste evento eclesial, diante ao desafio ético, ao desafio moral, aos embates diversos e as interpelações proféticas. As tensões em relação à evangelização da juventude encontraram maior condensação na Conferência de

Puebla pelo fato de ter sido nesta ocasião afirmado uma opção preferencial pelos jovens como interlocutores do trabalho evangelizador. O grande objetivo dessa opção é apresentar aos jovens o Cristo vivo, como único Salvador, para que, evangelizados, evangelizem e contribuam como em resposta de amor a Cristo, para a libertação integral da pessoa e da sociedade, promovendo uma vida de comunhão e participação. Uma vez que a evangelização da juventude permanece em todas as comunidades eclesiais como prioridade em seus planos pastorais, o que não significa que tal prioridade aconteça de maneira responsável e coerente, Puebla, por isso, se mostra como uma reflexão atual. Prova disso são as retomadas que o Documento de Aparecida faz em relação à questão da juventude e das diversas dificuldades, sejam em relação à vida do jovem, sejam em relação à sua evangelização. Reconhecer o que foi a atividade de Puebla e suas consequências para a juventude da América Latina e do Caribe, tanto na questão eclesial quanto na questão social. A partir de uma proposta ver-julgar-agir apresentar a proposta de Puebla e sua teologia pastoral, fazendo uma ressignificação para com os trabalhos juvenis na atualidade. Resultado: Análise do que de fato Puebla representou para a vida das juventudes, tanto no contexto eclesial quanto no social. Reviver Puebla é revisitar os caminhos que a Igreja Latino-americana percorreu no decorrer da história e reafirmar no atual contexto o espírito profético da Conferência assumindo uma Igreja em saída comprometida com a realidade e com o Evangelho, comprometida com a evangelização integral da juventude.

### **3. A juventude brasileira: comportamento político e religioso de Puebla à Tegucigalpa**

José Eduardo Rodrigues

A proposta desta comunicação é apresentar como é representado o comportamento dos jovens entre a política, religião e família diante da quantidade de informações fornecidas pela Igreja Católica através de documentos de conscientização e preparação para discutir os problemas em relação a juventude na América Latina e no Caribe. Apresentados serão os compromissos propostos para a evangelização na III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizada em Puebla em 1979 e na 37ª Assembleia Geral Ordinária do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM) em 2019 a respeito da juventude. Assim visualizar o olhar da Igreja diante destes comportamentos. Estas prerrogativas levam ao estudo de como se ofereceu apoio e ênfase em relação à preparação para Puebla e Tegucigalpa. O olhar para a juventude hoje incentivado pelo Papa Francisco está recebendo a devida atenção? Quais os problemas em 1979 que se aproximam de 2019 e como tratá-los? Existe uma carência essencial para o prosseguimento e continuidade da Igreja e da juventude nos grandes centros urbanos. Além disso, destaca-se a visão não essencialista sobre a cultura do descarte humano decorrentes das tecnologias. O posicionamento desta exposição não vai contra a tecnologia, mas ao uso incorreto da mesma que no pensamento comum que atinge diretamente os jovens e na maioria das vezes visualizados em: racismo, homofobia, feminismo e o meio ambiente. Estes temas estão sendo discutidos na Igreja e nos lares? Os fiéis estão recebendo orientações religiosas adequadas? A internet tem sido o meio e subsídio para a formação desses jovens? Nestas indagações pretende-se expor uma mudança sócio cultural com o avanço da tecnologia e as propostas de evangelização sem o diálogo do ódio existente nas mídias sociais.

#### **4. O protagonismo dos fiéis leigos na Igreja Latino Americana**

Marcelo A. Lanfranchi

Introdução: O Concílio Vaticano II lançou sobre a Igreja uma nova visão de si mesma, incluindo, sob a perspectiva da comunhão, todos os fiéis batizados como partícipes na evangelização. O valor de um cristão não deve ser medido por sua função na Igreja, mas sim por sua relação pessoal com Deus. É reconhecido o papel do leigo no mundo como membro atuante da Igreja. As conferências Episcopais na América Latina, sempre preocupada com o desenvolvimento econômico e com as distorções sociais enfrentadas pelo seu povo, se posicionaram ao lado dos mais necessitados. A conferência de Medellín (1968) promoveu as ações dos movimentos leigos, destacando e incentivando seu aspecto missionário, como benéfico para a Igreja e legitimando o exercício de sua vocação na sociedade e seu comprometimento dentro do mundo temporal e secular. A conferência de Puebla (1979) reafirma os avanços do Concílio Vaticano II e de Medellín e contribui se comprometendo com a promoção da justiça em nossos povos. Objetivos: Esse trabalho tem como objetivo analisar a recepção do conceito “povo de Deus”, capítulo II da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, segundo o Documento de Puebla. Metodologia: Serão analisados o conceito de povo de Deus, da *Lumen Gentium*, bem como o Decreto Apostólico *Actuositatem*, ambos tendo como princípio a atuação dos fiéis leigos na Igreja Católica, assim como o Documento de Puebla e sua proposta. Serão também citados livros e artigos sobre a Conferência de Puebla e o protagonismo dos leigos. Resultados: Após o Concílio Vaticano II e a II conferência Geral do Episcopado LatinoAmericano (Medellín, 1968), acontece em Puebla, México, no ano de 1979 a terceira Conferência Geral do CELAM. A América Latina, neste momento passa por um enfraquecimento das ditaduras militares e conseqüente luta pelos direitos humanos, com atenção aos miseráveis da América Latina. Com a preocupação com os leigos e suas famílias, bem como com a relação entre as elites e as massas em Medellín, o fiel leigo passa a ser visto como importante na evangelização, sendo parte atuante na sociedade. O crescimento das CEBs e da Teologia da Libertação não passam despercebidos e o papel do leigo passa a ser valorizado, pois o mesmo assume a defesa dos marginalizados, se colocando ao seu lado, atuando social e politicamente. Os Bispos incentivaram o protagonismo dos fiéis leigos, pedindo que evangelizassem em seu próprio campo, principalmente no âmbito político. Conclusão: O fiel leigo tem mostrado ser um importante meio de evangelização, com um papel cada vez mais importante perante a sociedade civil, e portanto merece reconhecimento. O Documento de Puebla reserva seu terceiro capítulo para a relação entre a Igreja e os leigos, com especial atenção à práxis pastoral e é chamado à evangelização com o objetivo de atuar como agente transformador da sociedade, caminhando no mundo sob a luz de Cristo, em sua infundável sabedoria.

#### **5. Catequese em Puebla: teologias em conflito**

Solange Maria do Carmo

No capítulo reservado à catequese nas Conclusões de Puebla, transparece subliminarmente um conflito de teologias, marcado pela presença de alguns paralelismos antitéticos, tais como situação humana e doutrina revelada; catequese de situação e catequese doutrinal etc. Desde Medellín, a catequese seguira afirmando a absoluta unidade entre história humana e história da salvação, pois compreendeu-se que é, na situação humana, que a doutrina é revelada. Trata-se de uma teologia cristoderivada, que parte de Jesus Cristo, o homem de Nazaré na sua realidade histórica, para se conhecer o Pai, a quem ele

revela: “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,9). A expressão doutrina revelada (n. 786), ao contrário, insiste numa teologia teoderivada, que compreende que Deus revela dogmas, princípios ou conceitos, ofuscando a autocomunicação de Deus no seu Filho feito carne. A insistência no dualismo catequese existencial e catequese doutrinal (n. 795), como se a catequese existencial não contemplasse em si a doutrina, também reafirma a doutrina como um conjunto de verdades reveladas diretamente de Deus à sua Igreja, fora da realidade concreta dos seus interlocutores. Opõe-se a essa cristologia, a compreensão que caminhar em Cristo é profissão de fé (GOPEGUI, 1980, p. 10) e que é, no caminho do seguimento, que nasce a doutrina cristã (GOPEGUI, 1980, p. 10). Para a catequese existencial, a apresentação da doutrina só faz sentido quando subordinada à vida. Para ela, a doutrina cristã não existe como um “absoluto”, uma doutrina quimicamente pura, conservada em formol, que deva se manter preservada da corrupção da vida do mundo. Ela é sempre relativa à caminhada no Espírito e não pode ser acorrentada em nenhuma formulação (GOPEGUI, 1980, p. 10). Nas queixas dos prelados latino-americanos acerca do esquecimento da doutrina, esconde-se uma tensão teológica. Nem todos os prelados de Puebla estavam convictos que os caminhos mais humanos são exatamente os mais divinos, que Deus se diz na história humana e nela toma partido dos empobrecidos e sofredores. Sabendo que a escolha teológica implica diretamente na eclesiologia, notam-se dois modelos de Igreja sendo edificados depois da Conferência. Enquanto a teologia cristoderivada de Medellín obriga a uma eclesiologia povo de Deus, com valorização de todo batizado e de sua realidade cotidiana, a teologia teoderivada de alguns prelados de Puebla insiste na eclesiologia corpo de Cristo, que entende a Igreja como uma sociedade perfeita, hierarquicamente organizada, independente dos caminhos da humanidade.

## **6. Ecoteologia em Puebla: um ponto de partida para o desenvolvimento da consciência ecológica na Igreja latino-americana**

André Gustavo Di Fiore

A Conferência de Puebla (1979) teve como fio condutor o processo de evangelização na América Latina e propôs de forma prática e paradigmática temas para o desenvolvimento da missão evangelizadora frente aos desafios sociais que se apresentavam. Enfim, Puebla não foi uma conferência teórica e doutrinal, mas prática e pastoral, que teve a preocupação, à luz das aberturas do Concílio Vaticano II, em dialogar com a realidade social na opção preferencial pelos pobres (Cf. DP 733-735) e pelos jovens e viver uma teologia que brota do povo e das realidades sociais, compreendendo Cristo e o evangelho a partir da realidade histórica e dos dramas da sociedade latino-americana. Nesse contexto, uma situação levantada pela Conferência de Puebla são os desafios da evangelização frente ao crescimento de uma sociedade individualista e de consumo exagerado (Cf. DP 312), que leva à exclusões, diferenças sociais e fortes impactos ao meio ambiente (Cf. DP 139), o que deixa transparecer que a conscientização ambiental, já em forte desenvolvimento na sociedade da época, também passa a fazer parte das preocupações da Igreja no continente. Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho foi o de verificar a contribuição de Puebla para o desenvolvimento da consciência ecológica e de uma ecoteologia na Igreja latino-americana. Para tanto, estruturou-se em três objetivos específicos: primeiramente trabalhou o paradigma da ecologia versus sociedade de consumo proposto pelo documento de Puebla; em seguida refletiu sobre a teologia ecológica em Puebla e conceito de libertação integral (DP 141) que leva ao conceito de sustentabilidade; por fim, procurou refletir sobre a ecoteologia em Puebla identificando as propostas pastorais da fé para uma consciência

ecológica. Através de pesquisas bibliográficas orientadas pelo método ver, julgar e agir, este paper pode concluir em linhas gerais que a Conferência de Puebla, apesar de não apresentar uma concepção clara e sistemática sobre ecologia e problemas ambientais, pois concentra a questão ecológica apenas na ideia consumo dos recursos naturais, traça uma panorama de reflexão de desenvolvimento sustentável a partir do conceito de libertação integral, favorecendo uma consciência ecológica embrionária na Igreja latino-americana, mas fundamental para o desenvolvimento de uma ecoteologia onde a fé é capaz de dialogar com a sociedade e propor avanços em prol da casa comum.

## **7. O Princípio de Cooperação na discussão ecológica**

Renato Arnellas Coelho

O tema da ecologia é bastante complexo e não sem posicionamentos antagônicos segundo o tipo do locutor e os interesses de cada parte em jogo. Na presente análise, considerar-se-á as dificuldades linguísticas da abordagem do tema, tomando-se como base alguns discursos do atual (2019) ministro do meio ambiente, Ricardo Salles, bem como de alguns de seus opositores. Método. Em cada discurso há pressupostos envolvidos que podem interferir numa avaliação objetiva dos fatos, donde a utilidade de avaliá-los sob o critério do Princípio de Cooperação (ou Princípio Cooperativo) de Herbert Paul Grice, filósofo da linguagem, o qual busca extrair o que pode ser proveitoso ou não em cada discurso em vista de uma comunicação efetiva e performativa. Objetivos. Com o uso do Princípio da Cooperação no debate ecológico, busca-se, de um lado, evitar uma análise baseada em um relativismo absoluto, no qual se acreditaria que cada parte teria razão sob a própria ótica, independentemente do fator objetivo, e, de outro lado, chegar a uma real e objetiva contribuição e encaminhamento prático do tema, auxiliando-se para isso de contribuições relevantes advindas do documento de Puebla e da encíclica *Laudato Si*. Resultados e conclusão. Como a escolha prática de políticas públicas relevantes ao meio ambiente nem sempre consiste em se posicionar sobre algo ser claramente certo ou errado, mas permanecendo por vezes no campo da incerteza, exigindo assim bastante prudência e estudo da parte do agente político, é preciso que o diálogo entre as partes divergentes ocorra de modo proveitoso para todos, identificando em cada discurso possíveis interesses conflitantes com o bem comum que devem ser descartados, aproveitando, todavia, das contribuições sólidas dos estudos científicos feitos nessa área, de modo que a política siga o seu reto uso e aplicação na vida da sociedade a curto e longo prazo. Nesse sentido, considerando a real situação das questões ambientais na sociedade moderna, buscando-se o bem comum e afastando-se de interesses particulares, os documentos supracitados da Igreja Católica podem frutuosamente orientar uma análise séria e positiva sobre o tema da ecologia.

## **8. Evangelização e Religiosidade Popular: Puebla e a Teologia del Pueblo: raízes para entender Francisco, um papa movido pela fé**

Mariane de Almeida Silva

A Igreja Católica vive um momento renovador em todos os sentidos. A chegada do papa Francisco abriu suas portas para o mundo, renovou esperanças e trouxe a certeza de que Fé e Vida, Teologia e Religiosidade Popular não são coisas excludentes e muito menos oferecem tensões entre si, pelo contrário, são realidades complementares e necessárias para o caminhar de toda a Instituição e para a percepção e promoção da evangelização. Francisco, já em seu primeiro contato com o povo, após sua eleição, ao encurvar-se frente à multidão que se encontrava na frente da Basílica de São Pedro, pedir orações e convocar a todos

a rezarem uma "Ave Maria" (deixando de lado todos os protocolos), apresenta-se como um homem cujas fontes estão muito enraizadas na fé viva que brota de um povo que reverencia e ama a mãe de Jesus. Em outras palavras, sua raiz está focada na religiosidade popular, que é tão rica, viva e presente na Igreja Latino Americana. Prova especial desta grande devoção se apresenta no documento de Puebla que dá lugar especial a temática da Religiosidade Popular. A temática também se faz presente, de maneira concreta e muito expressiva na Argentina através de uma Teologia denominada Teologia del Pueblo, que tem por base fundamental a questão da religiosidade que brota do povo. Tal Teologia, tem, também, vínculo específico à Teologia da Libertação, mas que, por ventura diferencia em alguns aspectos e tem por viés maior, resgatar e valorizar a fé pessoal e devocional das pessoas. Dessa maneira a Teologia del pueblo busca ser uma Teologia que parte das bases para as estruturas, das periferias para o centro, de baixo para cima, do povo à hierarquia. Assim, tal Teologia não busca apenas mostrar a doutrina ao povo, mas, tenta reconhecer as riquezas e contribuições que este povo pode trazer à própria doutrina. Esta é a realidade que Bergoglio experimentou desde muito jovem e que, conseqüentemente, moldou sua maneira de ser e agir. Desta forma, esta é, também, especialmente, o que de melhor e mais expressivo o papa pode oferecer à Igreja Universal, afinal, valorizar a fé popular é reconhecer que o cristianismo perdura a mais de dois mil anos por consequência da religiosidade (popular) de um pequeno grupo que fez a experiência íntima com o Ressuscitado e, partindo daí, moldou suas vidas e práxis no empenho pelo anúncio do Evangelho.

## **9. A piedade popular em Juazeiro do Norte, “na terra do Padre Cícero”, à luz das orientações pastorais de Puebla**

Benedito Tadeu dos Santos

A terceira conferência do Episcopado Latino Americano foi realizada no México, na Casa da Mãe dos povos da América Latina, A Virgem de rosto “mestiço” Nossa Senhora de Guadalupe e ocorreu entre os dias 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979. Foi um dos primeiros atos pastorais realizado por São João II, evento sonhado pelo Papa Paulo VI que desejava profundamente conhecer de maneira concreta o homem latino americano e suas realidades sociais e religiosas. Conhecer para melhor dialogar. Entre os diversos eixos temáticos abordados pela Conferência, que visava como articulações teológicas seguir o “espírito” do Vaticano II e os passos da Segunda Conferência do Episcopado Latino Americano de Medellín, está a análise e orientações para Piedade popular na América Latina. Todavia, refletir a Piedade popular diante de uma pluralidade de expressões religiosas que possuem variantes mesmo dentro do próprio contexto regional geograficamente, é uma tarefa quase homérica. Diante dessa compreensão, buscaremos analisar aspectos, orientações pastorais e motivações, resultantes da Conferência de Puebla, para que as práticas de Piedade Popular tenham cunho evangelizador, contribuindo assim com a missão da Igreja, resgatar a dignidade humana. O nosso objeto específico será contemplar as manifestações da Piedade Popular em Juazeiro do Norte, região do Cariri no Estado do Ceará. A terra do Padre Cícero Romão, a casa da “Mãe de Deus”, que recebe milhares de romeiros anualmente. São Pagadores de promessas, afilhados do Padre Cícero que se dirigem para o Horto do “Padim”, local sonhado pelo Reverendo para ser um Santuário que acolhesse os que seguiam em peregrinação. A devoção dos romeiros não permanece apenas na figura do Padre Cícero, mas também se estende a Nossa Senhora das Dores, padroeira da Igreja Matriz de Juazeiro. No entanto, o local de maior comoção e oblações, é a Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, onde está o túmulo do Padre Cicero. Uma pequena Capela, ao lado do cemitério da cidade que atrai



pessoas de diversas regiões do Brasil, onde expressões de devoção, gratidão e esperança são vivenciadas. À luz das orientações pastorais de Puebla, buscaremos contemplar aspectos da Piedade popular em Juazeiro do Norte, na “Terra do Padre Cícero”. E como tais manifestações podem de fato ter caráter de evangelização e comunhão com a Igreja, mas também apresentam o perigo de tornar o evento romaria como elemento aglutinador de comércio da fé e fonte de captação de recursos econômicos para a cidade de Juazeiro do Norte. O que pode “esvaziar” todo o sentido religioso, realidade existente nos diversos santuários espalhados pelo mundo.

## **10. A recepção do Documento de Puebla na Diocese de Santo André**

Felipe Cosme Damião Sobrinho

Essa comunicação tem como objetivo geral apresentar a caminhada da Igreja Católica do ABC Paulista a partir das conferências de Medellín e Puebla e específicos salientar o estudo da recepção do Concílio Vaticano II e a promoção da teologia latinoamericana na igreja local, principalmente a partir da Conferência de Puebla numa perspectiva histórica. Criada em 1954, a diocese de Santo André viveu logo em suas origens a renovação do Concílio Vaticano II (1962-1965), que foi implantada na América Latina principalmente a partir da Conferência de Medellín (1968). No exercício do ministério episcopal de Dom Jorge Marcos de Oliveira, primeiro bispo diocesano, a vida diocesana caminha solidária diante dos arbítrios da Ditadura Militar Brasileira (1964-1985), na defesa do movimento operário, uma vez que grande parte da população residente do ABC Paulista trabalhava em suas indústrias. A Pastoral Diocesana foi orientada para ser presença solidária junto aos oprimidos, defendendo os Direitos Humanos e investindo na formação do laicato e do presbitério. A dimensão profética, promovida por Medellín e pela Teologia Latino-Americana, marcaram profundamente a identidade e testemunho eclesial. A partir da chegada do segundo bispo diocesano, Dom Cláudio Hummes, com as orientações da Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi (1975) e as Diretrizes da Ação Pastoral da Igreja no Brasil, a Igreja no ABC Paulista, em crescente organização pastoral passa a organizar Planos de Pastoral Diocesanos. Com a realização da Conferência de Puebla e a publicação das conclusões, o projeto de evangelização se organiza em três planos diocesanos de pastoral (1979-1981; 1981-1984; 1984-1987). As Comunidades Eclesiais de Base, Pastoral das Favelas, Pastoral Operária, Pastoral da Juventude e a Catequese Renovada fomentaram uma igreja ministerial, onde o bispo, o presbitério e o laicato colocam-se em diálogo com a realidade social, fundamentados na opção preferencial pelos pobres e pelos jovens, a serviço da justiça, da democracia e da paz. Resgatando esse período importante para a História, a Igreja e a Teologia, por meio do estudo sistemático das fontes e uma análise crítica, a comunicação proporá horizontes para o estudo e a produção teológica apresentando a pertinência de revisitar essa assembleia geral do CELAM contribuindo para a atuação da Igreja Católica na atualidade.

## **11. Igreja em processo: Uma leitura da Conferência de Puebla a partir da teoria pós-colonial**

Welder Lancieri Marchini

A Conferência de Puebla se situa em um limiar dos avanços teológicos e eclesiais gestados no Vaticano II e apropriados pela Igreja católica latino-americana em Medellín, e a permanência em um catolicismo colonial. A consolidação da opção preferencial pelos pobres contrasta com um ambiente mais influenciado pela Cúria Romana e por João Paulo II, que há pouco havia

sido eleito. Tal contraste pode ser identificado com algumas mudanças em relação a Medellín, que mesmo parecendo pequenas, são significativas justamente por evidenciarem o processo. Puebla registra a opção pelos pobres, que mesmo sendo base para a Conferência de Medellín, não foi textualmente explicitada. Mas a opção é assumida por Puebla como preferencial. A Conferência de Puebla pode ser lida a partir do pensamento descolonial. O processo de recepção do Vaticano II, sobretudo a perspectiva do aggiornamento e da leitura dos sinais dos tempos, tensionam com as demandas de um catolicismo colonial. A leitura de Puebla na perspectiva pós-colonial permite perceber as características de colonialidade, sobretudo no que diz respeito à busca de uma Igreja católica que se constrói em diálogo com a realidade latino-americana em conflito com o ideal de uma Igreja implantada no contexto local. O evento Puebla pode ser analisado na perspectiva da colonialidade e do conceito de recepção. A construção da eclesialidade se concretiza como processo dialógico com características e práticas coloniais e decoloniais. Sendo processo, a recepção do Vaticano II possibilita à Igreja em realidade local estabelecer suas leituras, apropriando-se das diretrizes pensadas no Concílio. Concomitantemente, e por ser processo, Puebla traz consigo tendências e perspectivas que, por mais que pareçam ou sejam contrárias, formam o escopo do processo de recepção conciliar. Puebla traz perspectivas de aggiornamento e do diálogo com a realidade local, sobretudo na leitura dos sinais dos tempos, de colonialidade e reafirmação das diretrizes do catolicismo europeu. Longe de contrapor ou polarizar tais características, a leitura dos processos eclesiais em perspectivas póscoloniais, possibilitam, sobretudo à teologia, entender a importância do diálogo local, onde a identidade e a eclesialidade cristã são construídas junto com as comunidades.

## **12. Evangelização em Puebla: desdobramentos da Evangelii Nuntiandi na América Latina**

Marcel Alves Martins

A III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, reunida na cidade de Puebla de los Angeles – México, em 1979 dá continuidade ao processo de recepção do Concílio Vaticano II iniciado pela Conferência de Medellín, dez anos antes. Reafirmando a opção preferencial pelos pobres, os bispos se voltaram para os desafios encontrados pela Igreja na América Latina. E dentre os principais desafios apontado pelo episcopado está a evangelização, reconhecida como a “vocação primordial” e sentido da existência do Povo de Deus. Ao voltar o olhar para o importante papel que a evangelização tem no Documento de Puebla, é possível perceber que esse conceito, no contexto da III Conferência, é tributário da Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi, de Paulo VI, citada abundantemente naquele texto, de modo especial na segunda parte do documento, que trata sobre o conteúdo e a concepção de evangelização. Por isso, ao analisar essa parte do Documento de Puebla é possível perceber como a Evangelii Nuntiandi foi recebida pelos bispos latino-americanos e como ela se fez presente no texto final de Puebla. A análise da segunda parte do Documento de Puebla procurou identificar quais os usos esse texto faz da Evangelii Nuntiandi e como ele a desdobra para a realidade latino-americana, num processo de recepção criativa da exortação apostólica. A partir desse exame do texto, é possível perceber como a III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, sobretudo no que diz respeito à evangelização, está intimamente relacionada à Evangelii Nuntiandi e aos desdobramentos conciliares no período pós Vaticano II. Assim, para que possamos compreender o conceito de evangelização em Puebla, é preciso esmiuçar a exortação de Paulo VI, situando-

a como um desdobramento da compreensão de Igreja e de missão do Vaticano II.

### **13. Os quarenta anos de Puebla, as Feições de Cristo e as “novas” rostos do Senhor**

Reuberson Ferreira

Este artigo pretende versar sobre o tema das feições sofredoras de Cristo, descritas no Documento Final de Puebla. O ideário metodológico a ser traçado é, inicialmente, reconstruir o contexto que circundou Puebla. Ato contíguo é apresentar nuances acerca da construção do texto que fala das feições do Senhor, destacando personagens que certamente contribuíram para que elas fossem listadas do modo que ficaram conhecidas. Por fim, traçar um paralelo à luz da realidade contemporânea de “novas” feições de Cristo.

## **ST 14 - TEOLOGIA, RELIGIÃO E LITERATURA**

### **1. Violência divina, literatura e religião: uma análise das desigualdades sociais a partir de narrativas periféricas**

Anaxsuell Fernando da Silva/Livia dos Santos de Souza

Nas sociedades caracterizadas por notáveis assimetrias sociais, como no caso da brasileira, as relações centro e periferia existem sob a lógica do sistema econômico vigente - o capitalismo - em que um se submete ao outro. Este modo de produção e modelo de organização social é criador de abundantes desigualdades sociais. A vida precária de alguns, a violência cotidiana dos centros urbanos, a escassez de trabalho, a truculência das forças policiais, as políticas de encarceramento em massa, a disputa pelo comércio de drogas em zonas pauperizadas faz emergir uma condição social comum: a periferia. Neste espaço social salta aos olhos os mecanismos de exclusão, seletividade social e hierarquização estabelecidas a partir do discurso dominante, central, em contraponto às práticas marginais e periféricas de resistência, valores, imagens e produção. Nesta proposta de comunicação, sustentamos que os modos de compreender e representar a violência e a desigualdade, põe em novos termos o entendimento a respeito da marginalidade, da periferia e suas inevitáveis relações com o centro. Para tanto, tomaremos uma aproximação entre quatro produções literárias, de dois autores, concebidas a partir de zonas periféricas como possibilidade de reflexão a respeito do questionamento lançado pela literatura ao modelo social vigente. A partir de Deus foi Almoçar (Ferrez, 2012), Manual prático do ódio (Ferrez, 2003), Vasto Mundo ((Maria Valéria Rezende, 2001) e Outros Cantos (Maria Valéria Rezende, 2016) discutiremos sobre como a percepção de abandono e de ausência do Estado aparece articulada à ideia de um Deus ausente e uma religiosidade matizada pelos parâmetros dos centros de poder político e econômico. A crítica literária permitirá dizer que assim como a margem é uma construção social e discursiva do centro; as produções literárias, práticas religiosas e modos de organização da vida cotidiana estabelecidas como canônicas podem ser postas em xeque. Por fim, aportaremos na reflexão que valoriza os mecanismos sociais de resistências (literárias, religiosas e econômicas) que emergem das bordas.

## 2. **Amazônia: sínodo e crise socioambiental**

Antonio Manzatto

A Amazônia é referência fundamental e inevitável quando se pensa a questão ecológica e a atual crise socioambiental; acrescenta-se ainda o fato de o Papa Francisco ter convocado para o próximo mês de outubro um Sínodo Extraordinário dos Bispos para a Amazônia, entendendo o momento e a região como ocasião para se pensar em “novos caminhos para a igreja e para uma ecologia integral”. A abordagem da situação da Amazônia e de uma ecologia integral pode ser feita por vários caminhos, incluindo aí o caminho das artes, da literatura e, especificamente das canções. Vital Farias compôs, há tempos atrás, uma canção chamada Saga da Amazônia que, diz-se, foi conhecida e promovida por Chico Mendes e ainda comove nos tempos atuais. O presente texto faz a apresentação da canção, especificamente de sua letra, e elabora sua leitura para que se perceba e se demonstre o sentido daquilo que se canta. Em seguida, através de método que aproxima teologia e literatura, faz uma reflexão de cunho teológico-pastoral a partir da canção, apontando não apenas sua atualidade, mas a pertinência de sua posição e o encaminhamento da questão em termos de ecologia integral, assim como apontara, também, o Papa Francisco em sua encíclica *Laudato Si*. A proposta do Sínodo dos Bispos para a Amazônia suscitou reações contrárias dos setores mais conservadores da sociedade e também do governo, o que indica que a Amazônia, mais que um símbolo, é espaço privilegiado para se pensar na questão ambiental em relação ao atual sistema tecnológico extrativista que, segundo Francisco, constrói uma cultura de descarte. Saga da Amazônia aponta para caminhos de enfrentamento da crise, assim como a proposta de Francisco, mostrando como a arte pode expressar não simplesmente conceitos ou sentimentos, mas referências de consciência de humanidade.

## 3. **Do cinema como denúncia profética secular da situação de crise ambiental mundial: análise de *Mad Max: estrada da fúria*, de George Miller**

Carlos Ribeiro Caldas Filho

A questão ambiental, crítica a ponto de alguns cientistas e teóricos falarem até na possibilidade de crise (definitiva?) do antropoceno, tem chamado a atenção de estudiosos que militam em campos do saber tão diversos um do outro como a economia e a filosofia. Dentre estes campos do saber encontram-se também a teologia e os estudos de religião. Uma possibilidade destes dois saberes abordarem a questão ecológica é por intermédio de um diálogo com a arte, notadamente a literatura. Todavia, é igualmente possível e academicamente legítimo fazê-lo a partir de um diálogo com o cinema. É exatamente com esta proposta que se apresenta a presente comunicação. A presente comunicação tem por objetivos: (1) apresentar o princípio de “profetismo secular”; (2) apresentar o princípio de “substância religiosa”; (3) apresentar o filme *Mad Max – Estrada da Fúria*, do diretor australiano George Miller (2015) como elemento de denúncia profética secular quanto à questão ambiental, usando para tanto os mencionados conceitos como referenciais teóricos e chaves de leitura da referida obra cinematográfica; (4) apresentar, à guisa de ilustração, outros filmes aos quais a mesma chave hermenêutica poderia ser aplicada. Quanto ao método, a comunicação utilizará análise fílmica propriamente, trabalhando a partir de conceitos apresentados em Francis fanoye e Anne Glliot-Lété (*Ensaio sobre a análise fílmica*. 7ª edição. Campinas: Papyrus, 2012); Rosenfeld Anatol (*Cinema: arte & indústria*. São Paulo: Perspectiva, 2009); Ana Maria Bahiana (*Como ver um filme*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012); Frederico Pieper (*Religião e cinema*. São Paulo: Fonte, 2015); Luiz Vadico (*O campo do filme religioso*:

cinema, religião e sociedade. Jundiaí: Paco, 2015). Quanto aos resultados, pretende-se demonstrar como o filme que se constitui no objeto de estudo propriamente da presente comunicação apresenta uma denúncia profética quanto a diversos temas, sendo destes a principal a questão ambiental. Quanto à conclusão, pretende-se que esta seja aberta, no sentido de apresentar que a chave de leitura ora proposta para *Mad Max – Estrada da Fúria* não se pretende única. Afinal, o filme, enquanto arte, é “obra aberta”, tal como ensinou Umberto Eco. O cinema é fonte fecunda e promissora de diálogo com a teologia e os estudos de religião. Esta é a conclusão pretendida nesta proposta de comunicação.

#### **4. O mistério como meio e o meio como fim: uma leitura de *O conto da ilha desconhecida* de José Saramago**

Danilo Mendes

O conto da ilha desconhecida, obra de José Saramago publicada em 1997, conta a história de um homem que vai até o rei para pedir que ele lhe dê um barco a fim de ir a uma ilha desconhecida. Através de sua narrativa, Saramago abre espaços que nos permitem pensar, às margens de suas intenções e interpretações, sobre a relação do humano com o mistério. Fazemos, então, uma leitura do conto a partir de tal perspectiva em quatro passos: a) percebendo a permissão pelo mistério entre a incompletude da ciência e a presença do inominável; b) interpretando a questão da linguagem e da realidade; c) experimentando a religião enquanto alteridade; d) clareando a tensão entre terra prometida e terra permitida. Aqui, as principais referências para nossa leitura são Heidegger, Derrida e Lévinas, justamente por serem pensadores que fundam ontologias frente ao desconhecido (seja o escondimento do ser, o inominável ou o outro). A partir dessa leitura podemos dialogar com o tema do mistério enquanto meio para fora de um si mesmo, mas, simultaneamente, como fim em si mesmo. Isso fica claro, sobretudo, no último passo, no qual a ilha desconhecida se transforma em barco, fornecendo riquíssimas possibilidades interpretativas. Por fim, salientamos que a religião só pode ser, de fato, objeto de estudo enquanto ela é busca pelo mistério e não o encontro com ele. Dessa forma procuramos contribuir não só com o diálogo entre religião e literatura, mas com a epistemologia dos estudos de religião, na medida em que postulamos para eles critérios básicos

#### **5. Arte e Magia nas estórias de Fadas: a contemplação da Natureza em Tolkien**

Diego Genu Klautau

Em seu ensaio *On Fairy-Stories* (1939) o escritor inglês e professor de filologia em Oxford, J.R.R. Tolkien, afirma que as estórias de fadas são uma forma da mente humana refletir, em determinado modo uma visão da verdade, segundo o conceito de sub criação. Seguindo no texto, afirma que as fadas são mais naturais que os homens, pois estes são sobrenaturais (porque se relacionam com o Mistério Transcendente) e que a verdadeira face dessas estórias é a Magia, que simboliza a relação do homem com a natureza (*physis* e *cosmos*). Em tais pontos, existe uma proposta conceitual de Tolkien acerca de: 1) a fabricação de mitos (*mythopoeia*), associados por Tolkien às estórias de fadas; 2) a tensão entre natural e sobrenatural, numa chave teológica entre Criação e Criador; e 3) a arte, ou técnica, da *mythopoeia* das estórias de fadas como uma contemplação da natureza enquanto Criação. Os objetivos da comunicação são: 1) evidenciar essas perspectivas do ensaio *On FairyStories* como inseridas na tradição filosófica grega, entre Platão e Aristóteles, como na expressão *mythopoeia*, presente no capítulo II de *A República* e no capítulo IX da *Arte Poética*; 2)

demonstrar um diálogo com a Suma Teológica de São Tomás de Aquino quando se refere à virtude intelectual da arte (I Seção da II Parte, questão 57), assim como a relação de criação e sub criação (I Parte, questão 45), e a capacidade humana de imaginar (phantasia) seres não existentes em ato, mas que podem revelar aspectos da verdade enquanto analogia (I Parte, questão 14). O método é a revisão bibliográfica de Tolkien em sua comparação com Platão, Aristóteles e Tomás de Aquino. Os resultados demonstram uma ligação conceitual entre os autores, enfatizando a necessidade de respeito à natureza (physis e cosmos) enquanto Criação, cuja autoridade maior é Deus, estabelecendo limites ao desejo humano de controle e abuso da arte (técnica) em sua orientação para a materialidade e transgressão da ordem Divina de cuidado com a Criação. Como conclusão, as estórias de fadas são uma expressão da virtude intelectual da arte, direcionada à fabricação de mitos (narrativas significativas), cuja finalidade é provocar a reflexão sobre os limites morais da intervenção do homem na natureza e ao mesmo tempo auxiliar na contemplação da realidade através de metáforas e analogias que, em si mesmas, já estão em potência no conhecimento de Deus, buscando essa harmonia com seu desígnio de cuidado com sua Criação.

## **6. Ecoteologia: literatura e canções**

Emerson Sbardelotti Tavares

Somos uma só coisa: Terra e Humanidade! Qual será o destino da humanidade? Qual será o destino de nossa Mãe Terra, nossa única Casa Comum? Se temos a Terra nas palmas de nossas mãos, porque a estamos devastando? O que é finalmente o ser humano, ele tem jeito? Somos a porção consciente da Terra? Perguntas que proponho responder através da Literatura em diálogo com a Teologia, com a Ecoteologia da Libertação, a partir da análise de algumas letras de canções populares e religiosas, com ênfase em uma preocupação comum: quando os seres humanos contaminam a natureza, tudo isso é um pecado contra nós mesmos e contra Deus. Procuro mostrar como tais canções ajudaram e ajudam a perceber as raízes éticas e espirituais dos problemas ambientais, nos convidando a uma mudança de comportamento, a uma mudança profunda enquanto seres humanos. A análise das letras das canções fará o leitor entender que antes mesmos da palavra ecologia estar na moda, ser divulgada como hoje, já havia uma intuição, um alerta de que algo poderia dar errado no presente e no futuro. De certa forma, se tornaram profecias esteticamente hodiernas; talvez, tenham passado despercebidas na época em que foram compostas, porém, o grito da Terra e o grito dos pobres já ecoam por elas. A conscientização que germina das letras das canções jamais é neutra. Remete a um processo de escuta da criação e de educação para a liberdade. Parafrazeando Paulo Freire: uma educação que conscientiza o ser humano, permitindo que ele, ao invés de acomodar-se à sociedade e por ela deixarse subjugar, adquira uma consciência transitiva crítica, tornando-o responsável, capaz de dialogar, compreender e integrar-se com o mundo de forma criadora; só assim, será de fato, verdadeiro sujeito de sua própria existência. É preciso atender o convite urgente do Papa Francisco para renovarmos o diálogo sobre a maneira como estamos construindo o futuro do planeta. Precisamos de uma solidariedade universal. O nosso futuro está conectado ao cuidado e ao respeito; a uma nova forma de dialogar com a natureza, um novo modo de experimentar Deus. É o novo paradigma: tudo está interligado como se fossemos um nesta Casa Comum. Somos uma única entidade sagrada: Humanidade e Terra! Até quando ficaremos sobre a natureza e não com a natureza? Até quando consideraremos a Terra como algo inerte e sem propósito? Porque é tão difícil enxergar a Terra como Mãe, cheia de vitalidade? De esperança em esperança, poderemos garantir um futuro bom para a Terra e para nós. O futuro está em nossas mãos!

## **7. Religião e Arte nos escritos tardios de Tolstói**

Jimmy Sudário Cabral

A comunicação tem como objetivo demonstrar como a arte de Tolstói se traduziu em uma forma de “religião do escritor”, através de um exercício de “ascese” e “cuidado de si” que se tornaram, na arquitetura da sua obra, uma forma sofisticada de anti-niilismo. Como fio condutor da hipótese que organiza o trabalho, entendemos que a obra tardia de Tolstói, nuançada no último livro de Ana Karenina, é fruto de um esforço e entrelaçamento de preocupações filosófico-religiosas e artísticas que nasceram do confronto com a noção tradicional de religião e com a ideia filosófica de verdade. Desta confrontação nascerá uma sofisticada teoria da religião e uma iconoclasta teoria da arte que serão o fundamento do ascetismo de Tolstói e dos seus exercícios de superação do niilismo.

## **8. Catequese e a Casa Comum, relatos de uma experiência: Museu Quintal da Fé**

Jordélio Siles Ledo

Toda intenção de cuidar e melhorar o mundo onde vivemos requer uma mudança profunda no modo de conceber e educar a fé. Não se consegue contribuir com a preservação ambiental educando a fé de maneira fragmentada e distante das questões comuns da vida. A educação da fé é acima de tudo um processo que insere na vida, na casa comum, e ajuda a formar uma identidade sócio-transformadora. A catequese como processo permanente e contínuo de educação da fé faz parte de todas as fases da vida. Da gestação até a fase idosa, entendemos que a fé precisa de espaços que favoreçam sua maturação. Compreendemos que a educação da fé perpassa pela relação de pertença entre Deus, o humano e a natureza, relação que transcende o cuidado com o meio ambiente, contribuindo com a construção de uma identidade mística, capaz de favorecer o conviver e o cuidar, superando atitudes de violência que destrói o ser humano em todos os níveis de relação. É no diálogo com a realidade e no encontro com as “periferias existências” que a Igreja, peregrina pelo mundo, procura a cada dia novas formas de anunciar o Evangelho. Atentos aos sinais dos tempos, como discípulos missionários, precisamos propor uma catequese que responda aos desafios da cultura contemporânea, especialmente na dimensão socioambiental. A Igreja como casa da Iniciação à vida cristã se propõe a nos introduzir na vivência da fé a partir de uma relação com o meio ambiente, favorecendo a preservação da casa comum. Neste sentido, ela aponta para a necessidade de recorrer às diversas riquezas culturais dos povos, valorizando entre tantos aspectos, a arte e a espiritualidade. Dentro desta temática, desejamos relatar sobre a experiência de criação do Museu Quintal da Fé. Situado no Centro de Formação Permanente - CEFOPE, na cidade de Ibicoara, no Parque Nacional da Chapada Diamantina no Interior da Bahia, o museu foi criado com um apelo socioambiental. Propondo o diálogo entre catequese, arte e meio ambiente procura responder aos apelos da Igreja e da sociedade nos dias de hoje. Nesta perspectiva, se apóia na ideia de que todos nós possuímos um quintal, um espaço fundante das nossas experiências de fé e vida. Contudo, em tempos de mudança de época notamos que a degradação da natureza está ligada à cultura que molda a convivência humana, desta forma, a educação da fé pode influenciar na cultura um novo modo de compreensão da questão socioambiental, a partir do belo, do lúdico e do místico.

## **9. Moedas e pedras: traçando o inconsciente político de *Il Cantico di Frate Sole***

José Afonso Chaves

A persuasiva atividade de pregação desencadeada na variante franciscana do vasto e complexo fenômeno mendicante fez uso de muitos dispositivos para que seu propósito surtisse efeito em meio às populações da baixa idade média que via emergir um mundo urbano moldado pela mediação do dinheiro. Dentre esses dispositivos, é significativa a produção literária do próprio São Francisco. Nesse sentido, o trabalho, assumindo a perspectiva de que o discurso literário consiste em uma prática socialmente simbólica, tem por objetivo proceder a uma leitura de *Il Cantico di frate sole*, procurando caracterizar o inconsciente político presente nesse poema de São Francisco e que, justamente por isso, abriga condições de problematizar o mundo com o qual se relaciona. Para tanto, como toma-se o conceito de inconsciente político de Fredric Jameson para a interpretação do texto franciscano. Essa noção formulada pelo crítico norteamericano intenta trazer para a superfície do texto a realidade reprimida e oculta do processo social que dialoga com o artefato literário, nesse caso poético. Assim, será realizada uma análise da dinâmica interna do poema concernente aos aspectos de forma e conteúdo, em confronto com a *Regula non bullata*, que dispõe acerca do pensamento de Francisco sobre a relação com o dinheiro. Com isso, busca-se extrair o substrato político inerente ao poema. O trabalho conclui que *Il Cantico di frate sole*, ao exprimir o gozo universalizante aos bens naturais e uma relação entre todos os seres vivos pautada por equidade e fraternidade, porque oriundos do mesmo ato criador, carrega consigo um inconsciente político que, ao mesmo tempo, resiste a nascente cultura do dinheiro que tudo subjuga à lógica da mercadoria, inclusive o meio ambiente, e propõe uma cultura de solidariedade e, ainda, guarda importância e necessidade para problematizar a vigência cada vez mais totalizadora da cultura do dinheiro no mundo de hoje.

## **10. Des/(a)prender o outro: “apoesia” da alteridade na obra de Alberto Pucheu** Márcio Cappelli Aló Lopes

Alberto Pucheu, poeta e professor de teoria literária, dono de uma vasta produção, tem se dedicado a buscar o “desguarnecimento das fronteiras” entre o fazer poético e o teórico. De 2007 a 2013 sua poesia conheceu um interregno e, nesse período, o escritor aplicou-se à escrita ensaística, abordando a relação entre filosofia e poesia e autores da literatura nacional contemporânea como Antônio Cícero e Caio Meira. A dupla dimensão, poético-filosófica, marca a escrita de Pucheu de tal modo que recusa qualquer tipo de formalismo garantidor de classificações para operar num entre-lugar, reivindicando assim a marca do informe como força que atua no poema e que o coloca junto aos outros saberes na tarefa de pensar o cotidiano. Isto se evidencia no livro: *Para que poetas em tempos de terrorismos?* – que servirá de base para a nossa análise. Nesse sentido, procurar-se-á demonstrar como ao emular a pergunta de Hölderlin – “Para que poetas em tempos de indigência?” – e evocando o complexo contexto brasileiro atual, Pucheu elabora uma “apoesia” marcada pela liberdade e pela indeterminação do poético que se mantém enquanto desconhecimento de seus limites; além disso, buscar-se-á mostrar que tal “apoesia” constitui-se como uma “poesia/filosofia” da alteridade que “profana” (expressão de Giorgio Agamben – autor muito presente nas reflexões de Pucheu), por meio do jogo intenso das palavras, os sentidos dados aprioristicamente para o outro (ser humano e natureza). Dito de maneira diferente: na-e-pela linguagem levada ao seu limite no labor poético, tornar-se possível perceber o desacordo libertador entre



identidade e repetição não-diferenciada; dizer o (im)possível e subverter os discursos consolidados que aprisionam o outro. Ou seja, em tempos de intolerâncias e violências, a escrita de Pucheu pode auxiliar no trabalho de “des-ver”, “des-cobrir”, “des-aprender” o outro para que se “re-conheça” e acolha a sua alteridade.

## **11. A figura de Maria na religiosidade popular por meio dos folhetos de Minelvino Francisco Silva e Rodolfo Coelho Cavalcante**

Neffertite Marques da Costa

Partindo do princípio de que a Literatura de cordel brasileira é uma importante fonte de pesquisa para os estudos da Religião, ao considerar que os temas religiosos são os mais presentes nessa produção literária, o presente trabalho estudou os folhetos publicados pelos poetas populares Minelvino Francisco Silva e Rodolfo Coelho Cavalcante. Com o material disponível no acervo digital da Fundação Casa de Rui Barbosa, selecionou-se os folhetos em que a figura de Maria, em suas diferentes devoções, foi a personagem central, totalizando nove folhetos, a saber: A despedida dos romeiros de Nossa Senhora d’Ajuda, Aparição e milagre de Nossa Senhora Aparecida e Aparição de Nossa Senhora das Dores e a Santa Cruz do Monte Santo, de Minelvino Francisco Silva; e Lágrimas de Nossa Senhora, Os milagres de Nossa Senhora das Graças (A santa de Itaberaba), O menino que falou com Nossa Senhora, Nossa Senhora das Graças, O milagre da Conceição e História de Nossa Senhora de Nazaré que chorou no estado do Pará, de Rodolfo Coelho Cavalcante. Com o objetivo de mostrar a Literatura de cordel brasileira como um documentário de costumes e de mitos do mundo rural brasileiro, conforme a definição proposta por Idelette MuzartFonseca dos Santos, identificou-se nos folhetos analisados os elementos da religiosidade popular apontados por Riolando Azzi – o início dos santuários, a prática das romarias e das procissões e a realização das festas religiosas populares –, assim como a primazia do culto mariano no catolicismo popular, praticado na região Nordeste do Brasil, confirmando a escolha da figura de Maria para a pesquisa.

## **12. René Girard: Mito de Édipo e Desejo Mimético**

Gideane Moraes de Souza

René Girard apresenta todo o seu Mecanismo Mimético como uma cíclica lógica que se complementa ao articular temas que constroem uma grande teoria ao final. Todo o Mecanismo perpassa por temas grandes e complexos. Ele distingue sua teoria como uma sequência fenomenológica bem ampla, onde descreve todo o processo começando pelo desejo mimético, que depois se torna rivalidade mimética “com possível escalada até o estágio de uma crise mimética e, por fim, terminando com a solução do bode expiatório” (GIRARD; ANTONELLO; ROCHA, 2011, 79). Para analisar a questão do desejo, Girard lança mão de análises de Mitos Gregos e mundiais. Esse artigo tem como objetivo, especificamente, apresentar o mito de Édipo a partir desta Teoria Mimética do Desejo. Contrariando correntes tradicionais na análise dos mitos, Girard propõe que os elementos imaginários no texto mitológico de Édipo não foi inventado por literato solitário, especialista em elaborar narrativas e dramas ficcionais, nem pelo inconsciente do sujeito psicanalítico, mas pelo inconsciente de perseguidores; o mesmo que inventa o infanticídio ritual dos cristãos no império romano e dos judeus no mundo cristão. Assim, ele argumenta que o texto mitológico é uma narrativa de um evento real de perseguição, que, porém, esconde em sua linguagem própria essa dimensão real do fato. A fim de convencer os leitores da lógica de sua argumentação acerca das questões

literárias da linguagem mítica capazes de esconder os fatos reais do evento persecutório, ele propõe uma versão alternativa do mito de Édipo, despida de sua linguagem mitológica. O artigo, propõe apresentar esta versão alternativa do mito, por uma ótica girardiana.